



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

FLÁVIO MIGUEL ARCHANJO



**A LUTA CORPORAL COMO PRÁTICA EDUCATIVA E O PRINCÍPIO DO  
CUIDADO DE SI**

RECIFE

2019

FLÁVIO MIGUEL ARCHANJO



**A LUTA CORPORAL COMO PRÁTICA EDUCATIVA E O PRINCÍPIO DO  
CUIDADO DE SI**

Tese apresentado ao Programa de Pós-graduação em Educação, do Centro de Educação da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do título de doutor, na linha de pesquisa Teoria e História da educação.

**Área de concentração:** Educação

**Orientador:** Prof<sup>o</sup>. Dr<sup>o</sup>. Edilson Fernandes de Souza.

RECIFE

2019

Catálogo na fonte  
Bibliotecária Amanda Ganimo, CRB-4/1806

A6691 Archanjo, Flávio Miguel.  
A luta corporal como prática educativa e o princípio do cuidado de si/  
Flávio Miguel Archanjo. – Recife, 2019.  
176 f.

Orientador: Edilson Fernandes de Souza.  
Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Pernambuco, CE. Programa  
de Pós-graduação em Educação, 2019.  
Inclui Referências.

1. Educação. 2. Luta corporal. 3. Práticas educativas. 4. UFPE - Pós-  
graduação. I. Souza, Edilson Fernandes (Orientador). II. Título.

37 (23. ed.) UFPE (CE2020-001)

FLÁVIO MIGUEL ARCHANJO

**A LUTA CORPORAL COMO PRÁTICA EDUCATIVA E O PRINCÍPIO DO  
CUIDADO DE SI**

Tese apresentado ao Programa de Pós-graduação em Educação, do Centro de Educação da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do título de doutor, na linha de pesquisa Teoria e História da educação.

Aprovada em: 17/07/2019.

**COMISSÃO EXAMINADORA**

---

Prof. Drº. Edilson Fernandes de Souza (Orientador)  
1º examinador

---

Prof. Drº. Marcos André Nunes da Costa (Examinador Externo)  
2º examinador

---

Prof. Drº. Henrique Gerson Kohl (Examinador Externo)  
3º examinador

---

Prof. Drª Josefa Eliana Souza (Examinadora Externa)  
4º examinador

---

Prof. Drº. Marcos Aurélio Dornelas da Silva (Examinador Externo)  
5º examinador

A todos os Professores e Professoras que exercem suas funções docentes com amor.

A todos os Mestres e Mestras que fazem de suas artes uma arte do cuidado de si de seus discípulos.

Ao *Sensei* Marco Aurélio, amigo, colega e meu maior professor, a quem nada mais precisa ser dito.

## **AGRADECIMENTO**

Agradeço a Deus Pai pela vida, e a seu fiel general, o Arcanjo Miguel, pelo direito as minhas escolhas, pela força em terminar minhas tarefas diárias e nada a mais, nem a menos. O meu sucesso ou fracasso é o resultado do que faço com minha vida, das minhas escolhas e do emprego da minha força.

A minha Família, esposa e filhas. Além dos agradecimentos, peço desculpas pelos muitos momentos de isolamento e distanciamento.

Agradeço ao Professor Edilson pela confiança, orientações e a possibilidade que esse trabalho fosse gerado. Ao Núcleo de Teoria e História da Educação do PPGE do Centro de Educação da UFPE, que se tornou meu lar acadêmico, me possibilitando desenvolver todo meu potencial.

A todos os amigos que compreenderam as faltas, os silêncios e os recolhimentos necessários a realização da tese.

A todo(a)s o(a)s meus(minhas) aluno(a)s e orientando(a)s, que ao longo da minha vida docente, me permitiram enxergar melhor o quanto a Luta Corporal é um conhecimento que contribui para a formação humana.

“A condição da vida não é de que tenhamos apenas uma vida confinada por este período de tempo, confinado por este espaço. Nos encontramos muitas vezes; passamos por muitos relacionamentos diferentes” (LAMA, 2001, p.32-33).

## RESUMO

Nos últimos anos temos visto com frequência o notório crescimento da Luta Corporal nas mídias brasileiras. Televisão, rádio, Websites e redes sociais tem dedicado especial atenção ao mundo dos campeonatos de Lutas Corporais, em particular ao UFC – Ultimate Fighting Championship, o mais conhecido destes torneios. A necessidade de melhor entender a Luta corporal (como fenômeno, como conjunto de conhecimentos historicamente construído pelos homens e mulheres em suas configurações), como também, os motivos que vem atraindo tantos aficionados, espectadores e telespectador é que possibilitou a realização desse trabalho aqui exposto. A utilização das Lutas Corporais (como um conjunto de manifestações concretas, vistas no cotidiano e portadoras de identidades culturais) como um espetáculo e cultura de massa demanda a sociedade mais explicações sobre este fenômeno, tornando-as mais familiares e alvo de investigações sobre suas causas, consequências e desdobramentos para a sociedade e seus indivíduos, consumidores delas ou não. O presente estudo tem como objetivo analisar se, as formas adquiridas pelas Lutas Corporais modernas japonesas, usadas hoje como práticas educativas, apresentando traços de um princípio do cuidado de si são é resultado das tensões geradas pela resistência, adaptação e preservação da identidade étnica, ética, religiosa e marcial da cultura de uma determinada configuração, em oposição aos princípios e processos da modernidade. Realizou-se um estudo ancorado na História, circunscrito na história das disciplinas escolares, onde analisamos escrito de autores do século XIX e XX, que firmaram as bases filosóficas para o ensino das Lutas Corporais modernas japonesas. Com o arcabouço teórico de Norbert Elias e Michel de Foucault, a tríade resistência/adaptação/preservação foi usada como ponto de análise das mudanças no comportamento dos indivíduos e das estruturas sociais a longo prazo, o que Elias conceitua de Psicogénese e Sociogénese. Foi possível verificar que: a Luta Corporal na radicalidade foi uma reação inata à emoção do perigo; às modificações geradas nas Lutas Corporais possibilitaram sua adaptação aos princípios da modernidade; hoje a Luta Corporal faz parte do cotidiano de muito mais indivíduos do que só os dos praticantes; as Lutas Corporais modernas japonesas, salvaguardaram princípios de um cuidado de si samuraico no que conhecemos hoje como *Budo*; e que, as práticas e exercícios presentes no *Budo* tem um grande potencial educativo, como também, a possibilidade de desenvolver um cuidado de si, balizadas por *parrhêsia* e gerando *psicagogia*, que pode contribuir na educação e formação de seus praticantes.

**Palavras-chaves:** Luta Corporal. Práticas Educativas. Cuidado de Si.

## ABSTRACT

In the last years we have often seen the clear growth of Body Struggle in the Brazilian media. Television, radio, websites and social networks have devoted special attention to the world of Body Struggles championships, in particular the UFC - Ultimate Fighting Championship, the best known of these championships. The need to better understand Body Struggle (as a phenomenon, as a set of knowledge historically built by men and women in their configurations), as well as the reasons that it has attracted so many fans, spectators and viewers, it is what made possible the accomplishment of this work exposed here. The use of Body Struggles (as a set of concrete manifestations, seen in everyday life and bearers of cultural identities) as a show and mass culture requests more explanations about this phenomenon, making body struggles more familiar, and making them a target of investigations about their causes, consequences and split into society and its individuals, their consumers or not. The present study aims to analyze whether the forms acquired by modern Japanese Body Struggles used today as educational practices, presenting traces of a principle of self-care are the result of tensions generated by resistance, adaptation and preservation of ethnic and ethical identity, religious and martial culture of a particular configuration, as opposed to the principles and processes of modernity. A study was made anchored in History, limited in the history of school subjects, where it was analyzed writings of authors of the nineteenth and twentieth century, who laid the philosophical basis for the teaching of modern Japanese body struggles. With the theoretical basis of Norbert Elias and Michel de Foucault, the resistance/adaptation/preservation triad was used as a point of analysis for long term changes in the behavior of individuals and social structures which Elias conceptualizes as Psychogenesis and Sociogenesis. It was possible to verify that: The Body Struggle in radicality was an innate reaction to the emotion of danger; the changes generated in the Body Struggles allowed their adaptation to the principles of modernity; Today Body Struggle is part of the daily lives of many more individuals than just practitioners; modern Japanese body struggles safeguarded principles of self-care samurai which we know today as Budo; and that the practices and exercises present in Budo have great educational potential, as well as it enables the development of self-care, marked by parrhesia and generating psychagogy which can contribute to the education and training of its practitioners.

**Key-words:** Body Struggle. Educational Practices. Self-care.

## RESUMEN

En los últimos años, hemos visto con frecuencia el notorio crecimiento de Lucha Corporal en los medios brasileños. La televisión, la radio, los sitios web y las redes sociales han dedicado especial atención al mundo de los campeonatos de Luchas Corporales, en particular el UFC - Ultimate Fighting Championship, el más conocido de estos torneos. La necesidad de comprender mejor Lucha corporal (como un fenómeno, como un conjunto de conocimientos históricamente contruidos por hombres y mujeres en sus configuraciones), así como las razones que han atraído a tantos aficionados, espectadores y telespectadores es lo que hizo posible la realización de este trabajo expuesto aquí. El uso de Lucha corporal (como un conjunto de manifestaciones concretas, vistas en la vida cotidiana y portadoras de identidades culturales) como espectáculo y cultura de masas exige más explicaciones sobre este fenómeno, haciéndolos más familiares y objeto de investigaciones sobre sus causas, consecuencias y desdoblamientos para la sociedad y sus individuos, consumidores o no. El presente estudio tiene como objetivo analizar si las formas adquiridas por las luchas corporales japonesas modernas, utilizadas hoy como prácticas educativas, que presentan rastros de un principio de autocuidado son el resultado de tensiones generadas por la resistencia, la adaptación y la preservación de la identidad étnica y ética, cultura religiosa y marcial de una configuración particular, en oposición a los principios y procesos de la modernidad. Han realizado un estudio basado en la Historia, circunscrito en la historia de las asignaturas escolares, donde analizamos escritos de autores del siglo XIX y XX, que sentaron las bases filosóficas para la enseñanza de las luchas corporales japonesas modernas. Con el marco teórico de Norbert Elias y Michel de Foucault, la tríada de resistencia / adaptación / preservación se utilizó como punto de análisis para los cambios en el comportamiento de los individuos y las estructuras sociales a largo plazo, que Elias conceptualiza de Psicogénesis y Sociogénesis. Se descubrió que: la Lucha Corporal en el radical era una reacción innata a la emoción del peligro; Las modificaciones generadas en Luchas corporales permitieron adaptarlas a los principios de la modernidad; hoy Lucha corporal es parte de la vida diaria de muchos más individuos que solo practicantes; las luchas corporales modernas japonesas por salvaguardaren los principios del cuidado del self-samurai en lo que hoy conocemos como *Budo*; y que las prácticas y ejercicios presentes en *Budo* tienen un gran potencial educativo, así como la posibilidad de desarrollar el autocuidado, marcado por la *parrhêsia* y generar *psicagogia*, lo que puede contribuir a la educación y capacitación de sus profesionales.

**Palabras clave:** Lucha corporal. Prácticas educativas. Cuidado de sí.

## SUMÁRIO

1	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	11
2	<b>O KATA</b> .....	21
2.1	<i>Tei ichi ni</i> – Em posição para o início.....	21
2.2	<i>Kangae tsudzukeru</i> – Pare, pense e continue .....	27
2.3	<i>Saigo no ugoki</i> – Últimos movimentos.....	34
3	<b>O BUDO – O CAMINHO MARCIAL</b> .....	40
3.1	<i>O Bushido</i> – Caminho do Guerreiro .....	40
3.2	<i>O Dogu</i> - Instrumentos que possibilitam um caminho .....	52
4	<b>O KUMITÊ – QUE TENHA INÍCIO O COMBATE</b> .....	65
4.1	<i>Otagai Ni Rei</i> – Os adversários se cumprimentam.....	65
4.2	<i>Akuma kara tenshi ni mukau</i> – passando de demônio a anjo.....	77
5	<b>YOYU – UMA MENTE AMPLA</b> .....	88
5.1	<i>Masutā suru koto o shiru tame ni</i> – Conhecer para dominar.....	88
5.1.1	<i>Kakū no sekai</i> – O mundo imaginário.....	89
5.1.2	<i>Gaikan no sekai</i> – O mundo das aparências.....	96
5.1.3	<i>Shōko no sekai</i> – Mundo das evidências .....	104
6	<b>MASAKATSU AGATSU KATSUHAYABI – A VERDADEIRA VITÓRIA É SOBRE NÓS MESMOS</b> .....	119
6.1	<i>No shinjitsu Bushido</i> - A verdade do caminho do guerreiro.....	119
6.2	<i>No shinjitsu Budo</i> - A verdade do caminho marcial .....	130
6.3	<i>Tamashi no shinjitsu</i> – A verdade da Alma.....	146
7	<b>CONCLUSÃO – SOREMADE</b> .....	162
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	169

## 1 INTRODUÇÃO

Por vezes é útil, para compreender melhor as questões da actualidade, afastarmo-nos delas em pensamento para depois, lentamente, a elas regressarmos. Compreendêmo-las, então, melhor. Pois quem se embrenha apenas nas questões do momento, quem nunca olha para além delas, é praticamente cego (ELIAS, 1985, p.13).

Nos últimos anos temos visto com frequência o notório crescimento da Luta Corporal nas mídias brasileiras. Televisão, rádio, Websites e redes sociais tem dedicado especial atenção ao mundo dos campeonatos de Lutas Corporais, em particular ao UFC – *Ultimate Fighting Championship*, o mais conhecido destes torneios.

Esse tipo de competição, como outras mundo a fora, tem explorado uma nova forma de modalidade de combate, o MMA – *Mix Marcial Arts* ou Artes Marciais Mistas, que explora e combina movimentos e técnicas de diferentes Lutas Corporais com o objetivo de tornar seus lutadores “mais completos<sup>1</sup>” para o certame, no entanto, sem a necessidade de aprofundar nem apreender os seus fundamentos éticos, étnicos e filosóficos.

Este tipo de espetáculo com Lutas Corporais não é algo recente nem em nossos dias, nem estranhos às épocas passadas. A história está cheia de relatos de confronto entre guerreiros com diferentes habilidades, em substituição a uma batalha no meio de uma guerra ou como forma de entretenimento das massas. Uma das mais famosas é a luta entre Heitor, príncipe de Troia e Aquiles<sup>2</sup>, líder dos Mirmidões, na lendária Guerra de Troia versada por Homero.

---

<sup>1</sup> Lutadores oriundos das mais diferentes modalidades de Lutas têm se dedicado ao aprendizado das técnicas de Muay Tai (que trabalha técnicas de socos, chutes, joelhadas e cotoveladas), Brazilian Jiu-jitsu (que trabalha com o controle corporal no solo, com ênfase as chaves de articulação e estrangulamentos) e ao treino de Wrestling ou Luta Olímpica (que tem projeções do corpo do adversário como muita versatilidade, mas pouca segurança) como forma de completar os seus repertórios de técnicas. Hoje pode-se afirmar com toda certeza que não há entre os profissionais do mundo do MMA quem não tenha investido no aprendizado destas técnicas ou de lutas com as mesmas características.

<sup>2</sup> A história de Aquiles e da guerra de Troia e contada nos versos da *Ilíada*, obra escrita pelo poeta grego Homero.

Na Grécia clássica as Lutas de Pugilismo<sup>3</sup>, de Luta-Livre e Pancrácio<sup>4</sup> faziam parte das competições dos diferentes jogos da antiguidade, como também, era parte do treinamento dos soldados das muitas ilhas gregas<sup>5</sup>.

Em Roma, as lutas entre gladiadores, mercenários e contra feras, vindas de todas as partes do mundo romano, ajudavam na “política do pão e circo<sup>6</sup>” como uma das formas de controle da grande população das cidades. Os espetáculos podiam durar dias, até meses, dependendo da ocasião ou do homenageado dos Jogos.

No Brasil, no início do século XX, o japonês Mitsuyo Maeda, um dos discípulos de Jigoro Kano<sup>7</sup>, demonstrava suas habilidades, confrontando em “praças, teatros e circos, homens bem mais fortes que ele, em geral levantadores de peso ou conhecidos brigões de rua<sup>8</sup>”. No fim da década de 20, Carlos Gracie e o capoeirista Samuel (o Negro Gigante), teriam travado o primeiro confronto público de Vale-Tudo no Brasil, à época o evento foi chamado de “estilo versus estilo” (AWI, 2012).

Muitos outros fatos marcaram a história dos espetáculos de lutas Corporais no Brasil, inclusive, com transmissões de Vale-Tudo pela extinta TV Rio, no fim da década de 50 e eventos patrocinados no Maracanã e no recém-inaugurado Ginásio do Maracanãzinho<sup>9</sup>. No entanto, a exposição pública destas Lutas Corporais, que acabavam quase sempre com muito sangue, brigas e confusões, repercutiu negativamente na imprensa escrita, provocando críticas e reações negativas de vários setores sociais.

Como afirma Awi (2012), a continuidade destes eventos na TV ficou insustentável. Com as brigas constantes entre lutadores<sup>10</sup>, encenando espetáculos de violência, nas noites cariocas, com destaque da mídia de todo o Brasil, nas décadas de 80, encerrou-se de forma negativa, um ciclo de exposição da Luta Corporal nos meios televisivos. A exceção foi o Boxe que, como o

---

<sup>3</sup> O pugilismo é uma antiga forma de luta onde só era permitido o uso dos punhos para golpear o adversário. Seu nome deriva da palavra pugilos que significava tira de couro. A mesma era usada para envolver os punhos e tornar os golpes mais traumáticos.

<sup>4</sup> O Pancrácio era a mais violenta das lutas gregas. Poucas eram as proibições, entre elas puxar os cabelos ou perfurar os olhos do adversário. Rapidamente ela deixou de fazer parte dos programas dos Jogos gregos, haja vista, as recorrentes mortes dos atletas nos combates.

<sup>5</sup> Na República, Platão fala de algumas qualidades que um defensor ou guerreiro deve ter.

<sup>6</sup> A expressão é creditada ao poeta satírico Juvenal, que criticava o domínio da plebe pelos imperadores com a distribuição de trigo (pão) e a oferta de espetáculo, ocupando o tempo ocioso, evitando possíveis revoltas.

<sup>7</sup> Jigoro Kano foi o Mestre fundador do *Judô*, reconhecido hoje como o pai da Educação física no Japão, sendo o primeiro Japonês a fazer parte do COI – Comitê Olímpico Internacional.

<sup>8</sup> Uma boa leitura sobre a história do MMA e o livro do Jornalista Fillipe Awi, Filho teu não foge a luta, 2012.

<sup>9</sup> *Ibidem*.

<sup>10</sup> Estas brigas relatadas por Awi (2012), envolviam normalmente o Clã dos Graice (ou seus alunos) que rivalizavam com lutadores de *Muay Tai*, e outras modalidades de lutas, por uma hegemônica ostentação de poder dizer que era a mais eficiente Luta Corporal.

status de esporte olímpico, durante as décadas 80, 90 e os primeiros anos do séc. XXI, movimentou as madrugadas dos aficionados.

De fato, a Luta Corporal como atividade cotidiana, ou até mesmo como obrigação de um cidadão como propõe Marx (1991) ao referir-se as sociedades pré-capitalistas, teve pouco espaço nas sociedades Modernas. O controle e uso da força física, no decorrer da história das civilizações, como mostrou Elias (1993), passou a ser uma prerrogativa das forças centralizadoras do poder e dos seus aparelhos repressores.

As demonstrações públicas e não autorizadas de Lutas Corporais passaram a ser rechaçadas com firmeza, a exemplo da proibição das artes do *Budo*<sup>11</sup> no Japão pós-guerra e das práticas de Capoeira no Brasil republicano. A prática da Capoeira no Brasil tornou-se uma contravenção penal no fim Séc. XIX.

DECRETO N. 847 – DE 11 DE OUTUBRO DE 1890, que promulgava o código penal. No seu LIVRO III - Das contravenções em especie, no CAPITULO XIII - DOS VADIOS E CAPOEIRAS:

Art. 402. Fazer nas ruas e praças publicas exercicios de agilidade e destreza corporal conhecidos pela denominação capoeiragem; andar em correrias, com armas ou instrumentos capazes de produzir uma lesão corporal, provocando tumultos ou desordens, ameaçando pessoa certa ou incerta, ou incutindo temor de algum mal:

Pena – de prisão cellular por dous a seis mezes.

Paragrapho unico. E’ considerado circumstancia agravante pertencer o capoeira a alguma banda ou malta.

Aos chefes, ou cabeças, se imporá a pena em dobro.

Art. 403. No caso de reincidencia, será applicada ao capoeira, no gráo maximo, a pena do art. 400.

Paragrapho unico. Si for estrangeiro, será deportado depois de cumprida a pena.

Art. 404. *Si* nesses exercicios de capoeiragem perpetrar homicidio, praticar alguma lesão corporal, ultrajar o pudor publico e particular, perturbar a ordem, a tranquillidade ou segurança publica, ou for encontrado com armas, incorrerá cumulativamente nas penas comminadas para taes crimes.

É importante citar que no mesmo decreto, no título X - Dos crimes contra a segurança de pessoa e vida, capítulo VI, havia toda uma criminalização para as práticas do “DUELLO”. Esta prática era comum na Europa do medievo. Corbin, Courtine e Vigarello (2010), mostram como a partir do Séc. XVI, as práticas da Justas, combates em massa e duelos passam a ser substituídos por jogos e outras práticas corporais. As cavalhadas, comum em algumas cidades brasileiras é um exemplo de práticas contemporâneas que tiveram sua origem nas antigas Justas medievais.

---

<sup>11</sup> A palavra significa o caminho marcial.

De forma geral as Lutas Corporais que passaram a figurar no cotidiano das sociedades modernas, a princípio, o fizeram pela via da esportivização – por mecanismos que passam a ser objeto de investigação do nosso trabalho – mas, sem esquecermos que a sua maior repercussão vai ser proporcionada por sua exposição midiática, sua exploração como espetáculo e entretenimento, um fenômeno bem recente.

A necessidade de melhor entender a Luta corporal (como fenômeno, como conjunto de conhecimentos historicamente construído pelos homens e mulheres em suas configurações), como também, os motivos que vem atraindo tantos aficionados, espectadores e telespectador é que possibilitou a realização desse trabalho aqui exposto. Tentado não só desvendar melhor esse objeto, como também, as suas possibilidades como uma prática educativa.

A utilização das Lutas Corporais (como um conjunto de manifestações concretas, vistas no cotidiano e portadoras de identidades culturais) como um espetáculo e cultura de massas demanda a sociedade mais explicações sobre este fenômeno, tornando-as mais familiares e alvo de investigações sobre suas causas, consequências e desdobramentos para a sociedade e seus indivíduos, consumidores delas ou não.

Por estes e outros motivos é que a Luta Corporal, para além de sua face esportiva, vem figurando como objeto de pesquisas nos mais diferentes programas de pós-graduação do nosso país, na emergência de respostas que possam apaziguar as demandas de informação e conhecimento sobre esse fenômeno tão antigo quanto fascinante.

Neste sentido, a hipótese aqui apresentada é que: os fundadores das Lutas Corporais modernas japonesas, ao resistir às mudanças impostas pela modernidade, adaptaram suas técnicas de ataque, defesa e controle, que eram radicadas na intenção do combate de vida e de morte, aos princípios e preceitos da modernidade, conseguindo assim preservar as suas identidades étnicas, éticas, religiosas e marciais de suas modalidades de combate, utilizando-as como base para uma prática educativa, preservando traços de um princípio do cuidado de si.

Realizar este trabalho, esta tese, com um conteúdo tão significativo, com quem se tem tanto envolvimento não é algo tranquilo, mas não poderia ser diferente. Persigo<sup>12</sup> a possibilidade de deixar uma contribuição significativa para a área da Luta Corporal desde o fim da graduação há mais de vinte anos. O que deixa muito claro que não é apenas um trabalho, é algo visceral, de envolvimento e paixão pelo objeto tratado. Ter esta clareza foi decisivo para

---

<sup>12</sup> Inicialmente usarei a primeira pessoa do singular, até o ponto onde o trabalho efetivo de orientação foi iniciado, passando assim a utilizar a primeira pessoa do plural.

que o policiamento de cada linha aqui escrita tenha o rigor acadêmico acompanhando a paixão do pesquisador.

No trabalho de conclusão de curso da graduação em 1997, as primeiras linhas investigativas, versaram sobre a importância da formação política do professor de educação física no ensino do *Judô*. Uma preocupação influenciada pela história da militância estudantil, que me permitiu ampliar os horizontes sobre o além da contribuição pedagógica da escola para com os alunos em formação, mas que muito pouco contribuiu para uma área do conhecimento da cultura corporal<sup>13</sup> que eu mal entendia ainda.

Essa compreensão só começa a se revelar na especialização em Educação Física Escolar, da ESEF – UPE, nos anos de 2004 a 2005. O desafio de trabalhar com a Luta Corporal como conteúdo das aulas de educação física me levou a investigar os seus fundamentos históricos e epistemológicos.

Para um simples estudo de especialização os frutos colhidos foram significativos, revelando aspectos que possibilitaram em uma proposta de trabalho metodológico que hoje é posto na intervenção de alguns cursos de formação de professores de Educação Física no Estado de Pernambuco.

No mestrado, a intenção de dar continuidade ao trabalho com o objeto “Luta Corporal” foi frustrada pelas condições objetivas ainda não existentes<sup>14</sup>. Falar de Luta Corporal como um objeto de pesquisa em Educação, em 2007, era algo, que hoje é claro, não era possível.

No entanto, a entrada no Núcleo de Teoria e História da Educação (NUTHE), sobre a orientação do Prof. José Luís Simões<sup>15</sup>, estudando a educação física nos colégios católicos do Recife, nas décadas de 30 e 40 do séc. XX, trouxe uma maturidade que me prepararia, em quanto pesquisador, para alçar voos maiores que resultaram no trabalho agora posto.

Do fim do mestrado para a entrada no doutorado passaram-se mais de cinco anos. Tempo que não foi suficiente para delimitar um objeto que pudesse ser tratado no NUTHE. Na realidade a ideia era partir para outra linha, a de formação de professores e práticas pedagógicas, dar consistência teórica ao trabalho metodológico que vinha desenvolvendo nas disciplinas ligadas às Lutas Corporais nas instituições de ensino superior onde transitava.

---

<sup>13</sup> Filio-me aqui a abordagem crítica da educação física, tendo como referência o livro *Metodologia do Ensino da Educação Física* (2012), escrito por um coletivo de Autores.

<sup>14</sup> Acreditamos que por as Lutas Corporais não serem um fenômeno midiático de grande repercussão no início do século, o interesse da mesma para os programas de pós graduação eram inexistentes.

<sup>15</sup> Deixo aqui meu agradecimento público e por escrito ao Prof. José Luiz, com quem aprendi e continuo aprendendo muito. Seu caráter, senso ético, seriedade e compromisso como o desenvolvimento da Educação, da Educação Física, na academia e na vida pública, são exemplares.

Mas sem dúvida a minha afinidade como o NUTHE foi mais forte e significativa, o que me fez apresentar o projeto para seleção nessa linha de pesquisa. Inicialmente pretendendo estudar como objeto a história da disciplina; Lutas Corporais nas Escolas Superiores de Educação Física do Nordeste. A tentativa era compreender se a formação marcial, dos professores que ministravam as disciplinas da área da Luta Corporal, influenciava ou não, na organização didática metodológica de suas disciplinas.

O projeto foi aprovado e logrei êxito na seleção, o doutorado passou a ser uma realidade. No entanto, uma angústia dilacerante se fez presente durante o primeiro ano. cursando as disciplinas e aparando as arestas, da (agora) tese em desenvolvimento, não conseguia sentir o entusiasmo necessário para uma tarefa tão hercúlea.

No andamento das disciplinas do curso, dentro de outros núcleos, foram se apresentando os aportes para as mudanças do rumo da tese e a definição das bases do trabalho que hora introduzo aqui. As muitas discussões, a abertura para novos olhares e a compreensão de novos caminhos mostrados no Núcleo de Educação e Espiritualidade, me ajudaram a construir as condições para “combater o bom combate<sup>16</sup>” que tanto esperava.

As mudanças nos levaram a olhar para um quadro histórico determinado, tentando desvendar como os Mestres fundadores do *Judô*, *Karatê* e *Aikidô* preservaram a identidade étnica, ética, moral, religiosa e marcial de suas Lutas Corporais, dentro da pujante consolidação da modernidade e sua objetividade racional.

Ao tomar como objeto essas modalidades de combate distintas sustentamos a tese de que, as mudanças porque elas passaram, (não só as que nos dispusemos a analisar, mas, outras modalidades que poderiam ser tomadas como objeto de análise) são o resultado de um processo civilizador, fruto de uma tenção entre o tradicional e o moderno. Neste sentido, nos concentraremos no Japão do período *Meiji*, de 1868 até a sua derrota na segunda grande Guerra.

Para organização dos nossos pensamentos seremos norteados pelo seguinte problema: As Lutas Corporais modernas japonesas<sup>17</sup> podem ser entendidas como o resultado de uma resistência/adaptação/preservação de conhecimentos, valores e princípios das artes guerreiras, por seus mestres fundadores, fruto de um tensionamento aos princípios racionais da

---

<sup>16</sup> A expressão tem uma origem cristã e está presente nas cartas de Paulo a Timóteo. O sentido é ser fiel a suas escolhas. Da mesma forma que Paulo foi fiel aos preceitos cristãos, me coloco aqui fiel a meu caminho de construir um trabalho que possa ajudar a melhor compreender as Lutas Corporais como um conhecimento que contribua para formação humana.

<sup>17</sup> Ao usarmos esse termo estaremos nos referindo ao *Judô*, *Karatê* e *Aikidô*.

modernidade em curso, que possibilitou o seu uso hoje como práticas educativas, apresentando traços de um princípio do cuidado de si?

Temos como espaço/cenário um Japão que rompia com séculos de feudalismo e domínio dos *Daimyos*<sup>18</sup> e que rapidamente adaptou-se e incorporou os princípios da modernidade trazidos/impostos pelo contato com os países ocidentais, gerando um conflito entre o velho e o novo entre tradição e modernidade, que levou o Japão em poucas décadas de uma economia agrária a uma das maiores potências econômicas da atualidade.

Colaborando com nossa afirmação, Habermas (2000, p. 04) vai mostrar que,

As novas estruturas sociais são caracterizadas pela diferenciação daqueles dois sistemas, funcionalmente interligados, que se cristalizaram em torno dos núcleos organizadores da empresa capitalista e do aparelho burocrático do Estado. Weber entende esse processo como a institucionalização de uma ação econômica e administrativa racional com respeito a fins. À medida que o cotidiano foi tomado por esta racionalização cultural e social, dissolveram-se também as *formas de vida* tradicionais, que no início da modernidade se diferenciaram principalmente em função das corporações de ofício. (itálicos do autor)

De certo, as forças da modernização não foram capazes de produzir uma aniquilação total das culturas locais e formas de organizações por ela envolvida, mesmo criando cultura de massa e padronizando as formas de produção de bens e de consumo. A resistência, a adaptação e outras formas de produção cultural impediram uma aniquilação do “diverso” e a globalização dos modos de vida e linguagem.

Apresentamos assim a tese de que: O formato que as Lutas Corporais modernas japonesas adquiriram, possibilitando seu uso como práticas educativas, apresentando traços de um princípio do cuidado de si é o resultado de um tensionamento produzido entre: a resistência, adaptação e preservação da identidade étnica, ética, religiosa e marcial da cultura em determinadas configurações, versos os princípios e processos da Modernização implantados nos lugares a que estas culturas pertencem.

As obras de Nobert Elias serão usadas como o aporte necessário para ajudar a desvelar este quadro, demonstrando a construção de uma segunda natureza para além da humana, que nos define, nos molda, nos transforma, fazendo que sejamos diferentes dentro de uma mesma espécie (pela construção de saberes específicos da cultura) e pelas interdependências que

---

<sup>18</sup> Os Daimyos eram os grandes senhores feudais do Japão antigo. Além de grandes proprietários de terras eram Xoguns tendo um grande exército de samurais que empregava nas disputas territoriais.

estabelecemos nas muitas configurações em que transitamos. Elias nos possibilita entender os mecanismos de transformações pelas quais as Lutas Corporais passaram.

Michel de Foucault nos dará o suporte necessário para entender se na construção das Lutas Corporais modernas japonesas houve *parrhésia* dos Mestres fundadores e se essa possibilitou/possibilita *psicagogia* dos discípulos praticantes, dentro de um possível princípio do cuidado de si, salvaguardado dentro dos exercícios marciais.

A partir dessas elucubrações, temos como objetivo geral do nosso trabalho a intenção de analisar se as formas adquiridas pelas Lutas Corporais modernas japonesas, usadas hoje como práticas educativas, apresentando traços de um princípio do cuidado de si são o resultado das tensões geradas pela resistência, adaptação e preservação da identidade étnica, ética, religiosa e marcial da cultura de uma determinada configuração, em oposição aos princípios e processos da modernidade.

Na especificidade temos como objetivos: descrever o processo de desenvolvimento histórico da Luta Corporal; discutir o conceito de Luta Corporal; compreender os princípios e fundamentos das Luta Corporal moderna; compreender as tensões entre modernidade e cultura; identificar os elementos educacionais da luta Corporal; e, compreender a identidade étnica, ética, religiosa e marcial preservadas nas Lutas Corporais modernas japonesas.

Ainda temos como objetivo específico, dentro da compreensão das práticas educativas das Lutas Corporais modernas japonesas, a intenção de identificar se houve, e se há, traços de *parréshia* e *psicagogia*, ligados a um princípio do cuidado de si.

Neste item em especial, temos a intenção de descobrir, na organização do ensino das Lutas Corporais modernas japonesas, nos seus fundamentos filosóficos e religiosos, se há uma intenção de modificar o ser mesmo do sujeito? Procuramos entender se a aquisição destes saberes, que se faz por anos, décadas na maioria das vezes, não só dota um indivíduo de conhecimento, mas para além, modifica o próprio ser do sujeito.

Muito se fala que as Lutas Corporais são formas diferentes de exercitar o corpo. Seriam estas manifestações da cultura, por exemplo, dotadas de “uma disciplina”, “uma filosofia” que as torna diferente das manifestações esportivas? Mas o que é essa “disciplina”? O que é essa “filosofia”? Seriam elementos que poderíamos chamar de “um cuidado de si”, parte da formação integral do aprendiz?

Seria possível que o ensino das Lutas Corporais modernas japonesas, balizada por uma *parréshia*, preservando seus fundamentos filosóficos e religiosos, não só de dotar um sujeito de

conhecimento, mas, modificaria o próprio ser do sujeito, o que chamamos de *psicagogia*, integrando um princípio do cuidado de si?

O trabalho foi dividido em seis partes. No primeiro capítulo abordamos os contornos metodológicos da tese, apresentamos os elementos metodológicos, e os pontos da teoria Elisiana e Foucaultiana que nos serviram de óculos para desvendar, dentro das fontes documentais, as respostas para nossas inquietudes.

No segundo capítulo tratamos os aspectos históricos e epistemológicos da Luta Corporal, o que nos deu uma visão do que ela era em sua radicalidade, e as forças conjunturais que permitiram o seu crescimento e desenvolvimento como elemento da cultura humana.

No terceiro capítulo abordamos a Luta Corporal moderna. Apresentamos seu conceito, os princípios e fundamentos que se apresentam como síntese atual do processo civilizador, possibilitando assim que as mesmas possam ser tratadas como uma prática educativa.

Discutimos os princípios e processos da modernidade e como a cultura em geral é afetada por seu desenvolvimento. Tentamos compreender quais os processos de resistência, adaptação e preservação foram geradas nesse embate entre desenvolvimento e tradição, que possibilitou que a Luta Corporal tomasse o formato atual.

No quarto capítulo discutimos algumas manifestações da Luta Corporal, que se faz presente em nossa sociedade e que são o resultado do Processo Civilizador. Elas não foram planejadas nem controladas pelos homens e mulheres que promoveram no curso da história as mudanças necessárias e exigidas em suas épocas, mas que possibilitaram que a Luta Corporal figurasse hoje como uma prática educativa (curricular e extracurricular), como Modalidades Esportivas de Combate e/ou atividade física profilática e estética e principalmente como espetáculo e entretenimento.

O quinto capítulo foi dedicado à compreensão da identidade étnica, ética, religiosa e marcial preservada no *Judô*, *Karatê* e *Aikidô* e os mecanismos de resistência, adaptação e preservação utilizados pelos mestres fundadores. Discutimos a presença de um princípio do cuidado de si e como parte dele, os traços de *parreshía* e *psicagogia* nas práticas das Lutas Corporais modernas japonesas.

Tivemos como reforço ao nosso aporte teórico os escritos de Michel de Foucault, não dos dispositivos de poder<sup>19</sup>, mas o Foucault que se debruçou sobre o sujeito, o da hermenêutica,

---

<sup>19</sup> Acredito que uma boa leitura síntese para iniciar uma aproximação como Foucault e suas ideias gerais sobre os dispositivos seja *Microfísica do Poder*, 1979 (sua 23ª edição é da editora Graal do ano de 2007).

o do governo de Si e dos Homens, ou seja, dos seus últimos escritos publicados a partir das aulas ministradas no *Collège de France*.

Na última parte da tese tratamos as conclusões de nosso trabalho. Apresentamos a síntese das discussões que deram sustentação ao trabalho; Apresentamos as respostas as questões postas e delimitadas pelos objetivos traçados, utilizando os caminhos metodológicos necessários, como o devido rigor imposto a uma tese, contribuindo para o desvelamento de um fenômeno antigo, mas que, como prática educacional ainda pouco se sabe e pouco se produz.

Chegamos as conclusões que origem da Luta Corporal está ligada a emoção mais primitiva do homem, no entanto, apreendida e aperfeiçoada tornou-se um legado de valor inestimável a humanidade. Vimos as transformações porque passou esse conhecimento, mudando de uma arte beligerante a um conjunto complexo de atividades sociais.

Encontramos a Luta Corporal presente em grupos que as usam como: Diversão e entretenimento; Atividades para melhoria da saúde e qualidade de vida; E como uma prática curricular e extracurricular na formação de crianças, jovens e adultos.

Encontramos nas Lutas Corporais, ligadas ao *Budo*, um princípio do cuidado de si alicerçado em uma forma arcaica que chamamos de cuidado de si samuraico. Vimos que alguns de seus exercícios sobreviveram à modernidade e fazem parte das práticas vivenciadas nas Lutas Corporais modernas japonesas. Encontramos nessas Lutas Corporais um indício de que podemos agir como *parreshía*, levando aos educandos de encontro a sua verdade.

Vimos que os três grandes Mestres do *Budo* em suas vidas agiram em conformidade com o que diziam, falaram em conformidade com o que pensavam e pensavam em conformidade com o que mostraram ser. Construíram um legado inestimável que é usado por milhões de pessoas ao redor do mundo. Proferiram um discurso de verdade que, evocando a necessidade de cuidarmos de nós mesmo, para acessar a verdade, e sendo sujeitos de verdade, possamos agir de forma virtuosa e boa para com os outros.

Ficou claro que o Cuidado de Si não é uma forma do mestre impor sua verdade, mas, do aprendiz, através da ausculta atenta e sincera do mestre, encontrar sua própria verdade. Chegamos assim à conclusão que é possível, ainda hoje, levar o aprendiz, seja ele praticante de uma Luta Corporal ou aluno de uma escola, a encontrar a sua verdade e ter sua alma psicagogizada através dos exercícios e do amor de um mestre balizado por uma fala franca.

## 2 O KATA

Neste mundo, nada é mais maleável e frágil quanto a água. Contudo, ninguém, por mais poderoso que seja, resiste à sua ação (corrosão, desgaste, choque de ondas), ou pode viver sem ela. Não é bastante claro que a flexibilidade é mais eficaz que a rigidez? Poucos agem de acordo com essa convicção. (Lao-Tsé, 604-517 a.C.)

Pensando em como melhor organizar o trabalho, esta primeira parte será dedicada à apresentação dos contornos metodológicos que balizarão as análises aqui feitas. A palavra *Kata* significa forma. No universo das Lutas Corporais modernas japonesas é algo com que todo praticante terá que se deparar. O *Kata* é uma sequência determinada de movimentos que simula uma situação imaginária para o uso das técnicas, que pode ser, por exemplo, a combate contra um ou mais adversários.

A metodologia tem muita semelhança com um *Kata*. Nele, o budoka (praticante do caminho marcial), exercita os movimentos que permitiram o controle da técnica, seu aperfeiçoamento, a forma correta de executar cada movimento, no momento certo, no espaço certo, com graça desenvoltura e plasticidade. Segundo Kano (2008, p.118) “a prática constante e entusiasmada do *kata* é essencial [...], para aumentar o interesse, as habilidades e ajudar o estudante a ter um caminho longo [...]” nas vivências da sua prática.

### 2.1 *Tei ichi ni* – Em posição para o início

A metodologia de certa forma é isso, a organização de um olhar, a forma como usaremos as lentes teóricas para revelar o que não foi revelado. Mas também é uma forma de movimentar-se diante de uma situação e produzir um resultado esperado e não ser pego de surpresa.

Em se tratando desse trabalho, dessa tese, a necessidade de originalidade e da contribuição para a área são questões vitais. Neste sentido, o texto de Monebhurrin e Varella (2013, p. 427- 428), nos alerta quando afirmam que, do ponto de vista qualitativo:

uma tese puramente descritiva não é uma tese, pois ela não inova com uma ideia original ou com uma problemática nova. Espera-se que uma tese seja analítica e argumentativa com respostas claras às questões definidas. [...]. Esse conjunto indica a contribuição efetiva de uma tese, salientando se ela é

original, com uma identidade, ou trata-se de uma mera compilação de textos que não sirva à ciência [...].

Essa afirmativa nos leva a refletir sobre alguns compromissos que assumimos ao adentrar no programa de doutorado. O primeiro e mais importante deles é o que assumimos perante a sociedade, já que é ela que arca com os custos desse processo de formação. Que tipo de contribuição nossa tese trará para a área da educação e conseqüentemente para a sociedade? Não é mais pertinente pensar em desvelar um objeto que atenda a interesses puramente individuais.

Na introdução, ficou clara a nossa ligação visceral com o objeto do nosso trabalho, mas há uma clareza muito grande que os contributos que buscamos com nossa tese não são somente as respostas a uma curiosidade pessoal, mas principalmente, a convicção de que o ensino da Luta Corporal tem muito a contribuir com a educação.

Contribuições para uma área que precisa se reinventar frente aos novos desafios, e que algumas contribuições podem vir de práticas há muito tempo consolidadas, mas faremos isso sem perder de vista o rigor e nosso compromisso. Como lembra Chizotti (2003, p. 230), a pesquisa na contemporaneidade nos alerta para algumas pertinências.

A posição social do autor da pesquisa, a onipotência descritiva do texto científico, a transcrição objetiva da realidade são postas em questão: o pesquisador está marcado pela realidade social, toda observação está possuída de uma teoria, o texto não escapa a uma posição no contexto político e objetividade está delimitada pelo comprometimento do sujeito com sua realidade circunscrita.

Não há neutralidade científica, não existe pesquisador que consiga tirar de dentro de si a sua história, sua comunidade e todas as vozes que ecoam em seus trabalhos. No entanto, não estamos isentos da rigorosidade, da busca dos procedimentos e técnicas que nos possibilitem trilhar os caminhos objetivados em busca de responder de forma criteriosa aos problemas estabelecidos. Por isso a analogia ao *kata*, pela necessidade de estabelecer os movimentos que definiram os percursos de nosso trabalho, o bom combate que iniciamos aqui.

Um segundo compromisso assumido é com a área da Educação Física. Tratar a Luta Corporal, para além de seus aspectos técnicos ou metodológicos, ampliando uma discussão de cunho mais teórico e histórico, é uma importante contribuição no entendimento de uma prática social cada vez mais presente no cotidiano da sociedade.

Em Pernambuco (marco bem o espaço de referência) a educação física escolar teve/tem uma grande influência da Cultura Corporal, tendo como conteúdo para o ensino: o jogo, a dança,

a ginástica o esporte e a luta Corporal. Tendência iniciada pela obra conhecida como Coletivo de autores<sup>20</sup> que tem orientado a Educação Física no Estado há quase 30 anos.

Minha formação não fugiu a essa influência nem tão pouco a minha atuação profissional docente, já que tanto na rede de escolas estaduais, onde atuo como supervisor de estágio, e na rede de escolas Municipal do Ipojuca, onde trabalho com a Educação Física há mais de 18 anos, as referências de orientação para o ensino da educação física partem desta linha de pensamento. Neste sentido, acreditamos que este estudo tem muito a contribuir na compreensão da Luta Corporal como conteúdo escolar da Educação Física.

O nosso trabalho é uma pesquisa ancorada na História, já que estaremos analisando escrito de autores do século XIX e XX, que firmaram as bases filosóficas para o ensino das Lutas Corporais modernas japonesas, os mestres fundadores do *Judô*, *Aikidô* e *Karatê*. É importante lembrar que as pesquisas em história não revelam o passado, como lembra Gil (2008, p.153).

Os experimentos e os levantamentos, a despeito do rigor científico de que se revestem, não são apropriados para proporcionar o conhecimento do passado. Nos levantamentos, quando se indaga acerca do comportamento passado, o que se obtém, na realidade, é a percepção do respondente a esse respeito. Já os dados documentais, por terem sido elaborados no período que se pretende estudar, são capazes de oferecer um conhecimento mais objetivo da realidade.

Essas pesquisas de cunho mais históricos tem ajudado a entender melhor esse conhecimento que tem chamado tanto a atenção da sociedade, em geral, por suas manifestações mais contemporâneas. Os espetáculos modernos de Lutas Corporais, a exemplo do *Ultimate Fighting Championship – UFC*, que talvez sejam um dos maiores impulsionadores para a aceitação desta temática no meio acadêmico.

A compreensão da história desta manifestação cultural nos permite criar alguns alicerces para exploração de novos objetos. Como nos lembra Lopes e Galvão (2001, p.16),

A disposição para se fazer história, ou para ler o mundo como um dispositivo historiador, parte, antes de mais nada, de uma disposição radical para ler, ouvir e contar o outro. [...]. Por outro lado, a História, em princípio, é um saber inútil do ponto de vista pragmático. Há quase um século, tem deixado, paulatinamente, de julgar o passado e tentar dele extrair lições para o presente e para o futuro. No limite, tem contribuído para que entendamos um pouco mais, juntamente com outras formas de explicação da realidade, o que o

---

<sup>20</sup> Metodologia do Ensino de Educação Física, escrito por Soares, Taffarel, Varjal, Castellani Filho, Escobar e Bracht, 2ª ed. de 2012.

presente insistentemente nos coloca como problema: um gesto, um modo de pensar, uma maneira de raciocinar, uma forma de agir [...].

Ao debruçarmo-nos sobre a história da Luta Corporal, estamos abrindo uma janela para entender o quanto essa prática hoje se aproxima ou se afasta de uma intencionalidade educacional construída pelos Mestres fundadores, suas estratégias de manutenção e transformação das artes marciais frente às mudanças sociais em curso.

Para tanto, nossas análises estarão ancoradas na teoria Elisiana, nas modificações ocorridas e sedimentadas a longo prazo como parte de um processo civilizador que ocorrem nas sociedades em seu desenvolvimento. A teoria do Processo Civilizador nos oferecerá os conceitos necessários para nos debruçarmos sobre o objeto, como veremos mais à frente.

O nosso objeto se situa no âmbito da História da Educação, circunscrito dentro dos estudos da História das Disciplinas Escolares, o que nos possibilita entender e abordar este conhecimento, historicamente construído pelo homem, como um saber propriamente escolar ou educacional.

A história das Disciplinas Escolares é uma tendência que vem crescendo dentro da História da Educação por força, principalmente, dos professores/pesquisadores que vêm investindo os seus esforços em conhecer melhor o passado de suas próprias disciplinas.

Certamente um dos motivos pelos quais a História das Disciplinas Escolares tem se configurado, na atualidade brasileira, como uma importante área de estudos tem sido a sua potencialidade em fornecer um novo olhar para a escola do passado, permitindo perceber que a história da educação vai além da história dos ideários e dos discursos pedagógicos. Estudos nesse campo permitem, ainda, complexificar a noção de tempo, na medida em que o estudo das transformações de um saber que se torna escolar não obedece a uma linearidade lógica, mas resulta de uma série de injunções que assumem características específicas em cada espaço social e em cada época (SOUZA Jr. e GALVÃO, 2005, p. 393).

No entanto, nosso trabalho também dialoga com a teoria, já que o entendimento de algumas práticas corporais, no nosso caso, a Luta Corporal, que traz como parte de seu arcabouço uma filosofia moral, como também, a compreensão das mudanças ocorridas a longo prazo, como reflexo das tensões gerados dentro dos grupamentos humanos, se faz por saberes sociológicos e filosóficos da historiografia.

As Luta Corporal como prática educativa, resultante possivelmente de uma resistência/adaptação/preservação de conhecimentos, valores e princípios das artes guerreiras, por seus mestres fundadores, em um tensionamento aos princípios racionais da modernidade

em curso, circunscrevesse como uma mudança de saberes, uma mudança ocorrida em longo prazo como resultado da dinâmica do processo civilizador.

Desta forma, entendemos que a tríade resistência/adaptação/preservação circunscreve-se dentro do processo de mudança de comportamento que ocorrem em determinadas configurações, como produto do poder circulante nas relações de interdependência, sendo assim, resultado de um processo civilizador.

Como veremos a Luta Corporal não surge como prática educativa. É uma resposta apreendida e reelaborada com a intenção de manutenção da própria vida. Passando a figurar como conhecimento importante de uma parcela específica, de diferentes povos, em diferentes épocas, como um importante conhecimento de manutenção e expansão de determinadas estruturas sociais.

A modernidade e a modernização colocaram a Luta Corporal em uma posição de perigo. As alternativas foram à extinção ou à mudança e transformação deste saber. Antes voltada à dotação do homem de um conhecimento letal para como os seus semelhantes, ela passou a ser um novo saber, que paradoxalmente, dota homens e mulheres de valores que preservam e engrandecem o espírito humanístico.

Essas mudanças são um fato? Já que são ditas e repetidas, por praticantes das diferentes Lutas Corporais, e aceitas por pais e mães que levam seus filhos e filhas aos milhares do *Dojos*<sup>21</sup> em diferentes partes do mundo. Mas por quais mecanismos? Que condições foram apresentadas, em diferentes configurações, que impuseram aos seus Mestres e praticantes uma modificação? Seria estas modificações uma inovação? Uma modernização? Ou um desfaçamento, um engodo<sup>22</sup>, tão comum em estratégias de guerras e batalhas, situações limites de teste e aprovação destes saberes?

Responder a estas perguntas que compõem o corpo de nosso problema exige que algo ou alguém fale, apresente indícios e provas. Melo (2010, p. 15) nos diz que,

no campo dos historiadores da educação, o entendimento de fonte histórica inclui toda e qualquer peça que possibilite a obtenção de notícias e informações sobre o passado histórico-educativo.

Assim, a seleção e/ou opção por incorporar ou deixar disponível esse ou aquele documento em uma investigação educacional significa conferir-lhe a condição de documento histórico-pedagógico.

---

<sup>21</sup> Lugar onde se aprende o caminho.

<sup>22</sup> Na A Arte da Guerra de Sun Tzu (2007, p. 84), Tsão Kung dá um exemplo do que seria o desfaçamento como estratégia. “Faça parecer que você está longe, então cubra a distância rapidamente e chegue na sena antes de seu oponente”.

No debate a respeito das diferentes formas de se fazer História da Educação, a qual é dinamizada e até mesmo fomentada por essa mesma gama de fontes à disposição do pesquisador, surge a tendência de classificar os documentos segundo sua natureza.

Segundo Melo (Loc. cit.), nossas fontes estão no primeiro grupo pela “classificação documental proposta por Júlio Ruiz Berrio, em *El metodo historico en la investigacion historica de la educacion*”, por se tratarem de “documentos escritos”. Como fontes teremos os escritos e conferências deixadas por Jigoro Kano, fundador do *Judô*; os escritos de Morihei Ueshiba<sup>23</sup>, fundador do *Aikidô*; e os escritos e de Gichin Funakoshi<sup>24</sup>, fundador do *Karatê*.

Estas fontes, as produzidas por pessoas que viveram, participaram e ajudaram a consolidar as Lutas Corporais modernas japonesas, junto aos Mestres fundadores, formam as fontes primárias do nosso trabalho. Segundo Melo (Loc. cit.), as fontes “*Primárias* seriam aquelas fontes produzidas por observadores ou participantes diretos dos fatos e cujos testemunhos seriam supostamente fiéis à verdade” (itálicos do autor).

Como recorte para o nosso trabalho temos o Japão, do período da Restauração *Meiji*, de 1867 até a sua derrota na segunda grande Guerra. Embora tenhamos clareza que algumas fontes não tenham sido produzidas neste período, as modificações feitas e apresentadas nas Lutas Corporais modernas japonesas em tela ocorreram nesta época ou em decorrência de seus acontecimentos. Os documentos produzidos posteriormente à época são: memórias, cartas que registram os acontecimentos e fatos decorrentes deste período.

Para Barros (1988, p. 141),

a história contemporânea do Japão pode ser dividida em dois períodos radicalmente distinto: um que se inicia como a Restauração Meiji em 1867 e termina em 1945, outro, o que vem de então aos nossos dias.

Ambos os períodos trazem em comum o fato de que, desde a ruptura do isolacionismo japonês, forçada pelas canhoneiras do expansionismo ocidental,

<sup>23</sup> Morihei Ueshiba nasceu em Tanabe, Wakayama, Japão, no ano de 1883. Aos 17 anos, teve seu primeiro contato com as artes maciais na escola de Tenjin Shinyo-Ryu Jujutsu. Em 1915, tornou-se discípulo de Sokaku Takeda que lhe instruiu na arte da espada. Em 1920, regressou para Tanabe devido a morte de seu pai e pouco tempo depois foi para Ayabe. Amargurado com sua perda conheceu Onisaburo Deguchi, líder da seita religiosa “*Omoto-kyo*”, derivada do Xinto, onde encontrou consolo para sua dor nos ensinamentos da meditação. Decidiu fixar residência e instalar uma escola em sua casa onde ensinou *Daito-ryu Aikijujutsu*. Em 1927, mudou-se para Tóquio e começou a trabalhar para a Casa Imperial, ensinando “*Aikidudo*”. Com o início da 2ª grande guerra, voltou para suas terras nos arredores de Iwama, no norte de Tóquio. Nesse período deu o nome a sua arte de “*Aikidô*”. Com o fim da guerra, as forças de ocupação americana proibiram as práticas do *Bushido*, inclusive o *Aikidô*. Anos mais tarde o Governo Japonês, em 1948, reconheceu o *Aikidô* como uma arte marcial dedicada à promoção da justiça e da paz.

<sup>24</sup> Gichin Funakoshi é um dos grandes mestres do *karatê*. Nascido em Okinawa, o local de nascimento do *karatê*, começou a treinar nas artes marciais secretas ainda quando criança. Em 1922, a convite do governo japonês, fez uma demonstração no continente japonês da ainda secreta arte de defesa pessoal de Okinawa, o que levou à introdução do *karatê* no restante do Japão e, posteriormente, em todo o mundo

o Japão se viu definitivamente e irreversivelmente envolvido no torvelinho da vida internacional. Com o realismo e pragmatismo que constituem um dos aspectos mais profundos e surpreendentes de um povo superficialmente encarado como perdido em um misticismo esotérico oriental, os japoneses reconheceram imediatamente, e aceitaram em sua plenitude, a inelutabilidade de sua participação na história mundial. Em lugar de se aferrarem a um passado extinto e de se impermeabilizarem às influências exteriores, imobilizando-se no arcaísmo cultural e se deixando dominar (o que foi a atitude da maioria dos povos e culturas orientais tradicionais), voltaram seus esforços no sentido de adotar e adaptar a sua nação o uso de instrumentos e recursos que asseguravam sobrevivência e êxito na era contemporânea.

O Japão da era *Meiji* foi um esforço coordenado, de mobilização do espírito nipônico, capitaneado pela dinastia imperial, a elite japonesa, os novos samurais e todo o povo nipônico para o aprendizado e reprodução dos métodos e princípios da modernidade e modernização. O resultado foi o fortalecimento do país conjuntamente com a manutenção de sua identidade ética e cultural<sup>25</sup>.

Podemos intuir que, o Japão e seu povo, ao reconhecer à avassaladora e irremediável chegada da modernidade canalizaram suas energias não mais para o enfrentamento, mas para absorção e adequação disciplinada de seus cânones sem abrir mão dos seus traços que os caracterizavam, definiam e lhes conferiam identidade, uma Identidade-nós como veremos mais à frente.

Segundo Elias (1998), o habitus é a forma como cada sociedade e os seus indivíduos se relacionam com os seus conhecimentos, símbolos e conceitos, partem das suas necessidades objetivas, das suas interrelações e suas relações com o meio em que vivem.

O habitus é a marca singular de cada povo, tudo aquilo que em determinada sociedade gera seus ritos, seus mitos, a forma de trabalhar a linguagem, suas maneiras, etc., e que sendo importante, é transmitido às futuras gerações durante o tempo em que estes elementos sejam úteis à comunidade. É a segunda natureza de cada povo, como fala Souza (2003).

Neste sentido, a transformação do habitus do povo japonês possibilitou que estivessem no mundo, absorvendo todas as benesses dele advindas, sem, no entanto, deixar de ser japoneses passando a viver e cultivar, é o que Barros (1988) tão bem sintetizou e definiu como “a harmonia dos contrários”.

## **2.2 *Kangae tsudzukeru* – Pare, pense e continue**

---

<sup>25</sup> Idem.

Delimitamos assim nosso espaço temporal que permeia o nosso problema central: As Lutas Corporais modernas podem ser entendidas como o resultado de uma resistência/adaptação/preservação de conhecimentos, valores e princípios das artes guerreiras, por seus Mestres fundadores, fruto de um tensionamento aos princípios racionais da modernidade em curso, que possibilitou o seu uso hoje como práticas educativas, apresentando traços de um princípio do cuidado de si?

Temos como objetivo geral do nosso trabalho a intenção de analisar se as formas adquiridas pelas Lutas Corporais modernas japonesas, usadas hoje como práticas educativas, apresentando traços de um princípio do cuidado de si, são resultado das tensões geradas entre a resistência, adaptação e preservação da identidade étnica, ética, moral, religiosa e marcial da cultura de uma determinada configuração, em oposição aos princípios e processos da Modernidade.

Na especificidade temos como objetivos: descrever o processo de desenvolvimento histórico da Luta Corporal; discutir o conceito de Luta Corporal moderna; compreender os princípios e fundamentos das Lutas Corporais modernas; compreender as tensões entre modernidade e cultura no espaço tempo onde foram criadas; identificar os elementos educacionais das lutas Corporais modernas japonesas; e, compreender a identidade étnica, ética, moral, religiosa e marcial preservada no *Judô*, *Karatê* e *Aikidô*.

Ainda temos como objetivo específico, dentro da compreensão das práticas educativas das Lutas Corporais modernas japonesas, a intenção de identificar se houve e se há nas modalidades de combate investigadas, traços de *parrhêsia* e *psicagogia*, como partes de um princípio de um cuidado de si.

Para tanto teremos o suporte teórico de Elias para o tratamento e análise das nossas fontes possibilitando-nos responder ao problema aqui colocado, como também, o suporte do filósofo francês Michel de Foucault, com os estudos do Cuidado de si, base para compreensão da *parrhêsia* e *psicagogia*.

Elias ao demonstrar a construção de uma segunda natureza para além da humana, que nos define, nos molda, nos transforma, fazendo que sejamos diferentes dentro de uma mesma espécie (pela construção de saberes específicos da nossa cultura), pelas interdependências que estabelecemos nas muitas configurações em que transitamos, nos possibilita entender os mecanismos de transformações pelas quais as Lutas Corporais passaram.

Elias (1993) nos possibilita entender que as modificações que ocorreram ao longo da história da Luta Corporal não é obra de um indivíduo de forma calculada e previsível. As

mudanças no seu sentido e uso foram o resultado do processo civilizador dentro das configurações onde essas mudanças foram geradas.

A mudança de uma determinada prática depende de múltiplos fatores para serem concretizadas, dentro de um processo de tensão gerado pelas interrelações, como por exemplo, a aceitação ou rejeição desta mudança e o sentido do seu uso em uma determinada configuração. As ações de resistência/adaptação/preservação serão tomadas como parte do processo de tensionamento que geram as mudanças em longo prazo, fruto do processo civilizados.

As alterações de uma determinada prática social não podem ser calculadas, os desdobramentos, o seu desenvolvimento são imprevisíveis, não podem ser controladas nem guiadas, por se tornarem as ações de muitos, que serão interpeladores, usuários, reprodutores e novos modificadores, gerando novos tensionamentos dentro das configurações onde esta prática ocorre, tornando-se um processo cego e imprevisível (ELIAS, 1993).

Assim, não vemos as mudanças ocorridas na Luta Corporal – passando de uma atividade que dotava um indivíduo de conhecimentos letais para com seus semelhantes, para uma práticas sociais aceita como espaço legítimo para vivência de pulsões de violência controladas<sup>26</sup> – como uma ação intencional e calculada dos seus Mestres fundadores, mas, como produto do processo civilizador nas configurações acima apresentadas.

O que procuramos é entender dentro do espaço tempo determinado em nosso recorte, a intencionalidade de garantir a preservação de um dado conhecimento caro e importante a uma dada configuração em um momento de mudança da dinâmica social ao qual essa configuração estava inserida.

Embora as análises desenvolvidas por Elias (1993, 1994a) tenham sido realizadas na observação da história das sociedades ocidentais, compreendemos que os processos de mudanças ocorridos no Japão seguiram a mesma lógica (com certa particularidade como veremos mais à frente), já que, fica claro que tais transformações ocorreram por uma adoção dos princípios da vida Ocidental, modificando radicalmente e rapidamente as formas de relação e organização social e econômica no Japão, tornando-o uma potência do mundo capitalista.

Então cabe aqui retomarmos alguns conceitos importantes que auxiliarão no desenvolvimento do nosso trabalho, tais como configuração, interdependência, autocontrole, controle da violência e mudança dos costumes, como elementos do Processo Civilizador.

---

<sup>26</sup> Elias e Dunning (1992).

No processo civilizador, Elias (1993, 1994a) traz à tona um novo olhar na discussão sociológica da relação de indivíduo e sociedade: a psicogênese a sociogênese. Segundo Lucena (2007, p. 02 e 03),

a psicogênese corresponde ao desenvolvimento de longa duração das estruturas da personalidade humana e às transformações do comportamento, “a passagem dos mecanismos de coação exteriores para mecanismos interiores: uma espécie de internalização, disciplinarização de si”(Waizbort, 1999). [Já a] sociogênese diz respeito ao desenvolvimento, a longo prazo, das estruturas sociais. A civilização, que é um processo, é, por conseguinte, o processo da formação do Estado moderno.

Passa-se a abordar a relação entre indivíduo e sociedade não por um processo social particular, mas como um processo sociais de longa duração, as mudanças, sua direção e efeitos. Essa teoria nos mostra que

a relação entre indivíduo e sociedade é tudo menos imóvel. Modifica-se com o desenvolvimento da humanidade – mas não da maneira para qual poderíamos estar preparados pelo tipo de mudança estudado pelos historiadores. A mudança que nos interessa aqui é uma mudança estruturada numa de duas direções opostas. [...]. Estamos interessados em compreender a mudança em si, sua direção e, talvez mais tarde, até mesmo suas causas (ELIAS, 1994b, p. 145).

Elias (1993, 1994a) ao estudar as mudanças ocorridas em diferentes espaços não parte de esquemas teóricos preestabelecidos, mas elabora sua análise em modelos sociais baseados em transformações ocorridas na “sociedade de corte” ao longo dos processos históricos.

Desse modo, ao verificar o significado de civilização, o autor busca compreender a relação existente entre o desenvolvimento desse conceito, seu processo de crescimento e o desenvolvimento da sociedade. Discute o desenvolvimento dos modos de conduta e a civilização dos costumes que ocorrem na sociedade em longo prazo, mostrando como se deram as mudanças e as forças que as motivaram.

Partindo dessa premissa, Elias (1993) estabelece o conceito de configuração, como o resultado da ligação dos indivíduos, de formas múltiplas, uns aos outros, por diferentes interesses e intenções diversas dentro de um espaço tempo. Essa ligação gera diferentes tipos de tensões, já que esses interesses e intenções podem ser convergentes ou divergentes, resultando assim em uma imprevisibilidade do por vir, como resultado de

algo que não foi planejado nem foi intenção de qualquer um desses indivíduos, mas emergiu a despeito de suas intenções e ações. É realmente aí se encontra todo o segredo das configurações sociais, sua dinâmica irresistível, suas regularidades estruturais, o caráter de seu processo e de seu desenvolvimento e é esse o segredo da sociogênese e da dinâmica das relações. (ELIAS, 1993, p. 140).

Essa compreensão é fundamental para entendermos que embora houvesse, por parte dos Mestres fundadores das Lutas Corporais modernas japonesas, uma intencionalidade na reorganização e orientação de saberes antigos, caros a suas identidades, a dimensão alcançada por suas ações jamais poderia ter sido arquitetada, nem isoladamente, nem como fruto de uma ação coletiva.

Para além dessa compreensão, o conceito de configuração nos permite entender que, o próprio ato, ações motivadoras que impulsionaram os Mestres fundadores, é fruto das tensões, convergências e divergências porque passava o Japão da Era *Meiji*, e que abarcou à tudo e a todos, já que a sociedade é o conjunto de seus indivíduos e não existe indivíduo fora de uma sociedade, ela coexiste pela interdependência deles (ELIAS, 1993).

A interdependência em Elias (2001) pode ser compreendida ligada ao conceito de configuração, na medida em que é um elemento constitutivo da própria dinâmica das relações sociais. É o nível de aproximação/afastamento e dependência/independência que os indivíduos tem uns com os outros, e que, por tensionamento dessa aproximação/afastamento e dependência/independência, estabelecem uma relação do poder dentro das configurações, formando grupos sociais diferentes, como dinâmicas específicas em cada uma delas, o que explica as muitas diferenças nas relações das famílias, comunidades, instituições de todos os tipos, cidades, estados e países.

Cada instituição é o produto de uma bem determinada distribuição de poder no equilíbrio das tensões entre grupos humanos interdependentes. Uma instituição não é produzida apenas uma vez, mas produz-se durante certo período muitas vezes, repetidamente, como uma figuração que dura mais do que muitos indivíduos (ELIAS, 2001, p. 171).

É importante ressaltar que o Japão assim como outros países asiáticos tiveram um desenvolvimento diferente frente à modernidade. Como ressalta o próprio Elias (1994b, p. 147). [...]. “Até o presente a mudança da identidade-nós em favor da identidade-eu<sup>27</sup> é menos

---

<sup>27</sup> Segundo Elias, os estágios de desenvolvimento social refletem uma mudança na relação do indivíduo em sua sociedade. A identidade-nós é mais forte e significativa em sociedades menos desenvolvidas, enquanto a

pronunciada lá do que nos países ocidentais, com vantagens expressivas para sua competitividade”. Ou seja, no processo de passagem do feudalismo para o capitalismo, os japoneses mantiveram parte de sua identidade baseada nas tradições familiares e locais, no entanto, sem perder os princípios necessários para o desenvolvimento de um Estado-Nação.

Diferenciou-se do desenvolvimento de alguns Estados-Nações ocidentais ao não permitir que essa identidade-nós atrapalhasse, em grande parte, na composição e organização da burocracia estatal pelo favorecimento de parentes e aliados, o que foi muito comum e presente durante todo o período do shogunato, e presente também em países em processo de desenvolvimento<sup>28</sup>.

Os conceitos acima expostos nos permitem entender melhor como funciona dois dos conceitos centrais do Processo Civilizados: o poder e a violência (e ligado a ele, o controle da força física), que segundo Lucena (2007, p. 02), pode ser entendido pela “tensão entre a necessidade e o monopólio da primeira e o controle social e individual da segunda, dito de forma bastante resumida, estabelece as bases do processo civilizador ocidental”.

O poder se estabelece nas interrelações entre os atores sociais, sejam eles indivíduos ou grupos. Assim, há sempre um indivíduo ou grupo que detêm os meios e o monopólio para satisfazer as necessidades do outro ou de outros, sejam essas necessidades: comida, meios de produção, bens de consumo, dinheiro, prestígio etc.

O poder se estabelece em toda teia social, ele é o controle de um grupo ou indivíduo sobre objetos, processos, como também sobre outros indivíduos ou grupos, e está presente em todas as configurações, das mais complexas como a administração dos Estados-Nações, até as mais simples como uma família ou um *Dojo* de Lutas Corporais modernas japonesas. Assim, o poder em Elias não é uma substância ele é, e se materializa, nas relações de interdependência.

Da mesma, forma a violência presente em uma configuração, seu nível de aceitação e controle por parte dos atores que detêm o poder, só pode ser entendido dentro da teia de relações sociais e interdependência, e como resultado das necessidades e ações que foram se estabelecendo entre os atores sociais e se consolidando como uma mudança de longo prazo.

---

proeminência de uma identidade-eu se fortalece com o desenvolvimento. “se considerarmos a relação entre a identidade-eu e a identidade-nós, poderemos dizer que em todos os países, tanto mais quanto menos desenvolvidos, as duas estão presentes, mas nos primeiros é mais forte a ênfase na identidade-eu, enquanto nos últimos, ele recai sobre a identidade-nós pré-nacional, seja ela a família, a aldeia nativa ou a tribo” (ELIAS, 1994b, p. 147).

<sup>28</sup> Podemos citar como exemplo os muitos casos de nepotismo que ocorrem nas três esferas do poder em nosso país. Elias (1994b), explica que isso ocorre pelo “conflito de lealdade” ou a ligação que as pessoas tem como seus parentes (família, grupo de pertencimento) ou pessoas muito próximas, a quem se tem um sentimento de gratidão e lealdade.

Não há uma regra ou modelo a ser seguido para tornar uma sociedade mais ou menos violenta, o que há é um processo de longo prazo, um Processo Civilizador que ocorre dentro das relações interpessoais e pela interdependência que levam as mudanças de comportamento dos integrantes de uma configuração, por aceitação, internalização do que foi acordado ou posto, e que, deixa de ser uma coerção externa e passa a ser uma vigilância intrínseca, o autocontrole (ELIAS, 1994a).

De certo que o nível de desenvolvimento de uma sociedade está diretamente relacionado como as formas e mecanismo de controle da violência. As mudanças ocorridas em uma sociedade, como disse Elias (1994a, p. 14), “[...] ocorrem no rumo de uma ‘civilização’ gradual [...]. Muda o padrão do que a sociedade exige e proíbe”.

Essas mudanças ocorrem em nível estrutural, porém, as mudanças mais efetivas para o apaziguamento das sociedades em seu processo civilizatório se dá em longo prazo, pela implantação e reforço de dados comportamentos nas futuras gerações e o amadurecimento das estruturas psíquicas que vão ocorrendo a longo prazo, transformando a coerção externa em vigilância interna, mudança de comportamento pelo autocontrole, a psicogênese.

o processo específico de ‘crescimento’ psicológico nas sociedades ocidentais, [...], como resultado de um processo civilizador social operante durante muitos séculos, são automaticamente submetidos desde a mais tenra infância, em maior ou menor grau e como maior ou menor sucesso (IDEM, 1994a, p. 15).

Portanto não é simplesmente a mudança de um estágio civilizatório menos desenvolvido para um mais desenvolvido que garante que uma sociedade seja menos ou mais violenta. Muitos outros fatores serão determinantes.

O desenvolvimento e consolidação de fatores como: complexificação das cadeias produtivas, expansão e mecanismo de ocupação das estruturas educacionais, ampliação das carreiras socioprofissionais, mecanismos de garantia de emprego e renda, entre outras fatores e variáveis que aumentem e reforçam o nível de interdependência e de amadurecimento da identidade-eu. Enfim, o controle da violência depende das formas de organização das sociedades geradas pelas relações de interdependência e do jogo do poder dentro de cada uma delas.

Olhar para o passado, usando as lentes do processo civilizador, pode nos ajudar a descobrir por que mudanças e por quais mecanismos as Lutas Corporais modernas japonesas passaram, possibilitando que um conhecimento milenar, com objetivo bélico, se fizesse presente na contemporaneidade sem perder a sua essência.

### 2.3 Saigo no ugoki – Últimos movimentos

Nessa última seção, nos “últimos movimentos” do nosso *Kata*, abordaremos os conceitos expostos no título do nosso trabalho. Passaremos a conversar como os escritos de Michel Foucault em sua última fase. Nela, Foucault “aborda as temáticas da subjetivação e da ética, presentes nas obras História da Sexualidade II: o uso dos prazeres (1984) e História da Sexualidade III: o cuidado de si (1984), entre outras, além dos cursos do *Collège de France*” (WELLAUSEN, 2011, p. 11): A Hermenêutica do Sujeito (1981-1982), O governo de Si e dos Outros (1982-1983) e A coragem da Verdade: O governo de Si e dos Outros II (1983-1984). (Grifos nossos)

Não temos a pretensão de apresentarmos um estudo minucioso e pormenorizado de todas essas obras, até porque fugiríamos ao nosso objeto. Nossa intenção é deixar claro o conceito de *parrhêsia* e *psicagogia*, dentro do fenômeno do cuidado de si, para que sejamos capazes de identificar se há rastros dos mesmos na mudança e organização das Lutas Corporais Modernas japonesas, no ato educativo dos Mestres que as criaram, proferindo-as como uma verdade de si. Tentando entender as forças coercitivas externas e a adequação desses sujeitos a elas, que permitiram a adoção de uma verdade, uma verdade de si, construída pelo encontro como o outro.

É importante salientar que não há grandes choques nem contradições entre a Arqueologia e Genealogia de Foucault e o Processo Civilizador de Elias, os dois teóricos entendem as mudanças de comportamento como resultado de um processo de longa duração, resultado das relações de poder externos e da adequação interna ou autocontrole. No entanto, Foucault é mais claro quando aponta as fazes históricas do desenvolvimento da humanidade como processos de ruptura.

Nossas primeiras aproximações nos levaram inicialmente a consulta de alguns dicionários da língua portuguesa<sup>29</sup> e alguns dicionários eletrônicos<sup>30</sup>, para entender o conceito da palavra *parrhêsia* trazida à tona nos estudos de Foucault (2006, 2010). Inicialmente há uma alteração na grafia da palavra na língua portuguesa, não se encontra a palavra “*parrhêsia*” e sim “*parrésia*”.

No entanto, todos os dicionários trazem a sua origem grega, e o seu significado de forma geral é o “Atrevimento na oratória, franqueza, ousadia na fala”, o que não é de todo uma

<sup>29</sup> Míni Houaiss, Aurélio.

<sup>30</sup> Priberam, Infopédia, dicio e outros.

inverdade, mas, não chega a dar conta de toda a sua multiplicidade semântica, compreensão que fica mais clara com a arqueologia foucaultiana, assim seremos fieis a grafia como se encontra nos escritos<sup>31</sup>.

Nesta última fase, nos escritos de Foucault, vemos os resultados dos estudos sobre as práticas de subjetivação na constituição do sujeito da modernidade. Partindo da genealogia das práticas de subjetivação, o autor encontra nos gregos antigos a forma do sujeito acessar a verdade, a obrigação de falar a verdade assumindo o risco de perder até a própria vida com esse ato, a saber, a *parrhésia*.

Segundo Moiteiro & Mata (2016, p. 270), ao se debruçar sobre a antiguidade grega Foucault tem “como objetivo a realização de um *diagnóstico do presente*. A história genealógica do sujeito moderno, [...]”, seus estudos têm como premissa, pensar no que o sujeito contemporâneo diz sobre si hoje, os jogos de verdade que fazem com que digamos o que dizemos.

O olhar de Foucault (2006) se volta para o governo de si, o cuidado de si, depois dos seus estudos da “governamentalidade”, dos “dispositivos de segurança” , da análise do “pastorado” como uma “arte de governar os homens” (FOUCAULT, 2008), a preocupação de mostrar como o controle da política, através dos dispositivos do Estado, tem uma grande influência na vida dos indivíduos e da população.

(...). *A história da subjetividade* que faz Foucault, antes tratada pela análise das positivities da loucura, da doença, dos saberes, da delinquência e das formas de *governamentalidade*, agora concentrar-se-á na história do *cuidado* e das *técnicas de si* (MOITEIRO & MATA, 2016, p. 272). (Itálicos do autor)

Concordamos com Freitas (2015), que Foucault (2006), ao anunciar que “há algo de perturbador no princípio do cuidado de si”, parece buscar nessas práticas e na espiritualidade uma resistência ao controle da biopolítica em curso, e “que culminou em uma guinada ético-espiritual vertiginosa, na qual se delineiam caminhos cruciais para o enfrentamento dos principais dilemas que atravessam nosso presente”. (FREITAS, 2015, p. 300).

Como desdobramento desses estudos sobre o governo dos outros, Foucault passou a analisar o governo de si, o cuidado de si, estudando na antiguidade as práticas da constituição do sujeito e verdades na modernidade, sobre suas intenções Foucault (2006, p. 04) diz:

---

<sup>31</sup> Acreditamos que na tradução da obra de 2010, O governo de Si e dos Outros, houve uma alteração da grafia da palavra, aparecendo no livro “*parrésia*” o que não acontece nas outras obras do autor.

No presente ano, gostaria de me desprender um pouco deste exemplo preciso, bem como deste material particular concernente aos *afrodisia* e ao regime dos comportamentos sexuais e, deste exemplo preciso, extrair os temas mais gerais do problema “sujeito e verdade”. Mais exatamente: não pretendo, em caso algum, eliminar ou anular a dimensão histórica na qual tentei situar o problema das relações subjetividade/verdade, mas, ainda assim, gostaria de fazê-lo aparecer sob uma forma bem mais geral. A questão que apreciaria abordar nesse ano é a seguinte: em que forma de história foram tramadas, no Ocidente, as relações, que não estão suscitadas pela prática ou pela histórica habitual, entre estes dois elementos, o “sujeito” e a “verdade”. (Grifos do autor)

As análises do autor o leva a três momentos onde as práticas do cuidado de si surgem como um acontecimento cultural das práticas filosóficas da antiguidade, sendo eles “o ‘socrático-platônico’, a ‘idade de ouro da cultura de si’<sup>32</sup> e o ‘ascetismo cristão’, concentrando-se, assim, na constituição do sujeito por meio das relações de filosofia e espiritualidade”. (MOITEIRO & MATA, 2016, p. 273).

A relação entre filosofia e espiritualidade<sup>33</sup> que Foucault (2006) expõe em seus escritos sobre a hermenêutica do sujeito é o ponto central para que nos possibilite entender a função da *parrhêsia* e o que seria *psicagogia*. No curso de 1981, o autor relata que: “durante todo este período que chamamos de Antiguidade [...], a questão filosófica do ‘como ter acesso à verdade’ e a prática de espiritualidade [...] são duas questões, dois temas que jamais estiveram separados”. (FOUCAULT, 2006, p. 21). Ao trazer à tona a discussão em torno da espiritualidade, como fundamento do cuidado de si, o autor recoloca “em questão problemas e temáticas cruciais, no entanto recalçadas pelo projeto pedagógico da modernidade”. (FREITAS, 2015, p. 300).

No curso de Foucault (2010, p. 42-43) sobre os estudos da direção da consciência e das práticas do cuidado de si, ele traz à tona a ideia da *parrhêsia* como fundamento dessas práticas e explica que:

Um dos significados originais da palavra grega *parresía* é o "dizer tudo", mas na verdade ela é traduzida, com muito mais frequência, por fala franca,

<sup>32</sup> Período da filosofia helenista e romana.

<sup>33</sup> Cabe aqui os conceitos do que Foucault (2006, p. 19) chama de filosofia e espiritualidade. “Chamemos de ‘filosofia’, se quisermos, esta forma de pensamento que se interroga, não certamente sobre o que é verdadeiro e sobre o que é falso, mas sobre o que faz com que haja e possa haver verdadeiro e falso, sobre o que nos torna possível ou não separar o verdadeiro do falso. Chamemos de ‘filosofia’ a forma de pensamento que se interroga sobre o que permite ao sujeito ter acesso à verdade, forma de pensamento que tenta determinar as condições e os limites do acesso do sujeito à verdade. Pois bem, se a isto chamarmos de ‘filosofia’, creio que poderíamos chamar de ‘espiritualidade’ o conjunto de buscas, práticas e experiências tais como purificações, as ascetes, as renúncias, as conversões do olhar, as modificações de existência, etc., que constituem, não para o conhecimento, mas para o sujeito, para o ser mesmo do sujeito, o preço a pagar para ter acesso à verdade”.

liberdade de palavra, etc. Essa noção de parresía, que era importante nas práticas da direção de consciência, era, [...], uma noção rica, ambígua, difícil, na medida em que, em particular, designava uma virtude, uma qualidade (há pessoas que têm a parresía e outras que não têm a parresía); é um dever também (é preciso, efetivamente, sobretudo em alguns casos e situações, poder dar prova de parresía); e enfim é uma técnica, é um procedimento: há pessoas que sabem se servir da parresía e outras que não sabem se servir da parresía. E essa virtude, esse dever, essa técnica devem caracterizar, entre outras coisas e antes de mais nada, o homem que tem o encargo de quê? Pois bem, de dirigir os outros, em particular de dirigir os outros em seu esforço, em sua tentativa de constituir uma relação consigo mesmo que seja uma relação adequada. Em outras palavras, a parresía é uma virtude, dever e técnica que devemos encontrar naquele que dirige a consciência dos outros e os ajuda a constituir sua relação consigo. [...] Em outras palavras: não se pode cuidar de si mesmo, se preocupar consigo mesmo sem ter relação com outro. E o papel desse outro é precisamente dizer a verdade, dizer toda a verdade, ou em todo caso dizer toda a verdade necessária, e dizê-la de uma certa forma que é precisamente a parresía [...]. (Grifos nossos)

Nosso interesse é entender se os Mestres fundadores do Judô, Aikido e do Karatê, poderiam ser chamados de parrrhesiastas, se nesse encontro dos Mestres como seus aprendizes, balizado pelos conhecimentos das antigas artes da guerra, agora renovadas como práticas educativas, havia uma fala verdadeira, um franco falar. A fala de uma verdade capaz de conduzir a consciência dos seus aprendizes, e muito além disso, capaz de modificar o próprio sujeito, a alma desse sujeito, deixando de ser um encontro pedagógico, passando a ser um encontro psicagógico<sup>34</sup>.

A [psicagogia] greco-romana estava ainda muito próxima da pedagogia. Ela obedecia a mesma estrutura geral segundo a qual é o mestre que mantém o discurso de verdade. O cristianismo, por sua vez, irá desvincular a psicagogia da pedagogia, solicitando à alma – à alma que é psicagogizada, que é conduzida – que diga uma verdade; verdade que somente ela pode dizer, que somente ela detém e que não constitui o único, mas é um dos elementos fundamentais da operação pela qual seu modo de ser será modificado. É nisso que consistirá a confissão cristã (FOUCAULT, 2006, p. 494).

---

<sup>34</sup> Sobre a diferença entre pedagogia e psicagogia, Foucault diz o seguinte: “Chamemos, se quisermos, ‘pedagógica’ a transmissão de uma verdade que tem por função dotar um sujeito de qualquer de aptidões, capacidades, saberes, etc., que ele antes não possuía e que deverá possuir no final dessa relação pedagógica. (...), podemos, creio, chamar ‘psicagógica’ a transmissão de uma verdade que não tem por função dotar um sujeito qualquer de aptidões, etc., mas modificar o modo de ser do sujeito a quem nos endereçamos. (...), na relação psicagógica, o peso essencial da verdade, a necessidade do dizer verdadeiro, as regras às quais é preciso. submeter-se ao dizer a verdade, para dizer a verdade e para que a verdade possa produzir seu efeito – a saber o de mutação do modo de ser do sujeito -, tudo isso incide do lado do mestre, do diretor, ou ainda do amigo, de todo modo, o lado de quem aconselha” (FOUCAULT. 2006, p. 493).

É fecundo pensar as Lutas Corporais modernas japonesas para além de um conjunto de técnicas corporais. Pensá-las como um processo que possibilita o conhecimento de si, o cuidado de si mesmo, em um encontro com o outro, possibilitando transformar a alma dos sujeitos em encontro psicagógico.

Pensá-las como base para experiências não só do “conhece-te a ti mesmo<sup>35</sup>”, mas, e principalmente, do cuidado de si mesmo”. Uma experiência possibilitada por um encontro dialógico, por uma fala franca, uma escuta atenta, que permite ao aprendiz não só ser dotado de um conhecimento, mas para além, seja capaz de modificar o seu próprio ser. Dotá-lo de uma verdade, que permite ser ele mesmo sujeito de sua verdade, e assim, o permita ocupar-se dos outros.

Pensar neste encontro fecundo, que ainda pode ocorrer nas Lutas Corporais modernas japonesas, é de certa forma se afastar das duas perspectivas atuais da pedagogia descritos por Bondia (2002 p. 20), onde “o campo pedagógico tem estado separado entre os chamados técnicos e os chamados críticos, entre os partidários da educação como ciência aplicada e os partidários da educação como práxis política.”

Pensá-las como uma filosofia, como espiritualidade, possibilitada por um “franco falar”, ou seja, como *psicagogia*, é ficar mais próximo de uma prática, que nos parecer, como diz Bondia, “mais existencial (sem ser existencialista) e mais estética (sem ser esteticista), (...) a partir do *par experiência/sentido*” (IBIDEM). (Itálicos do autor).

A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. [...], experiência [é] a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço” (IDEM, p. 24).

---

<sup>35</sup>No início do curso de 1981, Foucault apresenta o significado do termo “*Epiméleia heautoû* (que) é o cuidado de si mesmo, o fato de ocupar-se consigo, de preocupar-se consigo, etc. Pode-se objetar que, para estudar as relações entre sujeito e verdade, é sem dúvida um tanto paradoxal e passavelmente sofisticados, escolher a noção de *epiméleia heautoû* para a qual a historiografia da filosofia, até o presente, não concedeu maior importância. É um tanto paradoxal e sofisticado escolher esta noção, pois todos sabemos, todos dizemos, todos repetimos, e desde muito tempo, que a questão do sujeito (questão do conhecimento do sujeito, do conhecimento do sujeito por ele mesmo) foi originalmente colocado em uma fórmula totalmente diferente e em um preceito totalmente outro: a famosa prescrição delfica do *gnôthi seautón* (‘conhece-te a ti mesmo’). Assim, enquanto tudo nos indica que na história da filosofia – mais amplamente ainda, na história do pensamento ocidental – o *gnôthi seautón* é sem dúvida, a fórmula fundadora da questão das relações entre sujeito e verdade, [...]”. (FOUCAULT, 2006, p. 4-5). (Itálicos do autor)

Por fim, pensar em uma prática “que nos acontece”, que nos “ex-põe”, que seja paixão, que seja única por que somos os únicos que podemos vivê-la, e que possibilite uma transformação.

Julgamos assim, que Bondia (2002) consegue-nos dá um panorama de *psicagogia* como experiência, como acontecimento, como frutífero encontro como o outro, de quem se teve uma escuta atenta, escuta de uma fala franca, que permite a condução da alma, que permite a transformação do próprio sujeito em um sujeito de sua própria verdade.

Acreditamos assim, termos definido os contornos necessários para seguirmos com o nosso trabalho, estando aptos a observar as mudanças de comportamento, o habitus que se estabeleceu entre os praticantes das Lutas Corporais, como também, a verdade dita pelos seus Mestres fundadores, e se, essa verdade é capaz de produzir um cuidado de si por parte de seus aprendizes, por ser essa verdade advinda de fala franca.

Passaremos agora a investigar como na história das relações humanas surge as Lutas Corporais, porque condições, sua epistemologia e sua história. Como os homens em seu processo de hominização e humanização foram obrigados a utilizar e desenvolver esse conhecimento que nos acompanha até os nossos dias, assim, veremos os aspectos históricos e epistemológicos da Luta Corporal, o que eram em sua radicalidade, e as forças conjunturais que permitiram o seu crescimento e desenvolvimento como elemento da cultura humana.

### 3 O *BUDO* – O CAMINHO MARCIAL

Não existe nada fora de você que permita que você se torne melhor, mais forte, mais rico, mais rápido ou mais inteligente. Tudo vem de dentro. Tudo existe. Não procure nada fora de si mesmo (Miyamoto Musashi, 1584-1645).

Nesta parte do trabalho falaremos sobre a dimensão histórica e epistemológica de nosso objeto, a Luta Corporal como um conhecimento produzido pelo homem. As Lutas Corporais são o resultado de milhares de anos de sínteses, que revelam toda uma beleza e plasticidade potencial do movimento humano. No início, a Luta Corporal nada mais era que pura ação instintiva e primitiva à reação do perigo<sup>36</sup>, e que, como o passar dos milênios foram aprendidas, desenvolvidas e repassadas às gerações futuras.

Esse é o caminho que vamos percorrer neste capítulo que chamamos de “O *Budo*”. Para quem está familiarizado com as Lutas Orientais, esta é uma expressão corriqueira. De forma usual e romantizada, significa “o caminho marcial”. Mas também pode significar de forma mais prática “o caminho das artes marciais japonesas”, é a primeira definição que vamos nos afiliar nesta parte do texto.

Tentaremos neste capítulo discutir o surgimento da Luta corporal na dinâmica da vida e como ela se desenvolve como uma atividade ligada ao mundo social. Por fim tentaremos mostrar as dificuldades de trabalhar hoje a Luta Corporal como prática educativa.

#### 3.1 O *Bushido*<sup>37</sup> – Caminho do Guerreiro

A Luta Corporal adquiriu ao longo da história sentidos e significados diferentes para a humanidade. Esteve, e ainda está presente, nas mais diferentes culturas, tanto ocidental como oriental. Abbagnano (2007) revela que as lutas fazem parte dos conflitos existentes nas organizações da sociedade e podem ser entendidas dentro da teoria do jogo social. Luta-se por

---

<sup>36</sup> Sobre o desenvolvimento do controle das emoções como parte da construção da humanidade, ver o texto SOBRE OS SERES HUMANOS E SUAS EMOÇÕES: um ensaio sob a perspectiva da sociologia dos processos, de Norbert Elias (2009). Neste ensaio, Elias mostra que o perigo e o medo, prepara o corpo dos seres humanos e não humanos para duas reações: correr ou lutar.

<sup>37</sup> Ao longo do trabalho faremos uma longa discussão sobre o *Bushido*.

interesses individuais ou de grupos, para manutenção ou oposição a certos aspectos da vida social, e por motivos tão diversos, quanto é diversa a sociedade.

Podemos dizer com certa segurança que a Luta Corporal acompanha a vida do homem desde seu processo de hominização<sup>38</sup>. Mas, não é algo fácil precisar sobre acontecimentos ou fenômenos que ocorreram em um período de onde se tem informação ínfimas, e essas, não são tão precisas.

O que nos leva a um quadro apoiado em fragmentos de comportamentos vistos ainda em comunidades primitivas isoladas em estado pré-histórico<sup>39</sup>, estudos paleontológicos e primatológicos, que revelam o que poderia ter sido o comportamento dos nossos ancestrais mais próximos.

No que diz respeito à biologia, o homem é igual a todos os outros animais vertebrados: nasce, envelhece e morre. Ele precisa de ar para respirar, precisa de alimento para comer, evacuar, copular, em resumo obedecem aos caminhos naturais impostos pela evolução das espécies. No entanto o que nos diferencia é que

as outras criaturas, quando têm que encarar um problema que a sua biologia hereditária não pode resolver, têm que mudar de qualquer forma os seus mecanismos biológicos, antes que se extingam. O homem, e só ele, quando chega à conclusão que a sua biologia é inadequada, escapa à extinção, não por intermédio de um reajustamento de sua biologia, mas pela adopção de uma forma de comportamento inteiramente diferente. É isso que está sob a forma de atividade não-biológica ou extra somática e que os antropólogos chamam cultura. (TITIEV, 1963, p. 12).

Por este mecanismo o homem conseguiu triunfar onde animais, aparentemente mais fortes, fracassaram e foram levados a extinção, por sua capacidade de reter, modificar, aplicar e, principalmente, transmitir aos mais próximos suas experiências através dos diferentes tipos de linguagens<sup>40</sup>.

Segundo Titiev (1963), de forma geral, o que separa a linha evolutiva do homem em comparação com os outros primatas do seu gênero, é a sua postura bípede e ereta, com os

---

<sup>38</sup> Hominização é um termo usual da antropologia que se refere aos passos evolutivos do homem como espécie. Como a ciência não desvendou todos os passos do processo de evolução da espécie humana, um artifício utilizado para remontar aspectos da vida dos hominídeos pré-históricos é a recorrência a estudos da primatologia, em especial os dos Gorilas e chimpanzés, espécies mais próximas do homem na árvore evolutiva (TITIEV, 1963).

<sup>39</sup> Segundo a FUNAI (Fundação Nacional do Índio), há no Brasil referências de 69 grupos de indígenas em estado de isolamento. Alguns desses grupos nunca tiveram contato como os “homens brancos, e a política da FUNAI hoje é de não os contatar, evitando, por exemplo, a mortalidade por aquisição de doenças das quais estes índios não teriam anticorpos. Sobre o assunto ver a página oficial do órgão na web: [www.funai.gov.br](http://www.funai.gov.br).

<sup>40</sup> Sobre o desenvolvimento da linguagem dos nossos antepassados primitivos ver: <http://www2.assis.unesp.br/darwinnobrasil/humanev2.htm>

membros superiores livres e o polegar opositor. Estas diferenças permitiram que os primeiros ancestrais do homem desenvolvessem e usassem utensílios e ferramentas complexas, iniciando o processo de humanização.

Segundo Elias, no processo evolutivo a capacidade dos descendentes dos homens em aprender tornou-se um diferencial importante, a

hipótese é de que o equilíbrio de forças entre as condutas adquiridas e inatas tomou um novo rumo. Pela primeira vez no processo evolutivo, os aspectos adquiridos do direcionamento do comportamento tornaram-se clara e inconfundivelmente superior em relação aos aspectos inatos (ELIAS, 2009, p. 26).

Quanto a seus hábitos e costumes é um pouco mais complicado de se relatar, como já exposto anteriormente. Pode-se dizer que foi no paleolítico (que começou por volta 1 milhão a 20.000 A.C.) que os homínídeos pré-sapiens, entre eles o ancestral direto do homem moderno surgiu. Segundo Titiev (1963), essas primeiras gerações, antes de acumularem e repassarem seus conhecimentos a outras gerações, por imitação, repetição, desenhos rupestres e finalmente a linguagem oral, deviam comportar-se e terem hábitos parecidos com os outros primatas superiores (chimpanzés e gorilas)<sup>41</sup>.

Os primeiros ancestrais do homem viviam em pequenos bandos, provavelmente com certo grau de parentesco, o número de indivíduos variava de acordo com a oferta de comida existente na área habitada. Eram coletores, alimentavam-se de frutas, ervas, raízes e carne provindas da carcaça de animais mortos por outros predadores. O clima nas regiões e períodos em que viveram determinava o tipo de moradia. Podiam habitar ao ar livre em região de clima tropical e em cavernas nas regiões mais frias<sup>42</sup>.

Mas é preciso lembrar que não podemos uniformizar as condutas nem muito menos as formas de organização social que surgiram com o aparecimento da própria espécie, principalmente com o passar dos milênios. Uma característica fundamental dos seres humanos é sua diversidade nas formas de organização e administração da vida social, fruto das ligações

---

<sup>41</sup> Segundo Elias (2009, p. 23) é preciso cautela no uso dos estudos da primatologia para ajudar a explicar a evolução humana. “O estudo dos macacos é freqüentemente usado como um substituto para diagnosticar a real evolução da humanidade. Mas os macacos pertencem a uma linha primitiva paralela, próxima dos ancestrais humanos diretos. Seu estudo pode ser enganoso; pode desviar a atenção da necessidade de se construir, ao menos através de hipótese, modelos das fases desaparecidas do processo evolutivo – modelos que podem indicar sua estrutura, ajudando assim a explicar quais inovações evolutivas deram vantagens à espécie sobrevivente.

<sup>42</sup> A pele humana foi uma das grandes adaptações biológicas que permitiram o homem habitar as mais diversas partes do mundo. A pele é um dos órgãos responsáveis pela homeostase, isso permitiu que em diferentes climas o cérebro humano se mantivesse em uma temperatura ideal.

e interrelações de cada grupamento humano, as configurações. Elias (1994b) ao falar da relação entre indivíduo e sociedade nos lembra que:

Quaisquer que tenha sido os ancestrais da humanidade, o que veremos, até onde nos é possível divisar no passado, é uma cadeia ininterrupta de pais e filhos, aos quais, por sua vez, se tornam pais. [...]. Todo indivíduo nasce num grupo de pessoas que já existiam antes dele. E não é só: todo indivíduo constitui-se de tal maneira, por natureza, que precisa de outras pessoas que existam antes dela para poder crescer. Uma das condições fundamentais da existência humana é a presença simultânea de diversas pessoas inter-relacionadas. [...]. Ao nascer, cada indivíduo pode ser muito diferente, conforme sua constituição natural. Mas é apenas na sociedade que a criança pequena, com suas funções mentais maleáveis e relativamente indiferenciada, se transforma num ser mais complexo. Somente na relação com outros seres humanos é que a criatura impulsiva e desamparada que vem ao mundo se transforma na pessoa psicologicamente desenvolvida que tem o caráter de um indivíduo e merece o nome de ser humano adulto. Isolada dessa relação, ele evolui, na melhor das hipóteses, para a condição de um animal humano semi-selvagem (ELIAS, 1984b, p. 26-27).

As formas resultantes da evolução da espécie, que propiciaram uma adequada adaptação à vida, juntamente com a capacidade de produzir mais do que respostas pré-estabelecidas, combinadas ao desenvolvimento de formas de transmissão dessas informações em diferentes teias de relacionamento, dotaram a espécie humana da capacidade de habitar e dominar praticamente todos os ambientes, dos desertos áridos às extremidades geladas do planeta.

Mas é certo que, em todos os ambientes que a espécie humana foi habitando e em todos os grupos sociais que foram se desenvolvendo, o homem teve que utilizar os seus atributos físicos para lutar corporalmente, porque a princípio, na sua radicalidade, a Luta Corporal é uma resposta inata dos seres humanos as experiências de perigo.

Falando de forma ampla, as emoções possuem três componentes: um somático, um comportamental e um componente de sentimento. Um exemplo bem conhecido é a reação de luta ou fuga. A experiência de perigo ativa um padrão de reação mais ou menos automático, que gera um novo direcionamento ao organismo. Esse modelo de reação tem um valor de sobrevivência óbvio. Ele prepara o organismo para movimentos rápidos e fortes, para as duas grandes alternativas necessárias no sentido de lidar como o perigo físico, luta ou fuga. Há um componente somático. A digestão pode tornar-se mais lenta, o coração pode bater mais rápido. Há um componente motor. Mais sangue é bombeado dentro dos músculos esqueléticos, fazendo como que os braços e as pernas fiquem prontas para lutar ou fugir. E há um componente de sentimento usualmente descrito como medo ou ira. (ELIAS, 2009, p. 37).

Deve-se levar em consideração que as primeiras gerações da nossa espécie demoraram milhares de anos para que as respostas apreendidas superassem as de influência filogenética, respondendo de forma inata às ameaças e aos perigos, lutando por sua sobrevivência e garantindo a manutenção e desenvolvimento da espécie.

Comparando nossos ancestrais com seus primos na cadeia evolutiva (os chimpanzés e gorilas), tinham, pelo formato do seu crânio, dificuldade na mobilidade da língua e por isso pouca comunicação oral. Por este motivo é fácil imaginar que as respostas aos problemas cotidianos fossem resolvidas por linguagem corporal.

Outro elemento importante que possibilitava o uso mais extensivo das formas primitivas das Lutas Corporais foram os frágeis laços de interdependência e o pouco equilíbrio do poder nas relações sociais, que possibilitavam uma maior violência nas configurações.

Segundo a teoria elisiana<sup>43</sup>, quanto menor a interdependência entre membros de uma mesma comunidade, provocada pelas tênues relações que mediam o equilíbrio e divisão do poder e, menor for o controle social por uma liderança central pré-estatal, com os seus mecanismos de repressão, maior pode ser a utilização da força física por parte de seus integrantes em suas interrelações.

Não foram apenas a reação inata às experiências do perigo e os conflitos interpessoais dentro das primeiras configurações, em milhares de anos de vida destes ancestrais, que os fizeram utilizarem seus atributos físicos. É muito provável que tenham entrado em choque com outros homínidos com quais coexistiram<sup>44</sup>, com outras tribos e grupamentos humanos, como também, tenham lutado com outros predadores que viveram no mesmo espaço tempo.

Assim, a Luta Corporal, na sua radicalidade, foi uma resposta inata e depois apreendida às experiências de perigo e de sobrevivência, onde os homens e mulheres usaram ações de ataque, defesa e de controle, com movimentos de membros superiores, inferiores e de cabeça, para defenderem suas vidas, suas formas de organização social, seus valores contra outras espécies e grupamentos humanos.

Os conflitos de natureza interna possivelmente tenderam a diminuir com o fortalecimento das interrelações proporcionado pela complexificação da organização da vida social. Isso não quer dizer que o homem não tenha mais sofrido ameaças ou lutado internamente pelos diferentes motivos gerados pelos múltiplos interesse e necessidades, fato verificado ainda em nossos dias.

---

<sup>43</sup> Para mais detalhes ler O Processo civilizador Vol.2: Formação do Estado Civilização, 1993.

<sup>44</sup> Sobre as linhas evolutivas do homem acessar: <http://www2.assis.unesp.br/darwinnobrasil/humanev2b.htm>

Mas, no que diz respeito às novas configurações, segundo Godelier (1971), o homem passou a ser mais cooperativo e interdependente desenvolvendo formas diferentes de responder às adversidades impostas a seu grupo.

Elias (2009, p. 37), nos mostra que:

Até certo ponto os seres humanos compartilham este modelo de reação com espécies não humanas. Entretanto, há diferenças marcantes. No caso dos animais, incluindo os macacos, o componente comportamental da síndrome do medo ou ira é relativamente estereotipado; é enquadrado dentro de um rígido modelo de espécies específicas. No caso dos seres humanos, esse modelo é capaz de uma diversificação muito maior conforme situações e experiências anteriores diferentes.

O que os homens apreenderam, desenvolveram e passaram à frente, nas suas experiências em reações ao perigo, no que diz respeito à luta, diuturnamente transformaram-se em um importante acervo de respostas motoras para enfrentar os desafios impostos à espécie humana, contra outros homínídeos e feras de sua coexistência.

O homem que chegou ao Mesolítico (que dura de 20.000 a 6000 A.C.), dominou vários tipos de ambientes, já que há vestígios humanos desta época espalhado pelas mais inóspitas regiões do globo. É neste período que o homem consegue uma grande conquista: a domesticação do primeiro animal, o cão.

É provável que a Luta Corporal tenha adquirido novos sentidos. As ferramentas desenvolvidas pelo homem primitivo como facas, lanças e machados, mesmo de pedra, dava condições de vantagens a seu possuidor, mesmo ele sendo desprovido de força física, frente a animais bem maiores.

Outro fato que Godelier (1971, p.179) levanta é de que algumas sociedades primitivas de caçadores desenvolveram formas de diminuir a tensão entre o grupo, como por exemplo, um ritual de divisão da caça de forma que todos tivessem o seu pedaço. Também foi observado que em tribos de caçadores primitivos, a liderança era compartilhada entre os anciões e os mais experientes na caça.

No entanto, a segurança do grupo era uma necessidade crescente. O processo de desenvolvimento social, como também, os processos de controle e domínio da natureza, que se desenvolveu de forma diferente para cada grupo humano, gerou tensões e conflitos inevitáveis em prol da subsistência, lutar passou a ser uma necessidade cada vez mais presente.

Como as informações e artefatos deste período são poucos, provavelmente pelos processos de mudança porque passou a terra, é difícil apontar todos os sentidos que a Luta teve

no decorrer do período. No entanto, a hipótese a ser levantada, para um desses sentidos, é de que a Luta serviria como forma de preparar os guerreiros das tribos, iniciá-los e até mesmo como forma de se preparar para o combate com inimigos de tribos não amistosas.

A noção de preparo neste período já era algo bem desenvolvido. Armas como arco e flecha, lanças e facas necessitavam de treino para serem bem utilizadas para a caça. Da mesma forma como a caçada coletiva necessitava de preparação. Provavelmente, a Luta Corporal também foi praticada em rituais para homenagear os deuses, nos assaltos ocasionais e nos assassinatos esporádicos (TITIEV, 1963).

No Neolítico (6.000 a 4.000 A.C.) em especial, ocorrem fatos que marcaram a humanidade para sempre. Nesta época o homem já havia acumulado milhões de anos de informações e tinha iniciado a sua vitória frente às forças da natureza. Era possível encontrar a espécie humana nos mais inóspitos lugares da Terra. O fogo já era conhecido e controlado. Tinham desenvolvido os instrumentos necessários para modificar a sua relação com o mundo e com os outros homens.

É nesta época que o homem inicia a domesticação das plantas e de outros animais, tornando-se assim, menos dependente das intempéries da natureza e da ameaça que ela representava a espécie humana<sup>45</sup>. O surgimento da agricultura mudou toda a relação que o homem tinha consigo mesmo e com o mundo que habitava.

A agricultura permitiu que o homem fosse o produtor dos bens para o seu próprio consumo. Inicia-se neste período a divisão social do trabalho e o desenvolvimento das categorias ou funções sociais. Isso não ocorre com todos os povos em uniformidade, fomentando os primeiros conflitos entre povos: as guerras.

Pela primeira vez na história da humanidade, deve ter havido grupos de caçadores e coletores de gêneros alimentícios, que olhavam com inveja para os prósperos vizinhos agricultores, principalmente no fim do outono ou no inverno, quando a caça era escassa e os produtos botânicos selvagens não podiam ser colhidos (TITIEV, 1963, p.127).

---

<sup>45</sup> Elias (1985, p. 19) mostra que “devido ao mal-estar que a natureza neles provoca, os homens vêm trabalhando, há muitos milhares de anos, como o objetivo a curto prazo, no sentido de domesticarem a selvática, indômita e perigosa natureza da Terra. Eles desbravaram as florestas primitivas e transformaram-nas em campos de cultivo e em jardins. Em algumas regiões lograram exterminar os lobos, os gatos selvagens, as cobras venenosas, tudo o que lhes era hostil. Agora, nestas regiões, podem caminhar pacificamente e sem perigo pelos campos e achar bela a natureza, entretanto domesticada e pacificada pelos homens”.

A agricultura ao longo deste período formatou os alicerces para a Antiguidade Clássica. A descoberta da roda, a invenção da tecelagem, a construção de moradias e benfeitorias entre outras descobertas e invenções que são até hoje utilizadas.

Segundo Godelier (1971), com a agricultura surgiu também as primeiras formas primitivas de Estado, indivíduo ou grupos que controlavam os meios e o excedente da produção e as classes formadas por outros grupos socioprofissionais que ampliavam o sucesso da espécie humana. O surgimento da organização social pré-estatal é um grande contributo para o surgimento e desenvolvimento de novas formas de Lutas Corporais.

A organização em sociedades pré-estatais preconiza a formação de um aparelho repressor, os responsáveis em: manter a ordem; fazer com que as leis e acordos estabelecidos sejam cumpridos; e a proteção dos indivíduos das ameaças externas. Esta classe, que surge em praticamente todo o mundo e perdura até hoje, foram as responsáveis pelo avanço e sistematização das Lutas Corporais.

A agricultura gerou a Luta Corporal como atividade bélica, possibilitando a condição vital para liberdade, posse da terra e consequente produção de bens para o consumo, em primeiro plano, para a comunidade familiar e a posterior para o estado.

A guerra é, portanto, a grande tarefa que a todos compete, o grande trabalho comunal, e se faz necessária, seja para a ocupação das condições objetivas de existência, seja para a proteção e perpetuação de tal ocupação (MARX, 1991, p. 69).

Marx (1991) explica que a força no Estado primitivo estava nos que possuíam ou eram proprietários de terras, a eles cabiam a defesa do “*ager publicus*”<sup>46</sup>. A formação estatal era uma aliança e ao mesmo tempo uma garantia contra os inimigos externos e diz que, “A sobrevivência da comuna é a reprodução de seus componentes como camponeses auto-suficientes, cujo tempo excedente pertence, precisamente, à comuna, para a guerra, etc.” (IBIDEM, p. 71).

Os autores, acima citados, reforçam a importância da agricultura e de outras evoluções tecnológicas, reconhecidas por Souza (2003), como sendo o controle dos eventos extranaturais<sup>47</sup>, ponto importante para o processo civilizador.

---

<sup>46</sup> Na obra Formações econômicas pré-capitalistas, o termo “*Ager publicus*” é traduzido como “terra comum” que seria usada para as necessidades comuns da comunidade.

<sup>47</sup> O controle sobre os eventos extranaturais; o domínio das relações interpessoais; e o desenvolvimento do autocontrole, Segundo Souza (2003, p. 07), é um constante na vida das sociedades humanas, que serve de aporte na interpretação de diferentes problemáticas; políticas, religiosas, relações de poder, de gênero, em atividades artísticas e esportivas, como esfera importantes de um processo civilizador ao quais todos nós estamos submetidos.

Vale citar que é deste período o mais antigo documento que registra a prática das Lutas Corporais pelo homem, uma peça de bronze, descoberta em 1938, em escavações na Mesopotâmia: a peça, que mostra dois lutadores em ação, é procedente da Suméria, e data de 5000 a.C.

A Idade dos Metais (4.000 a 1500 A.C) é marcada por dois fatos importantes até os dias atuais. Segundo Titiev (1963), o primeiro, é a descoberta e controle dos metais, a metalurgia; e a outra e a invenção da escrita. Não havia mais o risco da perda das tradições e conhecimentos a serem passadas as futuras gerações, o homem podia eternizá-las através da escrita.

Desta época data o surgimento de grandes civilizações, das quais, algumas perduram até hoje: a Chinesa, a Hindu, a Egípcia, a Grega etc. É um período marcado pelos avanços trazidos pela metalurgia, principalmente pelo ferro. Neste período os homens intensificaram as campanhas bélicas, as invasões e conquistas fazendo dos guerreiros uma classe social indispensável. As atividades guerreiras foram o principal fator que colocou a Luta Corporal e com armas, nas práticas diárias da maioria dos povos do mundo até a modernidade.

É importante perceber que o aprendizado e utilização das Lutas Corporais eram restritas aos guerreiros, que por sua vez, era uma classe composta por homens livres, proprietários de terras, nobres e integrantes distintos de seu povo. Só os abastados da sociedade podiam praticar as Lutas Corporais.

É do fim da Idade dos Metais e início da Antiguidade (que vai do fim da Idade dos Metais até a queda do Império Romano do Ocidente) que as fontes históricas permitem um entendimento maior sobre a vida dos povos antigos. Todo o exposto até o momento é importante para termos a noção da trajetória e evolução do homem em consonância com a Luta Corporal.

Também é importante para que se possa perceber que não é na Antiguidade, com os jogos gregos, que aparecem as práticas das Lutas Corporais. Como vimos esta atividade surgiu e se desenvolveu com o processo de desenvolvimento da espécie humana e suas relações em sociedade.

É importante lembrar que na sua origem, a Luta Corporal foi uma resposta à sobrevivência. Instintivamente os homens lutaram para sobreviver e para que o mais forte liderasse e protegesse o grupo, a força da seleção natural, inegável a condição dos primeiros descendentes do homem<sup>48</sup>. Lutaram pelo direito de passar a frente os genes dos mais fortes e aptos. Este princípio da proteção e da sobrevivência não se perdeu com os milênios.

---

<sup>48</sup> Sobre a evolução das espécies ver: DAWKINS, Richard. O maior espetáculo da Terra: as evidências da evolução. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

O que ocorreu foi que as formas de organização social se ampliaram e os confrontos cresceram na mesma medida, tanto que, segundo Godelier (1971), há várias teorias, muito aceitas, que remontam as lutas e conflitos a criação e desenvolvimento das organizações políticas. As guerras seriam a origem do Estado e a forma pela qual o mesmo se desenvolveria e sobreviveria. Esta ideia tem sido defendida desde antiguidade e são expressas por filósofos, historiadores, sociólogos entre outros.

O sociólogo Gumpłowicz sustentou que toda cultura é resultado do conflito de grupos. [...] na aurora da organização humana, os grupos eram unidos por vínculos de parentesco e viviam em relativa paz. Com o passar do tempo, no entanto, um choque entre o interesse dos diversos grupos levou ao conflito. Os grupos lutavam entre si até que o mais forte tivesse subjugado o mais fraco. [...]. Assim apareceu um grupo governante e um grupo explorado. (GODELIER, 1971, p. 117)

De certo que não foi só pela guerra que a humanidade se desenvolveu, as alianças e a paz também tiveram papel importante na evolução social humana, mas é inegável que a mistura cultural provocada pelas conquistas de povos sobre seus vizinhos legou a humanidade um tesouro de inestimável valor. Isso porque, na aliança nem tudo é compartilhado e dividido. Na conquista a posse é inevitável.

Segundo Elias (1998), o desenvolvimento social é um processo. Este envolve múltiplos elementos, e um deles é o acúmulo de conhecimento. Estamos tratando aqui, neste trabalho, de um objeto no qual mostramos surgir com o próprio homem. A Luta Corporal desta forma é parte deste processo evolutivo histórico do homem. Quando nossos primeiros ancestrais lutaram pela sobrevivência, o fizeram inicialmente de forma instintiva.

Segundo a teoria Elisiana o que ocorreu a partir daí foi o processo civilizador. Nossos ancestrais em um dado momento passaram a utilizar este conhecimento, a Luta Corporal e as ferramentas nela empregada, passaram a ter outros fins, que não só o puro instinto de se defender <sup>49</sup>.

Eles sintetizaram este conhecimento acumulado, assim como também o fizeram com outros, tais como: a linguagem, o uso de utensílios, as estratégias para a caça, etc, e passaram para as gerações posteriores, que por sua vez, a cada nova descoberta, ampliava e sintetizava os conhecimentos em níveis mais altos de forma a aumentar os recursos das próximas gerações.

---

<sup>49</sup> Elias (1985, p. 25-26), ao desenvolver seu texto sobre a condição humana, ao falar na ameaça que o homem representa ao próprio homem, comenta “É de supor que, já na Idade da Pedra, grupos humanos rivais se estimulavam reciprocamente no sentido do aperfeiçoamento das suas armas de pedra”.

O que estamos tentando retratar aqui é o processo evolutivo da Luta Corporal. Segundo Elias (1998) o processo evolutivo é cego. É impossível afirmar factualmente que há uma direção, imposta por grupos, instituições ou pessoas, que conduzam o processo evolutivo.

Quando os nossos primeiros ancestrais começaram a ensinar, as gerações posteriores a lutar, não tinham em mente que centenas ou milhares de anos depois, este conhecimento seria melhorado, alcançando um elevado grau de complexidade, e utilizado por milhares de homens para invadir, pilhar e matar em guerras, em locais que eles nem imaginavam que existiam.

Por certo, eles tinham em mente que as futuras gerações poderiam usar seus conhecimentos para se defenderem de ameaças concretas, tais como grupos rivais da mesma região ou de feras que ameaçassem suas vidas, tendo mais êxito nos desafios enfrentados.

O que ocorreu foram respostas aos problemas impostos pela dinâmica social. Em todos os avanços dados pelos nossos ancestrais, novos problemas se apresentavam e respostas eram necessárias. Como o processo evolutivo envolve múltiplos elementos, que se relacionam e se encadeia dinamicamente, o desenvolvimento da Luta Corporal foi uma resposta às necessidades impostas aos homens em diferentes épocas e configurações.

Saindo da condição instintiva de dominar e proteger o grupo em sua condição de coletor de alimento, o homem usou as Lutas Corporais aprendidas e desenvolvidas para melhorar suas habilidades na condição de caçadores. Em seguida, foram utilizadas para defender suas posses e terra na sua condição de produtores e criadores de alimentos, passando também a ser usada para atacar em busca de novas terras para além de seus domínios.

Em cada passo dado pelo homem em sua trajetória, em direção aos nossos dias, ocorreram ampliações dos conhecimentos e uma síntese cada vez mais elevada, que podia ser incorporada por cada geração posterior e é neste processo rumo à civilização que a Luta Corporal foi tomando novos sentidos para a humanidade.

A Antiguidade vai marcar a diversificação cultural, e dentro dela, a ampliação dos conhecimentos do domínio do corpo para o combate. Egípcios, Gregos, Romanos, Chineses entre outros, construíram legados para toda humanidade. As artes e filosofia grega, o calendário romano, as bases de muitas das ciências modernas, entre outros fatos de inigualável valor, tiveram seu berço na antiguidade.

É também um período de intensa atividade bélica. Assírios, Gregos, Romanos, Egípcios, entre outros povos, passaram séculos a lutar para aumentar suas extensões e domínios. Do Ocidente ao Oriente conquistar e expandir, além de um objetivo, era uma necessidade.

E desta época que podemos identificar à maioria dos estilos e modalidades de Lutas, corporais e com armas, conhecidas nos tempos atuais. O grande número de guerras fez das Lutas Corporais uma atividade física diversificada que adquiriram funções e significados diferentes. Por sua notória difusão, devido a sua utilidade guerreira, a Luta Corporal passou a tomar outros significados e funções que perduram até hoje.

Para além das guerras as Luta Corporais passaram a ser utilizadas, segundo Ramos (1982) e Marinho (1980) em festividades populares, festas fúnebres (ou jogos fúnebres), como parte da educação da nobreza de alguns povos, como modalidade nos Jogos Olímpicos e como sistema de exercícios profilático e higiênico.

Sem esquecer que os combates corporais, com armas e contra feras (animais selvagens) foram durante centenas de anos parte da diversão da nobreza e das classes populares de muitos povos, como a política compensatória do “pão e circo” dos romanos, já citada anteriormente.

No entanto, o que nos propomos é entender as modificações ocorridas na estrutura socioeconômica que permitiram que a antiguidade fosse conhecida como o período das produções clássicas da humanidade, como também, um período de intensa atividade bélica, possibilitando a sistematização da Luta Corporal e sua diversificação.

A grande mudança ocorrida na antiguidade é a consolidação e expansão do modo de produção escravista, a saída da maioria dos povos do sistema extrativista para a produção de alimentos, produzindo mudanças significativas e configurações sócias mais complexas.

A produção de alimentos, as novas tecnologias, o crescimento do excedente da produção, entre outros fatores, possibilitou o aparecimento de uma estrutura social mais complexa. A organização de um Estado centralizador, a troca e circulação de mercadoria permitiu o aparecimento de novas categorias socioprofissionais e a aglomeração das mesmas ao redor dos centros comerciais e cidades que abrigavam o centro das decisões, local onde era possível encontrar uma sociedade de classes bem definida.

Segundo a teoria Elisiana (1993, 1994a), estes fatos são o desenrolar do processo evolutivo. Milhares de anos de acúmulo de conhecimentos tratados, sintetizados em níveis cada vez mais altos e passados à gerações futuras. Temos no panorama, do parágrafo acima, um bom exemplo da dimensão da tríade do processo civilizador (o controle sobre os eventos extranaturais; o domínio das relações interpessoais; e o desenvolvimento do autocontrole) presente na dinâmica das sociedades humanas.

### 3.2 O *Dogu*<sup>50</sup> - Instrumentos que possibilitam um caminho

O ato de plantar e colher alimentos em nossos dias, que é uma síntese de grau elevado dos conhecimentos agrônômicos, não permite deslumbrarmos os milhares de anos necessários para alcançarmos tal nível<sup>51</sup>. As incontáveis tentativas para: acertar a época do plantio, o adequado tratamento das sementes, o melhor solo, a associação do movimento da Lua e do Sol para a marcação do tempo e relacioná-los com o plantio e a colheita; as inúmeras interrelações pessoais de dependência e de divisão do trabalho criadas por esta prática.

Quem planta? Quem vigia? Quem sai para caça em período de entressafra? Quem observa a Lua e a trajetória do sol? etc.; as determinações de uma pessoa ou grupo (que encarnaria o poder do Estado) nas decisões do Quem? Quando? Onde? As providências necessárias para o desenvolvimento do benefício mútuo.

O desenvolvimento do autocontrole: dos impulsos violentos na época da escassez e fartura, a aceitação da divisão e determinação superiores (decisões do poder central) que interfeririam diretamente em suas vidas, entre outra, que se déssemos maior atenção nos desviaria do objetivo de nosso trabalho.

O importante é perceber o contínuo evolutivo que o desenrolar do processo civilizatório possibilitou, sem determinação de grupos ou indivíduos e sim por uma dinâmica social que envolveu e se desenvolveu com a participação de cada indivíduo em suas comunidades específicas em um dado período da história. Segundo Elias, para

os homens das sociedades posteriores, apreender o mundo como conceitos decorrentes de um alto nível de síntese, não é por eles serem mais inteligentes ou ‘melhores’, de algum modo, mais simplesmente por terem chegado mais tarde, por haverem nascido numa fase de sucessão das sociedades ao longo da qual o saber social aumentou, sem que ninguém houvesse planejado isso. Assim, sem que acrescentem nada do seu, eles se beneficiam dos resultados consolidados de um crescimento constante do saber (1998, p.139).

Feitas as devidas considerações, podemos com certa tranquilidade avançar na linha temporal e nos determos a uma organização social mais avançada, se comparada às organizações de nossos antepassados primitivos, e de classes sociais bem mais distintas. Neste

---

<sup>50</sup> *Dogu*, em Lowry (2011) se traduz como “instrumentos do Caminho”. São as ferramentas e utensílios que um Guerreiro japonês produzia e levava consigo. Estes lhe conferiam uma identidade, uma assinatura particular na sua confecção e no seu uso, a exemplo de um corte produzido por uma lâmina de espada, inconfundível e creditada ao guerreiro que a fez.

<sup>51</sup> Recomendamos a leitura: Sobre o Tempo de Nobert Elias (1998). Nessa obra o autor mostra as percepções dos homens sobre o tempo e sua relação com a percepção das mudanças sociais e da natureza.

avanço chegamos a uma época que poucos tinham o direito à cidadania, estes eram formados por uma nobreza proprietária de terra, uma classe social que se permitiu ao ócio das letras e das artes, sustentada pelo modelo agrícola escravista.

É um salto significativo, comparado a nossa primeira descrição de pequenos grupos de coletores que viviam do que a terra oferecia e que se uniam em laços basicamente familiares. Foram necessários milhares de anos para que a humanidade pudesse chegar a esse nível de organização, com uma cadeia tão complexa de interrelações, com um equilíbrio maior do poder, e que dominavam alguns elementos naturais, em comparação a seus antepassados.

Mas, comparando-os com o que somos e produzimos hoje, ainda havia muito o que descobrir. E tudo o que não podia ser explicado pelos conhecimentos dos homens da época, eram explicados e determinados à vontade dos “Deuses”, o que levava as sociedades antigas a um sincretismo religioso. Este fato sustentava uma segunda classe: os Sacerdotes.

Rubio (2002, p. 130), lembra que,

nos primeiros tempos de sua existência, o homem vivia em condições paradisíacas, mas em dura luta pela existência, sob imperativo das necessidades vitais mais imediatas. Apesar disso, era um ser que caminhava sobre dois pés, erguido e com os olhos dirigidos para o céu, de onde surgiam as forças contra as quais ele não podia vencer: o raio e o trovão e as inundações, bem como o sopro do vento e a luminosidade do Sol, a força da chuva e a misteriosa luz da Lua. A compreensão desses fenômenos naturais, por vezes deslumbrantes em sua beleza e esplendor, por outras aterradores e inexplicáveis, levou o ser humano a desenvolver formas de simbolização, significação e interpretação, que apresentassem uma finalidade para as circunstâncias de fartura e de desastre impostas pela natureza.

Diante de tais circunstâncias, pouca consciência se tinha do livre arbítrio humano, uma vez que todas as ações e decisões individuais ou da comunidade eram imputadas aos deuses. A existência, bem como todo esforço físico que não serviam para a satisfação imediata das necessidades vitais, eram dedicados às potências sobrenaturais, em forma de manifestações rituais expressas por meio da animação do corpo.

Como comenta a autora acima, nada se fazia sem a consulta dos Deuses, os sacerdotes, bruxos e representantes das divindades na terra, gozavam de privilégio e autoridade na Antiguidade.

A eles cabia legitimar lideranças terrenas com o poder divino, como também, orientá-los nas condutas para agradar ou apaziguar os Deuses. Por fim, e de forma geral, a terceira parcela da sociedade era formada por artesãos, comerciantes, artífices e estrangeiros livres, que gozavam de alguns direitos e de deveres. E por último, e sem direito algum, estavam os

escravos, fruto das conquistas sobre outros povos, que herdaram de seus pais esta condição, ou que foram abandonados pelos pais quando crianças.

Esta estrutura social pouco variou entre os povos que atingiram a civilidade, mudando de acordo com a cultura e com os arranjos e divisão de poder no interior de cada configuração<sup>52</sup>. Mas é preciso lembrar que não há uniformidade no processo civilizatório, havendo povos que não tinham por condições, ou por necessidade, da própria dinâmica das relações humanas, o controle dos eventos extranaturais, desenvolvido um formato social mais diversificado e “civilizado”.

Isso gerava um quadro de povos que coexistiram em patamares diferentes em termo de organização social e nível de civilidade. Estes povos que viviam em “certo nível de atraso” foram conhecidos como bárbaros e viviam como caçadores. Porém, alguns dominavam a metalurgia e viviam dos resultados das campanhas bélicas para suprirem o seu povo dos alimentos que não sabiam ou não podiam produzir.

Este foi, no geral, o contexto de toda a Antiguidade (no ocidente), a guerra era a forma de garantir a liberdade e de perpetuação e expansão do modo de vida dos povos antigos. Os grandes impérios se sucederam na tentativa de impor aos outros povos o seu modo de vida e a segurança do próprio império. Isso também garantia mais terras, mais produção, mais escravos e exércitos maiores, ou seja, mais riquezas, que por sua vez, eram utilizadas para garantir a continuidade do processo e sua hegemonia<sup>53</sup>.

A forma do conquistador lidar com o povo conquistado, dependia de sua origem e de sua inclinação econômica. Os bárbaros costumavam roubar, matar, levar alguns escravos e voltarem para seus territórios.

---

<sup>52</sup> Podemos dar como exemplo o tratamento dado às mulheres por povos gregos distintos: Espartanos e Atenienses. Embora as mulheres em nenhuma das duas sociedades tivessem o mesmo direito dos homens, em Esparta, as mulheres que não servissem para casamento e para gerar filhos, recebiam treinamento militar, podendo se necessário ir à guerra.

<sup>53</sup> Exemplificando todo o contexto de conquistas e complexidades que os povos humanos vão adquirindo, Elias, (1985, p. 30 – 31) dá o exemplo de como a guerra passa ser uma condição viciosa para a sustentação do modelo social adotado. “A história de Roma é um bom exemplo da ascensão dum poder hegemônico durante uma série secular de lutas eliminatórias. Roma é, também, um bom exemplo daquilo que eu gostaria de chamar a embriaguez hegemônica, o *furor hegemolialis*, a febre da hegemonia. Se um estado consegue vencer em lutas eliminatórias anteriores dois ou três concorrentes mais ou menos da mesma força e logrou forçá-los a uma aliança ou a prestarem-lhe vassalagem, as suas camadas dirigentes são, quase invariavelmente, arrebatadas pela ideia de que para a sua segurança é necessário ser mais forte do que qualquer outro Estado à sua volta. A configuração que formam com outros Estados exerce, constantemente sobre eles, em cada etapa da luta eliminatória, uma forte pressão no sentido de desafiar qualquer possível adversário da mesma igualha e garantirem, com uma vitória sobre ele ou como sua destruição, a segurança do seu próprio Estado. O que conduz então, precisamente, à afirmação de sua posição hegemônica face a Estados e a tribos que se encontrem em seu horizonte e a seu alcance, e à integração forçada destes em formação estatais sempre maiores”.

Já as civilizações de base agrícola, anexavam o território conquistado a seus domínios, faziam alianças com a nobreza local que perdiam o poder, mas não perdiam o prestígio. Em troca, os conquistados deviam obediência ao novo poder que deixava representação local e parte da produção local deveria ser enviada ao centro do império<sup>54</sup>. Por este formato, grandes civilizações foram constituídas e conhecemos bem o legado deixado por esta miscelânea de povos.

A sucessão destas civilizações é fascinante e cheia de detalhes curiosos. No entanto, é um período extenso e seu detalhamento pouco pode contribuir para o objeto de nosso estudo. Assim, trataremos da Luta Corporal partindo de aspectos da civilização grega. Esta em questão, não foi escolhida por um acaso.

O que diferencia os gregos dos outros povos é a quantidade de informações deixadas de forma escrita e expressas em obras de arte, fruto de um grande avanço cultural. Esta evolução cultural só foi possível graças à conjuntura apresentada acima, de forma bem sintetizada.

As grandes civilizações de base agrícola escravocrata e que dominavam o comércio e as navegações, permitiram que um extrato de sua população se dedicasse às atividades diversificadas, não ligadas a produção de alimentos. Desta forma é que as condições socioeconômicas de algumas civilizações possibilitaram o despertar das ciências, das artes, e se mantiveram em constante atividade Bélica.

Segundo Godelier (1971), os povos que viviam da caça e da coleta de alimentos usufruíam mais do tempo livre do que os povos que iniciaram a agricultura e a criação de animais, porém, a vida nômade e a transmissão de conhecimento por via oral, não permitiam um maior desenvolvimento cultural, desta forma, este tempo era dedicado às atividades religiosas e a preparação para as guerras.

Por estas condições totalmente diferentes é que as grandes civilizações da Antiguidade, entre elas a Grega, se diferenciaram de outros povos em eras passadas. Segundo Elias (1993a, p. 56),

o emprego de escravos tende a afastar homens livres do trabalho, que é visto como ocupação indigna. Ao longo da classe superior, que não trabalha, proprietária de escravos, forma-se uma classe média que também não trabalha. Devido ao emprego de escravos, a sociedade é forçada a adotar uma estrutura de trabalho relativamente simples, servindo-se de técnicas que podem ser utilizadas pelos escravos e, que, por esta razão, torna-se relativamente impermeável à mudanças, ou melhoramento e à adaptações a novas situações. A reprodução de capital fica vinculada à reprodução dos escravos e, dessa

---

<sup>54</sup> Sobre as relações de poder nas relações entre o rei com os príncipes e poderes locais, ver Elias (1994).

maneira, direta ou indiretamente, ao sucesso de campanhas militares, à produção de reserva de escravos, [...].

Milênios depois de iniciar o processo de domesticação das plantas e animais, algumas sociedades chegam a uma situação de valorizar a terra, porém o trabalho nela é indigno por nela trabalharem escravos, homens que a vista de seus “donos” eram seres inferiores.

Esta conjuntura, que permitia usufruir dos benefícios do modo de produção agrícola, sem necessariamente consumir o tempo e o esforço físico dos donos da terra, será uma constante até os nossos dias, avançando, mudando suas formas, traçando novas formas de relação de exploração do homem pelo homem.

No entanto, o custo para a manutenção deste formato assumido por algumas sociedades era alto. A necessidade de terras para a sustentação das classes nobres e os escravos para nela trabalhar, exigia dos povos da Antiguidade um elevado emprego de seus esforços em longos períodos de atividade bélica.

O modo de vida destas sociedades refletia as necessidades impostas pelo formato a que estas foram levadas em seu processo evolutivo, como por exemplo, o pensamento em relação às atividades diárias que um cidadão grego deveria se submeter, dentre elas as atividades físicas. Esta,

exerceu grande influência sobre a formação do homem grego, sendo considerado como um dos três pilares da educação da criança e do jovem, juntamente com as letras e a música (Cagigal, 1979; Tubino, 1992). O conceito de harmonia, ainda que de difícil interpretação, segue sendo o objetivo ideal de toda a educação como o ‘equilíbrio entre os diversos extremos’. E desde então a ginástica se distinguiu do esporte. Enquanto os exercícios físicos eram realizados nos ginásios, as atividades de treinamento eram direcionadas a sujeitos de elite que se preparavam para os Jogos Olímpicos, motivados pela busca de prestígio. Os exercícios físicos eram praticados, principalmente pelos cidadãos - homens livres, nascidos de pai e mãe atenienses, os únicos a terem o direito de possuir terras e gozar de plenos direitos políticos; também poderiam praticá-los, porém em outro ginásio, os metecos - estrangeiros que obtiveram permissão para se fixar na Ática, protegidos pelas leis, pagavam impostos e prestavam o serviço militar, apesar de alijados da posse de terras e da participação no governo. Os únicos a serem excluídos integralmente da prática da ginástica eram os escravos - capturados em guerras, filhos de escravos ou de pais que os abandonaram quando crianças - e as mulheres.

[...] O ginásio grego não foi dedicado por muito tempo apenas aos exercícios atléticos. Logo se voltou para a orientação esportiva da criança. Além das letras e da música, a educação da infância e da mocidade fazia-se e completava-se nos ginásios onde toda a juventude ia treinar, ponto de reunião para os gregos. Ali ensinaram Platão, Aristóteles e Prodicus, o primeiro a expor as vantagens da prática da ginástica para a saúde. Diante da perspectiva do esporte enquanto elemento pedagógico na formação da criança e do jovem

gregos, não é de se estranhar a crítica feita àqueles que optaram pela prática alienada do esporte, que privilegiava apenas a competição em detrimento da formação, um dos indicadores da decadência da cultura grega. Platão, na República, reforça que diante da diversidade da vida, há homens que não conhecem mais do que o esporte, enquanto há outros que se dedicam àquilo que lhes é próprio, ou seja, aspiram à perfeição, como exigia o filósofo. Os primeiros, diante de tanta especialização, perdem a conexão com a vida e a dimensão da existência, apesar dos músculos vigorosos, e em longo prazo, perdem também toda a capacidade corporal (RUBIO, 2002, p. 132-133).

Desta forma, o pensamento grego, contribuiu em muito para o desenvolvimento das atividades físicas e em consequência para o desenvolvimento da Luta Corporal<sup>55</sup>. Cidadãos fortes, resistentes, guerreiros e, no entanto, aptos para o convívio em sociedade, era uma necessidade para enfrentar as duras e longas campanhas bélicas e, ou mesmo tempo, agir com civilidade na pátria mãe, imposições feitas pelo desenvolvimento social alcançado pelos gregos da Antiguidade.

No entanto, este formato de organização social que os gregos desenvolveram é contraditório e conflituoso, no que diz respeito ao uso e controle da violência. Os conflitos constantes entre Estados, e com outros povos, geravam uma aceitação e incentivo do uso da força física e da violência, causando uma insensibilidade ao “actos de violência, a sensação de repugnância contra o facto de se presenciar a violência, cometida para além do nível permitido<sup>56</sup>” dentro da própria cidade-estado. “A consequência é uma moralidade dupla, a ruptura e a contraditória formação da consciência. Sem dúvida que discrepâncias deste tipo podem encontrar-se em muitos estádios do desenvolvimento das sociedades<sup>57</sup>”.

O acúmulo de conhecimento, como já vimos, possibilitou as sociedades da Antiguidade um modelo social que gerava mais “conforto” do que seus antecessores. O modelo de produção

---

<sup>55</sup> Elias (1992, p. 195-196) nos lembra de que “a partir de um exame mais profundo, não é difícil verificar que os concursos de jogos da Antiguidade Clássica, que são representados com frequência como paradigma do desporto, possuíram numerosas características importantes e progrediram sob condições que eram muito diferentes das que distinguem os nossos próprios concursos de jogos. O *ethos* dos concorrentes, as regras das provas e os próprios desempenhos diferem nitidamente, em muitos aspectos, dos que são característicos do desporto moderno. [...]. Na Antiguidade, as regras do costume para acontecimentos atléticos <<duros>>, como o pugilismo e a luta, admitiam um grau de violência bastante mais elevado do que aqueles que era admitido pelas regras do tipo das provas correspondente do desporto. As regras desse último, além disso, são muito detalhadas e diferenciadas; em primeiro lugar, não são regras forjadas no costume, mas regras escritas, sujeitas explicitamente a um criticismo racional e à revisões. O nível superior de violência física nos próprios jogos da Antiguidade era mais do que um dado isolado. Isso era sintomático de traços específicos na organização da sociedade grega, em especial, no estádio de desenvolvimento alcançado por aquilo que nós hoje designamos por organização de <<Estado>> e pelo grau de monopolização relativamente firme, estável e impessoal e o controle dos meios de violência é um dos traços centrais dos Estados-nações contemporâneo. Em comparação, a monopolização e o controle da violência física institucional nas cidades-estados da Grécia, permanecia rudimentar.

<sup>56</sup> Elias (1992, p. 197)

<sup>57</sup> Ibidem

agrícola permitiu a aglomeração de uma quantidade maior de pessoas em áreas cada vez mais reduzidas, o que seria impossível no modelo de coleta extrativista.

Em contrapartida, este acúmulo de pessoas gerou um maior nível de interrelações, mais complexidade nas relações de poder, no monopólio do uso da força física e controle da violência pela direção das cidades-estados. Essas novas relações em sociedade, ao longo do tempo, levaram as sociedades gregas a níveis mais elevados de poder estatal, visíveis nas formas de cidades-estados que foram alcançadas.

Por sua vez, esta centralização do poder, juntamente com as pressões desenvolvidas pelas relações interpessoais gerava, segundo a teoria Elisiana, nos integrantes da cidade uma mudança de comportamento, o autocontrole necessário para se adequarem às normas e condutas que deviam ser seguidas para a manutenção das relações sociais construídas.

Estas normas, condutas e as leis, chegavam a todos, e eram sedimentadas por duas vias: pelo monopólio do uso da força física e pelos mecanismos de controle da violência; mas principalmente, pelo julgamento e constrangimento imposto a outrem pelos membros da sociedade.

Este mecanismo psicológico pode gerar o sentimento de vergonha em quem descumprem as normas, assim, é o desenvolvimento do autocontrole de cada indivíduo, e seu reforço nas gerações seguintes, que permitiu uma concretização das leis, regras e condutas que vão sendo estabelecidas como produto das interrelações.

Segundo Elias (1994), o autocontrole ou autocoerção faz com que os indivíduos pensem sempre no julgamento de seus atos, controlando assim, suas condutas em sociedade. Desta forma, quanto mais diversificada eram as formas de interrelações entre os membros de uma sociedade, maior era a dependência entre os mesmos e, portanto, a aplicação de autocoerção.

Por este processo é que se controlaram, em relação a períodos anteriores, as pulsões de violência e o prazer do uso da força física em sociedade. No entanto, segundo Elias (1994), estas tensões internas podiam ser canalizadas e direcionadas em práticas socialmente aceitas como: as atividades físicas, competições de jogos e nas representações artísticas, como praticantes ou como meros espectadores, que era o caso das classes mais bastardas das sociedades antigas.

Esta explicação nos parece bem plausível para a grandiosidade e dimensão que alcançou estas práticas na Antiguidade. É desta forma, que se explica a grande variedade de práticas e manifestações das atividades físicas e das Lutas Corporais a partir da Antiguidade, e conseqüentemente, no avançar da história da humanidade até os nossos dias.

A Luta Corporal seguiu este caminho complexo, de muitos fatores que se desencadearam e se complementaram. Não há um único determinante, nem um único indivíduo responsável pelos avanços e caminhos percorridos por um fenômeno ou comportamento social. Todos são frutos das interações humanas, o equilíbrio do poder e da ação do tempo sobre as gerações.

Desta forma é que é possível entender como era, e a inda é, aceitável em alguns momentos, que atos de extrema violência, sejam fortemente reprimidos, e em outros, eles sejam aplaudidos e aceitos. No caso das Lutas Corporais, não era raro a morte de lutadores em combate, nem por isso havia repulsa contra o vencedor, e sim aplausos. É sabido que na Grécia o

pancrácio (gr. *παγκράτιον*, lit. ‘o poder todo’) era uma violenta modalidade esportiva introduzida nos Jogos Olímpicos de -648 (Paus. 5.8.8) — 33<sup>a</sup> Olimpíada — e posteriormente adotada em outros festivais. Tratava-se de esporte de contato praticamente sem regras, que combinava boxe ou pugilato e luta livre. O combate podia ocorrer com os lutadores de pé ou não, e durava até que um dos oponentes vencesse. O pancratista era usualmente muito hábil e recorria a socos e a grande quantidade de golpes para derrubar e nocautear o oponente. Apenas duas coisas eram rigorosamente proibidas: morder e enfiar o dedo no olho do adversário. Tradicionalmente, quando um dos lutadores queria desistir, ele erguia um dos dedos. (<http://greciantiga.org/arquivo.asp?num=0928>. 2017)

Eram nas Lutas Corporais e com armas, que tanto praticantes como espectadores, podiam liberar todo o prazer do uso da força física, em um espaço autorizado, e matar ou morrer era aceitável, tanto perante a lei, como perante os outros. O fascínio dos gregos pela Luta Corporal foi retratado e imortalizado por muitos autores clássicos. De forma escrita ou através de inúmeras obras de artes, as Lutas Corporais foram retratadas com minuciosa riqueza de detalhes, como pode ser observado na passagem a seguir.

Punho a punho engalfinham-se e rebatem;  
 Bolha em cópia o suor, os queixos rangem.  
 O divo Epeu de chofre o rosto esmaga  
 Ao circunspecto Euríalo, que ter-se  
 Mais não podendo, abate os pulcros membros.  
 Qual, ao sopro do norte, em praia algosa  
 D’água à tona enrugada salta o peixe,  
 E o serve a negra vaga; assim ferido  
 Rolou, mas generoso Epeu levanta-o  
 Com rijo braço. Amigos o transportam,  
 Rojando inúteis pés, cruor cuspindo,  
 A nutar a cabeça e desmaiado;  
 Da bicôncava copa não se esquecem.

Da luta prêmios dois apresenta Aquiles:  
 Apta ao fogo, uma trípode é primeiro,  
 Preço de doze bois; outro, uma serva,  
 Que se estimava em quatro e boa em tudo.  
 Alçado aos Gregos diz: “Surgi, valentes,  
 Vosso esforço provai neste certame.”  
 Soberbo o Telamônio ofereceu-se,  
 Depois Ulisses nos ardis fecundo.  
 Nus, mas tangados, mão por mão se atracam  
 Da liça em meio, como escoras mestras,  
 Na cumeeira traveja artífice hábil  
 Contra aquilões; constrictos os costados  
 Pelo válido braço, harto rouquejam;  
 Pinga o suor; cruentas roxas bolhas  
 Crescem nos ombros e quadris; cobiçam  
 Tamanha glória, a trípode excelente:  
 Ulisses derribar a Ajax não pode,  
 Nem este a Ulisses de vigor pasmoso.  
 O tédio já lavrava, e Ajax vozeia:  
 “Divo astuto Laércio, ou me levantes,  
 Ou eu to faça: o resto incumbe a Jove.”  
 Nisto, acima o levou; com treta Ulisses,  
 De um cambapé na curva, o laxa e estira,  
 E sobre ele supino cai de peitos:  
 O povo os admirava estupefato.  
 Vai também levantá-lo, e a custo um pouco  
 Move-o do chão, nos joelhos implicado;  
 Sujos enrolam-se ambos na poeira.  
 Tentavam nova luta, quando Aquiles  
 Os coíbiu: “Cesse o cruel certame,  
 Tais forças não gasteis. Vencestes ambos,  
 E o prêmio igual será. Fique aos mais Gregos  
 A liça franca.” Os dois heróis o escutam,  
 O pó limpam do corpo e se revestem. (HOMERO, 2017)

Esta passagem é um exemplo do espaço que os autores gregos dedicavam a Luta Corporal e as aventuras de seus heróis. Estes escritos também era uma forma de permitir, que os leitores gregos liberassem as suas tensões e impulsos violentos, seja em sonhos ou na projeção da vida de seus heróis. Por este motivo, por certo, é que muitas das esculturas, vasos e murais gregos retratavam a vida de seus mitos suas aventuras e realizações. As artes, as atividades físicas entre eles a Luta Corporal era a forma de liberar os impulsos e os prazeres nas épocas de paz e no convívio social.

Outro fator importante para o desenvolvimento da Luta Corporal no período foi a sua inclusão na educação da nobreza. A educação dos gregos também privilegiava a prática das atividades físicas, entre elas as artes guerreiras, indispensáveis para a manutenção do sistema de produção escravista. Todo jovem, cidadão, a certa altura da vida deveria ser introduzido nas

artes da guerra, aprender a lutar corporalmente e a dominar a espada, o escudo, a lança e o arco e flecha.

No tocante a educação para a guerra, nenhum povo da Antiguidade teve um comportamento tão extremado quanto os Espartanos. Por este motivo que os filósofos, historiadores e pedagogos atenienses, dedicaram longos estudos à forma de vida espartana.

Na época clássica, Esparta é uma cidade-estado militar, cidade “caserna” ou cidade “acampamento”, para usar o termo de Platão (Leis 666 e). Mostra-se claramente hostil a inovações, acusa visível retração nas letras e nas artes, repele o contacto como o estrangeiro e coíbe, por todos os meios, a *mudança*. Esparta exige do cidadão entrega total de si próprio à polis, disciplina rígida e obediência sem discussão. Todo o corpo civil é um exército em permanente prontidão; na paz, ele prepara o cidadão para a guerra, pelo culto exclusivo à virtude guerreira (Aristóteles, *Política* 1271 a 41 – 1271 b10; 1333 b – 1334 a 10; 1338 b 9 – 1339 a 4; Platão, *Leis* I 625 c 6 – 626 d; III 688 a. apud BARROS. 1981, p. 09).

O modelo de sociedade espartana era bem diferente das demais Cidades-Estados gregas, tornando-a singular na forma de participação do cidadão, da educação e da devoção ao Estado. Essas particularidades chamaram a atenção de Platão, que segundo Gandelman de Freitas, (2013) inspirou o filósofo na concepção de uma sociedade ideal. Para a autora,

A República, um dos diálogos mais importantes de Platão, representa a busca pela cidade ideal e tem como pontos cardinais quatro virtudes fundamentais: Dikaiosýne (Justiça), Sophrosýne (Temperança), Andreía (Coragem) e Sophía (Sabedoria). Os temas abordados ao longo dos dez livros convergem para o desejo do ateniense de construir uma cidade calcada no modelo que ele considera perfeito. Entretanto, ao assumirmos uma perspectiva comparativa com relação à leitura da República, torna-se evidente e inevitável a inspiração política buscada por Platão na Constituição de Esparta, formulada esta pelo legislador Licurgo, no século IX a.C.. Ao cotejarmos o diálogo platônico e o conjunto de leis espartanas, encontramos semelhanças que fazem da República uma espécie de tácita apologia à Licurgo (GANDELMAN DE FREITAS, 2013, p. 21).

Mas era na educação, que Esparta conseguia diferenciar-se mais dos outros gregos. O *Agogê*, palavra que os espartanos aplicavam para a educação já dizia tudo: *agogê* (agoge), isto é, ‘adestramento’, ‘treinamento’. Viam-na como um recurso para a domesticação dos seus jovens. O objetivo maior dela era formar soldados educados no rigor para defender a coletividade (BARROS. 1981).

Podemos entender o “*agogê*” como um serviço militar estendido à infância e à adolescência. Sabe-se que a criança até os sete anos de idade era mantida com a mãe, mas a

partir dos oito anos enviavam-na para participar de uma espécie de bando que vivia ao ar livre, um tanto que ao “deus-dará”, onde terminavam padecendo sob um regime de permanente escassez alimentar para que desenvolvessem a astúcia e o engenho para conseguir uma ração suplementar, mas principalmente, para reforçar as interdependências entre os membros, que posteriormente seria sedimentado e identificado como a completa e irrestrita devoção e entrega Cidade-Estado<sup>58</sup>.

Este tipo de treinamento é muito similar ao que hoje é visto entre os regimentos especiais de combate contra insurgente ou dos batalhões da floresta. Na etapa final, entre os 16 e 20 anos, denominado de eirén (eiren), um pouco antes de entrarem no serviço da pátria, eram adestrados a utilizarem armas, na luta com lanças, espadas, escudo e no arco e flecha.

Então aumentavam-lhes a carga dos exercícios e a participação nas operações militares simuladas nas montanhas ao redor da polis. Como observou Plutarco (apud, BARROS, 1981), o objetivo era de que sempre andassem “como as abelhas que sempre são partes integrantes da comunidade, sempre juntas ao redor do chefe [...] parecendo consagradas inteiramente à pátria”.

Cultivando a excelência da força física, que fazia com que Esparta quase sempre arrebatasse os louros nos jogos olímpicos, atuavam em bandos liderados por um proteiras, um líder de esquadra, uma espécie de sargento instrutor, que lhes ensinava as táticas da arte da sobrevivência.

Em resumo temos um

Estado que submete inteiramente o cidadão a seu controle. Submissão sem violência, pedagogicamente dirigida, e, portanto, em termos do homem adulto, consentida. Seja pela estrutura social, seja pela forma da educação, o ser humano é, aí, modelado no seio mesmo do Estado. Diríamos, antes, que o Estado é que põe o homem, constituindo-o, ontologicamente, como cidadão. Servindo-nos apenas das palavras de Jeanmaire, sem qualquer compromisso com o contexto em que esse autor as empregou, poderíamos dizer: em Esparta o homem não nasce espartano, torna-se. Isto é, a polis cuidadosamente o molda à sua imagem e semelhança (IBIDEM, p. 25).

As Lutas Corporais e com armas passaram a figurar entre as disciplinas curriculares na educação das nobrezas para além da antiguidade. Ainda hoje, fazem parte da educação das forças armadas e das instituições que tem a autorização estatal para o uso da força física<sup>59</sup>.

---

<sup>58</sup> Barros (1981).

<sup>59</sup> Forças policiais e militares de todo o mundo têm como parte de sua formação o aprendizado das Lutas Corporais, tais como Judô, Jiu-Jitsu, Karatê entre outras. Mas algumas forças armadas desenvolveram suas próprias formas de Lutas. É o caso do Exército de Israel que criou o Krav Maga. No Brasil, na década de 70 (séc. XX), na brigada

É importante ressaltar, que Esparta foi levada, pelas condições apresentadas, a uma supervalorização da educação com fins bélicos. Comparando-a a Atenas, ela abriu mão de um equilíbrio entre as atividades físicas, artísticas e intelectuais pela necessidade histórica de formar o cidadão guerreiro.

Os atenienses também necessitavam da guerra para a manutenção de seu formato social, no entanto, sua evolução social em terras de ancestrais possibilitou que as guerras fossem travadas longe da pátria, podendo assim, os que dela não se ocupava, cultivassem uma educação mais equilibrada, introduzindo as futuras gerações na música, poesia, oratória, e atividades físicas que historicamente viam aperfeiçoando.

As atividades bélicas se tornavam obrigatórias aos jovens cidadãos, mas, bem mais tardiamente que os espartanos, e como uma complementação à educação integral dos mesmos. Uma das hipóteses para que os espartanos educassem os seus cidadãos para a prontidão e o combate, seria uma exigência histórica, imposta pela condição de ocupantes de uma terra que não herdaram mais invadiram e dominaram, e que, seus habitantes originais incessantemente tentavam reaver. Assim, a história do povo espartano teve uma evolução diferente dos demais povos gregos, singular na relação de tratamento dado a educação das futuras gerações.

Foi possível perceber, ao longo deste capítulo, que o desenvolvimento da Luta Corporal, e sua diversificação, foi fruto de uma série de fatores que envolveram uma complexidade da dinâmica social. Fatores econômicos, de estrutura e organização social e o formato educacional foram aqui utilizados para demonstrar tal afirmação. Isso não quer dizer que foram os únicos, é possível que um outro olhar possa nos revelar outros fatores.

Mas de certo, sabemos que, a Luta Corporal como conhecimento é fruto do desenvolvimento das relações dos homens com os outros homens e destes com o mundo, ou seja, das configurações as quais fizeram parte. Desenvolveu-se pela ação do tempo e da necessidade de seu uso, por parte de seu criador, o homem.

No próximo capítulo passaremos a tratar a Luta Corporal na modernidade. Tentaremos identificar quais as mudanças que ocorreram em seus princípios como consequência do seu choque com os princípios modernos, que permitissem seu lugar como uma atividade socialmente aceita, tendo múltiplas faces, dentre elas, uma face educacional. Tentaremos compreender como os processos de resistência, adaptação e preservação foram realizados pelos

---

de paraquedista da infantaria no Rio de Janeiro, foi criada o Uru-Can Brasil (Referência a duas cobras brasileiras a Urutu e a Caninana), pelo militar Paulo César da Silva Lopes. Essa Luta Corporal mistura técnicas de Karatê, Taekwondo, Kung Fu, Judô e Jiu-Jitsu, organizadas como um sistema de defesa pessoal, que usava também, nunchaku, facão e fuzil. No entanto, ela não chegou a ser incorporada como o a Luta Corporal oficial das Forças Armadas Brasileira.

Mestre Fundadores do *Judô*, *Aikido* e *karaté* na modificação das antigas Lutas Corporais do Japão que permitiram a preservação de um conhecimento caro a identidade do seu povo nos novos tempos impostos pela modernidade.

## 4 O KUMITÊ – QUE TENHA INÍCIO O COMBATE

O bambu que se curva é mais forte que o carvalho que resiste (Provérbio Japonês).

No capítulo anterior tivemos um olhar mais direcionado aos processos de formação histórico e epistemológico da Luta Corporal. Podemos perceber que a Luta Corporal acompanhou o processo de hominização e humanização da espécie, inicialmente como uma resposta às experiências do perigo, mas, que se diversificou frente às novas ameaças, passando a ser muito mais que uma simples reação de sobrevivência.

Neste capítulo, intitulado de *Kumitê* – o combate –, abordaremos a Luta Corporal Moderna. Apresentando seu conceito, os princípios e fundamentos que se apresentam como síntese atual do processo civilizador, possibilitando assim que a mesma possa ser tratada pedagogicamente como uma prática educativa. Discutiremos os princípios e processos da modernidade e como a Luta Corporal foi afetada por seu desenvolvimento. Tentaremos compreender como os processos de resistência, adaptação e preservação ocorreram nesse embate entre desenvolvimento e tradição, que possibilitaram que a Luta Corporal tomasse o formato atual.

Lembramos que as mudanças em uma determinada prática dependem de múltiplos fatores para serem concretizadas, dentro de um processo de tensão gerado pelas interrelações, como por exemplo: a aceitação ou rejeição desta mudança; e os sentidos e significados que adquirem para um determinado grupo. Assim, as ações de resistência/adaptação/preservação serão tomadas aqui como parte do processo de mudança a longo prazo, como fruto do Processo Civilizador.

### 4.1 *Otagai Ni Rei* – Os adversários se cumprimentam

Num contexto geral, a modernidade trouxe a humanidade mudanças significativas. O homem moderno, o corpo moderno passou a desempenhar novos papéis em configurações<sup>60</sup>

---

<sup>60</sup> Para Elias (1980, p. 15), “a sociedade é constituída por estruturas que nos são exteriores – os indivíduos – e que os indivíduos são simultaneamente rodeados pela sociedade e separados dela por uma barreira invisível. [...], pessoas que, através das suas disposições e inclinações básicas são orientadas umas para as outras e unidas umas às outras das mais diversas maneiras. Estas pessoas constituem teias de interdependências ou configurações de muitos tipos, tais como família, escolas, cidades, estratos sociais ou estados”.

cada vez mais complexas. A razão e a ciência passaram a ser o Norte seguido e o modelo usado como referência para a construção das sociedades modernas e para sua explicação e validação.

Para Giddens (2002, p. 21), a modernidade refere-se, num sentido mais geral,

às instituições e modos de comportamento estabelecidos pela primeira vez na Europa depois do feudalismo, mas que no século XX se tornaram mundiais em seu impacto. A “modernidade” pode ser entendida como aproximadamente equivalente ao “mundo industrializado” desde que se reconheça que o industrialismo não é sua única dimensão institucional. Ele se refere às relações sociais implicadas no uso generalizado da força material e do maquinário nos processos de produção. (aspas do autor)

O trabalho, o controle da produção e da população, o controle e uso da força por um estado-nação, o conhecimento e seus novos usos vão impactar diretamente sobre a cultura e tradição de diferentes povos em diferentes momentos. A diversificação da vida social, os novos desafios de convivência em espaços cada vez mais populosos, exigiram uma mudança de comportamento, um maior autocontrole, em uma diversidade muito maior de configurações as quais o indivíduo passou a fazer parte ao longo de sua trajetória de vida.

Para Habermas (2000, p. 05),

O conceito de modernização refere-se a um conjunto de processos cumulativos e de reforço mútuo: a formação de capital e mobilização de recursos; ao desenvolvimento das forças produtivas e ao aumento da produtividade do trabalho; ao estabelecimento do poder político centralizado e à formação de identidades nacionais; à expansão dos direitos de participação política, das formas urbanas de vida e da formação escolar formal; à secularização de valores e normas etc.

De forma geral os pontos trazidos por Giddens (2002) e Habermas (2000), nos dão uma ideia do impacto da modernidade nas estruturas e nas vidas em sociedade, e assim sendo, na forma de produção e organização da cultura<sup>61</sup> das configurações arrebatadas por ela, gerando tensões e produzindo novos arranjos na sua organização e difusão.

---

<sup>61</sup> Em Elias (1994a), encontramos uma diferença entre os termos civilização e cultura. “o conceito de ‘civilização’ refere-se a uma grande variedade de fatos: ao nível de tecnologia, ao tipo de maneiras, ao desenvolvimento dos conhecimentos científicos, às ideias religiosas e aos costumes. Pode se referir ao tipo de habitação ou à maneira como os homens e mulheres vivem juntos, a forma de punição determinada pelo sistema judiciário ou ao modo como são preparados os alimentos. Rigorosamente falando, nada há que não possa ser feito de forma ‘civilizada’ ou incivilizada.” (...): este conceito expressa a consciência que o Ocidente tem de si mesmo. Poderíamos até dizer: a consciência nacional. Ele resume tudo em que a sociedade ocidental dos últimos dois ou três séculos se julga superior a sociedades mais antigas ou a sociedades contemporâneas ‘mais primitivas’” (p. 23). E como diferença apresenta a palavra alemã Kultur. Assim, a kultur, a cultura para o povo alemão “dá ênfase especial a diferenças nacionais e à identidade particular de grupos” (p. 25). Em resumo a cultura em Elias não é o que produzimos , mas

Como as Lutas Corporais não foi diferente. A adoção da vida moderna pelos diversos povos, nos diferentes espaços sociais, impactou na forma de ver e se relacionar com essa forma tão peculiar de cultura corporal. Na passagem do medievo para a modernidade, a Luta Corporal se modificou, passou por uma crise de significado e se estabeleceu na era moderna com mudanças significativas e novos paradigmas, mas, mantendo elementos essenciais que lhe conferiam a identidade.

As lutas na modernidade, num sentido mais lato, dentro do jogo<sup>62</sup> social, funcionam como expressão dos embates de posições e ideias de grupos e ou indivíduos que divergem sobre algo fundamental para sua identidade, posição social e até mesmo para sua subsistência e sobrevivência. Ela é travada em uma arena inteligível, tendo como arma principal a política<sup>63</sup>.

Nem sempre a apaziguada política encarnada do racionalismo e civilidade moderna é suficiente para se chegar a um acordo, ou mesmo, possibilitar que um argumento chegue a superar os demais, encerrando assim o certame. Por vezes, a necessidade de implementar o almejado por um grupo ou indivíduo, e por outro lado, a defesa da posição estabelecida pelo outro grupo ou indivíduo, leva-os ao enfrentamento corporal, a Luta Corporal, que necessariamente não encerra a Luta (num sentido lato), por não resolver os pontos centrais das diferenças estabelecidas.

Em um sentido mais stricto, a Luta Corporal é a tentativa de resolução de um conflito no mundo sensível, onde os argumentos são substituídos pela força física e as ideias dão lugar as técnicas corporais. Essa Luta Corporal, que é a tentativa de resolução do conflito quando o diálogo deixa de ser possível ou é, momentaneamente ou completamente abandonado,

---

o que nos define enquanto grupo, o que cultivamos como produto de uma construção das relações sociais e históricas, assim, cada configuração produz sua própria identidade, formas de conduta, relações e comportamentos peculiares que lhe conferem identidade, que dão sentido ao que são, mesmo não fazendo sentido ou conferindo identidade a outros.

<sup>62</sup> “Na cultura contemporânea, quando se lança mão do conceito de Jogo, como por vezes fazem filósofos e economistas, está se acentuando exatamente esse caráter de ser guiado por regras cabíveis, escolhidas e estabelecidas para possibilitar a realização do Jogo e a alternativa entre sucesso e malogro. (...) Recorre-se a conceito análogo de Jogo na elaboração de uma teoria do comportamento individual que permitisse explicar as alterações psíquicas como "brigas" de Jogo: confusão entre antigas e novas normas para as interações sociais, recusa em participar de um Jogo comandado por outros, não-aceitação da importância do jogo” (ABBAGNANO, 2007, p. 590)

<sup>63</sup> Em Abbagnano (2007, p. 773), vemos como o primeiro conceito de política o que “foi exposto em *Ética*, de Aristóteles. A investigação em torno do que deve ser o bem e o bem supremo, segundo Aristóteles, parece pertencer à ciência mais importante e mais arquitetônica: ‘Essa ciência parece ser a política. Com efeito, ela determina quais são as ciências necessárias nas cidades, quais as que cada cidadão deve aprender, e até que ponto.’ (Et. nic. I, 2. 1094 a 26). Este conceito da política teve vida longa na tradição filosófica. Hobbes, p. ex., dizia: ‘A política e a ética, ou seja, a ciência do justo ou do injusto, do equânime e do iníquo, podem ser demonstradas a priori, visto que nós mesmos fizemos os princípios pelos quais se pode julgar o que é justo e equânime, ou seus contrários, vale dizer, as causas da justiça, que são as leis ou as convenções’ (Dehom.. X. § 5)”.

incorpora as primeiras formas de Luta Corporal dos homens, ou seja, a reação instintiva, pura ou aperfeiçoada, da experiência do perigo<sup>64</sup> e a necessidade de sobrevivência.

Estamos assim presenciando sempre as primeiras e mais primitivas formas de Lutas Corporais criada pelos homens e mulheres no seu processo de hominização e desenvolvida ao longo da sua humanização. Mas outros sentidos e significados dessa expressão cultural da humanidade, foram geradas na, e pela, relação dos homens com os outros homens e estes em sociedade.

O controle da força física pelo Estado (ELIAS, 1993; GUIDDENS, 1991), o aumento do autocontrole e a oposição às formas tradicionais de vida, obrigaram a uma modificação nas formas de organização, vivência e aceitação da Luta Corporal como expressão de uma determinada cultura. E é partindo desses três pontos que passaremos a analisar as modificações geradas nas Lutas Corporais a partir da modernidade.

A Luta Corporal como forma organizada e aperfeiçoada do uso do corpo para ações de ataque, defesa e controle, é radicalmente consequência da beligerância dos grupos e indivíduos discordantes<sup>65</sup>. Ao longo da história essa foi uma forma legítima e, por vezes, legal de conseguir resolver suas diferenças quando as medidas políticas ou a administração das tensões não o faziam, e que deixaram de ser legais ou legítimas pela ascensão do Estado e o seu poder jurídico<sup>66</sup>.

Podemos dizer que a modernidade foi um “golpe duro” na Luta Corporal como forma de resolução de diferenças, tornando-a, em várias configurações, uma ação de intolerância e ato criminoso por quem a utilizasse com esse objetivo. Coube aos que as cultivavam como modo de vida, como parte integrante de sua cultura e/ou como forma de atividade socioprofissional reformá-la, adaptando-as as novas formas de conduta e convivência dos homens e mulheres integrantes dos estados-nações e suas formas de organização jurídica.

A criminalização do uso da força física na resolução de diferenças, passou a ser uma medida contra os que a usam sem a tutela e acompanhamento do Estado e sociedade civil, sendo uma prerrogativa apenas dos seus agentes legalmente empossados desse poder. O que pode ser explicado, por um lado, pela função fundante do Estado em defender a liberdade, a vida humana

---

<sup>64</sup> Ver Elias (2009).

<sup>65</sup> Isso ficou bem demonstrado no segundo capítulo desse trabalho.

<sup>66</sup> Foucault (2008).

e a propriedade privada<sup>67</sup>, e por outro, pela organização dos aparatos de segurança montados para assegurá-los.

E essa preocupação vai ser uma questão central dos que passaram a se ocupar da resistência/adaptação/preservação da Luta Corporal, não mais como respostas as diferenças, mas, como um traço da cultura corporal de diferentes figurações, desenvolvida como uma arte marcial<sup>68</sup> de uma parcela específica de homens e mulheres que se ocupavam dos conflitos e transformaram suas atividades em um modo de vida, um caminho<sup>69</sup> de orientação para suas vidas e para vida de outrem.

Por vezes temos uma visão romântica da Luta Corporal como ocupação de nobres cavaleiros, de homens e mulheres honrados(as), como os personagens de capa e espada que colocavam a vida dos fracos e oprimidos acima de suas próprias vidas. Imaginário criado por filmes e livros com uma função maior de entreter do que retratar a realidade.

De certo, muitos homens e mulheres se ocuparam e usaram as Lutas Corporais com princípios nobres e altruístas, mas, as Lutas Corporais também foram a ocupação de bandidos, saqueadores, assassinos e de homens e mulheres que utilizavam esse conhecimento para divertimento e entretenimento de populares em feiras, mercados e espaços públicos, chegando a ser uma atividade corriqueira em determinadas culturas.

No entanto o apaziguamento trazido a uma boa parte dos homens e mulheres pelo implemento dos aparatos de segurança e monopólio da força física pelos Estados-Nações tiraram do cotidiano as demonstrações públicas do uso da violência corporal, afastando também a necessidade de uma parcela considerável da população de participarem de conflitos internos e externos.

O nível de violência física socialmente permitido e o limiar de repugnância contra o seu uso ou respectivo testemunho assumem formas específicas em diferentes estádios no desenvolvimento das sociedades (ELIAS E DUNNING, 1992, p. 196).

---

<sup>67</sup> Tardia em sua implementação, mas uma boa síntese das intenções dos Estados-Nações em respeitar a vida humana, temos a Declaração Universal dos Direitos Humanos, publicada pela Organização das Nações Unidas em 1948.

<sup>68</sup> A arte da Guerra, a Arte Marcial. Expressão que presta homenagem a Marte, o Deus da Guerra para os Romanos. Marte também é homenageado no calendário romano, com o primeiro mês, no nosso calendário o terceiro mês, o mês de março.

<sup>69</sup> Algumas lutas modernas orientais enfatizam esse aspecto de uma atividade que deve ser muito mais que uma atividade física, que se reveste de condutas morais e princípios éticos e espirituais, incorporando no nome de suas Lutas o ideograma DÔ = Caminho.

Vigarello (2010), descreve que em alguns países da Europa como França, Espanha e Inglaterra, até os séculos XVI e XVII, os embates corporais “combates em massa” eram uma prática comum, um verdadeiro ápice das festividades que tinham como atividade central as justas e torneios. O autor revela que essas práticas se tornaram um tanto chocante no fim da Idade Média:

a visão das couraças ensanguentadas, dos feridos espezinhados, dos corpos desconjuntados. A batalha em massa que encerrou a justa de Valladolid em 1517 foi a última desse gênero na Espanha: “O sangue dos homens e dos cavalos escorria de todos os lados; as pessoas que os olhavam diziam: Jesus, Jesus! [...], as senhoritas gritavam e choravam pedindo piedade”. [...]. Os grandes Estados centralizados e modernos toleram cada vez menos as solidariedades da linguagem, as querelas senhoriais às quais as justas podem assemelhar-se, com seus desafios, suas provocações, seu sangue derramado, seu código quase sagrado. Eles toleram cada vez menos uma violência que não conseguem controlar. (VIGARELLO, 2010, p. 308-309) (aspas do autor)

A história do Boxe mostra que sua forma moderna teve início nos mercados, feiras e portos das cidades europeias, com ascensão nas cidades inglesas. Era uma ocupação secundária de ferreiros, peixeiros e marinheiros<sup>70</sup> que travavam embates públicos, em ringues improvisados, alimentando o ávido hábito dos ingleses para as apostas. Os nobres ingleses paulatinamente passaram a financiar o treinamento desses homens, contratando-os também como guarda-costas, substituindo uma de suas principais diversões, as lutas entre animais (Bull-baiting, Bear-baiting, por exemplo)<sup>71</sup>, pela luta entre homens.

Stevens (2007), relata que na trajetória de Kano, Funakoshi e Ueshiba, os três Grandes Mestres fundadores, se depararam com situações que tiveram que utilizar os seus conhecimentos fora do *dojo*. Usando as formas de Lutas Corporais que desenvolveram em combates reais, mostrando sua eficiência.

O autor também relata que era comum, nos primeiros anos do *Kodokan*, seus membros testarem suas habilidades em confronto com lutadores de outras modalidades de lutas enfrentando-os em suas próprias escolas ou em espaços públicos. Entre eles estava um dos melhores alunos de Kano, Saigo.

<sup>70</sup> Segundo Feitosa, Leite e Lima (2006), estas ocupações além de possibilitar uma boa atividade física, proporcionava também o acesso e ingestão de proteínas o que permitia uma maior hipertrofia muscular, uma situação que não era muito comum aos homens e mulheres que deixavam os feudos em busca de novas oportunidades nos centros urbanos que surgiam na Europa com o fim do medievo.

<sup>71</sup> A luta de cães contra touros e ursos era uma atividade comum na Inglaterra. Para mais informações ver Elias, 1992.

Um dia, Saigo e sua turma foram confrontados por um grupo de lutadores de Sumô, liderados pelo enorme Araumi, “mar tempestuoso”. Araumi teve pouco trabalho com os outros lutadores de jujutsu, obrigando Saigo a enfrentar sozinho o desafio. Embora meio embriagado pelo saquê, Saigo conseguiu derrubar o homem. Mas quando o grande lutador começou a cravar os dentes na canela de Saigo, o pequeno lutador de jujutsu passou a golpeá-lo repetidamente. Logo se iniciou um vale-tudo entre os lutadores de sumô e jujutsu, a polícia foi chamada e todos foram levados para a cadeia. Para complicar as coisas, Saigo machucou diversos policiais durante a confusão. Os outros membros do Kodokan conseguiram soltar Saigo da prisão, mas quando Kano foi informado do incidente não teve outra escolha a não ser expulsar seu mais talentoso aluno por “infrações contra as regras do Kodokan” (STEVENS, 2007, p. 31-32). (aspas do autor)

Poderíamos dedicar páginas e páginas à mostra de como a Luta Corporal fazia parte do cotidiano dos povos ao redor do mundo, impulsionada principalmente pelo arbítrio do uso da força física por diferentes atores sociais. A concentração do monopólio da força física, a priori pelos Estados absolutistas e posteriormente pelos Estados-Nações (como a industrialização militar<sup>72</sup> e os dispositivos de segurança<sup>73</sup>) mudaram a relação dos homens e mulheres com esse traço peculiar da cultura corporal.

Com a modernidade as sociedades passaram a confiar mais a sua segurança ao Estado do que no arbítrio individual ou das pequenas comunidades na resolução dos conflitos. Foucault (2008), nos dá uma mostra da evolução que ocorreu no implemento dos mecanismos de segurança.

A primeira forma, [...], a que consiste em criar uma lei e estabelecer uma punição para os que a infringirem, é o sistema de código legal com divisão binária entre o permitido e o proibido, e um acoplamento, que é precisamente no que consiste o código, o acoplamento entre um tipo de ação proibida e um tipo de punição. É, portanto, o mecanismo legal ou jurídico. O segundo mecanismo, a lei enquadrada por mecanismos de vigilância de correção, [...], é evidentemente o mecanismo disciplinar. É o mecanismo disciplinar que vai se caracterizar pelo fato de que dentro do sistema binário do código aparece um terceiro personagem, que é o culpado, e ao mesmo tempo, fora, além do ato legislativo que cria a lei e do ato judicial que pune o culpado, aparece uma série de técnicas adjacentes, policiais, médicas, psicológicas, que são domínio da vigilância, do diagnóstico, da eventual transformação dos indivíduos. [...]. A terceira forma é a que caracteriza não mais o código legal, não mais o mecanismo disciplinar, mas o dispositivo de segurança, [...]. Dispositivos que vai, para dizer as coisas de maneira absolutamente global, inserir o fenômeno [...], numa série de acontecimentos prováveis. Em segundo lugar, as reações do poder ante esse fenômeno vão ser inseridas num cálculo que é um cálculo de custo. Enfim, em terceiro lugar, em vez de instaurar uma divisão binária entre o permitido e o proibido, vai se fixar de um lado uma média considerada

---

<sup>72</sup> Giddens, 1991.

<sup>73</sup> Foucault, 2008.

ótima e, depois, estabelecer os limites do aceitável, além dos quais a coisa não deve ir (FOUCAULT, 2008, p. 8-9).

As colocações do autor nos permitem construir algumas ideias sobre o processo de resistência dos atores sociais que usavam a Luta Corporal como uma atividade comum em seu cotidiano, levando em consideração que as mudanças nos habitus dos integrantes de uma configuração não ocorrem de imediato, são partes do processo civilizador e como tal, são complexas.

Elias (1993, p.193) alerte que o processo civilizador, as mudanças que ocorrem nas configurações, não são algo que se pode controlar. Um indivíduo ou grupo não tem como prever quais as consequências ou resultados de medidas ou atos instaurados em um determinado momento, elas não são “um produto da ‘ratio’ humana ou o resultado de um planejamento calculado a longo prazo”.

O autor defende a tese de que:

planos e ações, impulsos emocionais e racionais de pessoas isoladas constantemente se entrelaçam de modo amistoso ou hostil. *Esse tecido básico, resultante de muitos planos e ações isoladas, pode dar origem a mudanças e modelos que nenhuma pessoa isolada planejou ou criou. Dessa interdependência de pessoas surge uma ordem sui generis, uma ordem mais irresistível e mais forte do que a vontade e a razão das pessoas isoladas que a compõem. É essa ordem de impulsos e anelos humanos entrelaçados, essa ordem social, que determina o curso da mudança histórica, e que subjaz o processo civilizados (ELIAS, 1993, p. 194). (Itálicos do autor)*

Assim, o ato proibitivo<sup>74</sup> das atividades do *Budo* ocorrido no Japão, e poderíamos estender isso a outros exemplos como no caso da capoeira no Brasil<sup>75</sup>, não as retiraram definitivamente da sociedade, só as colocaram em um plano privado, escondido dos olhos do público e das autoridades, em um primeiro momento. Posteriormente, passando a aceitar as Lutas Corporais como uma atividade física sem aparentes ligações com o passado e com a beligerância que as tornaram tão letais.

O *Karatê*, ou como também é chamado, *Karatê-dô* – vamos traduzir livremente como o caminho dos pés e mãos vazios – foi uma Luta Corporal desenvolvida para que não houvesse o uso de armas. Ela é consequência das tenções geradas, ainda no séc. XV, pela unificação dos

---

<sup>74</sup> Mason, 2017

<sup>75</sup> Uma menção sobre a imputação de contravenção penal à capoeira foi feita na introdução deste trabalho.

três reinos de Okinawa, sob o comando da dinastia *Sho*, onde foi “estabelecido um estado confucionista<sup>76</sup> e imposta à população a proibição da propriedade privada de armas”<sup>77</sup>.

Aparentemente a medida gerou o apaziguamento das diferenças entre os reinos e o fim dos combates, tanto que as histórias de um reino pacífico “chegou até Napoleão, na França, que se maravilhou com o fato de um país conseguir manter a ordem sem recorrer as armas”<sup>78</sup>.

No entanto, houve uma resistência dos okinawanos em abrir mão de sua tradição de guerreiros. E como forma de persuasão, as práticas e o ensino dessa Luta Corporal foi levado para trás dos muros das casas, vivenciada entre as flores e árvores dos jardins, mantida secretamente longe dos olhos das forças disciplinares pelo véu da noite, horário em que essa tradição era mantida como tesouro de família<sup>79</sup>.

Ueshiba e principalmente Kano, revelaram uma grande dificuldade em aprender as Lutas Corporais com os antigos mestres (tanto os dois como Funokoshi tiveram vários mestres até sintetizarem as suas Lutas Corporais modernas japonesas) era o método usado, tudo era mostrado e deveria ser repetido até que se atingisse a perfeição.

Havia uma grande dificuldade de aprofundar os conhecimentos fora do *dojo*. Não havia muitos registros escritos, nem tão pouco, detalhamento das técnicas. Boa parte do aprendizado se baseava e foi mantido pela força da fala e do gesto, numa tradição baseada na oralidade. A dificuldade de encontrar referências escritas que os auxiliassem em seus aprendizados foi possivelmente uma consequência do período Tokugawa, que durou mais de 250 anos, tendo seu início em 1615. Durante todo esse período,

a elite governante impôs um conservadorismo de ferro e o governo de repressão e medo para todo Japão. De uma população de 20 milhões, cerca de um em cada dez eram samurais. Os camponeses, a vasta maioria e o esteio da economia quase totalmente agrária, não tinha permissão para se educar (MASON, 2017, p. 102).

A falta de escolarização não era uma particularidade só dos camponeses, mesmo entre os samurais, nobres e comerciantes, que podiam pagar pela onerosa educação disponível, o índice de analfabetismo era alto. No final do período Tokugawa, no fim do século XVIII, o índice de alfabetização entre as crianças abastadas japoneses era de 50% entre os meninos e em

---

<sup>76</sup> Falaremos no quinto capítulo sobre as relações do confucionismo com o desenvolvimento das Lutas Corporais Japonesas.

<sup>77</sup> Stevens, 2007, p. 55.

<sup>78</sup> Idem, p. 55.

<sup>79</sup> Ibidem

torno de 10% das meninas. Mesmo com a florescente área das publicações de livros, o preço era pouco acessível a grande maioria<sup>80</sup>.

Porem outra explicação para manutenção da oralidade nas práticas cotidianas das Lutas Corporais deram-se principalmente, no *dojo*, por parte dos antigos mestres. Parte da compreensão que tinham da unicidade de cada indivíduo, da compreensão que cada um é único e percorrerá o seu próprio caminho, um “DÔ” que é único para cada budoka. Ueshiba (2010), percebeu essa importância com muita clareza e sobre isso ele explicou:

*Bu*<sup>81</sup> é uma criação dos deuses e do cosmos, e utiliza técnicas essências que foram criadas de amor, calor, luz e poder. Nossa missão é manifestar a mente divina – mostrar a realidade do *bu* – nas técnicas do Aikido. A transmissão oral no Aikido consiste em implementar individualmente esses ensinamentos em significado (mente) e em intenção (corpo). *Bu* é um princípio vivo. [...]. Nós somos centelhas do divino, e a separação temporária dessa fonte nos fortalece com a liberdade de ser. Muito frequentemente, as pessoas se prendem à ideia de liberdade, esquecem-se de sua missão e tornam-se egoístas e voluntariosas” (UESHIBA, 2010, p. 69).

A transmissão oral dos ensinamentos exige em determinados momentos a individualização da fala, o despertar da compressão que cada corpo executa uma técnica de forma única, sutil e inequívoca. Nenhuma técnica é executada uniformemente por duas pessoas, e nem uma pessoa executa uma técnica exatamente como executou anteriormente, se assim fosse não haveria evolução, não haveria refinamento, nem compreensão de que cada gesto é único e toda execução deve sempre ser melhor do que a última realizada.

Para os que praticaram ou ainda praticam as artes do *Budo* é sabido que boa parte do aprendizado das técnicas e dos muitos rituais – como os de entrada e saída do *dojo*, os

---

<sup>80</sup> Mason, 2017.

<sup>81</sup> Um ideograma japonês pode ter muitos significados dependendo da junção como outros ideogramas. Neste sentido Bu-Dô pode ser entendido como o caminho das artes maciais do Japão, princípios éticos e morais que orientam o praticante. Isoladamente, o ideograma pode ter uma variedade semântica dependendo da conotação empregada, se religiosa, se ética etc. Ueshiba (2010) em seus escritos vai apresentando diferentes explicações para o termo, que de certa forma, desenharam e complementam o seu significado dentro das práticas do Aikidô. Assim, disse ele inicialmente: “desde os tempos antigos se diz: ‘O *bu* é divino’. O *bu* é um caminho estabelecido pelos deuses que é verdadeiro, bom e belo. Foi formulado de acordo com as regras divinas e é o caminho nobre da justiça. É o caminho para todas as pessoas verdadeiras se guiarem” (p. 26). Posteriormente ele complementa: “Etimologicamente, *bu* significa ‘deter a lança’, e essa ideia é o que o verdadeiro guerreiro se empenha para fazer. Um verdadeiro guerreiro está sempre consciente de seu nobre dever de criar um mundo iluminado. Isso é harmonia. Um simples minúsculo ser humano contém um imenso universo” (p. 38). Podemos dizer que o “*bu*” é um princípio, um fundamento e é uma ação que todos os indivíduos devem implementar no seu caminho. Deve-se encontrar a verdade e essa verdade nos guia no caminho para alcançar o bem, a justiça e pôr fim a harmonia que tem como base o amor, o fim da jornada e o retorno ao começo de tudo. Para Ueshiba (2010), a criação é um ato divino e de amor e o amor é o fim a ser alcançado pelo caminho de cada indivíduo.

cumprimentos, as formalidades entre os praticantes mais antigos e mais novos – ainda hoje não é algo que é falado. São práticas incorporadas no dia a dia, corrigidas, mas sem que muitas explicações sejam dadas, até se tornarem natural naquela configuração, apreendidos e incorporados como *habitus* particular naquele espaço.

Como nos revela Lowry (2011), a etiqueta e o formalismo dos gestos eram distintivos da nobreza e da casta dos samurais. Durante séculos, o refinamento e manutenção da etiqueta nas atividades cotidianas dessas configurações foi uma das formas de manter a posição de *Establishment*<sup>82</sup> dos nobres e samurais em relação ao resto da população.

A etiqueta e formalismo eram um traço importante da cultura, tanto que formas mais simples, mas, não menos importantes, foram incorporadas aos *habitus* não só do povo japonês, mas estavam presentes também, em boa parte dos povos orientais e são mantidas até hoje, como o caso do cumprimento, da reverência: o *ojirei*.

No Japão, as criancinhas mal começam a andar aos tropeços e já são “dobradas” para assumirem a posição correta pelos pais, até que o movimento seja quase instintivo. Etnologistas acham que o hábito pode ter começado ainda mais cedo, pois tradicionalmente os bebês eram carregados no estilo *onbu*, nas costas das mães, então eles estariam fazendo a reverência, de certa forma, sempre que as mães a fizessem (LOWRY, 2011, p. 108).

De certo que as gerações atuais, as gerações modernas não dão tanta importância para o formalismo das etiquetas e muito menos a excelência de sua execução. O contato com o ocidente, como a sociedade moderna, possibilitou um desgaste das formas tradicionais de comportamento e a incorporação de padrões universais de conduta capitaneado pela cultura ocidental.

a modernização do mundo da vida não foi determinada apenas pelas estruturas da racionalidade com respeito a fins. E. Durkheim e G. H. Mead viram que o mundo da vida racionalizado é caracterizado antes por um relacionamento reflexivo com tradições que perderam sua espontaneidade natural; pela universalização das normas de ação e uma generalização dos valores que liberam a ação comunicativa de contextos estreitamente delimitados, abrindo-lhe um leque de opções mais amplo; enfim, por modelos de socialização que se dirigem à formação de identidades abstratas do eu e que forçam a individualização dos adolescentes (HABERMANS, 2000, p. 04).

---

<sup>82</sup> “Um *establishment* é um grupo que se autopercebe e que é reconhecido como uma ‘boa sociedade’, mais poderosa e melhor, uma identidade social construída a partir de uma combinação singular de tradição, autoridade e influência: os *established* fundam o seu poder no fato de serem um modelo moral para os outros”(ELIAS e SCOTSON, 2000, p. 07).

Embora tenhamos clareza que muitas dessas práticas e rituais não sejam mais uma conduta que gere reflexão aos novos praticantes das Lutas Corporais, em especial as orientais; nem que o aperfeiçoamento técnico esteja restrito à experiência dos velhos mestres, a tradição oral e a força do gesto foram aspectos importantes na resistência e manutenção da identidade bélica e dos guerreiros que as forjaram.

Segundo Stevens (2007), Kano, Funakoshi e Ueshiba, os Mestres fundadores, tinham como similaridade a origem abastada, bem-nascidos em famílias com posses e posição social. Tiveram tanto a educação tradicional no seio das suas famílias, como também a educação moderna ocidental, em destaque neste aspecto para o fundador do *Judô*.

Kano era muito mais que um artista marcial, obviamente. Graças à sua inteligência, à facilidade com as línguas, às viagens internacionais e à destacada carreira como educador, Kano foi talvez o mais culto japonês de sua época. Ele era certamente inspirador exemplo do perfeito cavalheiro: maneiras impecáveis, alta cultura e porte atlético. Tanto Funakoshi quanto Ueshiba tinham o mais profundo respeito por Kano e jamais esqueceram o amável apoio que receberam dele em seus esforços iniciais em Tóquio (STEVENS, 2007, p. 136-137).

Neste sentido, os três preservaram a formalidade, refinamento e cordialidade das castas a que pertenciam, aliando a elas o desenvolvimento técnico e métodos de ensino e aprendizagem moderno que permitiram um crescimento exponencial de suas Lutas Corporais, dos seus praticantes e de seus *dojos*, numa proporção nunca alcançada pelas escolas (*Ryu*) que as precederam, e por onde passaram.

Os três mestres também perceberam que, suas artes eram uma forma de preservar aspectos importantes e essências da cultura japonesa, construída com a junção de sistemas filosóficos e religiosos como o Confucionismo, o Xintoísmo e o Budismo. Juntos, esses sistemas formaram os peculiares princípios éticos, morais, políticos e sociais da cultura japonesa, e inevitavelmente, se mantiveram presentes nas Lutas Corporais modernas japonesas.

As Lutas Corporais criadas pelos três mantiveram muito da tradição da sociedade Japonesa. A devoção ao Imperador, o respeito ao caminho o *DO*, o respeito aos mais velhos e a família, o respeito e culto aos ancestrais e as divindades, os *Kamis*, alicerçavam-se no Xintoísmo; a importância e respeito a códigos rígidos de ética e moral, a hierarquia, vieram do Confucionismo. O equilíbrio ente forças, a graciosidade nos movimentos, a eficácia e inteligência no uso do corpo através da técnica, preservando sua integridade e levando-o a ações de benefício próprio e benefício dos que estão a sua volta são características budistas.

Aspectos importantes da organização e disposição dos praticantes e objetos dispostos em um *dojo* foram preservados, respeitando não só a estética, mas também, o equilíbrio entre os “cinco movimentos<sup>83</sup>”, mantendo o fluxo e circulação das energias, conectando tudo e todos ao universo, princípios baseados no Taoísmo.

Fica perceptível, que o controle da força física e a necessidade do apaziguamento da sociedade por meio das proibições das artes do *Budo*, não tiveram um êxito completo. Os mestres fundadores compreenderam bem os princípios impostos pela modernidade que se instaurava arrebatadoramente no Japão, afetando a vida de tudo e de todos. Tiveram a sensibilidade e inteligência de administrar estas tensões resistindo e preservando as raízes das Lutas Corporais e suas raízes, enfrentando os princípios da modernidade.

#### 4.2 *Akuma kara tenshi ni mukau* – passando de demônio a anjo

O objetivo bélico e a eficácia mortal a que se propunham as antigas artes do velho *Bushido* não tinham mais lugar na nova ordem social do Japão que se modernizava. Os antigos guerreiros de armadura e espada perderam seu lugar para as forças militarizadas e seus armamentos modernos trazidos do ocidente.

Não havia mais propósito em ensinar a matar, nem de lutar até a morte. Sem uma mudança aparente de propósito, a Luta Corporal, não tinha mais sentido para uma sociedade que adotava o princípio da vida como esteio maior das medidas de desenvolvimento social. Cientes desta nova forma de organização do Estado, os mestres das Lutas Corporais modernas japonesas compreenderam que os objetivos e princípios de suas artes deveriam ser o desenvolvimento pleno do sujeito e este contribuindo para o bem da sociedade.

Era necessário aprender não só a eficiente utilização da técnica, mas ter autocontrole e discernimento no seu uso. O aprendizado deveria ser: um meio e um objetivo, um caminho (*DÓ*) para aquisição das técnicas e seu uso com autocontrole e, ao mesmo tempo uma conduta de vida alicerçada em princípios éticos, morais e de contribuição no desenvolvimento social.

Como bem sintetizou Ueshiba, “O segredo do Aikido não está como você move os pés, está no modo como você move sua mente. Eu não estou ensinando técnicas marciais, estou ensinando a não-violência<sup>84</sup>”.

<sup>83</sup> A saber: o fogo, a água, a terra, a madeira e o metal. Trataremos melhor desta questão no próximo capítulo.

<sup>84</sup> As palavras são de Morihei Ueshiba, apresentada em uma epígrafe do livro *Memórias do grande mestre (Ô Sensei Morihei Ueshiba): vivendo e treinando com Morihei Ueshiba o fundador do Aikido*. PERRY, Susan. 2002.

No passado se acreditava erroneamente que as artes marciais serviam para tirar a vida humana. O Akido, ao contrário, serve para salvar a vida humana. Ele é um veículo que protege a vida humana. A prática do Akido não serve para matar outra pessoa. Eu aprendi *ai* (harmonia) é na verdade *ai* (amor): Aikido, o “Caminho da Harmonia” é na verdade Aikido, o “Caminho do Amor” (UESHIBA, 2010, p. 42).

As palavras de Ueshiba mostra a adesão de sua Luta a um espírito de promoção do desenvolvimento do indivíduo e da sociedade.

Kano acreditava firmemente que, comparado aos esportes de outros países, ju-jitsu oferecia um método superior de treinamento mental e físico e, com o acréscimo de uma filosofia adaptada à sociedade moderna da era Meiji (1868-1912), seria um meio excelente de instrução. Segundo ele, o objetivo da prática do judô é o aperfeiçoamento físico, mental e moral, e o uso desses poderes para o bem da sociedade<sup>85</sup>.

Na lápide de Funokoshi está escrito “Não há primeiro ataque no Karatê<sup>86</sup>”, para esse grande mestre, até quando atacado o praticante do karatê deve evitar revidar, deveria se defender dos golpes e esperar que o adversário derrote a si mesmo. O praticante do karatê deve aprender a cultivar a paciência e firmeza em seus propósitos, qualidades essenciais para o desenvolvimento pessoal e da sociedade.

Podemos dizer assim que os grandes mestres adotaram, em suas Lutas Corporais, a não violência como um dos princípios. Adaptaram-se aos princípios da organização da sociedade em curso. Entenderam que na modernidade o principal direito a ser respeitado e cultivado é o direito à vida, e assim, suas Lutas Corporais deveriam estar alicerçadas neste direito.

A opção dos três Grandes Mestres por sistemas de Lutas Corporais alicerçado na defesa pessoal, reflete também suas posições sociais. Embora tenham nascido em famílias de nobres e comerciantes, nenhum dos três era samurai<sup>87</sup>. O que faziam os três terem muitas ressalvas a violência com que as Lutas Corporais e com Armas eram usadas no período anterior a Era Meiji.

O período Tokugawa foi de muita truculência e arbitrariedade por parte dos samurais. Estes impunham a lei e a ordem dos Grandes *Daimyos*<sup>88</sup> com o uso da força e sem piedade. “O

---

<sup>85</sup> As palavras são de Yukimitsu Kano, filho do grande mestre Kano, no prefácio do livro Energia mental e física: escritos do fundador do *Judô*/Jigoro Kano. KANO, Jigoro. 2008.

<sup>86</sup> Ver Stevens, 2007.

<sup>87</sup> Como casta, a posição era compulsória, já se nascia samurai, não era possível ser educado para ser um, nem ser elevado de camponês a samurai.

<sup>88</sup> O Grande Daimyo era a referência dispensada a todo Tokugawa que assumia o governo. Quase sempre o primogênito, preparado por toda a vida para essa missão.

governo Tokugawa utilizava os samurais para impor suas ordens – tinham o direito, inclusive, ‘de matar e partir’, e de não responder por assassinatos diante da lei” (MASON, 2017, p. 106). Situação que de fato ajudou no processo de mudanças rápidas de padrões de cultura e comportamento dos japoneses, inclusive, em relação à violência e à utilização das Lutas Corporais e com armas.

As Lutas Corporais que conseguiram sobreviver as condições impostas pela modernidade, o fizeram apresentado objetivos bem distintos das Lutas que as antecederam, conectando-se às exigências de sociedades apaziguadas com uma estabilidade maior de repulsa a episódios do uso e testemunho da força física e da violência. Essa é uma consequência das mudanças ocorridas nos conceitos, preconceitos, princípios éticos e morais das sociedades que evoluíram para uma organização em Estados-Nações.

Segundo Elias e Dunning (1992, p. 197),

evoluímos de acordo com uma organização social e um controle dos meios de violência específico dos Estados-nações do nosso tempo, com padrões específicos de autodomínio quanto a impulsos de violência. Avaliamos as transgressões de maneira automática por estes padrões — quer elas ocorram na nossa própria sociedade quer noutros estádios de desenvolvimento diferentes. Assim interiorizados, estes padrões proporcionam proteção e fortalecem as nossas defesas, sob uma grande variedade de formas, contra pequenas faltas. Uma sensibilidade elevada relativamente a actos de violência, a sensação de repugnância contra o facto de se presenciar a violência, cometida para além do nível permitido na vida real, sentimentos de culpa sobre os nossos próprios erros, uma «má consciência», tudo isto é sintomático destas defesas.

O nível de aceitação de atos de violência do velho Japão mudou consideravelmente, não só pela proibição das artes do *Bushido*. Os quase três séculos de “feudalismo, já a muito em decadência, encontrava-se preste a ruir ao primeiro toque<sup>89</sup>”. A abertura do Japão foi apenas o início de uma desejosa mudança da maioria oprimida e violentada pelo Xogunato de Tokugawa e orquestrada pela rica e crescente classe de comerciantes que já vinham a tempos restabelecendo o poder do Imperador, possibilitando uma verdadeira revolução na era *Meiji*.

No entanto a abertura ao ocidente, a entrada do Japão em um processo de industrialização, ampliação do comércio mundial para além das fronteiras asiáticas e, principalmente, a adoção dos padrões modernos da sociedade europeia, não trouxeram grande aditamento aos mais pobres, aos camponeses e desvalidos. Segundo Mason (2017), as grandes transformações e avanço econômico foi

---

<sup>89</sup> Mason, 2017, p. 31

obtido com dinheiro extorquido de pesados impostos aos camponeses e de jovens que trabalhavam nas indústrias têxteis e nas minas de carvão por longas horas em troca de salários muito baixos – quase como escravos. O infanticídio se tornou comum, com muitas famílias matando seus filhos ao nascerem, menos o primeiro menino e menina, por não terem condições de sustentá-los. Há descrições contemporâneas de camponeses que decapitavam suas crianças famintas, incapazes de suportar seu sofrimento (MASON, 2017, p. 271).

Mas para as classes urbanas mais ricas os modelos e padrões de vestimenta e de comportamento social foram mudados radicalmente, passando-se a estudar e a adotar o estilo ocidental. O intuito era superar qualquer resquício que associassem as ricas famílias aos antigos padrões do Japão feudal, e isso dizia respeito às formas de se ver e se envolver com as Lutas Corporais.

Comparativamente, partindo da dinâmica que envolvia a preparação de um guerreiro oriental, fica perceptível que houve uma mudança na lógica dos fatores que levavam a um confronto com a implementação da modernidade.

Partindo dos pensamentos de Sun-Tzu (2007), sobre a arte da guerra e da disposição dos samurais para o uso de sua força por séculos, verifica-se que o guerreiro deveria estar sempre preparado para atacar. Se ele conhecesse bem a si mesmo, e conhecesse bem seu inimigo, a vitória estaria garantida. Só deveria atacar quando essa fosse a última alternativa, mas, deveria estar pronto e preparado para atacar uma única vez e obter a vitória. Neste caso a preparação estava ligada à eficiência do ataque e obtenção da vitória (TZU, 2007).

Com todas as alterações de padrões de conduta e civilidade<sup>90</sup> trazidos com a modernidade, a preparação não podia ser mais para a guerra, nem tão pouco para o ataque. As Lutas Corporais passaram a preparar o praticante para se defenderem em último caso, e o primeiro ataque, nunca deve ser desejado, pensado ou realizado. Nas atividades cotidianas da vida em sociedade, o primeiro ataque passou a ser um ato de agressão, de perda da razão, e do abandono do diálogo: um ato de barbaria.

É notório, e de certa forma lógico, que os grandes mestres mantiveram em suas Lutas Corporais o ensino e o aprendizado em combate. O confronto direto entre alunos, durante as seções de treinamento é parte fundamental do aprendizado e condição essencial para domínio das técnicas, para melhoria das táticas e manutenção das raízes e heranças das artes do antigo *Bushido*. E é com essa perspectiva que o confronto é muito salutar para o entendimento das Lutas Corporais como um caminho de aprendizado para a vida.

---

<sup>90</sup> Para mais informações ver Elias, 1993a.

Antigamente, quando o judô era ensinado simplesmente como judô jutsu ou taijutsu, os praticantes visavam principalmente ao treino da defesa contra ataques, mas quando ele passou a ser ensinado como judô Kodokan, seu propósito foi ampliado para incluir o treinamento intelectual e moral. É claro que é bom aprender métodos de defesa contra ataques, mas atualmente é bem menos necessário, em termos práticos, passar anos praticando (sugest para se tornar um mestre de judô apenas para repelir um ataque seria uma tolice. Entretanto, a razão pela qual eu recomendo a todos, tanto os especialistas quanto as pessoas comuns, que pratiquem o judô por toda a vida é que a prática dessa arte traz vários benefícios que vão muito além da simples defesa contra ataques (KANO, 2008, p. 87).

Possivelmente, por isso que os três grandes mestres tinham tantas ressalvas e preocupações com o interesse crescente de seus alunos para com os torneios e as competições. Como já foi dito, nas Lutas Corporais modernas japonesas, as competições e torneios são parte do aprendizado, sejam eles realizados dentro do *dojo* ou em uma escala maior, mas não é o seu objetivo nem seu fim último.

Compreendendo essa mudança radical de princípios norteadores das sociedades modernas, foram implementadas mudanças significativas também nos princípios das Lutas Corporais modernas. Mas, essa não é uma característica só do *Judô*, do *Karatê* e do *Aikidô*, elas passam a nortear as Lutas Corporais modernas que se transformaram em uma prática corporal aceita socialmente, seja como uma prática educativa, entretenimento ou como uma Modalidade Esportiva de Combate.

Defendemos e apresentamos aqui a tese de que: Na modernidade, as Lutas Corporais que se adaptaram a seus princípios e preceitos, o fizeram adotando três princípios básicos e preservados os três fundamentos característicos das antigas formas de Lutas Corporais.

Defendemos assim, como primeiro princípio, que: As Lutas Corporais modernas devem preservar a vida e a integridade física dos envolvidos no confronto. Este princípio é uma consequência das tensões que envolveram o controle do uso da força física pelos Estados-Nações e do desenvolvimento do autocontrole dos praticantes dessas Lutas Corporais.

Como já argumentamos antes, não é mais pelo arbítrio individual ou de pequenos grupos que a força poderia ser usada para resolver as diferenças na modernidade. Estas são resolvidas pelo sistema jurídico e as medidas de segurança por ele sustentado.

O apaziguamento externo e interno proporcionado pelo Estado-Nação, em período de paz as condições e sensação de segurança<sup>91</sup>, que proporcionam a estabilidade e repulsa ao uso e visualização da violência<sup>92</sup>, exigem das múltiplas manifestações sociais um respeito aos princípios da vida e da integridade física de outrem.

O confronto nas Lutas Corporais modernas é sem sombra de dúvida a impossibilidade do diálogo na resolução de questão muito simples e, por vezes particulares, mas que não poderiam ser resolvidas por meio do diálogo: Quem está melhor técnica, física, estratégica e emocionalmente entre dois lutadores que entram em um confronto? Quem, em condições de regras estabelecidas ou consenso de ações aceitáveis pelos envolvidos no confronto, partindo de princípios éticos e morais, consegue, no momento do combate, demonstrar um maior domínio técnico, preparo físico, formulação de estratégia e controle emocional a ponto de obter a vitória sobre o outro? O quanto foi melhorado o domínio técnico, tático, físico e emocional em um confronto com um companheiro conhecido ou um novo companheiro de luta?

Essas e outras questões, que possam surgir em fórum íntimo, são as questões a serem resolvidas nos confrontos das Lutas Corporais modernas, sejam em um treino ou dentro de uma competição oficial, caso a Luta Corporal também seja uma Modalidade Esportiva de Combate.

No entanto, essas questões a serem resolvidas pelo uso da força permitida e guiada por regras oficiais ou de conduta ética e moral, devem estar baseadas no autocontrole e no princípio maior que: a vida e a integridade física do outro é mais importante que qualquer resposta à questão motivadora do confronto.

Isso é facilmente detectado na evolução das regras das Modalidades Esportivas de Combate, quem vêm se aperfeiçoando para garantir a vida e a integridade física dos praticantes, sem que com isso haja a perda da essência da Luta Corporal, proporcionando um espetáculo emocionante para os expectadores ou telespectadores.

Equipamentos de segurança como capacetes luvas e protetores bucais de melhor qualidade vêm sendo usados para garantir mais segurança aos lutadores; melhoria da estrutura das áreas de combate como materiais que absorvem melhor o impacto, e o uso de tecnologia de vídeo que retira árbitros e cadeiras de dentro das áreas de combate; mais rigorosidade nas regras e punições para atletas que insistem em utilizar técnicas não permitidas que põem em risco a sua segurança e a segurança do outro. Entre outras medidas que visam a uma melhor segurança e qualidade do confronto vem sendo implementadas constantemente.

---

<sup>91</sup> Ver Giddens, 1991.

<sup>92</sup> Elias e Dunning, 1992.

O segundo princípio: Nas Lutas Corporais modernas, o objetivo a ser alcançado para finalizar o combate são as ações no corpo ou com o corpo do adversário. Na verdade, esse não é um princípio novo. Esse é um princípio definidor da identidade dessa manifestação corporal humana, e se fez presente nas primeiras vezes que o homem reagiu instintivamente à emoção do medo, e entrou em combate corporal.

É o que permite dizermos que esta ou aquela atividade é, ou não é uma Luta Corporal. As ações que envolve o controle ou contato com o corpo de um adversário/companheiro, estão presentes, juntas ou separadas, em diferentes manifestações da cultura corporal da humanidade, como na dança, no jogo, na ginástica e principalmente nos esportes. Mas no caso dessas outras manifestações da cultura corporal, essas ações não são executadas como fim em si mesma, e sim, como meio para que se alcance os objetivos de cada uma delas.

Um dançarino(a) não executa uma ação de controle sobre o corpo de outro dançarino(a) como o objetivo de simplesmente controlar esse corpo. Essa ação é um meio para que o processo de emoção no espectador seja gerado, como forma de construir uma imagem plástica pelo movimento/contenção desses corpos.

Quando duas crianças jogam de “polícia e ladrão” ou no jogo de “pega corrente”, o ato do controle do corpo do coleguinha não é uma ação finalizadora em si, mas é um meio para o desenvolvimento da atividade e para que as tensões e o prazer do jogo sejam gerados e alcançados.

Em alguns esportes coletivos o nível de contato físico e uso da violência é algo permitido. O Futebol Americano, o Rugby, o Hóquei no Gelo, por exemplo, não só tem ações táticas de ataque e defesa, como também ações de ataque, defesa e controle do corpo do adversário. No entanto, essas ações não são finalizadoras nem definidoras dos objetivos desses esportes. São meios, estratégias para que sejam alcançados seus objetivos: o gol a marcação dos pontos, o quer for necessário para se obter a vitória.

Nas Lutas Corporais modernas as ações de ataque, defesa e controle no corpo ou do corpo do adversário são definidoras dos objetivos propostos para as Lutas Corporais independente de suas especificidades. Um capoeirista “na roda<sup>93</sup>”, usará ações de ataque, defesa e, algumas vezes de controle para conter o jogo do outro, e este, fará o mesmo.

---

<sup>93</sup> Em meu saber de experiência, a roda é o mundo, é o que nos cerca, é nossa vida. E em nossas vidas a maioria do tempo devemos nos congreguar com os outros do nosso mundo, e com eles celebrar nossas vidas, cantar, dançar, bater palmas, ou seja, sentir-se feliz na congregação do encontro de homens e mulheres ali reunidos. Mas como na vida, na roda a momentos que devemos lutar, e nesse momento apreende-se que as ações de ataque, defesa e controle devem conter o outro: devo dominá-lo sem o tocar.

Assim, sem tocar meu companheiro de jogo, mostro que o conjunto de minhas ações contém mais, do que os dele me contém. Em Lutas como o *Karatê* e o *Muay Thai* o objetivo é tocar, como partes do corpo, o corpo do adversário, e por sua vez evitar ser tocado. Nas Lutas Olímpicas e no *Judô*, os objetivos se baseiam nos arremessos e contenção temporal do corpo do adversário. No *Sumô* moderno pode-se obter a vitória excluindo o corpo do adversário da área de combate, ou fazendo com que o adversário toque qualquer parte do seu corpo, que não seja a região plantar, no chão.

Fica claro então, que não é o fato de uma manifestação corporal ter ações de ataque, defesa e controle que as define como Luta Corporal e sim, se essas ações são executadas como fim último desta manifestação, se são eles mesmos os objetivos definidores da disputa.

Terceiro princípio: Nas Lutas Corporais modernas, o combate envolve o confronto entre dois adversários. Radicalmente a quantidade de adversário, que se enfrentava em situações de um combate corporal, na tentativa de resolver uma questão que não pode ser resolvida pelo diálogo, não era algo definido ou definidor do fato. Isso dependia de quantas pessoas que se envolviam na defesa das ideias contraditórias.

Como mostrou Vigarello (2010), as Lutas Corporais em massa eram comuns na Europa medieval. E em um sentido mais lato, as guerras e disputas entre povos foram vividas e desenvolvidas em praticamente todas as dimensões temporais e espaciais da espécie humana. A diferença do número de homens (e por vezes de mulheres) que compunham os exércitos, em campos opostos de uma disputa, nunca foi impedidor para que o mesmo ocorresse, nem um definidor da vitória.

Tzu (2007) por exemplo, demonstrava que a superioridade numérica não era uma condição definidora da vitória a priori. A diferença numérica não impediu a invasão de Jerusalém pelos Cruzados entre os séculos IX e X, nem foi um impedimento para a retenção das hordas Persas na tentativa de tomarem as Ilhas Gregas no século V a.C., por exemplos.

Mas como lembra Elias (1985) e Guiddens (1991), o poderio bélico (o número de homens e seu treinamento e o seus armamentos e poder de destruição) de uma nação é um fator motivador, como também, desmotivador das pretensões de uma nação se pôr em batalha contra outra nação discordante<sup>94</sup>, fato este, que vem trazendo certa estabilidade entre os grandes Estados-Nações na contemporaneidade e tornou, em grande parte, obsoleto o enfrentamento corporal.

---

<sup>94</sup> Guiddens, 1991.

A possibilidade de enfrentar, em um combate, dois ou mais inimigos não foi por completo descartado pelas Lutas Corporais modernas. Em parte da sistematização das técnicas, conhecida como *Kata* (formas), os três grandes Mestres organizaram sequências de movimentos que preveem a defesa contra dois ou mais adversários, mantendo assim a gênese bélica de suas Lutas Corporais.

Mas, no início do aprendizado, como também, em boa parte do seu desenvolvimento, inclusive na parte do treinamento em situação de confronto (*shiai* no *Judô*, *Kumitê* no *Karatê*) o processo se dá entre dois indivíduos. E isso tornou-se uma regra nas Modalidades Esportivas de Combate, como também, uma norma, um princípio moral entre dois sujeitos que querem, sem intervenções externas ou de outros, resolver suas questões discordantes.

Nas Lutas Corporais que trilharam o caminho da esportivização, se adaptando aos princípios da “1) quantificação; 2) superação; 3) burocratização e institucionalização, via federações e organizações; 4) secularização; 5) especialização; 6) racionalização” (FRANCHINI e VECCHIO, 2011, p. 67), sendo reconhecidas hoje como Modalidades Esportivas de Combate, temos um quarto princípio obrigatório.

Quarto princípio: Nas Lutas Corporais modernas, que são reconhecidas como Modalidades Esportivas de Combate, exige-se para os confrontos, condições objetivas e mensuráveis de igualdade entre os adversários, garantindo assim a imprevisibilidade do resultado. Esse princípio, é mais uma aceitação/adaptação à cultura esportiva do que uma herança das práticas das Lutas Corporais. Até porque, em condições de defesa, em situações reais não há a escolha de se defender de apenas um agressor e este ter medidas físicas semelhantes.

Ainda hoje, nas competições de *Sumô* tradicional (há também uma versão esportiva) as diferenças de peso e idade não são definidoras da organização das competições. Muitos *Yokosunas*<sup>95</sup> não obtiveram os seus títulos sendo os mais fortes e os mais pesados participantes das competições que disputaram.

As condições de igualdade, mais que um princípio do esporte é um princípio do liberalismo. Uma condição para que se estabeleça a meritocracia nos processos de disputa e competição entre instituições e indivíduos no regime de produção capitalista, que se faz presente também na lógica do esporte. Assim as regras dessas modalidades determinam os

---

<sup>95</sup> *Yokosuna* é o título dado ao *sumotori* (lutador de *Sumô*) que consegue se sagrar campeão em dois torneios consecutivos e se for aprovado pelo comitê de julgamento da Associação Japonesa de *Sumô* (*Nihon Sumo Kyokai* em japonês).

parâmetros para que os lutadores não tenham vantagens para além das suas condições técnicas, táticas e emocionais, os elementos que definirão quem venceu a questão em disputa.

Por vezes as competições abrem espaço para que a essência do combate bélico seja revisitada, mas dentro de normas estabelecidas e aceitas pelos participantes. As disputas da “categoria absoluta<sup>96</sup>”, e a disputa entre Master’s<sup>97</sup> são exemplos deste momento de retorno às origens.

Estes princípios, descritos acima, estabeleceram a organização das Lutas Corporais modernas permitindo que se tornassem uma atividade socialmente aceita e um espaço legítimo para o uso da força física controlada, sem que haja nem um tipo de choque aos princípios da modernidade em curso.

Além dos princípios orientadores, as Lutas Corporais modernas apresentam três fundamentos que dão as características dessa manifestação da cultura corporal, sendo eles: ações de ataque, ações de defesa e ações de controle.

As ações de ataque são conjuntos de movimentos técnicos de membros superiores e/ou membros inferiores e/ou de tronco e/ou de cabeça, impulsionado por uma orientação tática ou uma resposta rápida a uma situação posta no confronto, que tem como objetivo o encerramento do combate ou que levam o seu executor mais próximo da vitória.

As ações de defesa são conjuntos de movimentos técnicos de membros superiores e/ou membros inferiores e/ou de tronco e/ou de cabeça, impulsionado por uma orientação tática ou uma resposta rápida a uma situação posta no confronto, que tem como objetivo impedir o encerramento do combate e que permitem ao executor uma nova ação.

As ações de controle são conjuntos de movimentos técnicos de membros superiores e/ou membros inferiores, impulsionado por uma orientação tática ou uma resposta rápida a uma situação posta no confronto, que tem como objetivo conter parcialmente ou totalmente o corpo ou movimento do adversário, podendo com isso, encerrar o combate ou permitir ao executor uma nova ação. Isso faz com que as ações de controle tenham um duplo objetivo, podendo ser ofensivo ou defensivo, dependendo da especificidade da Luta Corporal e da situação posta aos adversários no desenvolvimento do combate.

A compreensão dos Mestres Fundadores permitiu que suas Lutas Corporais fossem organizadas, vivenciadas e aceitas como expressão da cultura Japonesa, pelos processos de resistência, adaptação e preservação frente ao controle da força física pelo Estado, o aumento

---

<sup>96</sup> Categoria aberta a competidores com todos os pesos.

<sup>97</sup> Que envolve competidores acima de uma determinada idade.

do autocontrole e a contraposição às formas tradicionais de vida. Com essas bem-sucedidas mudanças, as Lutas Corporais adaptaram-se as exigências de uma sociedade em transformação.

Passaram a fazer parte do processo educativo dos japoneses em um primeiro momento, e posteriormente ganharam o mundo; como um eficiente sistema de autodefesa; como um sistema ético, filosófico e profilático; e principalmente como modalidades esportivas de combate, possibilitando que na atualidade o *Judô*, *Aikidô* e o *Karatê* se façam presente em centenas de países para além das fronteiras nipônicas, algo que pudemos supor não tenha sido planejado por seu criadores, mas foi o resultado do longo processo civilizador que ocorreu para além da existência dos próprios mestres.

No próximo capítulo passaremos a tratar a Luta Corporal como uma prática social e educativa como consequência do desenrolar do processo civilizatório ao qual foram submetidas. Vimos algumas tensões geradas na modernidade que possibilitaram que a Luta Corporal passasse de uma atividade bélica a uma atividade socialmente aceita, passando a ter muitos sentidos e significados para além do que foi pensado por seus criadores. Esta multiplicidade semântica propiciada pela modernidade trouxe desenvolvimento para as Lutas Corporais, mas também, gerou dúvidas sobre o que são e quais são seus benefícios para a sociedade.

## 5 YOYU – UMA MENTE AMPLA

Se você tem uma laranja e troca com outra pessoa que também tem uma laranja, cada um fica com uma laranja. Mas se você tem uma ideia e troca com outra pessoa que também tem uma ideia, cada um fica com duas (Confúcio, 551 a.C - 479 a.C).

Nos capítulos anteriores discutimos a construção epistemo-histórica e as mudanças ocorridas com a Luta Corporal frente às forças modernizadoras do Japão da era *Meiji*. Mostramos que a Luta Corporal em sua radicalidade foi uma reação inata a emoção do medo e, como resposta apreendida e repassada as futuras gerações, tornou-se um conhecimento importante para as primeiras organizações sociais. Com o decorrer dos séculos, esse conhecimento diversificou-se frente às novas exigências das sociedades em desenvolvimento e na modernidade modificou seus princípios adaptando-se às novas exigências posta pela civilidade em curso.

Neste capítulo, discutiremos algumas manifestações da Luta Corporal, que se faz presente hoje em nossa sociedade e que são o resultado do Processo Civilizador (ELIAS, 1993, 1994a). Elas não foram planejadas nem controladas pelos homens e mulheres que, no curso da história, promoveram as mudanças necessárias e exigidas em suas épocas, mas que possibilitaram que a Luta Corporal figurasse hoje como uma prática educativa (curricular e extracurricular), como Modalidades Esportivas de Combate e/ou atividade física profilática e estética e principalmente como entretenimento.

### 5.1 *Masutā suru koto o shiru tame ni* – Conhecer para dominar

Com um olhar pragmático poderíamos dizer que a Luta Corporal na modernidade perdeu completamente o sentido. Comparada a outras práticas corporais construídas historicamente pelo homem, aprende-se nela técnicas que não devem nem podem ser usadas inadvertidamente.

Com referência a outras práticas corporais, podemos dizer que se aprende a dança para dançar, aprende-se o jogo para jogar, aprende-se os nados para nadar (e poderíamos seguir com muitos outros exemplos), mas, aprende-se a Luta Corporal para não lutar, como foi perceptível na fala dos Mestres Fundares do *Judô*, *Karatê* e *Aikido* (no capítulo anterior). Um paradoxo,

que por si só, não explica a dimensão e diversidade que essa prática social alcançou na contemporaneidade.

Podemos dizer inicialmente para tentar resolver esse paradoxo que: na atualidade a Luta Corporal não se restringe mais ao universo de seus praticantes. Há uma diversidade de público e interesses, que não se restringe mais ao aprendizado das técnicas e dos fundamentos filosóficos, como era comum até a chegada da modernidade.

Para além das escolas e academias que mantêm o ensino, bem ou mal, das Lutas Corporais que sobreviveram à modernidade e que tem direcionado suas atividades para formação de atletas, elas se encontram em uma proporção vertiginosamente maior no cotidiano de aficionados por jogos eletrônicos; pelos telespectadores de filmes e desenhos animados de ação e violência que usam as técnicas de Lutas Corporais; por espectadores e telespectadores de competições de Lutas Corporais (MMA, Boxe, Modalidades Esportivas de Combate); e um crescente mercado da indústria do fitness que vem utilizando as técnicas de Lutas Corporais como atividade profilática, estética e de aquisição de saúde e qualidade de vida.

Em resumo, o interesse pela Luta Corporal na atualidade pode advir de motivos variados, no entanto, podemos condensá-los didaticamente em três grupos: 1) O do espetáculo proporcionado pelos eventos, competições de Lutas Corporais, e a indústria de jogos e cinematográfica; 2) A das atividades físicas, profilática, da estética e que traz benefícios à saúde; e 3) Como uma atividade esportiva curricular e extracurricular na formação de crianças, jovens principalmente. Separando o fenômeno Luta Corporal na atualidade desta forma, tentaremos ampliar nossa compreensão sobre cada um desses universos específicos.

### 5.1.1 *Kakū no sekai* – O mundo imaginário

A Luta Corporal como um espetáculo ou entretenimento não é um fenômeno novo e vem acompanhando a evolução da própria prática. Mas é indubitável que na atualidade tomou uma proporção gigantesca, tornando-se uma atividade comercial, global e que movimentou milhões de dólares em produtos e serviços<sup>98</sup>, ultrapassando há muito tempo o desejo inicial de

---

<sup>98</sup> O mundo das lutas pode ser facilmente acompanhado por canais de televisão especializado (Combate), revistas (Tatame), e uma infinidade de sites na internet. Como exemplo do vigor financeiro dessa atividade podemos dar como exemplo a notícia vinculada pelo canal Terra (<https://www.terra.com.br/esportes/lance/ufc-229-gera-recorde-de-impacto-economico-para-las-vegas-veja-mais,2eb2a43f8ce5e8b539fb048fd05665f97kv7b8hy.html>), onde a reportagem mostra que a edição 229 do UFC gerou um impacto econômico para a cidade de Las Vegas, de US\$ 86,4 milhões (cerca de R\$ 325 milhões), no mês de outubro de 2018, sendo também o maior público do T-Mobile Arena, como um público total de 20.034 torcedores presentes e com US\$ 17,188,894 de bilheteria. Segundo

um determinado público conferir as habilidades técnicas de indivíduos que se colocavam à prova em um confronto corporal.

Datar ou afirmar o surgimento deste fenômeno não seria prudente, mas podemos afirmar que o relato de Lutas Corporais já estava presente nos mitos cosmológicos<sup>99</sup> de diferentes culturas ao redor do planeta, fazendo parte do imaginário de incontáveis gerações a milhares de anos como um tipo de narrativa e entretenimento.

Na tradição Ocidental é provável que as narrativas do poeta grego Homero sejam as mais conhecidas na atualidade, principalmente, pela adaptação de parte de suas obras *Ilíada*<sup>100</sup> e *Odisseia*<sup>101</sup> para o cinema, renovando o fascínio das gerações atuais por personagens como Hércules, Perseu e Aquiles, incorporados por atores famosos em superproduções cinematográficas.

Da mesma forma, o cinema tem explorado o universo das Lutas Corporais Orientais, retratando histórias famosas da tradição japonesa, como os 47 Ronin e *O Tigre e o Dragão* da cultura chinesa, sucedida por seu maior divulgador, o artista marcial e ator Bruce Lee<sup>102</sup>, que embora americano de pais chineses, se não o primeiro, o que obteve mais sucesso em divulgar as Lutas Corporais Orientais no Ocidente.

O cinema, como a primeira mídia que passou a gravar e utilizar a imagem em movimento, permitiu uma visibilidade infinitamente maior do universo da Luta Corporal do que fizeram anteriormente à tradição oral: os poemas, contos, o teatro, revistas e jornais, que não tinham como explorar este recurso ou tinham um pequeno público.

A invenção do cinema e, posteriormente da televisão, possibilitou que a Luta Corporal atingisse um público cada vez maior, que cresceu proporcionalmente ao processo de

---

o site norte-americano MMA Fighting, o evento que teve como luta principal, Conor McGregor contra Khabib Nurmagomedov vendeu cerca de 2,4 milhões de pacotes de pay-per-views.

<sup>99</sup> Temos na Tradição Ocidental a Teogonia, escrito por Hesíodo (século VIII a.C) que relata a criação do Universo e seu ordenamento pela sucessão de Deuses até Zeus responsável pela criação do homem. A criação do universo na tradição Nórdica pode ser encontrada nas Eddas, duas coletâneas de textos do séc. XIII, encontradas na Islândia. Em ambos, há relatos de confrontos corporais entre Deuses que se enfrentaram para decidir o controle da criação e do por vir.

<sup>100</sup> A *Ilíada* é um dos dois principais poemas épicos da Grécia Antiga, de autoria atribuída ao poeta Homero, que narra os acontecimentos decorridos no período de 51 dias durante o décimo e último ano da Guerra de Troia.

<sup>101</sup> *Odisseia* é um poema épico do século IX a.C., descrito pelo poeta grego Homero, que narra as aventuras do herói Ulisses, na sua viagem de retorno para “Ítaca”, após a Guerra de Troia.

<sup>102</sup> Segundo Costa (2011, p. 9), Bruce Lee nasceu em 27 de novembro 1940, na cidade de San Francisco. “Filho de um chinês artista de ópera e de uma filha de alemão com chinesa, pouco após o seu nascimento vai morar com sua família em Hong Kong. Foi uma criança inquieta e encrenqueira, e isso acarretou desde apelidos – em uma brincadeira com fogo que quase causou um incêndio em sua casa, foi apelidado pela família de Siu Long (pequeno dragão) – a muitas brigas. O pequeno dragão já participava nessa fase de produções cinematográficas em Hong Kong”. (Trabalho apresentado no XII Simpósio da ABHR, 31/05 – 03/06 de 2011, Juiz de Fora (MG), GT 14: Religiões orientais: entre a “invenção” e o “real”).

universalização dessas mídias, com o destaque para a televisão que além de explorar os filmes também alimentou o universo dos telespectadores das competições de Lutas Corporais, Artes Marciais e Modalidades Esportivas de Combate com uma série de informação análogas ao que era veiculado.

Ao debruçar-se sobre o objeto mídia esportiva, Betti (2001), aponta as características do que ele chamou de “esporte espetáculo”. O autor revela que o esporte (e vamos estender a abrangência para a Luta Corporal como fenômeno, e não só as Modalidades Esportivas de Combate) nunca será abordado como toda sua inteireza, pois, a final (afinal), a televisão tem seus próprios interesses econômicos, políticos, sociais e ideológicos.

Há sempre uma “superficialidade” em sua abordagem, as imagens são acompanhadas de informações e reportagens que defendem e demarcam os interesses dos grupos que detêm o controle dessa mídia. Essas informações se alastram para além do próprio evento. Informações sobre a modalidade, competições, bastidores, o(a) atleta e sua história e vida, ou seja, informações que preenchem e mantêm um vínculo do telespectador com a modalidade, numa verdadeira “falação esportiva”.

Essa garante o constante interesse do telespectador com a modalidade e seu universo, possibilitando e alimentando o consumo de produtos e serviços vinculados a ela, caracterizando o “interesse econômico” das marcas que se associam aos esportes e aos eventos, garantindo os lucros delas e dos promotores dos eventos e dos grupos que exploram a mídia televisiva.

Essa atratividade é garantida, segundo Betti (2001), porque há uma “sobrevalorização da forma em relação ao conteúdo”, a televisão permite a veiculação de imagens repetidas em diferentes ângulos, seguidas de comentários e análises que direciona as conclusões do telespectador sobre a ação, o fato ou uma possível polêmica, sem necessidade de análises críticas que desviem a atenção dos movimentos e das marcas que os acompanham.

Isso confirma uma das premissas da “Civilização do Espetáculo” de Llosa (2013, p. 41), quando afirma que uma “característica dela [a civilização do espetáculo] é o empobrecimento das ideias como força motriz da vida cultural. Hoje vivemos a primazia das imagens sobre as ideias”.

Essas características do “esporte espetáculo” só tornou, e reforçou na atualidade, o universo da Luta Corporal como entretenimento para indivíduos que não são praticantes, um espaço legítimo para a vivência da excitação e emoção proporcionada pela violência, como tão bem pontuou Elias e Dunning (1992), garantidas por imagens espetaculares repetidas,

ampliadas e comentadas com desenvoltura pelos mestres de cerimônias, ex-atletas e repórteres “especialistas” nas Lutas Corporais e Modalidades Esportivas de Combate em foco.

Pelas mídias televisivas e hoje majoritariamente pela internet, a Luta Corporal atinge um público cativo pelo seu universo de violência consentida e quase sempre legal<sup>103</sup>, mas que pouco informa ou forma (os que tentam, muitas vezes pecam pela falta de um trato mais rigoroso das informações) os telespectadores sobre a formação histórica, os princípios filosóficos, éticos, morais e espirituais, sendo o movimento, a técnica e a estética aplicado a violência o fim último da Luta Corporal na grande maioria das mídias televisivas e digitais.

A massificação, característica da cultura de nosso tempo, possibilitou que os esportes e práticas corporais sirvam

sobretudo como pretexto e liberação do irracional, como regressão do indivíduo à condição de partícipe da tribo, como momento gregário em que, amparado no anonimato aconchegante da arquibancada, o espectador [dê] vazão a seus instintos agressivos de rejeição ao outro, conquista a aniquilação simbólica (e às vezes até real) do adversário (LLOSA, 2013, p. 35).

Não distante da exploração comercial das pulsões de violência por diferentes mídias, temos como uma cultura de massa recente os jogos eletrônicos. Este vem atraindo na atualidade uma quantidade impressionante de jovens, adolescentes e adultos no Brasil e no mundo<sup>104</sup>, um mercado atrativo que vem crescendo ano a ano sem discriminação, de sexo, raça e gênero.

O mercado de games é muito variado e tem se mostrado pródigo em suas aplicações. Já algum tempo deixou de desenvolver produtos apenas para o entretenimento, abarcando áreas do mundo do trabalho e da educação, num processo chamado de “gamificação”<sup>105</sup>. No entanto, segundo Almeida, Mariosa e Oliveira<sup>106</sup> (2017), boa parte desse mercado de games para o entretenimento exploram a violência, e entre esses estão os jogos que exploram a Luta Corporal.

Podemos dividir os jogos de lutas em dois grupos básicos: 1) Um grupo de jogos em que se assume um personagem para participar de uma competição de Lutas Corporais; e 2) Um

<sup>103</sup> Infelizmente a divulgação de vídeos de Brigas de ruas e Lutas Corporais em competições clandestinas, nas redes sociais e em sites descompromissados são uma triste realidade que denigre o universo dessa atividade, indo contra todos os preceitos adotados pelas Lutas Corporais na atualidade, fato que deve ser combatido e expurgado.

<sup>104</sup> Segundo a revista Exame, em publicação do dia 10 de agosto de 2018, em seu site (<https://exame.abril.com.br/negocios/dino/o-crecimento-da-industria-de-games-no-brasil/>) “O mercado de games está em plena expansão no Brasil. De acordo com os dados da Newzoo, em 2017, o número de jogadores era de 66,3 milhões. Em 2018, são esperados 75,7 milhões de games. A movimentação financeira também aumentou bastante, mesmo com a crise econômica: de US\$ 1,3 bilhão, passará para US\$ 1,5 bilhão. Tudo isso coloca o país na liderança da América Latina e em 13º lugar no ranking global na atividade.”

<sup>105</sup> Ibidem

<sup>106</sup> <http://www.comciencia.br/a-industria-dos-games-no-diva-a-polemica-da-violencia/>

grupo de jogos onde se assumi ou monta-se um Avatar que percorrerá os cenários lutando corporalmente contra vários inimigos até alcançar o seu objetivo.

Nesse segundo tipo, de ações de ataque, defesa e controle são muito básicas e é um dos recursos para se atingir o objetivo do personagem assumido e do jogo. Já no primeiro grupo de jogos, as ações de ataque, defesa e controle podem ter um alto nível de complexidade, exigindo para serem realizadas, uma grande habilidade do jogador, sendo o desenvolvimento dessas ações o aspecto mais importante do jogo.

Nesse grupo de jogos, à medida que se vai ganhando os confrontos, novas “habilidades” (poderes, recursos, armas, etc.) vão sendo liberadas e incorporadas, tornando o personagem mais forte, com mais “habilidades” para enfrentar novos desafiantes. Estes confrontos vão se sucedendo até que se chegue ao confronto final, que normalmente, é contra um personagem dotado de um conjunto de força e “habilidades” quase insuperáveis.

A essa fórmula básica incorpora-se cenários, gráficos e um conjunto de recurso que tornam cada jogo único e com seus próprios atrativos, possibilitando uma menor ou maior imersão do jogador dentro dele. Os jogadores e seus personagens (ou Avatars) utilizam basicamente as ações de ataque, defesa e controle, que nos jogos, tomam uma dimensão muitas vezes maior do que seria possível ser executada por um corpo humano.

Somando-se a essas ações pode haver um conjunto de habilidades extra-humanas tais como: o poder de controlar diferentes tipos de elementos (fogo, água, gelo, ar, terra, metal) o poder de levitar, de se tele transportar de um ponto a outro do cenário, entre outros poderes que são usados como armas contra o adversário no confronto, em uma dimensão só possível no imaginário de onipotência da mente humana, mais realizável no jogo, garantido o prazer de quem joga.

É importante ressaltar que os Jogos eletrônicos não são diferentes de jogos tradicionais, como os da cultura popular ou os de salão. Como esses, o objetivo principal do jogo eletrônico é o prazer e a diversão, há o componente tensional gerado pelos pares opostos: sucesso e fracasso, vitória e derrota, viver e morrer e há neles, a dimensão temporal de início e término sobre o controle do jogador ou jogadores, tendo como a maior diferença, a impossibilidade de alteração das regras do jogo<sup>107</sup>, já que as mesmas fazem parte da programação do jogo em si. O jogo Eletrônico como os demais jogos, como atividade de lazer, cumpre seu papel social no controle da excitação (emoção, pulsões sexuais e de violência).

---

<sup>107</sup> Para mais informações sobre os fundamentos e princípios dos jogos ver: HUIZINGA, J. **Homo ludens: o jogo como elemento da cultura**. São Paulo: Perspectiva, 2007. KISHIMOTO, Tizuko Morchida (Org.) **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação**. 3ª Ed. São Paulo: Cortez 1993.

Nas sociedades industriais avançadas, as actividades de lazer constituem um enclave para o desencadear, aprovado no quadro social, do comportamento moderadamente excitado em público. O carácter e as funções específicas que o lazer tem nessas sociedades não pode compreender-se se não se está ciente que, em geral, o nível público e mesmo privado do controle se tornou elevado em comparação com as de sociedades menos diferenciadas. [...]. Tanto quanto se vê, as actividades de lazer enquanto área social da libertação das restrições do não lazer podem encontrar-se nas sociedades em todos os estágios de desenvolvimento. [...]. Aqui, como noutras situações, a busca de excitação, o <<entusiasmo>> de Aristóteles, é, nas nossas actividades de lazer complementar relativamente ao controle e restrição da emotividade manifesta na nossa vida ordinária. Uma não se pode compreender sem a outra (ELIAS E DUNNING, 1992, p. 103-104 e 105).

Além do controle das emoções, o jogo eletrônico, como os demais jogos, contribui para o desenvolvimento de aspectos psicológicos fundamentais para a vida em sociedade, como a moral e o desenvolvimento dos princípios éticos. Para Abbagnano (2007), moral é

O mesmo que Ética. Objeto da ética, conduta dirigida ou disciplinada por normas, [...]. Este adjetivo tem, em primeiro lugar, os dois significados correspondentes aos do substantivo moral: 1- atinente à doutrina ética, 2- atinente à conduta e, portanto, suscetível de avaliação moral, especialmente de avaliação moral positiva. Assim, não só se fala de atitude Moral para indicar uma atitude moralmente valorável, mas também coisas positivamente valoráveis, ou seja, boas.

O jogo tem como características a observância e respeito às regras. Quando as crianças jogam, elas reforçam a compreensão que: seguir as regras é imperativo para o desenvolvimento do jogo e o bem-estar de todos que estão participando e essa compreensão e aceitação das regras é a gênese do amadurecimento da moralidade. O respeito ou desrespeito às regras, as mudanças propostas, discutidas e implementadas ou não, serão a partir de um determinado momento, objeto de um julgamento, que tem como referências uma conduta moral e postura ética, anteriormente construída nas relações sociais do indivíduo.

Fernandes et al. (2017, p. 100), demonstram, através de uma pesquisa realizada por Piaget, que “nos jogos estão presentes não apenas as regras para o funcionamento do jogo, mas regras que regulam as relações sociais do jogo possibilitando à criança experimentar e exercitar suas concepções morais”. Segundo os autores acima citados, Piaget em sua pesquisa delineou “quatro estágios de desenvolvimento moral que dizem respeito à prática das regras e três estágios que dizem respeito à consciência das regras” (IBIDEM).

Uma bem sucedida passagem por esses estágios possibilita que a criança deixe de entender as regras (do jogo e as sociais) como heteronomia<sup>108</sup>, ou seja, “não mais um dever vindo como exigência do exterior” (IDEM, p. 102) e passem a entendê-las como um processo de construção, de relação de respeito mútuo, de desenvolvimento a autonomia<sup>109</sup> intelectual e moral.

Intelectualmente, essa autonomia a liberta dos juízos impostos pelos adultos, permitindo espaço para construir uma coerência interna e relacionar-se dentro de um controle recíproco. Moralmente, as normas impostas pelas autoridades são substituídas pelas que levam em conta a reciprocidade das relações (IDEM, p. 102-103).

Fica claro que os jogos são apenas uma contribuição no processo de construção de moralidade e da ética dos indivíduos. A família, a escola, a participação em diferentes configurações são os terrenos que possibilitam criar as relações de heteronomia e sua passagem a autonomia nos indivíduos em desenvolvimento.

Neste sentido, a pesquisa de Fernandes et al. (2017), deixa claro que os jogos eletrônicos que exploram a violência e a Luta Corporal, não estimula ato de violência nem tornam os mesmos uma atitude aceita socialmente. Ao jogarem esses jogos as crianças e adolescentes, principalmente, aceitam as regras do jogo ao incorporar seus personagens, mas tem clareza que os atos realizados ali são parte do próprio jogo, e que, no contexto da vida real são moralmente reprováveis. Os autores ressaltam que,

conteúdos contraditórios à moralidade e à obediência das regras sociais sempre estiveram presentes nos jogos tradicionais e nas brincadeiras infantis. A criança ao jogar no papel de bandido, agressor, monstro, guerreiro ou vilão, por exemplo, vai assimilando e acomodando conteúdos que a permitirão se apropriar das regras sociais e construir uma moralidade autônoma. (FERNANDES ET AL., 2017, p. 107).

É mais salutar acompanhar e conversar sobre os conteúdos desses jogos com as crianças e adolescentes do que simplesmente condená-los como causa da violência ou agressividade,

---

<sup>108</sup> Para uma melhor compreensão ver Kant

<sup>109</sup> Idem.

tendência comum nas culturas de informação de rápido consumo sem muita reflexão (LLOSA, 2013).

É fundamental que as classificações dos jogos<sup>110</sup> sejam respeitadas para que as crianças e adolescentes não se deparem com situações onde o amadurecimento dos estágios morais não tenham sido percorrido, além do contato prematuro com imagens inapropriadas e perturbadoras que os gráficos dos jogos apresentam.

Respeitando a classificação e o tempo de imersão das crianças e adolescentes no jogo (não podendo atrapalhar as atividades cotidianas e a interação social), os pais e educadores podem ter nos jogos de violência um campo fértil para discutir a moral e a ética, e as crianças podem se beneficiar de uma atividade de lazer que agrega benefícios ao desenvolvimento intelectual e emocional.

Na especificidade do movimento e da linguagem corporal, os professores de Educação Física têm em mãos uma excelente ferramenta para trabalhar o conteúdo Luta Corporal na escola. Alguns desses jogos, como a franquia *Street Fighter*, apresentam personagens oriundos de diferentes partes do mundo e que utilizam Lutas Corporais criadas em seus respectivos países<sup>111</sup>, possibilitando um grande número de reflexos, discussões e análises, sobre a história, as ações fundamentais, diferenças e similaridades, entre outros temas.

O entretenimento, sejam elas, as mídias televisivas, digitais e os jogos são uma realidade que só cresce. Franquias que iniciaram no século passado explorando a Luta Corporal e a violência dos super-heróis em revistas em quadrinho (*DC comics, Marvel, CapCom*, por exemplo), hoje ampliaram suas operações para o cinema, televisão, sites e jogos, ofertando uma variedade de produtos para esse mercado em expansão.

Mais que assistir, é fundamental entender, tratar e utilizar essas mídias, para que essas novas tecnologias que exploram a imaginação, o movimento em linguagem digital, sejam uma aliada na formação das crianças e adolescentes.

### 5.1.2 *Gaikan no sekai* – O mundo das aparências

---

<sup>110</sup> Portaria n. 368. (2014, 11 de fevereiro). Regulamenta as disposições da Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990, da Lei nº 10.359, de 27 de dezembro de 2001, e da Lei nº 12.485, de 12 de setembro de 2011, relativas ao processo de classificação indicativa. Brasília, DF.

<sup>111</sup> Há lutadores de *Karatê* e *Sumô*, vindos do Japão; o *Kung-fu* da China, o *Savage* da Itália, a Capoeira do Brasil, entre outras Lutas Corporais de diferentes países e seus respectivos lutadores e movimentos.

Obter saúde e qualidade de vida, tendo como atividade física as Lutas Corporais, de certo não é algo novo. Já está mais que provado, pelas ciências da saúde, que atividade física é uma variável importante em busca da longevidade. Como exemplo, podemos citar a introdução das práticas de Lutas Corporais no templo budista de Shaolin<sup>112</sup>, que teve uma dupla função: a autodefesa e a melhoria da saúde dos monges.

Os três grandes mestres criadores do *Judô*, *Karatê* e *Aikido* são provas de que uma vida regrada com práticas diárias de Lutas Corporais (atividade física), boa alimentação, repouso, evitando-se o álcool, o estresse e o fumo possibilitam uma qualidade e longevidade na vida. Segundo Stevens (2007), Kano faleceu em 1938, aos 78 anos; Ueshiba faleceu em 1969, aos 86 anos; e Funakoshi faleceu em 1957, aos 90 anos de idade, mesmo para japoneses<sup>113</sup>, são idades bem consideráveis para meados do século passado.

No entanto, provar os benefícios das Lutas Corporais para a saúde, usando referências de artigos nacionais é um tanto quanto complicado. Em três revisões sistemáticas sobre a produção acadêmica na área da Luta Corporal (Artes Marciais e Modalidades Esportivas de Combate) encontradas: Correia e Franchini (2010), Gonçalves e Silva (2013) e Jacomin et al. (2013), a produção de artigos relacionando saúde e Luta Corporal foram irrisórias.

Na primeira revisão os autores analisaram a produção acadêmica em lutas, artes marciais e esportes de combate nas principais revistas acadêmicas de circulação nacional da área de Educação Física. Dos 2561 artigos publicados nesses periódicos, apenas 75 (2,93%) tratavam de Lutas, Artes Marciais e Modalidades Esportivas de Combate e em nenhum dos artigos foi abordado a questão da saúde ou qualidade de vida.

Na segunda revisão os autores analisaram 26 artigos de cinco periódicos da área da educação física, com objetivo de identificar e problematizar como estas práticas são produzidas como um saber pertinente a ser abordado por essa área de conhecimento. Os autores não encontraram artigos ancorados na área da saúde.

Na terceira revisão, os autores realizaram uma busca sobre a produção de artigos na área da Luta Corporal na base de dados *Scientific Electronic Library Online* (SciELO). Os autores encontraram 24 artigos científicos, dos quais, 8,2% focaram a saúde.

---

<sup>112</sup> O Templo Shaolin é um famoso mosteiro budista localizado na vertente ocidental do monte Song, na província de Henan, na República Popular da China. Nele, viveu, no século VI, o 28º patriarca budista, Bodhidharma. No templo, Bodhidharma criou o estilo chan do budismo, bem como o estilo shaolin de kung fu.

<sup>113</sup> Segundo reportagem da BBC, os japoneses têm a maior expectativa de vida do planeta, em média 83 anos, tendo Okinawa, terra de Funakoshi, uma grande população de pessoas com mais de 100 anos. Para mais, ler: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-40944621>.

A priori os resultados encontrados falsificam a nossa preposição inicial de que a busca de saúde e qualidade de vida é um grupo de interesse de pessoas não praticantes pelo universo da Luta Corporal. No entanto, analisando o resultado das revisões, encontramos pistas que permitem manter a nossa preposição inicial. O que percebemos ao olhar os resultados é primeiro um florescer da área da Luta Corporal no campo acadêmico.

O número de produções em relação ao universo dos periódicos e o período de suas publicações revela que é uma área que ainda está iniciando a produção acadêmica. Quando nos debruçamos sobre as temáticas abordadas nos artigos, percebemos que: 1) A grande maioria dos artigos é impulsionada pela Luta Corporal como atividade esportiva, debruçando-se sobre as questões biomecânicas e do treinamento desportivo; 2) A Modalidade Esportiva de Combate mais investigada é o judô, o que é bem plausível, já que até o início do séc. XXI, o *Judô*, junto com o *Boxe*, a *Esgrema* e as *Lutas Greco-Romanas* eram as únicas Modalidades Esportivas de Combate que figuravam como esportes olímpicos.

No entanto, o Judô, era a única, até o início do séc. XXI, com uma forte tradição olímpica<sup>114</sup> no Brasil, como também, a Modalidade Esportiva de Combate mais presente nas grades curriculares dos cursos de Educação Física até o fim do séc. XX, o que além de status, atrai grandes patrocinadores<sup>115</sup>, possibilitando o investimento em pessoal qualificado e tecnologia, o que gera pesquisas e artigos científicos; e o 3) O conjunto das temáticas restantes abordam a Luta Corporal como prática social: discursos de identidade e argumentos de legitimidade para figuração nas diferentes áreas da vida social (educação, saúde, segurança, etc.).

O fato de uma temática ter sido pouco abordada pelo universo acadêmico, não indica que ela não exista, ela pode simplesmente não ter gerado tensão suficiente para provocar a necessidade de sua investigação. Por outro lado, a falta de uma exigência legal<sup>116</sup> de uma formação acadêmica para atuação como professores de Lutas Corporais, remete a área a procedimentos reprodutivistas no aspecto metodológico e do treinamento desportivo, além de que, a falta de saberes e procedimentos acadêmicos impacta diretamente na produção científica.

---

<sup>114</sup> O Judô brasileiro iniciou sua participação em olimpíadas em 1972, nos jogos de Munique, e é o esporte individual que mais deu medalhas olímpicas para o Brasil. São 22, sendo quatro ouros, três pratas e quinze bronzes (dados da Confederação Brasileira de Judô), para mais informações ver: [www.cbj.com.br](http://www.cbj.com.br)

<sup>115</sup> Atualmente a Seleção Olímpica de Judô é patrocinada pelo Banco Bradesco e pela operadora de Cartões de Crédito Cielo, tendo como fornecedor oficial a Mizuno.

<sup>116</sup> Para mais informações ler, PARIZOTTO, P et al. O processo de institucionalização e regulamentação de artes marciais orientais no Brasil. Caderno de Educação Física e Esporte, Marechal Cândido Rondon, v. 15, n. 1, p. 53-62, jan./jun. 2017.

O universo da Luta Corporal no Brasil ainda se apoia na tradição e em sua grande maioria distante das atividades científicas. Ainda é terra de ninguém, e assim sendo, a produção e publicação de saberes ficam à mercê de poucos budokas e praticantes de outras Lutas Corporais que investiram na formação acadêmica, científica e de acadêmicos que por alguma razão se associaram ao universo da Luta Corporal.

Não é nosso objetivo investigar os motivos da baixa produção envolvendo a área da Luta Corporal, os ditos acima são mais hipóteses, de quem milita na área a mais de 20 anos, do que fatos comprovados. O objetivo dessa seção é tentar entender de que forma a Luta Corporal vem sendo usada por pessoas que não tem interesse de se aprofundar no seu universo, mas procuram usufruir de seus benefícios para a melhoria e aquisição da saúde, estética e uma melhor qualidade de vida.

Assim, saindo do terreno das publicações acadêmicas e enveredando em um dos territórios da aplicação dos saberes produzidos pela área acadêmica da Educação Física, encontramos o objeto de nossa seção. O território das “academias de ginástica”, – o espaço consagrado para o *fitness* (para estar em boa forma), domínio privilegiado para a paixão narcísica – o mundo das aparências tem oferecido as técnicas de Lutas Corporais desvinculadas de compromissos esportivos ou de suas origens étnicas, éticas e filosóficas.

Como o exemplo mais bem-sucedido desta prática temos o *BodyCombat*. Na página oficial da empresa<sup>117</sup> que detêm os direitos de comercialização sobre a marca (produtos e serviços) há uma descrição do que é este tipo de atividade física e os esclarecimentos das possíveis dúvidas sobre a mesma. Lá está descrito que o

BODYCOMBAT™ é o programa de ginástica que reúne diversos estilos de Artes Marciais em uma única aula. Você verá movimentos do Boxe, Capoeira, Jiu Jitsu, Karatê, Kick Boxing, Muay Thai, entre outros. A aula é segura e cheia de energia, as músicas são eletrizantes e a estrutura possibilita queimar muitas calorias e desenvolver potência, velocidade e resistência – tudo sem contato físico, apenas com simulações de combate. O BODYCOMBAT tem opções de intensidade para quem está começando e para os já experientes nesse tipo de condicionamento. Por ser um treino cardiovascular, o BODYCOMBAT promove a queima de cerca de 550 calorias, além de proporcionar um trabalho completo da musculatura do corpo todo. Preciso ter conhecimento em artes marciais para fazer BODYCOMBAT? Não! A aula é baseada em diversos movimentos de artes marciais, mas tudo devidamente

---

<sup>117</sup> O BodyCombat é um produto da Les Mills. “A Les Mills™ International nasceu na Nova Zelândia em 1980, como parte da Les Mills World of Fitness, uma rede de nove academias conhecidas em todo o país pelo impressionante número de alunos que atendem desde sua fundação. A Les Mills™ foi pioneira em desenvolver a ginástica em grupo que consiste, independentemente de cultura, geografia ou tamanho das academias, no mais rentável espaço a ser explorado por academias e studios, merecedora portanto de uma atenção especial e um lugar de honra”. ( <https://lesmills.com.br/site/index.php/quem-somos/> ).

adaptado para a sala de ginástica. Na aula, você aprende a técnica de cada exercício, sem que precise ter uma experiência anterior. As combinações são simples e todos conseguem executá-las sem dificuldade. (<https://lesmills.com.br/site/index.php/bodycombat/>).

Embora não apresente os números de adeptos da prática, os números institucionais são generosos. Segundo o site oficial, os sistemas de ginástica oferecidos pela empresa estão presentes em mais de 100 países, são mais de 20.000 academias credenciadas, 2.000 no Brasil e mais de 130.000 instrutores treinados pela empresa. A *Les Mills* já está no Brasil oferecendo seus serviços e produtos há mais de 20 anos, o que demonstra que não é mais uma atividade da moda e que vem inspirando o desenvolvimento de atividades análogas.

Percorrendo os sites que exploram conteúdos de beleza, saúde e boa forma, alguns com propaganda paga por grandes grupos de academias de ginástica, é possível encontrar uma vasta publicação que indicam as Lutas Corporais numa versão mais “light”.

No site da revista Boa Forma<sup>118</sup>, a publicação traz como manchete “6 tipos de lutas que ajudam a definir o corpo”. No site Minha vida<sup>119</sup>, o tema da reportagem é “Muay Thai: conheça 9 benefícios dessa luta”. No site M de mulher<sup>120</sup>, a chamada é “Luta para mulher: 4 aulas que vão fazer você emagrecer e ficar com o corpo sarado”.

E para não ficarmos só no universo feminino, no site Manual do homem moderno<sup>121</sup> temos como destaque “11 Benefícios da luta como atividade física”. Poderíamos dedicar muito mais linhas com sites e manchetes que apontam e indicam as Lutas Corporais como uma atividade física que traz benefícios para saúde, qualidade de vida e para a estética, mas acreditamos que a pequena amostra foi suficiente para darmos conta de nossa preposição inicial.

O que podemos perceber é que o aumento do interesse e de experiências de pessoas que não fazem parte do universo tradicional da Luta Corporal em atividades análogas é também uma consequência da oferta desses serviços pelo mercado do *Fitness*. Segundo Furtado (2009, p. 05), as academias de ginástica no Brasil passaram por 3 estágios:

Um estágio inicial caracterizado pela afinidade [dos proprietários] com a área, como principal motivação para a implementação das academias. Por isso, a administração empírica, amadora ou do senso comum preponderava. Um segundo estágio, caracterizado pela mescla entre a afinidade com a área e a inserção das tecnologias da administração em busca de lucros, surgido, principalmente, a partir dos anos 80. E um terceiro estágio, onde as mais

<sup>118</sup> <https://boaforma.abril.com.br/fitness/6-tipos-de-lutas-que-ajudam-a-definir-o-corpo/>,

<sup>119</sup> <https://www.minhavidade.com.br/fitness/tudo-sobre/14643-muay-thai>

<sup>120</sup> <https://mdemulher.abril.com.br/dieta/luta-para-mulher-4-aulas-que-voao-fazer-voce-emagrecer-e-ficar-com-o-corpo-sarado/>

<sup>121</sup> <https://manualdohomemmoderno.com.br/fitness/11-beneficios-da-luta-como-atividade-fisica>

avançadas tecnologias dos instrumentos de produção e da gestão são encontradas nas academias. Há presença da micro-eletrônica nos instrumentos e das mais diversas teorias administrativas de gestão de recursos humanos, de marketing, financeira e contábil, configurando a racionalização nas academias. As academias caracterizadas neste terceiro estágio, as mais avançadas em seu desenvolvimento, denomino de “academias híbridas”.

Segundo o autor, no primeiro estágio, as academias ofereciam serviços básicos e com foco em apenas um serviço. Era a época onde se tinha as atividades em separado. As academias de fisiculturismo e halterofilismo, as academias de ginástica ou calistenia, as modalidades esportivas oferecidas em clubes e as Escolas (associações) de Lutas Corporais (Artes márcias e Modalidades Esportivas de Combate), tendo cada uma seus públicos e processos próprios de conduta, apresentação e administração.

No segundo estágio houve uma junção dessas atividades, tornando-as mais profissionais, proporcionando uma maior quantidade e variedade dos serviços em um mesmo espaço. O fisiculturismo e o halterofilismo deram espaço às salas de musculação, eram oferecidas aulas de ginástica aeróbica e, dependendo dos espaços disponíveis, era possível encontrar aulas de esportes como natação e algumas aulas de Lutas Corporais (Artes márcias e Modalidades Esportivas de Combate).

Mas eram serviços oferecidos independentemente um dos outros ou em pacotes. As atividades esportivas e de Lutas Corporais eram serviços que visavam apenas agregar valor aos estabelecimentos e tinha-se dias da semana e horários para utilizá-lo. Só no terceiro estágio que as “academias de ginástica” passam a ter o formato atual. “A academia, como negócio, passa a romper com os laços de interesses dos donos pela área e foram transformando-se em empresas geridas a partir de teorias administrativas com o intuito fundamental de acumular capital” (IDEM, p. 04).

É o período que a *Les Mills* chega ao Brasil (conhecida comercialmente como *Body Systems*), com ela “ocorre uma grande diversificação das modalidades e de outros produtos vendidos pelas academias. Os planos passam a permitir acesso a todas elas, inclusive à musculação, diferenciando-se dos pagamentos por modalidades” (IDEM, p. 05).

Não temos a intenção de enveredar nas discussões sobre teorias da administração e gestão de negócios aplicados ao mercado do *fitness* no Brasil, mas, de situar a Luta Corporal no cenário das academias de ginástica, refletindo sobre as mudanças ocorridas na lógica da sua oferta como serviço, como também refletindo sobre a lógica da oferta dos serviços das próprias academias.

Embora Furtado (2009) ressalte que a prática de comercialização da *Les Mills* representa antigas técnicas e formas de administração, ele não analisou uma questão importante que tornou seu produto atual e inovador. Acreditamos que ela protagonizou o que o mercado chama de Customização em Massa aplicado aos serviços, e indo um pouco mais além, Customização em Massa de seus produtos agregados, no caso, as roupas ofertadas para práticas de ginástica.

Para Rabaça (2001, p. 204 apud CANTTANI, 2017, p. 235), customização é o “ato ou efeito de desempenhar qualquer atividade profissional de acordo com as necessidades e desejos do cliente”. Podemos dizer que a customização de serviço é quando os consumidores intervêm no formato final do que lhe é ofertado. Segundo Da Silva et al. (2001); Hart (1995), “a customização em massa é uma estratégia que utiliza processos flexíveis para produzir altos volumes de produtos e serviços customizados a um custo semelhante ao de itens padronizados” (apud, VIEIRA, 2014, p. 01).

Neste sentido até a década de 80 do séc. XX, as academias ofertavam a seus clientes serviços padronizados baseados em estudos da área da Educação Física e ciências da saúde. O(A) cliente até podia escolher os dias, os horários e o(a) professor(a) que ministravam as aulas de ginástica. No entanto, a estrutura das aulas eram as mesmas e eram montadas a partir das referências do professor, obtidas nas áreas citadas ou do seu saber de experiência.

O *Sistema Body*, inaugurou o processo de customização em massa de serviços para academias ao produzir diferentes tipos de aulas padronizadas, mas que, no entanto, levava em conta o perfil, interesse e aptidão física dos clientes finais. E o custo da operação que poderia ser alto, tornando o preço do serviço muito mais caro do que uma aula normal, era equalizado pela possibilidade de ser ofertado a uma grande clientela e pelo desenvolvimento de novas aulas de cada sistema, ter sido transferido paulatinamente para os(as) professores(as) que iam se credenciando<sup>122</sup>.

Seguindo a mesma lógica, os produtos de vestuário ofertado pela *Les Mills* sofreram uma customização cosmética<sup>123</sup>. Eram oferecidos poucos modelos de calça, camisas, camisetas, bandanas, entre outros acessórios, mas apresentadas em cores e estampas variadas, o que permitia uma imensa possibilidade de combinações ao se obter peças variadas. Uma solução

---

<sup>122</sup> Para se licenciar como professor do *BodySystems* fazia-se um curso, que era pago, e era necessário, como requisito final do processo, enviar um vídeo contendo uma aula original montada e coreografada do sistema a que estava se licenciando. Ou seja, o sistema era retroalimentado pelos novos professores.

<sup>123</sup> Segundo Canttani (2017, p. 235) customização do tipo cosmética é quando “os responsáveis pela criação apresentam um produto padrão de modo diferente para clientes diferentes. Muitas vezes um mesmo produto com cores diferentes, ou adereços em sua estrutura que os diferem, mas sua função e modelo continuam os mesmos”.

simples, de baixo custo, mas que surtia um bom efeito, já que o cliente podia fazer as combinações que melhor definisse sua identidade, mesmo usando produtos de produção em massa<sup>124</sup>.

Mesmo sem ter consciência, o cliente final passou a interferir na construção das aulas e produtos que lhes eram ofertados, tornando-as mais desejáveis, prazerosas e familiares, já que atendiam a interesses e desejos que permitiam uma maior identificação e, conseqüentemente, uma maior fidelização do cliente para com as academias que pagavam pelo direito de exploração do sistema. As referências para a construção das aulas não vinham mais só da área das ciências da saúde, mas passaram a levar em conta saberes vindo da comunicação, sociologia, psicologia e marketing.

Nesse processo acima descrito temos duas das três fases da Luta Corporal no contexto das academias de ginástica. Em uma primeira fase, as Lutas Corporais (Artes Marciais e Modalidades Esportivas de Combate) se instalaram nesses estabelecimentos sem, no entanto, modificar sua forma ou estrutura de trabalho, atraindo um público interessado pelo que tradicionalmente era oferecido.

Na segunda fase, as ações que compõem os fundamentos da Luta Corporal foram separados dos princípios étnicos, éticos e filosóficos, deixando de lado também sua estrutura tradicional de aula, evolução técnicas, e os sistemas de graduação. Isso permitiu que pessoas que tinham afinidade e vontade de vivenciá-las, mas não tinha interesse ou eram afastados por sua estrutura tradicional, pudessem ter uma experiência simulada e agradável, dentro de suas expectativas e desejos.

A terceira fase pode ser retratada pela possibilidade de experimentar formas variadas de Lutas Corporais que mesclam a estrutura tradicional, mas, no entanto, sem se comprometer como os princípios étnicos, éticos, filosóficos e sistemas de graduação, motivados pelos benefícios proporcionados pelas técnicas realizadas de fato.

Esta última fase pode ser entendida como um processo de personalização na oferta dos serviços de Lutas Corporais. “Personalização, segundo Bueno (1968), é uma palavra derivada do latim, *personal*, e corresponde à ação de encarnar, de simbolizar uma personalidade, individualizar e personificar” (apud CANTTANI, 2017, p. 234).

As duas últimas fases, que coexistem atualmente com a primeira fase nos espaços das academias de ginástica, sem gerar maiores tensões, nos permite entender como a Luta Corporal

---

<sup>124</sup> Mas que levavam em consideração tendências internacionais de moda, cor, novos materiais e um acabamento impecável para atrair os consumidores.

passou a ser consumida na modernidade por pessoas simpatizantes, interessadas em seus benefícios para saúde, melhoria da qualidade de vida e estética corporal, mas, que não são praticantes nem desejam ser. O mundo das aparências possibilitou que o desejo de lutar sem se comprometer fosse saciado.

### 5.1.3 *Shōko no sekai* – Mundo das evidências

A intenção do final deste capítulo é tentar mostrar como a Luta Corporal se apresentam na atualidade como uma atividade educativa curricular e extracurricular na formação de crianças e jovens. Assim, temos, ou deveríamos tê-la, presente nas aulas de Educação Física, como conteúdo curricular e em alguns estabelecimentos de ensino, as temos como atividade complementar a formação do educando, como atividade extracurricular.

No primeiro caso, elas é ou deveria ser trabalhada na escola por se tratar de uma prática corporal humana presente em praticamente todas as sociedades Orientais e Ocidentais desde do início de suas formações, compondo o imenso acervo de manifestações corporais historicamente construídas por homens e mulheres (Isso ficou muito claro no segundo capítulo desse trabalho).

No segundo caso, ela é ofertada como uma atividade complementar a formação escolar, a qual os pais e responsáveis direcionam seus rebentos atraídos pela disciplina, filosofia, benefícios à saúde ou prática esportiva competitiva.

A abordagem das Lutas Corporais nas escolas foi sugerida inicialmente pelos Parâmetros Curriculares (PC), de ordem nacional, estaduais e municipais, e mais recentemente foi sedimentada e passou a ser direcionada pela Base Nacional Comum Curricular, a BNCC<sup>125</sup>. Com ela, o conhecimento sobre as “Lutas” passou a ter um caráter normativo, por fazer parte

---

<sup>125</sup> Em sua página eletrônica oficial, de responsabilidade do Ministério da Educação há a seguinte definição: “A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica. Conforme definido na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB, Lei nº 9.394/1996), a Base deve nortear os currículos dos sistemas e redes de ensino das Unidades Federativas, como também as propostas pedagógicas de todas as escolas públicas e privadas de Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio, em todo o Brasil. A Base estabelece conhecimentos, competências e habilidades que se espera que todos os estudantes desenvolvam ao longo da escolaridade básica. Orientada pelos princípios éticos, políticos e estéticos traçados pelas Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica, a Base soma-se aos propósitos que direcionam a educação brasileira para a formação humana integral e para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva” (<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>).

do “conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica<sup>126</sup>”.

Um avanço importante na compreensão desse fenômeno que, como estamos vendo nesse capítulo, tomou uma proporção muito maior que o universo restrito da própria prática. Até a homologação da BNCC, os Parâmetros Curriculares tinham um caráter mais propositivo de orientação na construção dos currículos das diferentes redes de ensino.

A BNCC, de caráter normativo passou a ter um peso mais efetivo na organização dos novos currículos da educação básica. Nesse sentido, vale algumas reflexões sobre os ditos do documento a respeito das Lutas Corporais, considerando que a escola é o lócus privilegiado para “valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social, cultural e digital para entender e explicar a realidade, continuar aprendendo e colaborar para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva” (BRASIL, 2018, p. 09).

Na BNCC, as “Lutas” são definidas como “disputas corporais, nas quais os participantes empregam técnicas, táticas e estratégias específicas para imobilizar, desequilibrar, atingir ou excluir o oponente de um determinado espaço, combinando ações de ataque e defesa dirigidas ao corpo do adversário” (IBIDEM, p. 218).

No entanto, esse mesmo documento traz em separado a definição do que reconhecemos como Modalidades Esportivas de Combate, dentro do conteúdo Esporte, como uma das suas sete categorias temáticas, os “Esportes de Combate”, definindo-o como “modalidades caracterizadas como disputas nas quais o oponente deve ser subjugado, com técnicas, táticas e estratégias de desequilíbrio, contusão, imobilização ou exclusão de um determinado espaço, por meio de combinações de ações de ataque e defesa” (IBIDEM, p. 217).

A primeira reflexão a ser feita é quanto à terminologia usada. É um equívoco a utilização do termo “Lutas” associado ao conceito dado. Entendemos que o termo “Lutas” se aplicam a um universo muito maior das relações sociais que podem ou não gerar um Luta Corporal. O Termo “Lutas” deve ser entendido em um sentido mais Latu, como expressão dos embates de posições e ideias de grupos e ou indivíduos que divergem sobre algo fundamental para sua(s) identidade(s), posição social e até mesmo sobre sua subsistência e sobrevivência.

Em um sentido mais stricto, a Luta Corporal é a tentativa de resolução de um conflito no mundo sensível, onde os argumentos são substituídos pela força física e as ideias dão lugar as técnicas corporais. Assim, o melhor termo a ser utilizado seria: Luta Corporal, que é a tentativa de resolução do conflito quando o diálogo deixa de ser possível ou é

---

<sup>126</sup> Ibidem.

momentaneamente ou completamente abandonado. Acreditamos que o trato dado a essa questão no capítulo anterior reforça a nossa reflexão.

Uma segunda consideração é quanto à fragmentação do conhecimento estabelecido no documento, posicionando os “Esportes de Combate” separados das “Lutas”. Um equívoco que gera uma visão reducionista<sup>127</sup>, provocando uma compreensão descontextualizada de que cada “esporte de combate” tem raízes próprias e independentes, cada um gerado em situações autônomas de espaço e tempo.

Desconsidera-se aí, a Luta Corporal como um fenômeno único, como conhecimento historicamente construído por homens e mulheres, nas suas inter-relações, nas interdependências e tensões de poder de cada configuração onde elas foram produzidas. A compressão e trato de cada modalidade em sua dimensão específica, de forma descontextualizada, não permite uma visão epistêmica e histórica da Luta Corporal como conduta geral e regular de homens e mulheres em suas configurações, permitindo apenas a compreensão de sua singularidade restrita a uma configuração específica.

A terceira e última reflexão diz respeito às definições propriamente ditas, ou seja, nos contornos dado ao fenômeno “Lutas” e “Esportes de Combate”. Em primeiro lugar, o conceito de “Lutas” é apenas uma reedição modificada, com tentativa de ampliação da compreensão do fenômeno, do que está exposto nos Parâmetros Curriculares Nacional (PCN). Da mesma forma o conceito de “Esportes de Combate”, um texto reduzido do PCN. Temos no documento citado a seguinte definição:

As lutas são disputas em que o(s) oponente(s) deve(m) ser subjugado(s), mediante estratégias de desequilíbrio, contusões, imobilizações ou exclusão de um determinado espaço na combinação de ações de ataque e defesa. Caracterizam-se por uma regulamentação específica, a fim de punir atitudes de violência e de deslealdade (BRASIL, 1997, p. 49).

O referido conceito se aplica bem aos contornos que as Modalidades Esportivas de Combate adquiriram na modernidade, mas é reducionista se aplicado ao universo maior e ontológico da Luta Corporal, como ressaltaram Carneiro, Pícoli e Santos (2015). A Luta Corporal em sua gênese foi motivada pela resolução dos primeiros conflitos impostos pela impossibilidade do diálogo e das negociações, primeiro utilizando sua forma inata nas questões

---

<sup>127</sup> Lembramos que o esporte é um fenômeno moderno, construído a partir dos princípios do capitalismo sobre os jogos e divertimentos de épocas anteriores. Tratar a Luta Corporal como sinônimo de esporte é desconsiderar sua historicidade. Para mais detalhes ver Elias (1992).

de sobrevivência e posteriormente as formas apreendidas nas questões movidas pela sobrevivência e tensões dos conflitos sociais.

Assim, elas passaram de um conjunto de ações simples e inatas a um conjunto de ações mais complexas, refinadas, aprendidas e apreendidas pelas gerações subsequentes. Podemos assim dizer que, na sua radicalidade, a Luta Corporal é a utilização de um conjunto de ações de ataque, defesa e controle, empregando os membros superiores, inferiores, o tronco e a cabeça, utilizadas por um(uns) indivíduo(s), na intenção de atacar ou defender-se de outras espécies de animais e de outro(s) indivíduo(s) com o(s) qua(l)(is) se torna impossível uma resolução dialogada para a questão em disputa.

Falamos no segundo capítulo, exatamente da origem e desenvolvimento da Luta Corporal. Pudemos concluir que, sua origem e desenvolvimento são reflexos das inter-relações dos homens em sociedade ao longo do tempo, independentemente se a análise for feita nas sociedades Ocidentais ou Orientais, e que a primeira motivação foi a resposta inata ao perigo.

Neste sentido, um homem ou mulher da atualidade, que não aprendeu técnicas de uma modalidade específica, diante de um perigo eminente responderá de forma muito similar aos homens e mulheres de épocas primitivas. Serão tomados pela emoção do perigo, gerando um sentimento de medo ou ira<sup>128</sup> e fugirão ou lutarão.

No ato do enfrentamento, as respostas inatas serão predominantes, já que na modernidade este tipo de conhecimento, embora mais disseminado como vimos anteriormente, e pouco vivenciado, sendo o grupo de interesse das Lutas Corporais como práticas de defesa pessoal e esportiva, e o menos representativo atualmente. Acreditamos que um conceito com contornos mais amplos abarque o fenômeno em toda a sua pluralidade e dimensão temporal.

Essas reflexões são importantes para que a Luta Corporal seja abordada e tratada de forma mais efetiva como conteúdo das aulas de Educação Física. É fundamental compreender que a humanidade passou por um processo gradual de evolução social, singular e sem direcionamento ordenado para cada grupamento humano (Elias, 1993, 1994a).

E é esta evolução que, permitindo uma diferenciação cultural, possibilitou que a Luta Corporal desenvolvesse formas, sentidos e significados diferentes para as gerações atuais em diferentes configurações, mesmo todas tendo vindo em suas especificidades, de uma mesma resposta a um mesmo problema.

Na origem, no processo de hominização, a Luta Corporal foi uma resposta inata ao perigo, ao seu enfrentamento, quando a possibilidade da fuga não foi possível ou desejada. Em

---

<sup>128</sup> Ver Elias (2009)

pouco tempo o sucesso destas respostas, seu acúmulo e desenvolvimento possibilitou sentidos e significados nunca imaginados pelos seus primeiros usuários.

Dar contornos técnicos, táticos e estratégicos ao conceito é conferir a Luta Corporal uma complexidade que ela só adquiriu ao longo de sua evolução, disponibilizando uma visão anacrônica deste fenômeno. A Luta Corporal em sua origem tinha ações muito simples, básicas, dentro de uma regularidade que a caracteriza até hoje, ações de ataque, de defesa e de controle. Podemos dizer, com certa ressalva (mas com boas evidências<sup>129</sup>), que as primeiras formas de Lutas Corporais se baseavam em ações de controle na tentativa de projetar o inimigo no solo.

Golpeava-se o adversário com movimentos de membros superiores, em trajetória circular, prioritariamente, de cima para baixo e das extremidades para o centro. Projetava-se os membros inferiores em movimentos pendulares de trás para frente ou movimentos de pisoteio com grande elevação do joelho, prioritariamente em direção ao tórax e a cabeça.

Ações que podem ser observadas em primatas superiores (as de membros superiores basicamente) e infelizmente em algumas cenas de violência postadas nas redes sociais e vídeos na internet, protagonizado por pessoas que entraram em uma “briga” e não tinham conhecimentos técnicos.

Seguindo a mesma lógica, defendia-se protegendo inicialmente a cabeça e os órgãos mais nobres da região torácica, desistia-se fugindo, ou mostrando submissão: deitando-se na posição fetal, possibilitando assim, a proteção das áreas vitais, ao mesmo tempo em que se tinha o agressor sobre o campo de visão. Este comportamento de defesa (de prostrar-se em um nível inferior ao agressor) é observado não só em primatas e humanos, mais também, em alguns mamíferos<sup>130</sup>.

Compreender essa simplicidade radical é de suma importância para um efetivo trato desse conhecimento nas escolas como conteúdo das aulas de Educação Física. Tal compreensão permite que o(a)s professore(a)s partam das expressões mais simples da Luta Corporal para as mais complexas, que neste caso são as Modalidades Esportivas de Combate. O “simples” aqui fica entendido como: toda e qualquer utilização – coordenada ou descoordenada, inata ou

---

<sup>129</sup> Sugerimos para um maior aprofundamento das questões da vida, organização social e comportamento dos primatas superiores (principalmente Chimpanzés e Gorilas) os documentários da *Nacional Geographic*.

<sup>130</sup> Os quadrúpedes carnívoros, principalmente os canídeos, costuma deitar-se em decúbito dorsal erguendo e deixando as patas imóveis, principalmente quando o agressor os domina e mostra superioridade mantendo o pescoço do adversário entre suas mandíbulas, os felinos costumam deitar e rolar para mostrar sua submissão e afeição aos mais fortes.

aprendida – dos movimentos dos membros superiores e inferiores nas ações de ataque, defesa e controle realizadas no/com o/em direção do corpo do oponente.

Neste sentido, os jogos de oposição<sup>131</sup> são uma excelente estratégia para esse intuito, preparando as bases necessárias para uma efetiva compreensão dos fundamentos, permitindo uma melhor abordagem das Modalidades específicas em toda sua complexidade técnica, tática e estratégica.

É importante lembrar que pesa sobre professore(a)s e aluno(a)s (na verdade sobre todos nós), a psicogênese, que Segundo Waizbort (1999) citado por Lucena (2007), “corresponde ao desenvolvimento de longa duração das estruturas da personalidade humana e às transformações do comportamento, ‘a passagem dos mecanismos de coação exteriores para mecanismos interiores: uma espécie de internalização, disciplinarização de si’”.

Após alguns séculos de modernidade usar movimentos básicos que remetem às ações das Lutas Corporais não é algo que faça parte do acervo motor dos indivíduos que não introduziram essa prática corporal em seu cotidiano. Assim, bater, chutar, cabecear, projetar, imobilizar, etc. (ligados às ações de ataque, defesa e controle), não são movimentos vivenciado rotineiramente, nem aceito como uma conduta moralmente correta, sendo os mesmos reprimidos em suas primeiras execuções (pela família) e depois condenados e até punidos na vida em sociedade. Isso não quer dizer que as crianças não brinquem de “luta”.

No entanto, no momento da brincadeira, do jogo, assumindo “imitando” um personagem, as crianças cumprem as regras impostas, mas sabem, por julgamento moral, que para além daquele momento essas ações são proibidas. Sem falar que, não há uma perspectiva de desenvolver uma ação correta, uma correção técnica, nem muito menos uma melhoria da performance do movimento. O intuito é apenas a diversão.

Iniciar o trabalho desse conteúdo sem reconhecer essa simplicidade e o processo civilizador que incide sobre ele pode fragilizar sua abordagem, dificultando sua compreensão como conhecimento historicamente construído por homens e mulheres, em diferentes configurações, que gerou uma pluralidade de sentidos e significados.

Como possível consequência teremos mais algumas gerações que não conseguiriam vislumbrar a Luta Corporal nas mídias, nos jogos eletrônicos, nas academias e nas escolas como parte de um único fenômeno, fruto do cego e irrefreável processo civilizador.

---

<sup>131</sup> Sobre o assunto ver: SANTOS, S. L. dos. **Jogos de oposição: ensino das lutas na escola**. São Paulo: Phorte, 2012.

A escola é o lócus privilegiado para que a Luta Corporal como um fenômeno de múltiplos sentidos e significados passe a ser melhor compreendido pela geração mais nova. Permitindo que futuramente ela possa usar esses conhecimentos de forma mais crítica, buscando saciar seus diferentes interesses, sejam eles, o entretenimento, a saúde, a estética, a qualidade de vida ou uma atividade física educativa extracurricular na formação de seus filhos e responsáveis, como passaremos a ver a seguir.

No início deste capítulo dissemos que na modernidade a Luta Corporal tinha perdido seu sentido, já que, aprendia-se suas técnicas para não as usar. Mas, como toda regra tem exceções, a Luta Corporal como prática educativa extracurricular é um caso que foge à regra: aprende-se a luta para lutar.

A Luta Corporal, como prática cotidiana de uma parcela interessada em adquirir alguns de seus benefícios, que não só as técnicas beligerantes, é o resultado dos esforços de ressignificação desenvolvido pelos homens e mulheres que se ocuparam em resistir, adaptar e preservar esse conhecimento frente aos princípios da modernidade. A Luta Corporal se adaptou às novas exigências da civilidade em curso de forma tão eficiente que mesmo sob condições críticas de questionamento de sua legitimidade e legalidade, conseguiu resistir e preservar sua essência<sup>132</sup>.

A Luta Corporal como atividade curricular ou extracurricular, juntamente com outras práticas, podem ser compreendidas segundo Libâneo (2017, p. 17), como educação em “sentido amplo”, referentes aos

processos formativos que ocorrem no meio social, nos quais os indivíduos estão envolvidos de modo necessário e inevitável pelo simples fato de existirem *socialmente*; neste sentido, a prática educativa existe em uma grande variedade de instituições e atividades sociais decorrentes da organização econômica, política e legal de uma sociedade, da religião, dos costumes, das formas da convivência humana. (Itálicos do autor)

Mas, também é uma prática educativa em “sentido estrito”, por ter “finalidades explícitas de instrução e ensino mediante a uma ação consciente, deliberada e planejada, (...)” (IBIDEM)<sup>133</sup>.

As Lutadas Corporais modernas passaram a dispor para o ensino não só as técnicas de combate, como também, através de suas práticas ressignificadas e experiências, ideias e valores

<sup>132</sup> Essa discussão foi exposta no capítulo anterior.

<sup>133</sup> LIBÂNEO, José Carlos. **Didática** [livro eletrônico]. São Paulo: Cortez, 2017.

que pudessem contribuir com a formação humana, esse foi o maior desejo e legado dos Mestres fundadores do *Judô*, do *Karatê* e do *Aikido*. Neste sentido, Kano (2008, p. 89) acreditava que,

como o judô deriva das artes marciais do passado, ele deve perpetuar o espírito das artes marciais. Lealdade, fé, honra e várias outras virtudes foram enfatizadas nas antigas artes marciais, [...]. A deterioração moral da sociedade resulta principalmente da falta de ênfase nessas virtudes.

Já Funakoshi (2003, p. 06), deixou como primeiro princípio a ser seguido pelos praticantes da sua arte a seguinte frase: “Não se esqueça de que o karatê-do começa e termina com *Rei*”. O “*Rei*” costuma ser traduzido como respeito, mas é muito mais do que isso. É a compreensão de que o conhecimento não se constrói sozinho, que a relação entre as pessoas deve envolver gentileza, amor por si e pelo outro, como quem vai se compartilhar um espaço em busca de conhecimentos e autoconhecimento.

Por isso o “*Rei*” é acompanhado do “*Ojirei*” ou seja, da reverência, que se faz para o(s) Mestre(s), para o *Sensei*, para o outro com quem se vai buscar a melhoria de si, demonstrando o respeito e gratidão pelo empenho de cada um nessa tarefa. Essa também foi uma preocupação de Ueshiba (2010, p. 26), que acreditava que “cada pessoa, homem ou mulher, tem de purificar o coração e elevar os pensamentos. [E assim] eliminar toda guerra e luta de nosso mundo”.

Cada um dos grandes Mestres deixou em sua arte o caminho para que os budokas pudessem atingir uma vida valorosa e ética, podendo assim contribuir no desenvolvimento do outro e da sociedade. Esses valores e princípios éticos são possivelmente o que as pessoas acreditam ser a “filosofia” das Lutas Corporais do Oriente.

E é atrás dessa “filosofia”, juntamente com os benefícios à saúde, proporcionado pelas séries de exercícios físicos e técnicos realizados nos treinos, e o desenvolvimento de um comportamento “disciplinado” que pais e responsáveis têm procurado ao matricularem seus filhos nas Lutas Corporais disponíveis nas escolas como atividade extracurricular.

Então, cabe aqui algumas reflexões para que essa busca seja pródiga para os pais e responsáveis, mas que, também sejam indagações para os professores de Educação física nas discussões do conteúdo Luta Corporal com o(a)s discentes, já que, são as crianças e adolescentes o principal grupo de praticantes das Lutas Corporais na modernidade.

Que as Lutas Corporais de origem Oriental trazem em sua gênese a construção de valores morais e princípios éticos, isso é um fato<sup>134</sup>. Mas, que haja compreensão destes

---

<sup>134</sup> Isso será melhor evidenciado no próximo capítulo.

princípios e que sua aplicação seja uma conduta no ensino das Lutas Corporais como atividade extracurricular, e ainda proporcionem saúde e disciplina, isso já não há tanta certeza.

A maior dificuldade em ser assertivo sobre o tema é a falta de pesquisas sobre o assunto. Mostramos, na seção anterior a essa, que a produção sobre a Luta Corporal é escassa. Mas, algumas pesquisas nos dão indícios de que há problemas na efetiva transmissão dos seus valores e princípios, e algumas reflexões precisam ser feitas quanto à disciplina e saúde.

Segundo Santos (1991, p. 11), em pesquisa realizada no Paraná foi possível concluir que, “tanto técnico como praticantes são conscientes que o judô possui uma filosofia, porém não apresentam conhecimentos dos princípios do judô que são os aspectos primordiais da tal filosofia”. No trabalho de Mayer<sup>135</sup> (2005), onde foram entrevistados professores de judô com mais de 20 anos de atuação e atletas de judô, concluiu-se que os dois grupos têm consciência da existência de princípios e valores na modalidade de Luta Corporal que ensinam e praticam, mas, não sabem explicar como receberam esses conhecimentos.

Embora tenhamos poucas pesquisas que se debruçaram sobre o assunto, desconfiamos que haja uma regularidade na falta de uma atenção ao trato dos valores e princípios éticos nas práticas cotidianas destas Lutas Corporais. Nesse sentido, nos resta estabelecer algumas hipóteses sobre as causas desse fenômeno, ou seja: o reconhecimento de que há valores e princípios anexados às práticas, mas, há uma dificuldade ou falta de procedimentos para sua efetiva transmissão.

A primeira hipótese recai sobre a falta de literatura e pesquisas que são desenvolvidas na área da Educação Física abordando o assunto. Ainda recai sobre os aspectos do treinamento e das variáveis relacionadas a performance o peso maior da produção, como ficou claro nas revisões de Correia e Franchini (2010), Gonçalves e Silva (2013) e Jacomin et al. (2013).

Como variável desta questão, num olhar mais atento, percebemos que a produção sobre os temas pedagógicos, filosóficos, ou seja, das áreas das ciências humanas e da educação, tem sido desenvolvida por praticantes dessas modalidades de Lutas Corporais que vêm, aos poucos, buscado a academia, mas que ainda são poucos se relacionados ao universo de praticantes.

Já a produção científica sobre os pontos focais como: biomecânica, força, acidose etc., que não requer um domínio dos aspectos técnicos e filosóficos (adquiridos ao longo de anos, nos mais variados sistemas de graduação), tem sido realizada por profissionais e pesquisadores da área da Educação Física, que por motivos diversos, têm estreitado os laços com o

---

<sup>135</sup> MAYER, Altevir Fonseca. Judô: valores e princípios incorporados ao longo da história. 2005. 125 f. Dissertação (Mestrado em Ciência do Movimento Humano) - Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2005.

desenvolvimento do treinamento e performance dos atletas das Modalidades Esportivas de combate.

A segunda hipótese estaria na falta de uma profissionalização do(a)s professore(a)s de Lutas Corporais. Na atualidade não há obrigatoriedade de nenhum tipo de formação técnica nem superior para quem ensina algum tipo de Luta Corporal. Nem há um controle sobre a abertura de academias de Lutas Corporais.

O que temos hoje são alguns projetos de lei com essa intenção, como o PL 6933/10, que regulamenta a profissão de instrutor de artes marciais e o PL 7890/10, que cria regras para o ensino e a prática de lutas e artes marciais. Neste sentido, no caso da Luta Corporal como atividade extracurricular, fica a critério do estabelecimento de ensino solicitar ou não uma formação de licenciado para quem vai ministrar as aulas, como também, nenhuma formação é solicitada de quem abre uma academias ou escola de Luta Corporal, a não ser a outorga de faixa preta ou graduação similar, conferido por associação representativa da modalidade.

Isso leva a um quadro de incertezas, já que, a “ação consciente, deliberada e planejada<sup>136</sup>” está possivelmente a reboque de um processo de reprodução das práticas a qual esses faixas pretas passaram o que pode comprometer a ação pedagógica. Pode não ocorrer uma autoanálise periódica sobre os processos de ensino e aprendizagem, como também, a não organização de processos pedagógicos que respeitem e contribuam para o crescimento e desenvolvimento motor congruentes com a maturação das valências físicas.

A produção sobre processos pedagógicos, desenvolvimento motor, maturação e crescimento associados às atividades físicas é vasta<sup>137</sup> e não pode deixar de ser considerada e nem deixada de ser utilizada em prol de um trabalho que se justifica na manutenção de uma tradição.

A terceira e última hipótese repousa sobre o processo de esportivização, ou seja, das Lutas Corporais que se adaptando aos princípios da “1) quantificação; 2) superação; 3) burocratização e institucionalização, via federações e organizações; 4) secularização; 5) especialização; 6) racionalização” (FRANCHINI e VECCHIO, 2011, p. 67), sendo reconhecidas hoje como Modalidades Esportivas de Combate.

Nesse processo há uma valorização dos procedimentos que privilegiam a técnica, a preparação física e as táticas de enfrentamento dos adversários. A valorização da competição, em detrimento da apreensão dos valores morais, princípios éticos e postura filosófica, já era

---

<sup>136</sup> Libâneo (2017, p. 17)

<sup>137</sup> Uma referências bem utilizadas é GALLAHUE, D. L.; OZMUN, J. C. **Compreendendo o desenvolvimento motor : Bebê, Criança , adolescente adulto**. 3ª ed., 2005.

uma preocupação dos Mestres fundadores. Sobre isso Kano (2008, p. 85) já fazia o alerta: “[...], os praticantes de judô de hoje em dia não fazem o esforço suficientes para atingir as metas do judô e se preocupam demais em se tornarem fortes ou vencer competições, que são apenas meios para se atingir um fim”.

O esquecimento dos valores morais, princípios éticos e postura filosófica aleija a compreensão de que as práticas das Lutas Corporais que têm um “caminho”, um “*Do*”, se faz por toda a vida, dentro e fora do tatame. Quando os valores, os princípios e a capacidade de questionar a própria importância e lugar no mundo é deixada de lado, o praticante de uma Luta Corporal do Oriente (japonesa) deixa de ser um budoka e passa a ser apenas um atleta. Os benefícios da prática, circunscrito aos aspectos físicos e a vaidade do “ser o melhor”, acaba com a carreira de atleta e o legado para o resto de sua vida será seu quadro de medalhas e troféus.

Essas hipóteses, também nos permite tecer considerações sobre a crença de pais e responsáveis sobre a Luta Corporal, como atividade extracurricular, proporcionarem saúde e disciplina. Que as atividades físicas são importantes para o crescimento, desenvolvimento e parâmetros ligados à saúde é um fato que tem uma vasta literatura de apoio.

No entanto as práticas esportivas para crianças requerem muito cuidado. Nem sempre se diferencia iniciação esportiva, que é salutar, da iniciação esportiva precoce, que pode trazer serias consequências a saúde. A diferenciação de um trabalho adequado para as crianças como alertam Rufino e Darido (2012), é importante para que problemas de adaptação, compreensão e desenvolvimento das potencialidades esportivas possam acontecer sem prejuízo físicos e emocionais.

No cenário geral trabalhos como o de Greco e Benda (1998) e Arena e Böhme (2000) alertam para a necessidade um trabalho criterioso e bem direcionado. Knijnik, Massa, e Ferretti (2008, p.14), baseados em alguns estudos sobre o tema, alertam que:

parece relevante destacar que os trabalhos que objetivam resultados em curto prazo, a especialização esportiva precoce e as cargas unilaterais, monótonas e intensas de treinamento, oferecem riscos ao jovem e afetam o sucesso da promoção do talento esportivo (RODRIGUES & BARBANTI, 1994; WEINECK, 1999), podendo gerar o abandono da prática esportiva devido a fatores como as sobrecargas elevadas sobre os mesmos sistemas, provocando lesões e, com isso, o afastamento ou interrupção definitiva da prática esportiva (MARQUES, 1991; WEINECK, 1999); a saturação psicológica por efeito de quantidades inadequadas e exaustivas de treinamento, que afastam as crianças da atividade (WEINECK, 1999) e principalmente os jovens, que não abandonam a prática esportiva, mas por terem vivenciado a inadequação desses processos – na maioria dos casos sem consciência do ocorrido – acabam por não atingir, no momento que deveria ser o ápice da forma física, o seu melhor resultado de desempenho.

Infelizmente essa realidade também afeta as Modalidades Esportivas de Combates, como revelam os estudos de Moreira (2003), Drigo et al. (2005) e em especial ao estudo de Cavazani (2012) que mostra uma relação entre a formação dos técnicos (no caso a falta de uma formação) como a valorização das competições e a iniciação precoce.

O que reforça nossa hipótese da importância de se ter uma formação na perspectiva do desenvolvimento integral da Luta Corporal como atividade extracurricular e também fora do chão da escola. É importante termos atenção para as questões que envolve a iniciação esportiva das crianças para evitar que as mesmas acabem sendo afastadas precocemente das práticas esportivas. Na nossa especificidade, lembramos que as Lutas Corporais são atividades que se propõem a estar presente na vida de um indivíduo por muitas décadas, e um trabalho mal direcionado pode interromper essa trajetória seja por questões físicas ou emocionais.

Por fim temos a questão da disciplina. Para sermos mais assertivos é necessário separarmos, ou melhor, identificarmos melhor sobre o que estamos falando. Segundo o Houaiss (2012, p. 263), disciplina significa “obediência às regras e aos superiores” como também “ordem, bom comportamento”. Inicialmente é importante ressaltar que a aprendizagem de qualquer conhecimento não se faz sem o envolvimento do aprendiz (LIBÂNEO, 2017).

Em relação à aquisição de habilidades motoras, o envolvimento, a participação e a adesão às atividades propostas, são fundamentais. Obedecer ao que foi metodologicamente proposto nas seções de treino é uma condição imprescindível para o desenvolvimento das habilidades, não só nas Lutas Corporais como em qualquer outra prática esportiva. Assim, ser disciplinado, obedecendo às regras impostas ou propostas, é uma característica de qualquer praticante, atleta de qualquer modalidade esportiva.

Na questão a obediência aos superiores, leia-se pais, responsáveis e professores, temos nas práticas esportivas uma ferramenta que pode, sobre determinadas condições, ser útil a este propósito, já que, “o esporte escolar pode ser considerado uma forma de controle social, pela adaptação do praticante aos valores e normas dominantes, como condição alegada para a funcionalidade e desenvolvimento da sociedade” (BRACHT, 1987, p. 183). Um exemplo do que estamos nos referindo pode ser visto no ensaio feito por Freitas (1989, p. 35), quando diz que

O JUDÔ verdadeiramente veiculado, ou melhor, seus professores difundem no DOJO regras pré-estabelecidas, não baseadas no consenso, portanto não-democráticas, que, exacerbadas, produzem uma irresponsável submissão que fatalmente conduz os indivíduos a uma autoconsciência alienada.

Temos nesta perspectiva a subordinação a uma postura autoritária, reconhecendo aí as conclusões a que chegam Vilha e Tognetta (2009, p. 526) quando afirmam que o “processo empregado nas escolas mais tradicionais favorece a manutenção de altos níveis de heteronomia em seus alunos”. Ressaltando ainda que,

uma educação pautada na submissão à autoridade e na obediência acrítica às regras, sem a compreensão das necessidades ou dos princípios que as embasam, principalmente por conformismo e pelo temor de situações constrangedoras ou de punições, poderá modificar ações (externamente), mas dificilmente contribuirá para integrar ou situar os valores morais em um lugar central na personalidade, o que acarretaria em atitudes mais autônomas, isto é, coerentes com estes valores independentemente das pressões do meio exterior. (IBIDEM, p. 537).

O que vemos nas Lutas Corporais, que se pautam em uma reprodução de processos e procedimentos pedagógicos irrefletidos, ancorados em uma tradição oriental (que não é estudada, refletida e ressignificada), bem diferente do nosso habitus é uma mudança de comportamento ancorado na adoção da disciplina sem consciência e compreensão, ou seja, não permite uma autonomia.

O que se vê é apenas uma mudança de comportamento, por imposição, repressão ou medo de punições. O que pode ocasionar casos paradoxais de crianças e adolescentes com “bom comportamento” que, vez ou outra, cometem indisciplina, praticam *bullying*, cometem infrações e se envolvem em conflitos com muita naturalidade, já que a avaliação moral está baseada em um processo de heteronomia.

Essa realidade é bem diferente da mudança de comportamento pelo reconhecimento da sua necessidade. Pela participação e construção consciente das regras baseados em valores discutidos e exercitados, levando os sujeitos a construção de sua subjetividade, passando da heteronomia para a prática da autonomia. Segundo Vilha e Tognetta (2009, p. 536), não é só reconhecer a importância da aquisição dos valores morais, mas é fundamental

refletir, discutir e analisar as atitudes, além de se trabalhar conteúdos éticos de forma transversal e por projetos interdisciplinares, faz-se também necessário que os alunos (e adultos) tenham experiências vividas efetivamente com os valores morais, propiciando uma atmosfera sociomoral cooperativa no contexto educativo. E, é preciso, ainda, oferecer sistematicamente oportunidades para que a construção de valores morais aconteça, como um objeto do conhecimento que depende da tomada de consciência e, portanto, de momentos em que se possa pensar sobre o tema. Constata-se que raramente a educação apresenta ao aluno a moral como objeto de estudo e reflexão.

Infelizmente a Luta Corporal como práticas educativas, dentro e fora da escola, tem oportunizado pouca reflexão sobre os seus valores morais e princípios éticos, num exercício filosófico de se questionar sobre as condutas diante de si mesmo e do outro. Entendemos que essa é a filosofia das Lutas Corporais Japonesas, princípio ontológico deixado pelos mestres fundadores do Judô, Karatê e Aikido, como exercício para o desenvolvimento da autonomia.

Acreditamos que as práticas que compõem a cultura corporal são conhecimentos importantes e que muito tem a contribuir na formação de crianças e adolescentes, sejam vistos como conteúdo das aulas de Educação física ou como atividade extracurricular.

Neste sentido, as Lutas Corporais modernas japonesas possibilitam, se compreendidas, estudadas e trabalhadas em sua integralidade, um exercício filosófico permanente sobre o cuidado de si e o cuidado do outro, balizados pela construção de valores democraticamente construídos norteando uma postura e ação ética na construção de uma sociedade melhor.

Nesse capítulo tentamos compreender como a Luta corporal se apresenta na atualidade. Exploramos a sua inserção: no universo do entretenimento presente em filmes, jogos eletrônicos, nos espetáculos e na mídia; nas academias de ginástica como atividade profilática e da obtenção da saúde, qualidade de vida e estética; e por fim, como atividade curricular e extracurricular.

Como havíamos anunciado a Luta Corporal enveredou por áreas que ultrapassam os domínios do universo dos praticantes, estando presente no cotidiano de diferentes públicos com diferentes interesses. Também foi possível constatar que ainda temos uma produção científica muito tímida em relação a proporção e alcance desse fenômeno na sociedade.

No entanto, o que nos deixou mais preocupados foi sua presença na escola, seja como uma proposta de conteúdo a ser tratado nas aulas de Educação Física, seja como uma prática educativa extracurricular. O principal documento de orientação da base curricular é muito incipiente em relação ao conteúdo “lutas” o que permite uma visão distorcida da sua episteme e de sua história.

Entendemos a escola como o lócus privilegiado para que esse conhecimento seja melhor compreendido pela sociedade, evitando distorções e uma má interpretação de sua presença nas diversas configurações que ela tem se feito presente, como pudemos constatar. É necessário um esforço dos professores, profissionais e acadêmicos que tratam esse objeto, na produção de referências de qualidade para subsidiar o trabalho em sala de aula, possibilitando uma melhor apreensão e uso desse conhecimento vasto e fascinante.

Como atividade extracurricular é fundamental um esforço para que a Luta Corporal, presente na escola, seja tratada em sua inteireza, permitindo o desenvolvimento físico, intelectual, moral e ético, balizados por uma práxis filosófica que permita os seus praticantes questionarem-se e conferirem novos sentidos e significados as suas práticas.

Se a escola é o lugar de conhecer e se apropriar deste conhecimento, as escolinhas, academias e associações que trabalham com as Lutas Corporais em suas especificidades é o lugar do desenvolvimento, ressignificação e produção de novos saberes, tendo na área acadêmica uma parceira valorosa e colaborativa.

No próximo capítulo discutiremos a chamada “filosofia” das Lutas Corporais criadas pelos três mestres fundadores do *Judô*, *Karatê* e *Aikido*, tentando entender se havia uma fala parrhesiástica por parte dos mestres fundadores e se essas podiam colaborar na mudança da alma do sujeito pela aceitação da verdade proferida, ou seja, se havia psicagogia, elementos necessários no princípio do cuidado de si.

## 6 *MASAKATSU AGATSU KATSUHAYABI* – A VERDADEIRA VITÓRIA É SOBRE NÓS MESMOS

“Tudo o que você fizer deve ser feito em prol de seus pais e mestres, das pessoas em geral, e para a posteridade. Essa é a grande compaixão. A sabedoria e a coragem que vem da compaixão são as verdadeiras” (Yamamoto Tsunetomo, 1659-1721).

Nos capítulos anteriores abordamos a Luta Corporal em sua radicalidade; as mudanças ocorridas na modernidade pelo processo de resistência/adaptação/preservação realizado pelos homens e mulheres que se ocupavam desse conhecimento; e por fim abordamos como a Luta Corporal se apresenta na atualidade, exibindo um quadro de grupos e de interesse bem maior que o universo dos interessados pela prática tradicional que se estabeleceu na modernidade.

Nesse capítulo daremos nossa interpretação sobre o que é a filosofia das Lutas Corporais modernas japonesas pensada por seus mestres fundadores; abordaremos seu legado de valores morais e princípios éticos alicerçados na etnicidade do povo japonês; e, por fim, tentaremos verificar se no discurso dos três grandes Mestres do *Budo* podemos encontrar uma fala parrhesiástica e se isso levaria a um processo de *psicagogia* na relação entre mestre e discípulo.

### 6.1 *No shinjitsu Bushido* - A verdade do caminho do guerreiro

É discurso comum dotar as Lutas Corporais Orientais de um saber filosófico, o que nos parece, muitas vezes, apenas um mantra repetido sem muito significado por parte de quem o profere. Então, para não cometermos o mesmo erro, tentaremos conferir nossa interpretação ao que seria a filosofia das Lutas Corporais organizadas pelos Mestres Kano, Funakoshi e Ueshiba, uma filosofia baseada em parte expressiva do *Bushido* que sobreviveu a modernidade. Deixando claro que não tomaremos essa posição como sendo única e verdadeira, mas como uma referência, exercício interpretativo e analítico do discurso desses três autores. Neste sentido, cabe inicialmente demarcarmos o que adotaremos como filosofia.

Segundo Abbagnano (1962), há uma variedade de significados empregados ao termo “filosofia”, mas que não impede que sejam traçados pontos congruentes entre eles. Assim, para o autor, o que melhor articula e relaciona

os diferentes significados desse termo é a definição contida no *Eutidemo* de Platão: Filosofia é o uso do saber em proveito do homem. [...], pode-se entender esse saber tanto como revelação ou posse quanto como aquisição ou busca, podendo-se entender que seu uso deva orientar-se para a salvação ultraterrena ou terrena do homem, para a aquisição de bens espirituais ou materiais, ou para a realização de retificações ou mudanças no mundo. Portanto, essa fórmula revela-se igualmente apta a exprimir as diferentes tarefas que a Filosofia foi assumindo ao longo de sua história. (ABBAGNANO, 1962, p. 442) (itálicos do autor)

Em consonância com o autor, acreditamos a princípio que a filosofia das Lutas Corporais modernas japonesas, apresenta-se como um conjunto de posturas morais e comportamento ético na busca de conhecimentos/verdades, que ao serem adquiridos, possibilitam a melhoria/mudança/transformação do sujeito e, como consequência, uma atuação/intervenção na(s) configuração(ões) ao qual ele faz parte, assim esse fazer filosófico possibilitaria aos seus praticantes “os meios para serem conscientes de si e de suas ações numa prática que deseja a liberdade e a felicidade para todos” (CHAUI, 2000, p. 17). Tentaremos a partir de agora trazer os argumentos para validar nossa preposição.

Em similaridade aos discursos socráticos e platônicos, nos parece que o emprego do saber adquirido para o bem-comum e desenvolvimento do espírito humano, também foi uma preocupação do espírito samuraico da Idade Média japonesa. Segundo Nitobe (2005, p. 122), “por baixo do instinto de lutar [do samurai] está escondido um instinto mais divino – amar”. Não alheios ao gérmen deixado pelos antepassados os três grandes Mestres do *Budo* desenvolveram, cada um a seu modo, a máxima do bem contido no *Bushido* dos seus ancestrais. Para Kano (2017, p. 72),

*La vida es la lucha para que prevalezca el bien ... El enemigo más formidable, que se opone al bien, es invisible y está escondido en el fondo de nuestros corazones, se trata de nuestro egoísmo. Para escapar del mal pula su mente como si fuera un espejo, haciendo los ejercicios como si se tratara de un combate contra el mal y también contra el enemigo invisible que dificulta el camino, porque eso le ayudará a crecer físicamente y moralmente.*

Para o fundador do judô não era concebível estudar e praticar por anos e anos apenas para competir ou repelir um ataque de um agressor. O aperfeiçoamento diário de um judoca deveria ser direcionado não só para melhoria da técnica, mas para combater seus defeitos, melhorar seu caráter e aprimorar suas habilidades para o desenvolvimento pessoal e principalmente da sociedade.

Kano não era um exotérico, como ressalta Stevens (2007, p. 137), “era totalmente moderno e ele se orgulhava dos princípios racionais e científicos do judô Kodokan”. O que fez unir a tradição dos seus antepassados às promessas de júbilo da modernidade que se instalava no Japão a sua época. Kano juntou “os pontos fortes de cada escola [de ju-jutsu antigo], sem aderir a uma ou duas em particular, e [estabeleceu] o judô Kodokan com bases em conceitos científicos modernos” (KANO, 2008, p. 56).

O objetivo da aquisição dos conhecimentos das técnicas, dispostos em uma sequência metodologicamente planejada<sup>138</sup>, era o desenvolvimento físico, mental e moral. O fim último era percorrer um “caminho”, um “*Do*”, durante a vida, fazendo o melhor uso da energia “*Seryoku Zenyo*”, buscando sempre a prosperidade e benefícios mútuos “*Jita Kyoet*”.

Como kano, Funakoshi incorporou na reestruturação do Karatê de seus antepassados os princípios da modernidade. Segundo Stevens (2007, p. 137), o seu “notável feito [foi] de estabelecer a arte do karatê como uma disciplina nobre, com uma sólida base ética”. Funakoshi, tinha a preocupação de organizar e planejar de forma racional os programas de estudo de seus discípulos e costumava afirmar que: “Nada há de misterioso no karatê; nenhum praticante de karatê consegue ultrapassar os limites naturais da capacidade humana” (apud STEVENS, 2007, p. 138).

No terceiro princípio dos vinte, deixados como fundamentos para os praticantes do karatê, o Mestre disse: “O karatê permanece do lado da justiça” e comentou: “Justiça é o que é certo. Fazer o que é certo requer força e capacidade de verdade” (FUNAKOSHI, 1998, p. 08).

É difícil não associar, e nem pensar nas ideias de Kano (2008, 2017), Fonakoshi (1998) e como veremos, as ideias de Ueshiba (2010), ligadas à tradição filosófica e espiritual do “princípio do cuidado de si”, da tradição filosófica grega evidenciada por Sócrates, e trazida à tona recentemente pelas publicações dos pensamentos tardios de Foucault (2006, 2010). No discurso dos três Mestres é comum e imperativo a necessidade de um “conhecer a si mesmo”, como processo fundante para o progresso e aquisição de novos saberes.

Segundo Ueshiba (2010, p. 46), o desenvolvimento dos saberes capazes de transformar a atitude de um indivíduo na construção de uma sociedade pacífica e perfeita, depende da união de todos, mas “cada um deve primeiro conhecer a si mesmo, e depois pode desenvolver o

---

<sup>138</sup> Kano criou cinco grupos com oito técnicas cada um (*Gokyo no waza*), como base para os alunos em processo de graduação (graduação que vai da faixa branca ou 6º *Kiu* a faixa marrom ou 1º *Kiu*). E uma série de *Katas* (formas) para serem praticadas pelos graduados (faixa preta) na aquisição de seus *Dans* (graduações, que vai do 1º ao 10º *Dan*).

conhecimento de todas as coisas”. Em Funakoshi (1998, p. 09) o quarto princípio fundamental que deve ser apreendido é “primeiro conheça a si mesmo depois conheça os outros”.

Uma ideia que também pode ser visitada em Sun Tzu (2007), no seu livro a Arte da Guerra, e que, ainda hoje é usado não só no mundo marcial, como também, no desenvolvimento do potencial pessoal e do mundo corporativo. E temos como primeiro princípio dos praticantes de *judô* a frase “conhecer-se e dominar-se e dominar-se e triunfar”, creditado a Jigoro Kano (VIRGÍLIO, 1994).

Não nos parece que a imposição de uma reflexão sobre “conhecer-se a si mesmo” seja apenas uma coincidência, já que parece ser, como na tradição do “cuidado de si” grega, apenas o primeiro fazer filosófico. Como ressalta Foucault (2006, p. 11), “a *epiméleia heautoû* (o cuidado de si) é realmente o quadro, o solo, o fundamento a partir do qual se justifica o imperativo do ‘conhece-te a ti mesmo’.

Num primeiro impulso, poderíamos creditar a presença desse fazer filosófico, só e simplesmente, aos professores e disciplinas ocidentais que tiveram os três Mestres do *Budo* em suas formações e(ou) a influência marcante do ocidente na reestruturação do Japão a época.

No entanto, algo tão peculiar, significativo e marcante para uma doutrina filosófica não pode ser explicado por uma possível influência. Assim, nos filiamos a explicação de Foucault (2006, p. 12-13), quando afirma que, “ocupar-se consigo mesmo tornou-se, de modo geral, o princípio de toda conduta racional, em toda forma de vida ativa que pretendesse, efetivamente, obedecer ao princípio da racionalidade moral”.

Nesse sentido, o forte princípio moral do *Bushido*, que dá base ao *Budo*, salvaguardado nas Lutas Corporais modernas japonesas, exigiu (e de certa forma ainda exige) de seus praticantes o princípio délfico do conhece-te a ti mesmo, que poderia levar a posterior a um cuidado de si.

A ética estabelecida no *Budo*, e de certa forma na racionalidade moral do Japão moderno, tem como esteio os princípios do *Bushido*, e como inspiração os samurais, mesmo tendo clareza que no momento da revolução *Meiji*, as artes do *Budo* tenham sido condenadas como ressalta Mason (2017).

Mas, após as primeiras ondas da revolução, a necessidade da manutenção de uma identidade nacional possibilitou que o velho e o novo pudessem conviver com certa harmonia, como fica claro em Barros (1988). Guardando as imensas diferenças, mas sem abrir mão de algumas comparações pontuais para nossas reflexões, poderíamos dizer que o *Bushido* é a

inspiração do espírito da ética nipônica, assim como, Esparta foi a inspiração de governo ideal na ética platônica.

Seguindo esse pressuposto, temos como entusiasmo criador da República de Platão o código de Licurgo que reformulou a vida em Esparta. Segundo Gandelman de Freitas (2013, p. 21),

ao cotejarmos o diálogo platônico e o conjunto de leis espartanas, encontramos semelhanças que fazem da República uma espécie de tácita apologia à Licurgo. A reforma militarista, estabelecida pelo espartano após uma consulta feita ao Oráculo de Delfos, e o pensamento revelado pelo ateniense, quatro séculos mais tarde, guardam muitas analogias. Os ideais de excelência, prudência, retidão e coragem, o almejo de uma vida destituída de luxos e delícias e a exaltação ao homem valente, como deve ser um guerreiro, estão fortemente presentes igualmente nas idéias do legislador e do filósofo. (grifos nossos)

Guardadas as devidas diferenças e o afastamento de tempo e espaço<sup>139</sup>, poderíamos facilmente creditar o trecho grifado acima a ideia de vida de um samurai. Segundo Nitobe (2005, p. 11), o *Bushido*, “o código de princípios morais a que os cavaleiros eram exigidos ou instruídos a observar”, estava alicerçado na vida de servidão, na “retidão ou justiça”, “coragem”, “benevolência”, “cortesia”, “veracidade e sinceridade”, “honra” e “dever da lealdade”.

Não poderíamos facilmente creditar aos espartanos os predicados acima descrito? Embora Nitobe (2005) faça clara e literal comparação entre a cavalaria japonesa (os samurais) e a cavalaria medieval inglesa, acreditamos que os samurais estão mais próximos de um cidadão espartano do que de um cavaleiro medieval<sup>140</sup>.

O que gostaríamos de pontuar neste momento com a comparação estabelecida entre samurais e espartanos é a ascensão, na cultura desses povos (gregos e japoneses), de uma vida de observância e obediência a fortes princípios morais. Desta forma, podemos intuir, que o “cuidado de si” como “fenômeno cultural de conjunto” (FOUCAULT, 2006, p.13), que esteve presente na antiguidade grega, nos parece ter ocorrido como algo, em equivalência e em uma escala menor de tempo, no período áureo do Shogunato até o fim da revolução *Meiji*, como forma de construção e manutenção de uma identidade étnica.

<sup>139</sup> A Constituição de Esparta foi formulada pelo legislador Licurgo no século IX a.C., o auge do Shogunato ocorreu dos séculos XVI ao fim do XIX d.C.

<sup>140</sup> Infelizmente adentramos nessa empolgante discussão nos afastaria por demais do objetivo de nossa discussão, assim deixaremos para um momento futuro tão fértil elucubrações.

No período onde os samurais ascenderam como o modelo ideal de homem japonês, emergiu também um conjunto de práticas filosóficas e espirituais de acesso a verdade, capaz de dotar, estes homens e mulheres, por uma série de exercícios e processos pedagógicos (ou seriam psicagógicos?), de um retidão moral tão extrema que: a entrega total as suas obrigações<sup>141</sup> de servidão era o dever maior de cada um e cada uma; e a morte (infringida pelas próprias mãos e com a própria espada<sup>142</sup>) era a única alternativa honrosa caso algum desvio fosse cometido ou alguma obrigação não fosse executada.

Segundo Nitobe (2005, p. 86), aprendia-se como o *Bushido* a

suportar e enfrentar todas as calamidades e adversidades com paciência e uma consciência pura, pois, conforme Mencius<sup>143</sup> ensinou, “Quando o Céu está a ponto de conferir uma grande tarefa a alguém, primeiro ele exercita sua mente com sofrimento e seus músculos e ossos com fadiga; ele expõe seu corpo a fome e o sujeito a extrema pobreza: e confunde sua tarefa. De todas essas maneiras estimula sua mente, endurece sua natureza, e preenche sua incompetência”. A verdadeira honra está em cumprir o decreto do Céu e nenhuma morte incorrida em fazer isso é ignominiosa, ao passo que, a morte para evitar o que o Céu reserva é a na verdade covardia!

Essa similaridade entre samurais e espartanos pode parecer um tanto quanto esdruxula, já que é no período sócratico-platônico, quase quatro séculos depois de Licurgo que surge o “cuidado de si” na reflexão filosófica. No entanto, “o princípio ‘ocupar-se consigo’ – como regra, como imperativo positivo do qual muito se espera – não foi, desde a origem e ao longo de toda a cultura grega, uma recomendação para filósofos, [...]. Não foi uma atitude de intelectual” (FOUCAULT, 2006, p. 41). Como ressalta Foucault (2006, p. 42), “o princípio ‘é

---

<sup>141</sup> Segundo Nitobe (2005), a obrigação da mulher era para com seu marido e seu lar, assim como a obrigação do homem era para com o seu Senhor e a pátria. “A mulher, não possuindo suserano próprio, formava sua própria guarda pessoal. Com sua arma, ela guardava sua santidade pessoal com tanto zelo quanto seu marido fazia com do seu mestre. A utilidade doméstica de seu treinamento marcial, estava na educação de seus filhos, [...]. A esgrima e exercícios similares, se raramente de uso prático, eram uma compensação saudável aos hábitos de outra forma sedentários das mulheres. Mas esses exercícios não eram seguidos apenas para fins higiênicos. Eles podiam ser usados em tempos de necessidades. As garotas, quando alcançavam a idade adulta, recebiam adagas (Kai-Ken, punhais de bolso), que podiam ser dirigidos ao peito dos seus agressores, ou, se aconselhável, ao seu próprio. [...]. Quando uma Virgínia japonesa via sua castidade ameaçada, ela não esperava pela adaga de seu pai. Sua própria arma estava sempre em seu peitilho. Era uma desgraça para ela não saber a forma própria em que tinha que perpetrar a autodestruição. [...], por pouco que lhe fosse ensinado de anatomia, ela deveria saber o ponto exato para cortar sua garganta; deveria saber como atar seus membros inferiores com um cinto para que, qualquer que fosse a agonia da morte, seu cadáver seria encontrado em modéstia extrema com os membros apropriadamente composto” (NITOBÉ, 2005, p. 96 -97).

<sup>142</sup> Essa prática, é conhecida como Seppuko ou Hara-kiri.

<sup>143</sup> Segundo Nitobe (2005, p. 18), ao lado de Confúncio, Mencius exerceu uma autoridade imensa sobre o Bushido. Suas teorias convincentes, e muitas vezes, democráticas eram mesmo consideradas perigosas e subversivas à ordem social existente. Assim, suas obras foram censuradas por um longo tempo. Contudo, as palavras dessa mente encontraram abrigo permanente no coração dos samurais.

preciso ocupar-se consigo mesmo' era uma antiga sentença da cultura grega. Uma sentença, em particular, lacedemônia<sup>144</sup>”.

Temos então, que o “cuidado de si”, a princípio, não foi uma ocupação de filósofos, nem como reflexão, nem como incitação aos outros, mas foi uma prática de sujeição de extrema retidão moral, de devoção patriótica maior do que a si mesmo e “que não se trata, absolutamente, [de filosofia]. Sendo [cultivadas por] pessoas para as quais a filosofia, o intelectualismo, etc., não eram valores muito positivos, tratava-se para eles de um privilégio (...), um privilégio, político, econômico e social” (IBIDEM).

A possibilidade de poder ocupar-se consigo mesmo, delegando a outros trabalhos manuais e menores, indignos aos defensores dos seus senhores e da pátria, foi um privilégio que se aplicava aos espartanos, como podemos ver em Barros (1981) e Gandelman de Freitas (2013), e aos samurais, como fica claro em Barros (1988) e Nitobe (2005).

Nos dois casos o imperativo do cuidar de si só era possível por serem uma classe (o cidadão espartano) e uma casta (o samurai), privilegiadas em suas configurações, e que por esses privilégios obtidos, podia dedicar-se ao cuidado de si, para então estarem aptos a ter o acesso à verdade, e assim, cuidar do que lhes era imputado.

Para uma melhor compreensão desse paradoxo, onde a ideia de “cuidar de si mesmo” com toda uma conotação negativa, individualista e egoísta passa a ter um valor positivo, traremos uma passagem que pode nos auxiliarem.

Ora, em todo o pensamento antigo de que lhes falo, seja em Sócrates, seja em Gregório de Nissa, “ocupar-se consigo mesmo” tem sempre um sentido positivo, jamais negativo. Ademias – paradoxo suplementar – é a partir dessa injunção de “ocupar-se consigo mesmo” que se construíram as mais austeras, as mais rigorosas, as mais restritivas morais, sem dúvidas que o Ocidente conheceu, as quais, [...], não devem ser atribuídas ao cristianismo, porém à moral dos primeiros séculos antes de nossa era e do começo dela (moral estóica, moral cínica e até certo ponto, também moral epicurista). Temos pois o paradoxo de um preceito de cuidado de si que, durante tantos séculos, foi, ao contrário, um princípio positivo, princípio positivo matricial relativamente a morais extremamente rigorosas. (FOUCAULT, 2006, p. 17).

Neste sentido, a fórmula conhecer-se a si mesmo do *Budo*, como herdeira do código samuraico, carrega todo um valor positivo, já que está sempre ligado a uma conduta posterior de um fazer para outrem e a comunidade, e mais, esteia-se na observância de uma rigorosa conduta moral. No entanto, temos a clareza que a formação de um samurai e suas condutas

---

<sup>144</sup> Lacedemônia ou Lacedemônia, é uma unidade regional da Grécia, localizada na região do Peloponeso. Sua capital é a cidade histórica de Esparta.

orientada na observância e cumprimento do código do *Bushido* difere muito da formação de um budoka na observância e cumprimento das regras empostas por cada Luta Corporal que pratica.

Parece-nos que da mesma forma ocorrida no Ocidente, o “conhecer-se a si mesmo” assumiu uma posição principal, e não primeira, em substituição a noção de algo que poderíamos identificar como o “cuidado de si”, numa filosofia e espiritualidade Oriental e todo o processo de formação necessário para ocupação, transformação, cuidado e governo de outros.

Partindo das conclusões de Foucault (2006), – de que há uma razão que explica os motivos pelos quais, no pensamento Ocidental, ocorreu uma requalificação dos exercícios do conhecer-se a si mesmo e o esquecimento do princípio do cuidado de si na formação – acreditamos que os mesmos fenômenos tenham ocorrido no Japão ao assumir um processo de ocidentalização na organização da sua modernidade. Assim, boa parte da complexidade filosófica e espiritual que envolvia o cuidado de si de um samurai em observância e obediência ao *Bushido*, tenha sido requalificada ou esquecida na racionalização de boa parte do *Budo* moderno.

Acredito, porém haver uma razão bem mais essencial que esses paradoxos da história da moral, e que concerne ao problema da verdade e da história da verdade. A razão mais séria, parece-me, pela qual este preceito do cuidado de si foi esquecido, a razão pela qual o lugar ocupado por este princípio durante quase um milênio na cultura antiga foi sendo apagado, pois bem, eu chamaria – com uma expressão que reconheço ser ruim, aparecendo aqui a título puramente convencional – de “momento cartesiano”. Parece-me que o “momento cartesiano”, mais uma vez com muitas aspas, atuou de duas maneiras, seja requalificando filosoficamente o *gnôthi seautón* (conhece-te a ti mesmo), seja desqualificando, em contrapartida, a *epiméleia heautoû* (cuidado de si). [...]. Com efeito, e nisso as coisas são muito simples, o procedimento cartesiano, que muito explicitamente se lê nas *Meditações*, instaurou a evidência na origem, no ponto de partida do procedimento filosófico – a evidência tal como aparece, isto é, tal como se dá, tal como efetivamente se dá à consciência, sem qualquer dúvida possível. [É, portanto, ao] conhecimento de si, ao menos como forma de consciência, que se refere o procedimento cartesiano. Além disso, colocando a evidência da existência própria do sujeito no princípio do acesso ao ser, era este conhecimento de si mesmo (não mais sob a forma da prova de evidência mas sob a forma indubitabilidade de minha existência como sujeito) que fazia do “conhecer-te a ti mesmo” um acesso fundamental à verdade. (IBIDEM, p. 18 e 19).

Posto isso, seguindo as evidências foucaultianas, na modernidade o conhece-te a ti mesmo passa a ser a percepção da existência de um ser capaz de razão, e como tal, capaz de acesso a verdade, sem que nada mais dele seja exigido a não ser o ato mesmo do conhecimento.

Isso evidencia que a partir do processo cartesiano deu-se a separação entre filosofia e espiritualidade<sup>145</sup>.

Dada essa cisão, o ato do conhecimento, como prática filosófica, como princípio de uma racionalidade que pressupõe a própria existência, não exige nenhum processo outro para ter acesso a verdade. Passa não ser mais a verdade um processo obtido pela via da espiritualidade, entendendo-a como

o conjunto de buscas, práticas e experiências tais como as purificações, as ascetes, as renúncias, as conversões do olhar, as modificações de existências, etc., que constituem, não para o conhecimento, mas para o sujeito, para o ser mesmo do sujeito, o preço pago para ter acesso à verdade. (IBIDEM).

Ao incorporar os princípios da modernidade, pela via da ocidentalização, nos parece que, o Japão e por consequência o *Budo* como herdeiro do *Bushido*, separou também a filosofia da espiritualidade. Passando a filosofia a não ser mais “a forma de pensamento que se interroga sobre o que permite ao sujeito ter acesso a verdade, forma de pensamento que tenta determinar as condições e os limites do acesso do sujeito à verdade” (IBIDEM), passando a ser, a forma mesmo, pela qual o sujeito acessa o conhecimento e por consequência a verdade.

No Japão feudal, antes da Revolução *Meiji*, nos parece que o cuidado de si, imputado pelo privilégio da casta aos samurais, foi realizado dentro e em conformidade a longa e dura formação bélica, pelos processos, rituais, práticas e exercícios que permitiam a busca e aquisição da verdade.

Podemos dizer que haviam técnicas, “*tékne*<sup>146</sup>” incorporadas pelas “*áskesis*”, as ascetes, os exercícios marciais, complementados pelos muito rituais e também pelas purificações como a “*Misoge*<sup>147</sup>”. Como ressalta Foucault (2006, p. 20), “*Éros e áskesis* são, creio, as duas grandes formas como, na espiritualidade ocidental, concebemos as modalidades segundo as quais o sujeito deve ser transformado para, finalmente, torna-se sujeito capaz de verdade”.

No Japão feudal, também podemos verificar a presença do *Éros* – do amor de quem se ocupa em cuidar do outro (por já ter se ocupado consigo mesmo), sem nada pedir em troca, por

---

<sup>145</sup> Tratamos dos contornos dados por Foucault as questões da filosofia e espiritualidade nas páginas 26 e 27, na metodologia.

<sup>146</sup> Técnica em grego, o termo aparece em Foucault (2006).

<sup>147</sup> Purificação pela água. Ueshiba (2010), dedica um capítulo do seu livro para explicar sua importância.

devoção, por obrigação primeira, por ter sido essa uma missão dada pelos deuses<sup>148</sup> ou pelo céu – na relação entre mestre e aprendiz.

Segundo Nitobe (2005, p. 71), “quando o caráter e não a inteligência, quando a alma e não a cabeça, é escolhida por um professor por matéria na qual trabalhar e desenvolver, sua vocação toma um caráter sagrado”. E ressalta, “‘teu pai e tua mãe’ – diz o ditado – ‘são como o Céu e a Terra; teu professor e teu senhor são como o Sol e a Lua’” (IBIDEM).

O serviço espiritual, seja ele de sacerdote ou professor, não deveria ser pago em ouro ou prata, não porque não tivesse valor, mas porque era inestimável. Aqui o instinto de honra não aritmético do Bushido ensinava uma lição mais verdadeira do que a moderna Economia Política; pois ordenados e salários podem ser pagos apenas por serviços cujos resultados sejam definidos, tangíveis e mensuráveis, enquanto que o melhor serviço em educação – notadamente no desenvolvimento da alma, não é definido, tangível ou mensurável. Sendo imensurável, o dinheiro, a medida ostensiva do valor, é de uso inadequado. O uso sancionou que os alunos trouxessem para o seu professor dinheiro ou mercadorias em diferentes estações do ano; mas isso não era pagamento e sim oferta, que realmente eram bem vindas pelos recebedores por serem eles normalmente homens de calibre rígido, vangloriando-se de penúria nobre, muito dignificados para trabalhar com suas mãos e muito orgulhosos para pedir. Eles eram a personificação do que era considerado o objetivo de todo aprendiz e eram, dessa forma, um exemplo de vida daquela disciplina das disciplinas, o autocontrole, que era requerido universalmente dos samurais”. (IDEM, p. 72).

Podemos concluir que tivemos no Japão feudal uma espécie de “princípio do cuidado de si”. Princípio semelhante ao que foi vivenciado pelos lacedemônios ao reformularem sua constituição dando privilégios ao cidadão guerreiro. Esse cuidado de si nipônico, obtido pelos privilégios (políticos, econômicos e sociais) da casta dos samurais, tinha como esteio o que identificamos em Foucault (2006), como *éros* e *áskesis* (amor na relação do Mestre e do aprendiz para com o ensino e o aprendizado e longos e duros exercícios marciais).

Esse cuidado de si que emergiu no desenvolvimento de uma rígida conduta moral, permitiu que os samurais tivessem acesso a uma verdade. Verdade que não mudava apenas sua conduta mudava o ser mesmo, mudava suas almas, permitindo se entregarem de corpo e alma a suas obrigações, para com os seus senhores, a pátria e a família, com uma devoção maior do que para com eles mesmo.

---

<sup>148</sup> Segundo Foucault (2006) Sócrates era o mestre do cuidado de si por incitar os outros a se ocuparem consigo mesmo. Fazia isso com amor e por ter sido essa a missão conferida pelos deuses. No texto, o autor traz a seguinte passagem do filósofo como ilustração: na “*Apologia de Sócrates*, quando Sócrates diz, aos defender-se diante de seus juízes: mas meu ofício em Atenas era um ofício importante; foi me confiado pelos deuses e consistia em postar-me lá, na rua, e interpelar todo mundo, jovens e velhos, cidadão ou não-cidadão, para dizer-lhes que se ocupassem consigo mesmo”.

No entanto, esse cuidado de si nipônico, não se desenvolveu redefinindo-se em uma reflexão filosófica, como um fazer filosófico de incitação dos cidadãos que emergiram ao fim da Revolução *Meiji* e modernização do Japão. Nos parece, que o mesmo fenômeno de desqualificação do cuidado de si e requalificação do conhece-te a ti mesmo, impulsionado pelo “momento cartesiano”, ocorrido no Ocidente, ocorreu também na cultura nipônica com sua ocidentalização, passando então, o conhece-te a ti mesmo, a ser o fazer primeiro e principal, de acesso do sujeito ao conhecimento.

Esse conhecimento passar a ter um valor do que seria verdade, verdade que não precisa ser mais adquirida pela mudança mesmo do sujeito, mudança da alma desse sujeito pelo *Éros* e pela *Áskesis* na sua busca da verdade, bastando apenas à confirmação de sua existência e razão pelo princípio délfico do conhece-te a ti mesmo.

Assim, essa verdade obtida pelo ato existencial e racional

é simplesmente o que é dado ao sujeito a fim de recompensá-lo, de algum modo, pelo ato de conhecimento a fim de preencher este ato de conhecimento. [No entanto], a verdade é o que ilumina o sujeito; a verdade é o que lhe dá beatitude; a verdade é o que lhe dá tranquilidade da alma. Em suma, na verdade e no acesso à verdade, há alguma coisa que completa o sujeito e que o transfigura”. (FOULCALT, p. 20-21).

Por fim, podemos dizer que nossa preposição inicial se confirma, em grande parte, sendo hoje a filosofia das Lutas Corporais modernas japonesas um conjunto de posturas morais e comportamento ético na busca de conhecimento, que ao sendo adquiridos, possibilitam a melhoria do sujeito e, como consequência, uma atuação/intervenção na(s) configuração(ões) ao qual ele faz parte.

Esse fazer filosófico, que tem como premissa, o conhece-te a ti mesmo, nos parece ter sido destituído de uma relação espiritual, separada da filosofia pela modernidade e ocidentalização do Japão, deixando de lado as práticas eróticas e as ascetes necessárias a aquisição da verdade, e como consequência desse processo, a mudança da alma do próprio sujeito no acesso a verdade.

Tentaremos mais a frente, após investigarmos as bases que conferem a moral e a ética do *budo*, verificar se havia, na construção das Lutas Corporais modernas japonesas, a saber: o Judo, o Karatê e o Aikido, práticas que possibilitavam *parrêshia* e *psicagogia*, balizadas por um amor nas relações de ensino e aprendizagem do mestre e do discípulo e de exercícios e outras práticas que pudessem levar a mudança do ser mesmo do sujeito, da sua alma.

## 6.2 *No shinjitsu Budo - A verdade do caminho marcial*

As Lutas Corporais Modernas japonesas, sintetizadas pelos três grandes Mestres do *Budo*, herdaram a racionalidade moral do *Bushido*, têm como princípio fundante de suas filosofias a injunção délfica conhece-te a ti mesmo. Pudemos verificar anteriormente, que essa injunção, parece ser uma requalificação de uma ação primeira, em detrimento de uma desqualificação de um princípio do cuidado de si, que esteve presente de forma muito acentuada, na formação dos samurais.

Esta obrigação primeira parece-nos hoje o primeiro e único passo exigido no *Budo*, pois pressupõe um ser sujeito de existência e de razão, para aquisição dos valores morais que balizarão uma conduta ética com a qual o sujeito percorrerá o caminho, o *Do*, em busca de conhecimento (ou verdade) que possa ajudá-lo (ou transfigurá-lo) no seu fazer para com os outros e o mundo que o cerca. Assim, passaremos a verificar quais dos princípios morais que deram contornos ao *Bushido* e foram salvaguardados no *Budo* do Judô, do Karatê e do Aikido.

Acreditamos ser importante, como um primeiro esforço, pontuarmos sem muitas delongas, o que adotaremos como compreensão de moral e ética, para melhor situarmos o porvir das nossas argumentações e delimitarmos com maior segurança o uso dos conceitos. “Toda cultura e cada sociedade institui uma moral, isto é, valores concernentes ao bem e ao mal, ao permitido e ao proibido, e à conduta correta, válidos para todos os seus membros” (CHAUÍ, 2005, p. 436).

Esses valores nos permitem julgar quando uma ação ou fala é moralmente aceitável ou reprovável, o que representa o senso moral estabelecidos em todos os sujeitos dentro de suas configurações num determinado tempo. Como também, são as referências utilizadas para agirmos ou falarmos em situações que precisamos tomar uma posição, o que põe à prova a nossa consciência moral.

Neste sentido poderíamos dizer que moral é um conjunto de valores, referentes ao bom e ruim, ao bem e o mal, elegidos dentro da cultura de cada figuração de uma sociedade, que são temporais, e que permitem desenvolvermos um parâmetro consciente para julgarmos e executarmos nossas ações e posicionamentos, como também, julgarmos as ações e posicionamento de outrem.

“No entanto, a simples existência da moral não significa a presença explícita de uma ética, entendida como filosofia moral, isto é, uma reflexão que discuta, problematize e interprete o significado dos valores morais” (IBIDEM). A conduta ética, por sua vez, pressupõe a ação de

um sujeito que tem uma consciência moral. Um sujeito ético é o “que sabe o que faz, conhece as causas e os fins de sua ação, o significado de suas intenções e de suas atitudes e a essência dos valores morais” (IDEM, p. 438).

Assim a ética é um saber prático, por só ser possível como fruto das ações do sujeito que a executa, e também é uma práxis, porque “o agente, a ação e a finalidade do agir são inseparáveis” (IBIDEM).

Dito isso, acreditamos podermos dar seguimento a compreensão dos valores morais e a ética do *Budo* das Lutas Corporais modernas japonesas, começando por um apanhado do que se esperava de um samurai ao seguir o *Bushido*, já que temos a clareza que o *Budo*, o caminho marcial seguido hoje, foi inspirado na racionalidade moral e conduta ética dos honoráveis samurais.

O máximo esforço aqui feito, temos certeza, só nos dará uma visão superficial do que realmente foi o *Bushido* como esteio da racionalidade moral e comportamento ético dos samurais, seria necessário um aprofundamento nas fontes que conferem contorno a esse código e como cada um prestou serviço na organização de um sistema militar e marcial.

O que nos tiraria, de certo, dos objetivos de nosso trabalho. O que faremos então é um sobrevoo inicial no que cada um desses sistemas religiosos e filosófico prestou ao *Bushido*; os principais valores imputados aos samurais; e como eles se fazem presentes hoje no *Budo* das Lutas Corporais modernas japonesas.

Inicialmente é importante ressaltar que o *Bushido* não é um conjunto de leis escritas nas quais os samurais deveriam se debruçar e decorar desde tenra idade. Ele é

o código de princípios morais a que os cavaleiros eram exigidos ou instruídos a observar. Não é um código escrito; no melhor, consiste de umas poucas máximas transmitidas de boca em boca ou vindo de pena de algum guerreiro ou sábio bem conhecido. Com mais freqüência, é um código não proferido e não escrito, possuindo muito mais a sanção poderosa de efeito de verdade, e de uma lei escrita nas tábuas carnis do coração. Foi instituído não na criação de um cérebro, embora capaz, ou na vida de um só personagem, embora renomado. Foi um crescente orgânico de décadas e séculos de carreira militar. (NITOBE, 2005, p. 11).

Possivelmente o *Bushido* deve ter, ao longa da história, suprimido, elegido e priorizado diferentes valores que balizaram a conduta ética dos samurais. O que temos hoje é o que ficou disponível e aparente quando o sistema feudal japonês se chocou com os princípios modernos ocidentais, sendo seu arcabouço cristalizado como um modelo ético de uma classe de guerreiro elegida com representante do caráter nipônico.

Esses valores morais, são frutos da combinação do Xintoísmo, do Budismo, do Confucionismo e alguns elementos do Taoísmo<sup>149</sup>, que deram ao código desses guerreiros uma base que sustentava a sua estrutura: “*Chi, Jin, Yu*, respectivamente, Sabedoria, Benevolência e Coragem” (IDEM, p. 68). Completavam as principais virtudes do *Bushido* a Justiça (*Gi*), Educação (*Rei*), Sinceridade (*Makoto*), Honra (*Meiyo*) e Lealdade (*Chuugi*).

A concepção do xintoísmo para o japonês era de si tão natural, genérica e vasta, que até a chegada do budismo no século VI, não tinha nome especificado. Quando se acharam diante de uma religião estrangeira, denominaram a nativa de Kannagara no michi ou Xintô, que significa caminho dos deuses. É difícil saber exatamente o que era o xintoísmo antes da chegada do budismo. Não era apenas a única religião; era o único modo como os antigos japoneses se relacionavam com o mundo, pois acreditavam profundamente que os deuses, os homens e a Natureza são nascidos dos mesmos ancestrais: não havia separação conceitual entre a Natureza e o homem. (KANELOYA, 2018, p. 01).

Deus ou Deuses no Xintô se diz *Kami*. Os *Kamis*, são muito importantes para a cultura japonesa, e como nas religiões politeístas apresentam virtudes e fraquezas, e servem ao bem e o mal. No entanto diferente de outras Religiões o *Kami* não tem forma, eles são incorpóreos, e corporificam-se nos objetos e nas coisas do cotidiano, pode ser definido como “o que quer que fosse altamente impressionante, possuísse a qualidade de excelência e virtude, e inspirasse um sentimento de temor respeitoso”. (HERBERT, 1977. Apud KANELOYA, 2018, p. 12-13).

Poderia ser uma árvore, uma mesa, uma casa, uma espada e até mesmo uma pessoa, desde que por uma série de condições julgassem suas características fora do comum e impressionante. Talvez por isso fosse comum os samurais darem nome as espadas, que nas mãos de personagens como Musashi<sup>150</sup> e seu maior rival Munenori<sup>151</sup>, realizaram grandes feitos

<sup>149</sup> Não trataremos diretamente do Taoísmo, por não fazer parte diretamente da composição dos fundamentos do *Bushido* e do *Budo*, no entanto temos ciência de sua influência no pensamento de Confúcio, como também, na construção de alguns rituais e etiqueta dentro do *dojo*. A própria disposição e divisão do *dojo*, seguem preceitos taoístas. Para mais ver Lowry (2011).

<sup>150</sup>

<sup>151</sup> “Yagyū Munenori nasceu em 1571 e desde cedo teve um grande mestre de esgrima seu pai Muneyoshi. Apresentado ainda muito jovem por seu pai para colaborador com o Grande Shogun Ieyasu Tokugawa, o homem que unificou o Japão, sua perspicácia e suas habilidades marciais o levaram a se tornar o professor de esgrima Ieyasu Tokugawa e de seus dois sucessores. [...]. Seu estilo de esgrima, o *Yagyū Shinkage Ryu*, que herdou da família e aprimorou ficou famoso e tornou-se o estilo oficial do *shogunato*”. (BULL, 2013, p. 09). (Prefácio do livro **A espada que dá vida** de Yagyū Munenori. Cultrix : 2013). “No final de sua Munenori foi considerado um ‘Kami’ (ser divino), recebendo o título de Tajima no Kami. Segundo a tradição japonesa, aquele que executa e vive de maneira tão ideal e perfeita a seus olhos é considerado alguém que alcançou outra dimensão, aquela dos ‘deuses’, ou *Kamis*”. (BULL, 2013). (Orelha do livro **A espada que dá vida** de Yagyū Munenori. Cultrix : 2013).

que os legaram à história, passando o próprio sujeito, ao seguir os preceitos do *Kami*, tornar-se ele mesmo um *Kami*.

No Xintô a vida espiritual está relacionada à veneração e comunhão com o kami, à "adoração de suas virtudes e autoridade", assim como a fé no kami implica, na verdade, comportamento de acordo com a "mente do kami" (ONO, op. cit., p.3. 6). Modernamente o Xintô assumiu visão mais ampla no sentido de se aproximar da psique humana, "da ideia de justiça, ordem, favor divino (bênção)", sem esquecer que a função do kami opera pela harmoniosa cooperação mútua. (ONO, 1990. Apud KANEIYA, 2018, p. 14-15).

O Xintoísmo Segundo Nitobe<sup>152</sup> (2005, p. 16), legou ao *Bushido* a “lealdade ao soberano, essa reverência à memória ancestral, e essa devoção filial [que] não são ensinadas por qualquer outro credo, (...)”. Devido a isso as forças aliadas, de ocupação do Japão após a segunda Grande Guerra, tentaram proibir as cultos Xintô, entendendo essas práticas como nocivas a manutenção da paz, principalmente pela ampla ideia de que o imperador japonês fosse um Deus, um *Kami* (KANEIYA, 2018), e como tal, deveria ser venerado, honrando e se necessário morrer por ele. O que ajuda a explicar o episódio de Pearl Harbor, na Batalha de Midway, em junho de 1942 no Oceano Pacífico. Onde os pilotos Japoneses (Conhecidos como *KamiKaze* – Deuses do vento) jogaram seus aviões carregados de bombas contra os encouraçados Americanos.

Mas é importante deixar claro que,

o shintoísmo não cuida de questões escatológicas, não tem escrituras sagradas propriamente ditas, não se ocupa da teologia, não tem uma doutrina de conduta, mandamentos, catecismo, ortodoxia, caminhos de salvação, receituário de preces, sistema de ensino ou de evangelização, organização eclesíastica propriamente dita. Em resumo, parece uma religião sem igreja nem clero, sem doutrina nem ortodoxia e - o que é mais espantoso - sem o espírito de retribuição (recompensa/castigo), sem o exclusivismo e a intolerância característicos de todas as religiões que, falando em nome de um ser supremo, se consideram donas da verdade única, suprema e absoluta. O shintoísmo não tem um deus. O shintoísmo nunca sustentou guerras de religiões. O shintoísmo nunca queimou infiéis. A própria noção de crentes e infiéis, eleitos e réprobos, iniciados e pagãos, lhe é estranha. Como a Constituição da Inglaterra, ele jamais foi escrito. Não tem livros de doutrina.

---

<sup>152</sup> Inazo Nitobe nasceu em Morioka, Japão, em 1862. Foi o terceiro filho de Jujiro Nitobe, que pertencia a uma família de Samurais. Após graduar-se na escola de Agricultura da cidade japonesa de Sapporo, capital da ilha de Hokkaido, às margens do rio Ishikari, realizou viagens de estudos aos Estados Unidos e Alemanha, sendo um dos primeiros japoneses a estudar do Ocidente. Unindo filosofia e maneira de ver o mundo do Oriente e do Ocidente, Inazo Nitobe tornou-se uma ponte entre essas duas culturas, sabendo vivenciar o que havia de melhor em cada um deles. Nitobe foi Secretário Geral da Liga das Nações, em Genebra, Suíça. Representou o Japão na conferência de Banff, em 1933, no Canadá, mas adoeceu, vindo a falecer logo depois (orelha do livro *Bushido: alma de samurai*).

Entretanto, está espalhado por todo o Japão e integra o sistema de crenças da maioria dos japoneses. (BARROS, 1988, p.46).

É a partir do Xintô que podemos explicar a relação de devoção e respeito entre Mestre e aprendiz e a importância dada aos saberes, as práticas, exercícios salvaguardados nas experiências dos praticantes mais velhos, o que comumente se chama de “disciplina” nas Lutas Corporais modernas japonesas. Mas a doutrina Xintô oferece ainda mais para a composição do sistema espiritual e ético dos praticantes do *Budo*.

(...) os altares Xintôs são visivelmente desprovidos de objetos e instrumentos de adoração, e que um espelho comum pairando no santuário forma parte essencial de seu mobiliário. A presença desse objeto é fácil de explicar: tipifica o coração humano que, quando perfeitamente plácido e claro, reflete a própria imagem da divindade. Dessa forma, quando você fica de pé diante do altar para adorar, você vê sua própria imagem refletida em sua superfície reluzente, e o ato de adorar é equivalente à velha injunção Déléfica, “Conheça-se a si próprio”. Mas o autoconhecimento não implica, tanto em grego quanto em japonês, o ensinamento, conhecido da parte física do homem, nem sua anatomia ou seu psicofísico; o conhecimento deveria ser de um tipo moral, introspecção da nossa natureza moral. (NITOBÉ, 2005, p. 16)<sup>153</sup>.

Nos *dojos* mais tradicionais, com forte influência do *Budo*, é comum a presença de um altar no estilo xintoísta<sup>154</sup>. Embora a presença do espelho não seja comum (possivelmente por sua importância e significado terem se perdido com o tempo e a ocidentalização), o princípio do respeito ao Mestre, ao *Sensei*<sup>155</sup> e aos mais velhos é uma característica preservada e cultivada até a atualidade, como uma maior ou menor importância, dependendo da forma como esses elementos são tratados.

O xintoísmo legou as Lutas Corporais modernas japonesas a ideia da fluidez, o fluxo contínuo e inevitável da vida, que como água que se move para o mar não pode ser contida, por vezes corre mais rápida e turbulenta, e por vezes, mais lenta e calma. A nossa compreensão sobre esse fluxo inevitável da vida as competências e habilidades que devem ser adquiridas para

---

<sup>153</sup> Embora Nitobe tenha sido um dos mais cultos japoneses de sua época, acreditamos que a vasta leitura dos clássicos gregos, juntamente à filosofia moderna ocidental não tenha sido suficiente para que enxergasse nas bases éticas espirituais do *Bushido* a possibilidade além da “injunção Déléfica” do “Conheça-se a si próprio”. No entanto na discussão apresentada ao longo de todo o livro e perceptível a construção de um caminho que levava o *Bushi* (guerreiro) a um – apontada por Foucault (2006, p. 4-5) e tratada no capítulo 1 e 3 desse trabalho – Cuidado de si.

<sup>154</sup> Na grande maioria se preserva uma foto do Fundador da Luta Corporal.

<sup>155</sup> *Sensei* é uma palavra em japonês usada como um título honroso para tratar com respeito um professor ou um mestre. A tradução literal desta palavra é “aquele que nasceu antes”, já que o *kanji* correspondente ao “*Sen*” significa “antes” e o *kanji* “*Sei*” significa “nascimento”. Isso indica que chamar alguém de *Sensei* é reconhecer que essa pessoa é experiente na sua área.

seguir o fluxo, que deve ser construída nas relações de aprendizado entre as gerações é a materialidade da prática Xintó. (UESHIBA, 2010).

Ele permite compreender que

(...) a vida flui e que as mudanças, as renovações, a decadência, o descanso e o crescimento são todos partes naturais da decadência das coisas sobre a Terra. Portanto, é melhor que nos ajustemos e aprendamos a apreciá-los – sempre tendo em mente de onde elas emanaram e aonde, eventualmente, deverão nos levar. Assim, existe dentro do espírito do xintoísmo um sentimento de inexistência do tempo. Nossos ancestrais e nossa posteridade estão todos na mesma corrente, juntos de nós. Mesmo que não estejam presentes fisicamente, são parte de nosso mundo. As contribuições do passado, o potencial do futuro; sem a consciência disso podemos nos tornar autocentrados. Na verdade, praticamos nossa arte para nós mesmos, mas também porque nossos professores foram generosos o bastante para transmiti-la a nós e, assim, de maneira humilde, temos a obrigação de polir e aperfeiçoar o que recebemos. É nosso dever manter a arte em sua integralidade, para que ela seja passada adiante para a próxima geração. E temos um débito que deve ser devidamente pago às gerações que nos precederam. Esse débito é uma maneira de nos lembrarmos do que devemos a essas gerações, e dos sacrifícios que eles fizeram para trazer a arte até nós. (LOWRY, 2011, p. 90-91).

As Lutas Corporais modernas japonesas, fruto da síntese elaborada pelos três grandes Mestres, ensinam pela construção do habitus a corresponsabilidade ética para com o Mestre, para consigo mesmo e para com os que chegam. O aprendizado não se faz pela fala, por aulas teóricas de comportamento e conduta. O aprendizado ético que é levada para vida é adquirido pela compreensão e desenvolvimento da etiqueta, pelos exemplos, pelo treino consciente e exaustivo (treina-se para superar a si mesmo, para realizar cada movimento melhor e com mais eficiência do que ele é realizado) e pelas correções feitas no dia a dia.

Uma criança ao chegar no *dojo*, aprenderá que tem que cumprimentar os que lá estão, e que esse ato não é aleatório. Deve-se cumprimentar primeiro o(s) Mestre(s) (em linha hierárquica dos mais graduados presentes no *dojo*), depois o *Sensei* (o graduado responsável em conduzir a aula, que pode ser um dos mestres), então seguisse cumprimentando os demais integrantes em descendência hierárquica até o colega de mesma faixa/graduação, esperando então que os de menor graduação o cumprimentem.

Essa formalidade ritualística em torno do *Ojirei* (reverência) não deve ser encarada como uma atitude teatral ou caricata, mas, na concepção do próprio gesto de reverenciar: como respeito e admiração pelo esforço e tempo dedicado aos estudos pelos mais velhos; no agradecimento ao outro que compartilha com prazer e dedicação o que aprendeu; na compreensão que sem o outro não é possível melhorar. Não é possível conhecer melhor a si

mesmo, passo fundamental para aprender a cuidar de si mesmo, e poder assim cuidar dos outros, como pelo outro foi cuidado, sem a reflexão consciente destes fatos.

Em uma dimensão maior, aprendesse que reverenciar ao outro é um ponto chave para que todos possam crescer, o que Kano (2017, p. 50) vai chamar de *Jita Kioei* (benefícios e prosperidade mutua).

*En definitiva, la prosperidad supone un estado mediante el cual uno obtiene la satisfacción corporal y material además de la espiritual, quizá la más importante. Así que, se entiende, que la prosperidad mutua es la vida social ideal. Por eso, la gente debe esforzarse desde la infancia em intentar formarse para una sociedade ideal o dicho de otra forma, siempre tienen que pensar en los demás y también pensar en sí mismos para que progresen mutuamente; cuando lo hacen por otros no olviden que también lo hacen por uno mesmo. De esta forma, nacen la armonía, la paz y el desarrollo.*

Por fim, poderíamos derivar do Xintô, a ideia do caminho, via, o *Do* do *Bushido* e do *Budo*, O caminho do Guerreiro e o Caminho Marcial. Na Cultura japonesa há uma diversidade imensa de *Kamis*, algo entre 800 a 8000 mil divindades segundo Kaneoya (2018). Mesmo com tanta diversidade

Os desejos em relação ao homem é apenas um, o japonês o resume em apenas um conceito: “michi”, caminho ou via. Seguir a via dos deuses, é a mensagem indelével fortemente introjetada no inconsciente coletivo desse povo, o que molda seu caráter, pensamento e a vida”. [...]. “Michi”, caminho ou via, guarda estreita relação com o comportamento do nipônico. Embora impreciso, amplo e vago, como sói nos conceitos dessa cultura, para o japonês, “michi” não precisa ser explicitado, definido, ensinado nem imposto: é algo que lhe parece claro, sem necessidade de palavras para se conceituá-lo. É, muito possivelmente, o termo mais antigo e de mais largo significado dentro da ética e da religião na cultura japonesa (IBIDEM, p. 16).

É por isso que essa observância e obediência, consciente e na maioria das vezes inconsciente, se impregna na construção da vida de quem percorre o *Michi* o *Do*, das suas artes. O perfeito uso do pincel para desenhar o *Kanji*, o perfeito uso da tesoura para libertar a forma perfeita do *Bonsai*<sup>156</sup>, o perfeito uso do movimento do corpo para unir-se ao adversário em *Waza* (técnicas), com o uso da força, mas, aparentando graça, beleza e plasticidades comparáveis a movimentos de plumas expostas a uma brisa suave.

---

<sup>156</sup> técnica e/ou arte, originárias do Japão, de miniaturizar plantas (ger. árvores ou arbustos), através de métodos específicos que visam manter suas características normais de proporção e morfologia.

Portanto, essa perfeição, buscada com paciência e perseverança, acaba sendo introduzida e venerada no tratamento respeitoso e cordial com o outro; no respeito e dedicação ao Mestre e suas palavras; no cumprimento irrestrito de suas obrigações para consigo e para com outros; na efetivação incondicional da palavra dada, preservando sua honra. O Xintoísmo é a essência da espiritualidade nipônica, e como tal, é a essência do *Bushido* e do *Budo*.

O Budismo é originário da Índia, e chegou ao Japão há mais de mil e quatrocentos anos. Lá adquiriu contornos particulares ao fundir-se com o Xintoísmo e as peculiaridades da cultura, da sociedade e as manifestações artísticas nipônicas.

O Budismo formou-se no noroeste da Índia, entre os séculos VI e IV A.C.. Este período corresponde a uma fase de alterações sociais, políticas e econômicas nessa região do mundo. A antiga Religiosidade Bramânica, centrada no sacrifício de animais, era questionada por vários grupos religiosos, que geralmente orbitavam em torno de um mestre (Guru). Por tanto, o início do Budismo estava intimamente ligado ao Hinduísmo, Religião na qual Buda é considerado a encarnação ou Avatar de Vishnu (Deus do panteão hindu). É mister lembrar que as duas religiões tiveram seu crescimento interrompido na Índia a partir do século VII, com o avanço do Islamismo e com a formação do grande império árabe. Mesmo assim os ensinamentos [do Budismo] cresceram e se espalharam pela Ásia, e a cada cultura foram adaptados, ganhando, assim, características próprias em cada região que se estabilizava. (KÜNG, 2004. Apud, FARIAS, 2009, p. 26).

O budismo segundo Farias (2009), tem como base a compreensão das Quatro Nobres Verdades<sup>157</sup>, que estão ligadas a verificação de um sentimento de insatisfação (*Dukka*) com a própria existência, mas que pode ser superado pela verdade do Caminho de Oito Aspectos para Extinção do Sofrimento, a prática do Nobre Caminho óctuplo. Outro aspecto importante da prática budista é a compreensão “das três marcas da existência: a insatisfação (*Dukka*), a impermanência (*Anicca*) e a ausência de um ‘eu’ independente (*Anatta*)”. (IDEM, p. 26).

A base do budismo está em: “evitar o mal, fazer o bem e cultivar a própria mente. Seu objetivo é levar à extinção do ciclo de sofrimento, chamado *Samsara*, que significa um ininterrupto de renascimento e de morte”. (IBIDEM). Superado esse ciclo o praticante do budismo será orientado para o despertar da realidade última que é o *Nirvana*, ou iluminação, atingindo o objetivo da prática que é um estado de paz incomensurável.

---

<sup>157</sup> São as Quatro Nobres verdades: A Natureza do Sofrimento (*Dukkha*), A Origem do Sofrimento (*Samudaya*), A Cessação do Sofrimento (*Nirodha*) e a O Caminho (*Mārga*) para a Cessação do Sofrimento. Segundo a Monja Coen Roshi (2003), “As Quatro Nobres Verdades, de acordo com os textos canônicos, são a Verdade do Sofrimento, a Verdade da Causa do Sofrimento, a Verdade da Extinção do Sofrimento e a Verdade do Caminho de Oito Aspectos para a Extinção do Sofrimento. Nobre aqui é usado com o sentido oposto de comum, ordinário, indicando iluminação supramundana, uma condição transcendendo a existência mundana”. (disponível em <https://monjacoen.com.br/textos/textos-da-monja-coen/137-quatro-nobres-verdades/>).

No Japão, desenvolveu-se o budismo *Zen*, ou simplesmente, *Zen* (Meditação), de origem chinesa.

O desenvolvimento do budismo chinês foi muito importante também para evolução das artes marciais chinesas (APOLLONIO, 2004). [...], o agente de introdução do *Zen* budismo na China foi o monge budista Boddhidharma<sup>158</sup>, considerado o 28º patriarca de uma linha direta que descende do Buda Sidarta Gautama. (IDEM, p. 31).

A aceitação do *Zen* budismo mostrando a grande capacidade nipônica em absorver e sintetizar práticas vindas de fora. Das práticas metafísicas, escolásticas e místicas em sua origem, o *Zen* Budismo, “na terra do Sol Nascente repudiou o transcendentalismo, evoluindo para uma fé sem palavras e um comportamento avesso a doutrinas” (BARROS, 1988, p. 49). O *Zen* passou a ter como objetivo último “a iluminação pessoal (*satori*), a identificação com o espírito de Buda”. (IBIDEM).

O *Zen* Budismo legou aos samurais “um senso de confiança calma do Destino, uma quieta submissão ao inevitável, aquela calma estóica diante do perigo ou calamidade, aquele desdenho pela vida e benevolência com a morte”. (NITOBÉ, 2005, p.15). Essas características assumidas no bushido mostram como o *Zen* representa uma adaptação do Budismo de origem Indiano, já que busca uma plena compreensão do mundo sem a necessidade de que isso seja expresso por palavras, por uma plena dedicação ao intelectualismo ou por um transcender místico introspectivo, levando o sujeito a centrar-se em si mesmo.

Segundo Barros (1988, p. 49), os japoneses passaram a procurar com o *Zen*,

com inflexível resolução e com seus rigorosos exercícios, [...], destruir o intelectualismo, transpor o obstáculo levantado pela palavra, eliminar a barreira do consciente, os quais fragmentam a realidade, formalizam e isolam o indivíduo, destroem sua espontaneidade e bloqueiam seu impulso vital, desfazendo sua unidade pessoal e sua integração espontânea e imediata com o cosmo.

Estes ensinamentos se manifestaram, tanto no *Bushido* dos samurais como no *Budo* atual, em exercícios práticos e reflexivos, no desenvolvimento individual da elevação do

---

<sup>158</sup> O monge budista Boddhidharma, é citado na história antiga de muitas Lutas Corporais de origem chinesa e japonesa. Teria sido ele o primeiro a formular a ideia da máxima do Jujutsu antigo, base, por exemplo, do Judô e do Aikido. Segundo consta em alguns livros e sites, observando um salgueiro e uma cerejeira durante uma tempestade, o monge percebeu que a árvore mais robusta não sedia ao peso da neve e seus galhos quebravam. Em contra partida a mais franzina e flexível, sedia ao peso da neve deixando-a cair dos galhos e voltando a posição inicial. A partir dessa observação teria criado a máxima do “ceder para vencer”, ou seja, nunca se opor a uma força mais forte, pelo contrário, deve-se usar a força do adversário contra ele mesmo.

espírito pela benevolência, pela constante ideia do amor pelos outros, e a busca do bem. O treinamento das técnicas marciais é o exercício para domar a vontade do corpo e adolecer o autocontrole.

Para os praticantes do judô têm-se o princípio de que “Praticar o judô é educar a mente a pensar com velocidade e exatidão, bem como ensinar o corpo a obedecer corretamente. O corpo é uma arma cuja eficiência depende da precisão com que se usa a inteligência” (VIRGILIO, 1994), que se completa a ideia do *Zen* em conformidade, quando unido ao princípio de que “saber cada dia um pouco mais, utilizando o saber para o bem, é o caminho do verdadeiro judoca”. (IBIDEM).

Em Funakoshi (1998), no seu segundo princípio, dos vinte princípios fundamentais deixados aos seus discípulos, fica evidente a ideia da benevolência, que se deve ter, ao seguir o *Budo*.

Não existe primeiro golpe no Karatê. "Uma espada nunca deve ser desembainhada de maneira descuidada ou imprudente" era a mais importante regra de conduta na vida cotidiana de um samurai. Era essencial ao homem digno daquela época praticar os seus recursos até o limite extremo da sua capacidade antes de colocá-los em prática. Só depois de atingir o ponto em que a situação não poderia mais ser tolerada é que a lâmina era sacada da bainha. Esse era o ensinamento básico da prática japonesa do *bushido*. No karatê, as mãos e os pés podem ser tão letais quanto a lâmina de uma espada. Assim, o princípio de que "não existe primeiro golpe no karatê" é uma extensão do princípio básico do samurai, segundo o qual deve-se evitar a displicência no uso das armas. Ele salienta a necessidade de paciência e tolerância absolutas. [...]. Muitos não conseguem captar o verdadeiro significado que está por trás do segundo princípio e afirmam que todo o budô baseia-se na ideia de golpear primeiro. É muito provável que essas pessoas nem sequer compreendam que o caractere bu, "marcial", é constituído de dois caracteres que significam "deter" e "alabardas" ou "lanças". Portanto, uma arte marcial detém a luta. Da mesma maneira, o caractere relativo a "resistência" ou "paciência" é um ideograma derivado de uma lâmina sendo sustentada e controlada pela mente ou espírito (FUNAKOSHI, 1998, p. 07-08).

Mas sem dúvida, dos três grandes Mestres do *Budo*, Ueshiba foi quem mais manteve vivo os ensinamentos espirituais de seus ancestrais em sua arte. Segundo Stevens (2007, p. 138), Ueshiba “era um xamã e um fazedor de prodígios que parecia ter precisamente tais poderes sobre-humanos”. Diferente de Kano e Funakoshi que adotaram a pedagogia moderna em seus processos de ensino, “Ueshiba funcionava numa dimensão diferente e era impossível apreender intelectualmente o que ele fazia ou dizia. [...]. Ueshiba jamais fez algo por duas vezes seguidas. Cada instrução era diferente do dia anterior.” (IBIDEM).

Como os antigos samurais, que incorporaram o *Zen* como uma fazer prático, sem teorizações e dogmatismo sistematizados, Ueshiba ensinava pela prática, pelas metáforas que era comum aos ensinamentos feitos pelos monges budistas. Segundo Stevens (2007, p. 138),

ao enfatizar os aspectos místicos e sobrenaturais do budo, é possível que Ueshiba tenha protestado, em particular, contra a tendência de ver o budo como uma atividade meramente física (ou pior, como apenas um esporte) e, em geral contra o crescente materialismo da sociedade contemporânea. Ueshiba costumava dizer a seus alunos: “O aikido é o estudo do espírito! E o divino não tem limite!”.

Ueshiba (2010), preconizava em seu discurso a necessidade da iluminação, apontando o seu *Budo*, como o caminho de se chegar ao equilíbrio entre mente e corpo, entre corpo e espírito. “O propósito do Aikido é alçar-nos do mundo da matéria para o mundo do espírito”. (UESHIBA, 2010, p. 19). Em uma perspectiva *Zen* ele disse:

O segredo do Aikido é expelir toda a malícia do coração para entrar em sintonia com o movimento do cosmo, e para unir-se com o universo. [...]. O verdadeiro *budo* não tem inimigo. O verdadeiro *budo* é a manifestação do amor. O amor nunca mata, o amor nutre. O amor traz todas as coisas para um estado de fruição. O amor é o anjo guardião de todos os seres; se não existe amor, nada pode ser realizado. O Aikido é a incorporação do amor. (IDEM, p. 36).

Fora a postura mais claramente espiritualizada do Mestre do Aikido, o Budo de Kano e Funakoshi adotaram notadamente mais traços modernos, preservando os princípios religiosos de forma mais metafórica. Como por exemplo, nos aspectos ligados às práticas ritualísticas do *Rei* (comprimento), que se insere no que já foi falado sobre as práticas das reverências, o *Ojirei*, e da própria mística do *dojo*.

*Dojo*, em poucas palavras pode ser entendido como, *Do* – Caminho, *Jo* – Lugar, ou seja, o lugar para seguir o caminho ou lugar para se aprender o caminho. Mas em se tratando da vida nipônica tudo tem dois lados, tudo tem duas facetas, uma aparente e uma oculta, um visível e uma invisível. “A arte japonesa e outros aspectos de sua cultura tradicional têm muitos exemplos do que está pelo “lado externo” e o que está escondido em seu interior. Essas facetas são chamadas, entre outras formas de *omote* e *ura*”. (LOWRY, p. 20).

Aparentemente, um *dojo*, seja ele tradicional ou moderno, carrega muito simbolismos para além da sua simplicidade aparente de um espaço para práticas de Luta Corporal ou meditação. O *dojo* é uma herança do Budismo. Até a sua chegada, as práticas das Lutas

Corporais ocorriam em espaços abertos em contato com a natureza. Como também, qualquer coisa poderia ser venerada e transformada em um templo *Xintô*, uma pequena cabana, uma pedra, uma árvore, que julgassem ter sido incorporada por um *kami*.

O *dojo*, além do local aparente da Luta Corporal, também é o espaço usado para a meditação dos monges *Zen*. Por ter uma origem chinesa há uma simbologia ligada ao Taoísmo.

O conceito de **DO** (Tao em chinês), originou-se do Zen budismo e se refere ao “Caminho para se Alcançar a Iluminação”. No entanto, quando relacionado ao Budo, pode ser interpretado como “O Caminho para se desenvolver a Mente e o Espírito através do treinamento das Artes Marciais”. (TOMIKI, 1969; SUZUKI 1972; WESTBROOK; RATTI, 2007, apud. FREITAS, 2009, p. 47).

Mas é importante, ressalta que a o preceito do *Do* vindo do Taoísmo não é contraditório, nem análogo ao *Do* como sinônimo de *Michi*, eles devem ser entendidos como complementares. Ao seguir o caminho, buscando o desenvolvimento das formas perfeitas das técnicas, aliados a uma racionalidade moral e comportamento ético impoluto, atinge-se a via de um *Kami*, e esse caminho leva a iluminação.

Sendo assim, a busca da perfeição da técnica, não é perseguida para ser a melhor, mas para tornar quem a faz melhor. Os exercícios, as reflexões, as meditações, as *misoges* são os caminhos da iluminação. Foi assim para os samurais. Será que é assim para os budokas?

Por fim as ideias de Confúcio. O confucionismo foi o sistema filosófico, que juntos como o *Xintô* e o *Zen*, contribuíram na essência final no *Bushido* no período *Edo* (1603 - 1867).

Quanto a doutrina estritamente ética, os ensinamentos de Confúcio foram as fontes mais produtivas do Bushido. Sua enunciação das cinco relações morais entre mestre e criado (o governante e o governado), pai e filho, marido e mulher, irmão mais velho e mais moço, e entre amigo e amigo, não foi outra coisa que uma confirmação do que o instinto da raça havia reconhecido antes de seus escritos serem introduzidos da China. O caráter calmo, afável e experiente de seus preceitos político-ético foi bem apropriado aos samurais, que formavam a classe governante. Seu tom aristocrático e conservador foi bem adaptado às exigências desse estadista guerreiro. (NITOBÉ, 2005, p. 17-18).

Segundo Santos (2011), o confucionismo ganhou força no Japão, no século XVII, por ter sido adotado como uma ideologia de Estado, proporcionando os contornos para efetivação da centralização política promovida pelo Shogunato de Tokugawa. Período onde reinou a paz interna, e as guerras constantes entre os *Daimyos* foram praticamente extintas. O que trouxe

uma certa perturbação para os samurais, como uma classe guerreira preparada há séculos para o combate.

Para além do emprego doutrinário pelos académicos oficiais do Shogunato Tokugawa, o confucionismo teve “amplo uso popular, sobretudo por monges budistas dissidentes, que trouxeram seus estudos à tona” (IDEM, p. 09). Sendo assim, os escritos de Confúcio foram utilizados no cotidiano japonês, unindo-se às doutrinas religiosas, “das formas mais variadas: como em apropriações inter-doutrinárias, em nível teórico e prático, e na formação de vertentes sincréticas destas doutrinas”. (IBIDEM).

Embora o Confucionismo estivesse presente no Japão desde do século XII, introduzido pelos monges budistas, foi no século XVII, que passou a ter um reconhecimento maior. Neste sentido essa época marca “a consolidação do *Sankio Itchi*, a ‘unidade dos três ensinamentos’ – confucionismo, Budismo e Xintoísmo –, que vem a ser uma das características principais do pensamento japonês tido hoje como ‘tradicional’” (IBIDEM).

No entanto é importante ressaltar que a conduta dos samurais não foi alterada, tornando-os leitores assíduos, filósofos que paravam para uma reflexão, problematização e interpretação do significado de suas ações e pensamentos como representação da racionalidade morais. Na verdade, serviu como o traço mais simples do fazer filosófico, ou seja, a filosofia como o uso do saber em proveito do homem.

“Assim, qualquer que seja as fontes, os princípios essenciais que o *Bushido* sorveu delas e assimilou para si, foram poucas e simples. [...], mas suficientes para suprir uma conduta segura de vida mesmo através dos dias mais inseguros da história da nossa nação”. (NITOBE, 2005, p. 20)

Possivelmente quando Nitobe fala em “dias mais inseguros da história da nossa nação”, referia-se aos desdobramentos ocorridos no período Edo. Com a centralização política e o período de paz interna no Japão, veio também a revitalização da agricultura e monetarização da economia. Ocorreram também, mudanças por parte do governo Tokugawa que afetaram diretamente os samurais, como a desqualificação “1/3 dos senhores feudais, substituídos por vassallos de confiança” (IDEM, p. 131), o que diminuía o poder dos *Daimyos* e fortalecia o poder central.

Esse cenário trouxe um maciço desemprego para os samurais, que não tinham mais que exercer sua função maior, as habilidades bélicas, ou por terem seus senhores destituídos dos seus títulos. Muitos, tornaram-se *Ronis*<sup>159</sup> (samurais sem senhor e sem ocupação). Dos samurais

---

<sup>159</sup> Segundo Santos (2011), nos primeiros 50 anos do período Edo, mais de 400 mil samurais passaram a ser *Ronis*.

que não conseguiram emprego na casa de novos Senhores, alguns mudaram de profissão, tornando-se professores, comerciantes e até mesmo camponeses. Os que apreciavam a vida militar tornaram-se mercenários. Mas, uma parte considerável não suportando a ideia de se tornarem *Ronis*, recorreram ao *Seppuku*. Essa situação fez com que o Governo proibisse o ritual do suicídio (SANTOS, 2011).

Concomitante a esse período de centralização do poder e desmilitarização dos *daimyos* o confucionismo tentou proferir uma nova forma de conduta aos nobres samurais para os tempos de paz. Entre as muitas vertentes do confucionismo,

duas correntes se sobrepueram as demais desde o Período Tokugawa e que influenciaram profundamente o pensamento ético no Período Meiji: (a) *Chu Hsi* ou *Zhu Xi* (1130-1200) a qual ficou conhecida no Japão como Sorai por ter sido difundida principalmente por *Ogyû Sorai* (1666-1728) e a (b) *Wang Yang Ming* (1472-1529) chamada de Ôyômei e difundida no arquipélago por *Motoori Norinaga* (1730-1801). [...]. A corrente confucionista Sorai defendia dois princípios básicos: o *Qi* como força vital e o *Li* como princípio racional. O desenvolvimento delas se daria a partir da ação do homem no mundo. Por exemplo, a bondade era entendida como inata aos homens e o culto à moral trazia clareza ao *Qi*. Uma atitude humana somente pode ser entendida como boa ou má por meio de um sistema ético. [...], a ética no confucionismo era algo necessário para a existência do homem que apenas vive e existe em comunidade ou sociedade. Atitudes que resultassem em atos de bondade seriam benéficas ao homem, pois limparia a força vital (*Qi*) de qualquer impureza, aproximando o homem de atingir o seu ideal de homem superior. *Yamaga Soko* (1622-1685) foi um filósofo e estrategista militar japonês que baseou todo o seu pensamento na corrente Sorai. Com o objetivo de possibilitar aos samurais que atingissem a condição de homem superior, acabou por ser o primeiro a ‘compilar’ o primeiro código de normas, ou sistema ético, para a classe dos guerreiros japoneses, que conhecemos hodierna como *bushidô*. Foi mestre de *Daidoji Yuzan* (1639-1730), autor de uma obra sobre o bushidô dos samurais na qual encontramos a busca do equilíbrio entre o militar e a cultura. [...], Yuzan faz uma abordagem na qual mostrava que a existência dos samurais não se resumia a fins bélicos. Afirma que em tempos de paz o cavaleiro deveria se dedicar ao estudo da caligrafia, aperfeiçoamento das artes bélicas entre outras atividades, abandonando a figura dos primeiros guerreiros japoneses das guerras civis, analfabetos e rudes. (NUNES, 2011, p. 59-60-61).

Numa outra via,

a vertente Ôyômei foi a que mais teve influência no Período Tokugawa tardio e no Período Meiji. Tal corrente de pensamento afirmava que o conhecimento era intuitivo, não racional e inato a todos os homens, ao contrário da corrente Sorai, que afirmava ser a bondade inata ao homem. Isso gera diferenças de interpretação, visto que a Ôyômei admitia uma leitura mais abrangente que a

Sorai: o homem não tinha conhecimento apenas da bondade, mas de tudo que fosse pertencente ao campo da moral. Há o reforço do caráter virtuoso dos homens de que todos nasciam conhecendo a diferença entre o bem e o mal, afastando a ideia de que o agir virtuoso fosse algo adquirido pelo hábito. Também afirmavam que o conhecimento e a ação eram duas coisas distintas, mas que deveriam ser entendidas como algo único devido à condição de dependência entre ambas para que pudessem existir, uma consequência direta da condição humana de possuir conhecimento inato. Por tê-lo, o homem sempre seria agente da ação, eliminando a possibilidade de passividade humana. Aquele que não atua no meio social não teria conhecimento, mas como todos têm esse conhecimento desde o nascimento, deveriam agir, sendo impossível encontrar alguém que não agisse e detivesse conhecimento inato sobre o bem e o mal. Nesses termos, os samurais, tendo conhecimento moral, eram obrigados a exercerem atitudes corretas na sociedade, daí o argumento para criticar aqueles que agissem imoralmente ou que cometessem crimes. A moral se baseava na garantia incondicional de que todos sempre procurariam agir corretamente. (IDEM, p. 62).

Segundo Nunes (2011) é muito difícil dizer o quanto de cada vertente passou realmente a ser incorporado no cotidiano dos samurais, até porque o *Bushido* como um código escrito de conduta moral ocorreu no período *Meiji*, e teve como uma de suas premissas a valorização da classe dos samurais, que em sua grande maioria pertencia aos clãs das classes governantes. O preceito do *Bushido* como o código de ética dos samurais, e esses, passando a figurar como a figura que representava o herói nacional foi uma das estratégias nacionalistas do conservadorismo da era *Meiji* para uma visão positiva do Japão no Ocidente. (SAKURAI, 2014)

A crítica que o Nunes (2011) faz em seu artigo é bastante pertinente, já que muitas dessas obras, como a de Nitobe (2005) foi amplamente utilizada como material de divulgação e propagada no período de modernização do Japão. Como dissemos anteriormente, o código que balizou a conduta dos samurais não era escrito, ao menos com palavras, mas com retidão e observância ao princípio da servidão. Esse era o bem maior, e para isso eles eram imersos em toda uma dinâmica de vida prática por *Éros* (amor) e *Áskesis* (exercícios) marcial que podemos certamente chamar de um cuidado de si, que os permitiam, ao adquirir a verdade, cuidar do seu senhor, da pátria e da família.

É importante percebermos que o amplo apoio as muitas artes ligadas ao *Budo* pelo governo, como também, o esforço de muitos japoneses em conferir as adaptações necessárias às antigas artes marciais, cerimônias e tradições japonesas, para que elas pudessem sobreviver à modernidade, foi o que permitiu, a duras custas, uma integração entre o velho e o novo, entre o tradicional e o moderno. Neste sentido o *Budo* das Lutas Corporais modernas japonesas trazem consigo todo esse tensionamento que permeou e construiu, nas palavras de Barros (1988), “A harmonia dos contrários”.

Como posto anteriormente, dizer o quanto o *Bushido* dos últimos samurais, incorporou e manteve do Xintoísmo, do Budismo e do Confucionismo é muito difícil. Preferimos entender que de três se fez um, com todo o tensionamento que foi gerado nas configurações, na junção dos diferentes preceitos: filosófico e religiosos, com todas as suas similaridades, diferenças, discordâncias e analogias, mas que promoveram um comportamento único que tem um valor que ainda precisa muito ser estudado, e que muito pode nos dizer e contribuir na formação de uma filosofia moral nas práticas atuais do *Budo* e da educação em geral.

Uma parte do que foi o *Bushido*, foi preservado sem dúvida no *Budo* moderno, há décadas, budokas do mundo todo têm vivenciando, com maior ou menor intensidade, a conduta moral deixada como esteio das Lutas Corporais modernas japonesas. Valores como Sabedoria (*Chi*), Benevolência (*Jin*), Coragem (*Yu*), Justiça (*Gi*), Educação (*Rei*), Sinceridade (*Makoto*), Honra (*Meiyo*) e Lealdade (*Chuugi*), somam-se a Amizade (*Yujo*) e o Respeito (*Sonkei suru*) e são facilmente encontrados nas obras dos três grades Mestres do *Budo*. Como também, continuam sendo exigidos por Mestres que têm a preocupação de formar novos budokas, mostrando-lhes o caminho.

Por outro lado, como vimos anteriormente, essa não é a realidade para os que buscam apenas os louros da vitória, vendo nas Lutas Corporais modernas japonesas apenas uma prática esportiva, limitando suas práticas ao aperfeiçoamento da sua execução, e não como uma via para o aperfeiçoamento do seu executor.

O que temos de certeza e de mensagem clara dos seus idealizadores: Kano, Funakoshi e Ueshiba, é que, o padrão de comportamento ético assimilado no dojô não é dispensável fora dele. Ele é apreendido para ser indispensável à vida em sociedade, em qualquer configuração ao qual um budoka esteja, deve preservá-lo como princípio ético e como conduta moral em sociedade. O *Dojo* é o “lugar que se aprende o caminho”, mas é na vida cotidiana que o budoka põe em prática o que aprendeu.

É na vida cotidiana que, reconhecendo a importância da harmonia, supera-se a ideia que o aperfeiçoamento serve só para os combates, as competições ou as atividades referentes a própria arte. Como ressalta Ueshiba (2010, p. 18), “desde que o universo se desenvolve a partir de uma só origem, deveríamos procurar sempre e com otimismo a unidade e a harmonia em todos os nossos empreendimentos”. Em síntese, é compreender que se tornar melhor, em todos os aspectos das atividades humanas, torna o outro melhor e a vida em sociedade melhor. Acreditamos que essa mensagem singela, sem metáforas, e que não é um eufemismo é o legado deixado pelos três grandes Mestres do *Budo*.

Passaremos agora para a última parte do nosso texto. Tentaremos verificar se havia no discurso dos três grandes Mestre do *Budo* uma fala de *Parrhésia* e se seguindo o caminho do *Budo* é possível que o sujeito alcance uma verdade que não altera simplesmente sua conduta, mas altera o ser mesmo do sujeito, transforma sua alma, se há *psicagogia*.

### 6.3 *Tamashi no shinjitsu* – A verdade da Alma

Na primeira seção deste capítulo, pudemos constatar que no período áureo dos samurais, parece ter havido uma prática que poderíamos identificar como o “cuidado de si”, análogo ao que se desenvolveu entre os gregos durante milênios. Constatamos, que essas práticas do cuidado de si tinham muitas semelhanças com as desenvolvidas pelos espartanos, mais que o princípio do cuidado de si proposto por Sócrates nas suas incitações.

Essas práticas que chamaremos de cuidado de si samuraico, só foi possível pelo privilégio social, político e econômico obtido pela casta guerreira durante séculos, já que tinha como única obrigação a servidão ao seu senhor, à pátria e a família. Não se ocupavam do cultivo da terra, do cuidado do lar, da educação das crianças, tinham apenas que cuidar de si para exercer com maestria sua obrigação.

Esse cuidado de si samuraico, análogo às práticas gregas, é produto de múltiplos fatores que compuseram a estrutura da cultura nipônica – como a formação alicerçada no Xintoísmo, Budismo e Confucionismo, como também, as relações de poder produzidas no interior das configurações ao longo do tempo –, gerando formas particulares de práticas para dar acesso à verdade.

Segundo Foucault (2006, p. 58-59),

“esta exigência de ocupar-se consigo, esta prática – ou antes o conjunto de práticas nas quais vai manifestar-se o cuidado de si – enraíza-se, de fato, em práticas muito antigas, maneiras de fazer, tipos e modalidades de experiência que constituíram o seu suporte histórico, e isso bem antes de Platão, bem antes de Sócrates. Que a verdade não pode ser atingida sem certa prática ou conjunto de práticas totalmente específicas que transformam o modo de ser do sujeito, modificam-no transfigurando-o, é um tema pré-filosófico que deu lugar a numerosos procedimentos mais ou menos ritualizados. Havia, [...], toda uma tecnologia de si que estava em relação com o saber, quer se tratasse de conhecimentos particulares, quer do acesso global à própria verdade. A necessidade de pôr em exercício uma tecnologia de si para ter acesso à verdade é uma ideia manifestada na Grécia arcaica e, de resto, em uma série de civilizações, se não em todas, por certo número de práticas [...].

Acreditamos que é oportuno e imperativo dizermos do que devemos cuidar quando cuidamos de si mesmo. O que gerou, na história de “uma série de civilizações, se não em todas”, uma tecnologia voltada para o cuidado de si. “o que é este eu com que se deve ocupar-se? [...]. No que deve consistir está ocupação, este cuidado, esta *epméleia*?” (IDEM, p. 65).

Sem circunlóquios: A alma! diz Sócrates segundo Foucault (2006). Devemos cuidar do nosso eu. E isso diz respeito ao sujeito, a alma do sujeito. “Trata-se, [...], de fazer passar, para uma ação falada, o fio de uma distinção que permitirá isolar, distinguir o sujeito da ação e o conjunto de elementos (palavras, ruídos, etc.) que constituem esta própria ação e permitem efetuá-la”. (IDEM, p. 68-69). Foucault faz emergir, do diálogo de Sócrates e Alcebiades, “o sujeito na sua irredutibilidade”. (IDEM, p. 69).

Para uma melhor compreensão da questão socrática, vejamos alguns casos que nos permitem,

em uma ação, distinguir o sujeito de todos os instrumentos, utensílios, meios técnicos que ele pode pôr em ação. Assim é fácil estabelecer, por exemplo na arte da sapataria há, por um lado, instrumentos como o cutelo; e há aquele que se serve destes instrumentos, o sapateiro. Na música, há o instrumento (a cítara) e há o músico. O músico é aquele que se serve do instrumento. [...] Quando, por exemplo, agitemos as mãos para manipular alguma coisa, o que fazemos? Pois bem, há as mãos e há aquele que se serve das mãos – há um elemento, o sujeito que se serve das mãos. Quando olhamos alguma coisa, o que fazemos? Servimo-nos dos olhos, isto é, há um elemento que se serve dos olhos. De modo geral, quando o corpo faz alguma coisa, há um elemento que se serve do corpo. Mas que elemento é esse que se serve do corpo? Evidentemente, não é o próprio corpo: o corpo não pode servir-se de si. Diremos que quem se serve do corpo é o homem, o homem entendido como composto de alma e corpo? Certamente não. Pois mesmo a título de simples componente, mesmo supondo que ele esteja com a alma, o corpo não pode ser, nem a título de adjuvante, o que se serve do corpo. Portanto, qual o único elemento que, efetivamente, se serve do corpo e, por conseqüência, dos instrumentos e finalmente se servira da linguagem? Pois bem, é e só pode ser a alma. (IDEM, p. 69).

Mas é importante deixar claro que, essa alma que se serve do corpo, dos instrumentos e linguagem, não é uma alma aprisionada no corpo, como exalta Sócrates em alguns diálogos<sup>160</sup>. Não é a alma disposta em procedimento hierárquico que se deve levar a harmonização como para Platão<sup>161</sup>, não é a alma que deve ser salva, seguindo os preceitos cristãos.

---

<sup>160</sup> No Fedon

<sup>161</sup> A República

É a alma unicamente enquanto sujeito da ação, a alma enquanto se serve [do] corpo, dos órgãos [do] corpo, de seus instrumentos, etc. E a expressão francesa “*se servi*” que aqui utilizo é, de fato, a tradução de um verbo muito importante em grego, de numerosas significações. Trata-se de *khresthia*, com o substantivo *Khrêsis*. Essas duas palavras são igualmente difíceis e seu destino histórico foi muito longo e importante. *Khrêthai* (*Khráomai*: eu me sirvo) designa, na realidade, vários tipos de relação que se pode ter com alguma coisa ou consigo mesmo. (IDEM, p. 70).

Assim, servir-se de si mesmo demarcando a noção “ocupar-se consigo mesmo”, designa na realidade,

não certa relação instrumental da alma com todo o resto ou com o corpo, mas, principalmente, a posição, de certo modo singular, transcendente, do sujeito em relação ao que o rodeia, aos objetos de que dispõe, como também aos outros com os quais se relaciona, ao seu próprio corpo e, enfim, a ele mesmo.

A noção de *Khrêsis*, faz emergir a alma-sujeito, que se deve cuidar quando nos ocupamos com nós mesmos. Essa noção de alma-sujeito é que possibilita entender o sujeito de atitude, de comportamento consigo e com os outros. O sujeito que se serve de si mesmo, o sujeito que cuida de si mesmo. Dito isso, passemos a verificar de quais práticas esse sujeito do cuidado de si samuraico, se servia e se exercitava para ter acesso à verdade.

Uma prática comum, no cuidado de si samuraico, presente ainda no discurso de formulação do *Aikido*, é a *Misogi* (purificação), um importante ritual Xintoísta. Segundo Ueshiba (2010, p. 28), deve-se praticar *Misogi*, “de acordo com as exaltadas virtudes do fogo e da água. Toda a poluição acumulada ao longo dos anos pode ser removida através da *Misogi*. Sem *Misogi* nada pode ser criado, nada pode ser posicionado de forma correta”.

A prática da purificação, enquanto rito necessário e prévio ao contato não apenas com os deuses, mas [com] aquilo que os deuses podem nos dizer como verdadeiro é um tema extremamente corrente, conhecido e atestado [...]. Sem purificação não há relação com a verdade detida pelos deuses. (FOUCAULT, 2006, p. 59).

Em uma sociedade onde o caminho (*Michi* ou *Do*) dos deuses (*Kami*) é o que inspira, cada um e cada uma, a buscar: a repetições milimétricas das suas atividades cotidianas (das mais simples observação de uma flor, à execução mais complexa de uma técnica corporal); rituais que tentam reproduzir o regular no universal; a observação das pequenas singularidades, regozijando-se a percepção das pequenas diferenças em cada ação, encontrando a marca de

cada uma em seu gesto, que torna cada ação diferente uma da outra por mais universal que ela seja, é preciso purificar-se, é preciso *Misogi*.

Essa não é uma sentença proferida por uma doutrina a seus fiéis, até porque, como vimos, o *Xintó* não tem doutrina, não tem sacerdotes. Essa é uma prática encarnada na mentalidade nipônica, na racionalidade estética e não científica do japonês, como explica Barros (1988), por mais estranha que possa parecer ao pensamento científico ocidental.

Para seguir esse caminho, percorrer essa via dos deuses é necessário purificar-se. “Toda a nação do Japão deve sua origem a *misogi*. Seguindo a interação entre *Izanagi* e *Izanami*, todas as coisas nasceram e criaram vida. Tudo foi criado por meio do *misogi*, [...]. (EUSHIBA, p. 29).

Neste sentido as práticas de purificação ainda são uma exigência na racionalidade estética nipônica, e necessário purificar-se para ter acesso a via de um *Kami*, e ao percorrer a via, o *Michi*, o *Do*, encontrar a verdade que o *Kami* pode revelar, passo fundamental para a iluminação.

Outra prática consagrada entre os samurais, e poderíamos estender ao caráter nipônico é o autocontrole, que poderíamos bem distinguir como uma prática de concentração da alma. “A disciplina da coragem por um lado, inculcando a resistência sem uma queixa, e o ensinamento da cortesia por outro lado”, [...]. (NITOBÉ, 2005, p. 73). Deixando mais claro o que seria o autocontrole, o controle da alma, o autor esclarece:

Quando um homem ou uma mulher sentem sua alma agitada, o primeiro intuito é suprimir tranqüilamente a sua manifestação. Em raras instâncias, a língua é liberada por um espírito irresistível, quando temos eloqüência de sinceridade e fervor. É por um prêmio numa violação do terceiro mandamento encorajar, falar levemente da experiência espiritual. É verdadeiramente discordante aos ouvidos japoneses ouvirem as palavras mais sagradas, as experiências mais secretas do coração, lançadas em audiência promíscua. “Sentir o solo da vossa alma comovido com pensamentos ternos? É a ocasião das sementes brotarem. Não a incomodeis com a fala; mas deixem-na trabalhar sozinha em paz e retiro” – escreve um jovem samurai em seu diário. (IDEM, p. 75).

Um samurai, um japonês, aprende desde tenra idade a não demonstrar seus sentimentos, a não reclamar, não provocar e não deixar que sua alma se agite, mantém-se sempre em calma aparente, resoluta, confiante e controlada, até diante da morte.

A alma, o sopro, é algo que pode ser agitado, atingível pelo exterior. É preciso evitar que a alma, esse sopro, este *pneûma* se disperse. É preciso evitar que se exponha ao perigo exterior, que alguma coisa ou alguém de exterior o atinja. É preciso que no momento da morte ela seja assim

dispersada. É preciso, pois, concentrar este *pneúma*, a alma, recolhê-lo, fazê-lo refluir sobre si mesmo a fim de conferir-lhe um modo de existência, uma solidez que lhe permitirá permanecer, durar, resistir ao longo de toda a vida e não dissipar-se quando o momento da morte chegar. (FOUCAULT, 2006, p. 59-60).

A supressão da demonstração dos sentimentos, a aparente calma resolvida, não é incentivada, é exigida, é exercitada. Como falamos, há “duas ‘faces’ do comportamento japonês, *tatemae* e *honne*”. (LOWRY, p. 20) Nessa conduta nipônica há uma face para as pessoas que estão fora do seu círculo de convívio íntimo, e uma face que expressa seus verdadeiros sentimentos, que podem ser completamente opostos.

Seguindo os procedimentos, as práticas exemplificadas por Foucault (2006), como as duas acima expostas, a purificação e a concentração da alma, ainda podemos identificar no cuidado de si samuraico, as práticas do retiro (*anakhóresis*), as práticas de provação e as práticas de resistência “que de resto, está vinculada a essa concentração da alma e a esse retiro (*anakhóresis*) em si mesmo, e faz com que se consiga suportar as provações dolorosas e difíceis, ou ainda, resistir às tentações que possam advir”. (IBIDEM).

O retiro, compreendido nesta técnica de si arcaica, é uma certa maneira de desligar-se, de ausentar-se – ausentar-se mas sem sair do lugar – do mundo no qual se está situado: cortar de certo modo, o contato com o mundo exterior, não mais sentir as sensações, não mais agitar-se com tudo que se passa em torno de si, fazer como se não mais se visse e efetivamente não ver mais o que está presente, sob os olhos. Trata-se da técnica, se quisermos, de uma ausência visível. Permanece-se ali, é-se visível aos olhos dos outros. (IBIDEM).

Uma prática de retiro que foi, e ainda é amplamente utilizada no Oriente e de lá chegou ao ocidente, pela doutrina budista, é a meditação. Ela tem sido parte importante das práticas budistas desde sua criação. No Japão não foi diferente, assumindo características próprias ao fundir-se com o xintoísmo, as práticas budistas assumiram peculiaridades e particularidades na cultura nipônica.

Segundo Farias (2009, p. 30), de todas as subdivisões ocorridas no Budismo *Mahayana*, “o que mais contribuiu para a constituição da cultura e moral japonesa foi o *Zen Budismo*, em vários sentidos: *amor a natureza, cerimônia do chá, poesia haiku e as artes marciais tipicamente japonesas chamadas Budo*”. (Itálicos do autor)

De todas as religiões, talvez o Zen seja a mais filosófica, assim como a história mostra que o nascimento da filosofia se deu por meio de um

afastamento gradativo das explicações sobrenaturais do mito, para Sidarta Gautama, o Buda (desperto, iluminado), a ideia de Deus não constituía parte importante de sua doutrina. O conceito de Dharma, entendido como o ensinamento ou método de liberação conforme as leis da natureza, ocupa o ponto central. O Zen manteve a mesma postura. (PICOLI, 2015, p. 183-184).

O Budismo *Zen* cresceu entre a casta guerreira por ser além de uma religião, uma filosofia, ou ainda, um modo de viver no mundo, de compreendê-lo pela prática, pelos exercícios, e não por transporte místico por meio de uma meditação introspectiva.

Ao buscar a iluminação (*satori*), não se pretende modificar o mundo, as coisas, os fatos continuarão sendo os mesmos. No entanto, o sujeito modificado, o sujeito transfigurado, passará a aceitá-lo como ele é, sem renunciar ao mundo nem a si mesmo, pois terá alcançado a harmonia imediata com o mundo, eliminando a lacuna onde se instauram os pensamentos negativos. Passa a entender como única as forças cósmicas e as forças individuais que movem a natureza. (BARROS, 1988).

A meditação *Zen*, o *Zazen*, era prática corrente entre os samurais, servia como meio de tentar atingir o vazio, estado mental onde nada é pensado, onde se atinge a iluminação. “Devemos parar de correr atrás de palavras e de letras e aprendermos a nos retirar e refletir sobre nós mesmos. Quando assim fazemos, nosso corpo e mente são naturalmente transcendidos, e nossa natureza-Buda original se manifesta<sup>162</sup>”.

A prática do *Zazen* ainda hoje é comum nas artes do *Budo*. Ela é comumente realizada como parte da saudação inicial e final de cada seção de treino.

Durante esses rituais de saudação, os alunos e o professor fazem o *Zazen*, espécie de meditação zen na posição sentada. Durante o *Zazen*, procura-se acalmar a mente e elevá-la a um estado tranqüilo e límpido. Outro fator que observamos nesses rituais é o respeito, característica fundamental de um praticante de Arte Marcial e herança do bushido. (MARTINS E KANASHIRO, 2010, p. 640).

Mas o *Zen* no *Budo*, pode aparecer de forma mais incisiva, mais marcante. Como visto nas regras universais do *Zazen*, é preciso aprender a “nos retirar e refletir sobre nós mesmos”. Nas práticas, nos exercícios márcias, esse retiro, essa reflexão mais apurada, pode levar o sujeito a atingir um estado de esvaziamento.

---

<sup>162</sup> FUKANZAZENGI - Regras universais do Zazen (Manual de meditação do mestre Eihei Dogen - Japão, 1200 - 1253 de). Parte disponível na página eletrônica da Monja Coen Roshi. <https://www.monjacoen.com.br/textos/textos-tradicionais/152-fukanzazengi-regras-universais-do-zazen>.

Um estado onde todas as técnicas básicas, todas as posturas apreendidas, passam a ser utilizadas sem que seja necessário pensar nelas, elas surgem naturalmente ao integrar-se com o outro, responde-se a cada movimento do outro com a naturalidade de quem já sabe o que o outro irá fazer, como se ouve-se um sexto sentido, mas, o que se tenta fazer, ou se faz, “é que os primeiros estágios da aprendizagem sejam dominados, até se tornarem livres, espontâneos, como que esquecidos, não mais ocupando a consciência – o que caracteriza sua transcendência”. (BARREIRA E MASSIMI, 2008, p. 285).

Essa lição está posta em Funakoshi (1998, p. 12), quando recomenda “a mente deve ficar livre”. E explica,

devemos deixar a nossa mente vagar livremente, mesmo que ela busque lugares obscuros. A flor do lótus não se suja com a lama em que brota. Da mesma maneira, uma bola de cristal finamente polida deixada na lama é impermeável a manchas.

Controlar a mente com firmeza afugenta a sua liberdade. Manter a mente assim confinada pode ser um costume dos novatos, mas mantê-la pelo resto da vida nos impede de passar a um nível superior, tendo como resultado uma vida mal resolvida. (IBIDEM).

No *Zazen*, o samurai, (e talvez o budoka moderno) ao se retirar-se do mundo, busca compreender-se melhor, e compreender melhor o mundo ao seu redor. Esvaziar-se, deixar a mente, ou alma livre, permite atingir o estado natural de integração com o cosmo e o mundo, onde todas as ações as condutas são harmoniosas, por serem naturalmente boas. Assim age-se com justiça, age-se com extrema convicção das virtudes morais, por ter tido acesso a verdade.

Por fim, neste nosso exercício de verificação de algumas práticas do cuidado de si samuraico, em comparação as práticas arcaicas gregas, temos as práticas de provação. As técnicas de provação que compunham as tecnologias de si dos pitagóricos.

Consiste em organizar em torno de si, em buscar alguma coisa, alguma situação que tenha força de tentação e passar pela prova para saber se é capaz de resistir. Estas práticas também são muito arcaicas. [...]. Como exemplo, tomo apenas um texto de Plutarco (fim do século I, começo do II). No dialogo *O demônio de Sócrates*, Plutarco relata ou faz relatar por um dos seus interlocutores, que é manifestante porta-voz dos pitagóricos, um pequeno exercício. Começa-se a manhã com toda uma série de longos exercícios físicos, árduos, cansativos, e que exauem o estômago. Isso feito, manda-se servir, em mesa suntuosas, refeições extraordinariamente ricas, com os mais atraentes alimentos. Fica-se diante deles, olhando-os, meditando. Depois, chamam-se os escravos. Oferece-se a eles esta alimentação e, para si, uma alimentação extraordinariamente frugal, a dos próprios escravos.

Possivelmente as provações fossem os exercícios dos quais os samurais mais se serviram ao longo de sua formação, as provações físicas, evitando-se o descanso. As provações mentais pela supressão do sono pelas vigílias noturnas, as abstinências alimentares, e a caridade mesmo com necessidade.

Todos esses exercícios de privações e provações eram preparatórios para, se necessário, o samurai dar a maior prova no cumprimento do seu dever. Por muitas vezes eram obrigados a dar prova de sua lealdade e isso implicava, com toda certeza, a tentação de não o fazer. Como no caso “terrível” aos olhos ocidentais, narrado por Nitobe (2005) em três páginas, onde um samurai atesta ser a cabeça de seu próprio filho a de outra criança, decepada com o fim de dar prova da morte do filho de um daimyo exilado, ao qual sua família prestou serviço e dele teve proteção e fora beneficiada.

“Agora o trabalho duro do dia, ou melhor, o trabalho da vida está feito, ele volta pra casa e quando cruza sua soleira, dirige-se à sua mulher, dizendo: – ‘alegre-se, minha esposa, nosso querido filho provou servir a seu senhor!’”. (IDEM, p. 63-64). Assim é o desfecho de uma de muitas histórias de uma formação que nos salta os olhos, pelas diferenças a racionalidade ocidental.

Acreditamos, que diante desse exemplo, nada mais precisaria ser dito sobre os exercícios de provações a que os samurais eram submetidos, treinando seu corpo e alma para agirem de acordo como a verdade de seu dever. Mas é importante ressaltar que os samurais desde de tenra idade eram ensinados a ter o

máximo descaso pela economia. Era considerado de mau gosto falar dela, e a ignorância do valor de diferentes moedas era um sinal de boa educação. [...]. É verdade que a poupança era ordenada pelo Bushido, mas não por razões econômicas quanto pelo exercício da abstinência. A luxúria era considerada a maior ameaça à masculinidade e a mais severa simplicidade de vida era requerida da classe guerreira, sendo aplicadas leis suntuosas em muitos dos clãs. [...]. A disciplina mental que nos dias de hoje seria principalmente ajudada pelo estudo da matemática foi fornecida pela exegese literária e discussões deontológicas. Pouquíssimos assuntos abstratos perturbavam a mente dos nossos jovens [samurais], sendo o alvo primordial da sua educação, [...], a decisão do caráter. (IDEM, p. 70-71).

Alguns exercícios de renúncia, provação e sacrifício acabaram sendo mantido no *Budo* moderno, mas, nos parece, com o intuito de controle do corpo, a superação dos limites do corpo, muito mais do que uma técnica incrustada no cuidado de si, como forma de acesso a verdade. Turelli (2008, p. 07), em seu estudo aborda a categoria do domínio de si, como equivalente a “um movimento necessário e irrenunciável para o processo civilizador” ligado a prática de

algumas artes do *Budo*, em consonância com a esportivização, como também, rito de certas Lutas Corporais modernas do Japão ligadas ao *Budo* e sem fins competitivos.

Dominar-se significa *lutar contra algo que existe dentro de si mesmo*, potencializando a *porção* vencedora. Trata-se de um processo sacrificial, como o que é magistralmente demonstrado por Horkheimer e Adorno (1985) ao tomarem Ulisses, personagem da *Odisséia*, de Homero, como protótipo do sujeito racional. (...). Adorno e Horkheimer (1985) falam em uma das teses contidas na obra *Dialética do esclarecimento* acerca da busca de Ulisses por este esclarecimento. Apresentam que “no sentido mais amplo do progresso do pensamento, o esclarecimento tem perseguido sempre o objetivo de livrar os homens do medo e investi-los na posição de senhores.” (p. 19). Ele, o esclarecimento, contrário à ignorância e ao obscurantismo, permite ao homem ser *superior* aos impulsos e agir de acordo com sua vontade pensada. Fazendo uso da razão, o homem supõe ser capaz de tornar-se senhor de si mesmo. (IDEM, p. 68). (itálicos da autora)

Fica claro que a busca desse domínio de si mesmo, está amparado, no que Foucault nomeou como “momento cartesiano”, que permitiu uma requalificação da ação primeira conhece-te a ti mesmo, em detrimento da desqualificação do princípio do cuidado de si. Esse domínio evoca um sujeito de existência, um sujeito de razão, que com o uso da mesma pode buscar ultrapassar seus próprios limites corporais, dominá-lo, em busca de algo que não lhe dá acesso a verdade, mas lhe dá prazer, uma satisfação: a vitória.

A perspectiva da autora nos permite pensar que na modernização da Luta Corporal japonesa, as mudanças proporcionadas pelo processo civilizador (ELIAS, 1993 e 1994b), incontrolável, cego, por depender da aceitação ou refutação das mudanças propostas pelos sujeitos em suas configurações, levou a uma ressignificação dos usos dos exercícios marciais e as técnicas adjacentes aos mesmos.

A racionalidade científica ocidental aplicada a Luta Corporal moderna japonesa, ao *Budo*, tornando-as práticas esportivas, eliminou a racionalidade estética nipônica. As práticas e exercícios marciais que eram realizados com afincamento resolutivo, em busca da perfeição dos traços individuais em uma forma universal, mas também, como sacrifício, como renúncia e por vezes como provação, seguindo o caminho, o *Michi*, o *Do*, buscando o esvaziamento, a liberdade da alma, a verdade e a iluminação, foram transformados e desqualificados.

Poderíamos dizer que foram rebaixados à condição da busca perfeita de uma técnica com parâmetros universais realizadas por um indivíduo. Descaracterizado, o sujeito usa a alma para dobrar o seu corpo, para realizar o movimento padrão que todos fazem, só que com mais obstinação, com mais força, com mais velocidade, para obter a vitória, e não, para ter acesso a

verdade. A arte Marcial, o exercício marcial virou, só e simplesmente a técnica marcial, perdeu aí, a identidade do sujeito da ação.

E isso faz uma diferença enorme na efetiva construção de uma filosofia moral nas Lutas Corporais. Neste sentido, Chauí (2000, p. 438) nos lembra que:

O saber teórico é o conhecimento de seres e fatos que existem e agem independentemente de nós e sem nossa intervenção ou interferência. Temos conhecimento teórico da Natureza. O saber prático é o conhecimento daquilo que só existe como consequência de nossa ação e, portanto, depende de nós. A ética é um saber prático. O saber prático, por seu turno, distingue-se de acordo com a prática, considerada como práxis ou como técnica. A ética refere-se à práxis. Na práxis, o agente, a ação e a finalidade do agir são inseparáveis. [...]. Na práxis ética somos aquilo que fazemos e o que fazemos é a finalidade boa ou virtuosa. Ao contrário, na técnica, diz Aristóteles, o agente, a ação e a finalidade da ação estão separados, sendo independentes uns dos outros. [...]. A técnica tem como finalidade a fabricação de alguma coisa diferente do agente e da ação fabricadora. Dessa maneira, Aristóteles distingue a ética e a técnica como práticas que diferem pelo modo de relação do agente com a ação e com a finalidade da ação.

Partindo desses conceitos, aplicando-os à Luta Corporal como esporte, como Modalidade Esportiva de Combate, temos a descaracterização de uma práxis, que evocava uma ação ética por ser o sujeito inseparável de sua ação, que tinha como finalidade um propósito virtuoso para consigo e para com os outros. Em seu lugar emerge um conjunto de técnicas, realizada por um sujeito racional, com o propósito de superação dos próprios limites do corpo, para obtenção não da verdade, não como forma de servir-se de si, não como forma de cuidar de si mesmo para cuidar do outro, mas, para superá-lo para obter a vitória.

Podemos dizer que esse acontecimento perturbador, de requalificação do conhece-te a ti mesmo, evocando um princípio de domina-te a ti mesmo, fez surgir um sujeito de razão, que necessariamente não precisa ser um sujeito ético. Não precisa pautar sua conduta em uma racionalidade moral, já que está descaracterizado pelo desenvolvimento da técnica marcial em lugar a uma práxis marcial.

Mas temos ciência que as Modalidades Esportivas de Combate não são todo o universo das Lutas Corporais modernas japonesas, e também não são todo o *Budo*. Elas são um resultado do processo civilizador. Apropriação, ressignificação e uso legítimo de conhecimentos desenvolvidos por homens e mulheres no percurso dos estágios da civilização.

No entanto, ficou aparente que o cuidado de si samuraico: que surgiu como resultado dos privilégios da casta guerreira; que desenvolveu ao longo dos séculos todo um conjunto de *Áskeses* Marciais; balizando a ação educativa em um *Éros* dos Mestres na promoção do cuidado

de si de seus discípulos e dos discípulos em seguir o caminho proposto pelo mestre para ter acesso à verdade, podendo assim cuidar do dever com o seu senhor, a pátria e a família, não conseguiu ser completamente salvaguardado na modernidade pelo *Budo*.

As Lutas Corporais modernas japonesas, expressão de parte do *Budo*, mantiveram, cada uma a sua maneira, na síntese realizada por seus idealizadores, quantidade maior ou menor dos elementos que compunham o *Bushido*, e nele inserido, o cuidado de si samuraico. Quantidade fundada nas experiências que cada um dos Mestres do *Budo*, tiveram nas práticas antigas.

A percepção, aceitação e refutação dos Três Mestres: Kano, Funakoshi e Ueshiba, aos princípios da modernidade, ancorada na racionalidade ocidental, em contra posição a toda tradição experimentada por eles, foi decisiva no processo de resistência, adaptação e preservação da identidade étnica, ética, religiosa da cultura marcial de seus antepassados, que como vimos ao longo do capítulo, mantém-se presente nas Lutas Corporais criadas por eles.

No entanto, pesou para a perda de muitos dos elementos do cuidado de si samuraico o fato dos Três Mestres não terem nascido na casta de guerreiros, não terem sido samurais, não terem experimentado o cuidado que deviam ter consigo mesmo, como também, a influência da educação ocidental na formação dos mesmos, de forma mais acentuada, como no caso de Kano e menos acentuada no caso de Ueshiba. (STEVENS, 2007).

No entanto, o peso maior da perda dos muitos exercícios, e principalmente seus sentidos e significados, que compunham o cuidado de si samuraico, está no fim mesmo do propósito da formação de um samurais, a extinção do *Bushi*, do guerreiro, a extinção da instituição do *Bushido*, e com ela, toda a tecnologia para formação de um sujeito que deveria, cuidar de si, para poder ter acesso a verdade, e assim poder cuidar com maestria de sua obrigação com o seu senhor, com a pátria e a família.

O Japão que emergiu no período *Meiji*, renegando a princípio, toda a tradição do shogunado, exigiu daqueles que se debruçaram em preservar as heranças nipônicas, uma nova imagem, novos objetivos, que não contrastassem com tudo o que o Japão pretendia ser.

Os povos, como os indivíduos, se referem pelos outros. Só nós podemos ver em imagem e toda imagem é, por necessidade, uma referência exterior. Na linguagem da física trata-se de uma reflexão. Só um espelho é capaz de mostra-nos. Essa imagem que ele reflete nos leva à “reflexão” sobre o que somos ou parecemos aos outros. [...].

O símile da imagem devolvida pelo espelho repete-se nas reações de auto-estima dos povos. Todos eles passam por fases históricas em que vêm engrandecida ou amesquinhada sua identidade e se orgulham de suas características ou as renegam como inferiores e indesejáveis.

A reflexão sobre a própria imagem encontra correspondência equivalente na contemplação da imagem alheia. Ao vermos a imagem dos

outros não podemos deixar de refletir sobre nossa própria imagem, compará-las consciente ou inconscientemente, e, assim, concluirmos que eles são maiores, mais belos, mais avançados ou mais perfeitos do que somos.

Em ambos os casos, a auto-estima aumenta ou diminui. É um fenômeno universal na vida dos indivíduos e dos povos. No caso dos japoneses exemplarmente agudo. A acentuada diferença que os singulariza torna-os mais sensíveis ao reflexo de sua própria imagem e à contemplação da imagem dos outros. Eles detectam com extrema finura e rapidez tanto as diferenças favoráveis como as depreciadoras e reagem com extremado vigor e velocidade no sentido de retomar sua e recompor sua posição. (BARROS, 1988, p. 135).

Essa longa, mas, necessária exposição é fundamental para entendermos, por um determinado prisma, o movimento de extinção da instituição do shogunato e tudo que representava. O surgimento, em seu lugar, de uma imagem mítica, romântica que provoca fervor, orgulho, ao externar as virtudes de uma cavalaria que representa o melhor do povo nipônico, no entanto, modificado, atualizado, sem o privilégio da casta, sem o atraso da imobilidade dos costumes, sem o repúdio ao intelectualismo, foi expresso na imagem das muitas artes do *Budo* moderno.

Seria assim, impossível manter intacta toda a tecnologia do cuidado de si samuraico, produzida por séculos para instrumentalizar e dar identidade a esse guerreiro. Mas, sem dúvida, o *Budo* das Lutas Corporais, tem muito a oferecer a seus praticantes, caso as muitas práticas e exercícios sejam reativadas como uma experiência de modificação do sujeito, de sua transfiguração para ter acesso à verdade, e não só, aos saberes nelas contidas, podendo assim, promover um cuidado de si, que de sentido e significado a um práxis ética, esse sujeito de ação possa cuidar dos outros como convém.

Para isso, além das *àskeses*, e do *Éros*, faz-se necessário um mestre. Um mestre que dê acesso aos saberes, mas que também, conduza a consciência ao encontro da verdade, o Mestre da Luta Corporal, precisa ser também, um mestre da consciência, um Mestre do cuidado. Assim, mesmo sem saber os três grandes Mestres do *Budo*, assumiram esse papel.

Creio que temos aí (aquilo que, parece-me, devemos reter) o que define a posição do mestre na *epiméleia heautoû* (o cuidado de si). Pois o cuidado de si é, com efeito, algo que, como veremos, tem sempre necessidade de passar pela relação com um outro que é o mestre. Não se pode cuidar de si sem passar pelo mestre, não há cuidado de si sem a presença de um mestre. Porém, o que define a posição do mestre é que ele cuida do cuidado que ele guia pode ter de si mesmo. Diferente do médico ou do pai de família, ele não cuida do corpo nem dos bens. Diferentemente do professor, ele não cuida de ensinar aptidões e capacidades a quem ele guia, não procura ensiná-los a falar nem a prevalecer sobre os outros, etc. O mestre e (é?) que, no amor que tem pelo seu discípulo, encontra a possibilidade de cuidar do cuidado que o

discípulo tem de si próprio. Amando o rapaz de forma desinteressada, ele é assim o princípio e o modelo do cuidado que o rapaz deve ter de si enquanto sujeito. (FOUCAULT, 2006, p. 73-74).

Hora, se colocamos inicialmente, os três grandes Mestre do *Budo* como mestre do cuidado de si, precisamos como último esforço do nosso trabalho, mostrar, comparar, analisar a partir das regras do cuidado de si, o que permite fazermos tal afirmação. Que posição adotada pelos mestres os habilita como mestres de um cuidado de si marcial?

A primeira e principal questão nessa relação entre Mestre e discípulo na construção de um cuidado de si marcial, é em relação à fala e escuta ao discurso de quem dirige e é dirigido.

Creio ser este um dos mais notáveis traços da prática de si naquela época: o sujeito deve tornar-se sujeito de verdade. Deve ocupar-se com discursos verdadeiros, é preciso, pois, que opere uma subjetivação que se inicia com a escuta dos discursos verdadeiros que lhe são propostos”. (IDEM, 438-439).

Na relação entre mestre e aprendiz, entre quem conduz e é conduzido, a primeira questão é que mesmo o dirigido, sendo um sujeito capaz de discurso, de um dizer-verdadeiro, ele necessita primeiro escutar, “tomar consciência do ponto em que está na subjetivação do discurso verdadeiro, na sua capacidade de dizer a verdade”. (IDEM, 439). Assim, é importante entender que “não existe autonomia do seu próprio discurso, não há função própria ao discurso do dirigido. *Fundamentalmente, seu papel é de silêncio.*” (IBIDEM). (Itálicos nossos).

Na relação construída entre mestre e aprendiz, entre quem dirige e é dirigido, o ato de silêncio do dirigido, por muitas vezes assumida no diálogo, é uma forma de mostrar que está na fala do mestre, no discurso do mestre o discurso verdadeiro capaz de levar o sujeito à construção da sua própria verdade.

No entanto, essa fala do dirigente para com o aprendiz requer alguns princípios para que a verdade possa ser ativada. Não é um discurso qualquer, não é uma fala qualquer, é uma fala que precisa remontar a noção de *parrhésia*.

A *parrhésia* é, no fundo, o que corresponde, do lado do mestre, à obrigação de silêncio do lado do discípulo. Assim como o discípulo deve calar-se para operar a subjetivação de seu discurso, o mestre, por sua vez, deve manter um discurso que obedece ao princípio da *parrhésia*, desde que pretenda que o que ele diz de verdadeiro torne-se enfim, ao termo de sua ação e direção o discurso verdadeiro subjetivado do discípulo. (IDEM, p. 440).

*Parrhésia*, como vimos anteriormente<sup>163</sup>, é o franco falar, é a palavra liberta que diz tudo que tem que dizer a quem é dirigido. É uma qualidade moral que se requer de quem pretende dizer a verdade. Assim a *parrhésia* é

uma técnica e uma ética, é uma arte e uma moral, [...]. Para que o silêncio do discípulo seja um silêncio fecundo, para que, no fundo desse silêncio, se deposite como convém as palavras de verdade que são as do mestre, e para que o discípulo possa fazer destas palavras algo de seu, que habitará no futuro a tornar-se ele próprio sujeito de veridicção, é preciso que, do lado do mestre, o discurso apresentado não seja um discurso artificial, um discurso que obedeça às leis da retórica e que na alma do discípulo somente efeitos patéticos. É preciso que não seja um discurso de sedução. É preciso que seja um discurso tal que a subjetividade do discípulo possa dele apropriar-se e que, apropriando-se dele, o discípulo possa alcançar o objetivo que é o seu, a saber, ele próprio. (IDEM, p. 442).

Poderíamos parar por aqui, e simplesmente dizer, que o discurso dos três Mestre do *Budo*, eram discursos de *parrhésia*. Alicerçados na constatação de que por algumas gerações, dirigidos tem encontrado, – ao encontrar a verdade dita com *parrhésia*, ditas inicialmente pelos três grandes Mestres do *Budo*, e por outros Mestre que salvaguardaram o saber de seus antepassados – uma verdade, que é a de cuidar do cuidado que outros devem ter consigo mesmo, tornando-se os discípulos mestres também.

Isso é latente ao verificarmos a diáspora ocorrida com as artes ligadas ao *Budo*, e entre elas as Lutas Corporais, que se fazem presente hoje em praticamente todo o mundo. Acreditamos não serem necessários nem números nem estatísticas, só um leve olhar atento para constatarmos essa afirmação.

Além de todo o universo de interesse sobre as Lutas Corporais ligadas ao *Budo* que existe hoje, demonstrado no quarto capítulo, poderíamos trazer um sopro da presença do *Budo* em poucos outros exemplos. Ao andar nas feiras livres de diferentes lugares, nos deparamos com os *Bonsais*, nas nossas escolas, professores de artes ensinam a arte do *Origame*<sup>164</sup>, nos restaurantes reproduzem-se a delicada arte japonesa de preparar alimentos. Poderíamos seguir com outros exemplos, mas, acreditamos já ser o suficiente.

Reconhecendo que o discurso dos três Mestres do *Budo* era um discurso de *parrhésia*, por ter contido no discurso dito, uma verdade que vem reverberando em seus discípulos há um

<sup>163</sup> O conceito foi tratado no primeiro capítulo

<sup>164</sup> Arte tradicional e secular japonesa de dobrar o papel, criando representações de determinados seres ou objetos com as dobras geométricas de uma peça de papel, sem cortá-la ou colá-la.

século desde a criação de suas artes, e como consequência o início de suas discursividades. Passaremos a verificar por que condições esses discursos ditos eram discursos de *Parrhísia*.

O discurso do Mestre para ser um discurso de *parrhésia*, não pode ser um discurso de agrado, uma fala de favorecimento ou benevolência dirigido ao discípulo, como recompensa por esse ter agido com lisonja. O discípulo ao tentar conseguir os benefícios do Mestre, agindo com lisonja, faz com que o Mestre encontre “uma imagem de si abusiva, falsa, que o enganará, colocando-o assim em fraqueza relativamente ao lisonjeador, relativamente também aos outros, e finalmente a si mesmo.” (IDEM, p. 454-455). A lisonja impossibilita que haja uma fala franca.

A *parrhésia* é o contrário da lisonja, ela não tem pretensão de manter o discípulo preso ao discurso do mestre lisonjeado, não é um discurso falso, de agrado. “O objetivo da *parrhésia* é fazer com que, em um dado momento, aquele a quem se endereça a fala se encontre em uma situação tal que não necessite mais do discurso do outro”. (IDEM, p. 455). Não necessitará mais por que o discurso do mestre foi verdadeiro, e possibilitou que ele alcance a própria verdade. O discurso verdadeiro é um discurso de autonomia.

E necessário que a fala do mestre não seja uma fala retórica entendida como “uma técnica cujos procedimentos não têm evidentemente por finalidade estabelecer uma verdade, mas como uma arte de persuadir aquele a quem nos endereçamos”. (IDEM, 461). Assim, a *parrhésia* é uma técnica e uma ética por ter como finalidade dizer a verdade a quem se dirige.

Outros dois elementos que Foucault (2006) nos traz, e que serão os últimos que trataremos, diz respeito a escolha do mestre e a conduta do mestre. De forma muito simples o Mestre para ser um diretor de consciência deve ser um desconhecido. “Com ele não se deve ter nenhuma relação prévia, ou nenhuma relação prévia possível, para não dar lugar a indulgência nem severidade” (IDEM, p. 484).

Assim, a princípio, sendo o mestre alguém desconhecido, não será misericordioso com as faltas e erros do dirigido, nem tão pouco, será rígido demais para com ele, agirá com autonomia em sua fala, livre dos laços emocionais que teria com uma pessoa de sua estima. É evidente, ou intui-se que seja, que ao passar do tempo um laço de amizade se forme, o *Éros* que tratamos anteriormente. No entanto esse laço não deve alterar a relação justa e franca do mestre para com o aprendiz.

Por fim, temos a conduta do Mestre.

A meu ver, o elemento nodal em toda esta concepção de *libertas* e da *parrhésia* é que, para bem garantir a *parrhésia* (a franqueza) do discurso mantido, é necessário que a presença daquele que fala esteja efetivamente sensível naquilo mesmo que ele diz. Ou ainda: é necessário que a *parrhésia*,

a verdade daquilo que ele diz, seja selada pela conduta que ele observa e pela maneira como efetivamente vive. (IDEM, 491).

O discurso de quem dirige não pode ser diferente da vida que ele leva, é necessário que o mestre de prova do seu discurso, prova de vida, prove com a vida que vive. Sendo assim, o discurso do mestre encarna a postura do verdadeiro filósofo.

O verdadeiro filósofo não procede a especulação, mas transforma-se. Seu objetivo não é ter razão ou mudar o mundo, mas transformar-se a si mesmo; e, por esta transformação, encontrar acesso para outro modo de consciência que lhe permite encarar o mundo de uma forma diferente, além de colaborar de um modo mais adequado para o seu dever. É evidente que Buda, o Cristo e os grandes sábios do Oriente possuíam tal visão da filosofia; trata-se de procedermos em conformidade com o que dizemos, falarmos em conformidade com o que pensamos e pensarmos em conformidade com o que somos. (LELOUP, 2004, p. 07).

Por tudo que foi dito nessas poucas páginas, mas que, foi constatado em milhares de outras páginas lidas para realização desse trabalho, podemos dizer que Jigoro Kano, Gichin Funakoshi e Morihei Ueshiba, os três Mestres do *Budo*, foram parrhasiastas, e mais, foram verdadeiros filósofos do *Budo*.

Encerramos assim nossa jornada, apresentado talvez o ponto mais central de todo esse trabalho. A possibilidade de nós, professores e professoras de educação física, Mestres e Mestras das Lutas Corporais modernas japonesas, ao entendê-las melhor, sabermos mais sobre elas transformá-las em uma experiência pedagógica, ou quem sabe em uma práxis psicagógica.

Se não falamos em *psicagogia* diretamente, é por que não sentimos a necessidade. Diante de todas as verificações das possibilidades de as *Áskeses Marcial* operarem uma transformação do sujeito, do ser mesmo do sujeito, de sua alma, a *psicagogia* foi contemplada.

Temos assim, a percepção, a noção, e a satisfação de termos encontrado nas Lutas Corporais modernas japonesas a possibilidade de uma reativação de um cuidado de si. Herdeira de um cuidado de si samuraico, que durante séculos moldou uma das mais rígidas racionalidades morais conhecidas pela humanidade. Como também, encontramos a possibilidade de o discurso do mestre ser uma fala de *parrhésia* que permite assim uma transformação do ser mesmo do sujeito, uma *psicagogia*.

## 7 CONCLUSÃO – *SOREMADE*

*Hana wa sakuragi hito wa bushi.* Entre as cerejas, flores, entre os homens, o guerreiro. (Provérbio Japonês).

Ao longo de suas vidas, os três grandes Mestres do *Budo* agiram em conformidade com o que diziam, falaram em conformidade com o que pensavam e pensavam em conformidade com o que mostraram ser. Construíram um legado inestimável que é usado por milhões de pessoas ao redor do mundo. Proferiram um discurso de verdade, incrustado em suas artes, que evocando o necessário que cuidemos de nós mesmo, para acessar à verdade, e sendo sujeitos de verdade, possamos agir de forma virtuosa e boa para com os outros.

Foi extremamente gratificante encontrar nas Lutas Corporais, ligadas ao *Budo*, um princípio do cuidado de si, alicerçado em um forma arcaica que chamamos de cuidado de si samuraico, como também, a percepção que este princípio pode ser uma grande contribuição, não só para desenvolvermos uma práxis marcial, reativando uma *Áskesis marcial* e um *Éros*, que permita uma experiência transformadora, como também, parece-nos ser uma grande oportunidade para pensarmos o fazer na educação.

Vislumbramos aqui alguns elementos de uma fala franca, da *parrhésia*, fundamental para que possa haver o cuidado necessário para ativar o cuidado que o discípulo, o aluno tem que ter consigo mesmo. E é fundamental perceber que isso não se restringe só, e simplesmente, as práticas desenvolvidas em um *dojo*.

Essa postura, esse cuidado, a *parrhésia*, pode ser um princípio a ser seguido, desenvolvido em qualquer ambiente onde haja um mestre, um professor, disposto a ensinar, a falar à verdade que o habita, com amor, com *Éros*, e onde haja um discípulo, um aluno com disposição a manter uma escuta silenciosa, que o permita ao ser tocado, exaltado, transformar-se, transfigurar-se. Psicagogizado transforme-se em um sujeito capaz de dizer a sua verdade.

Picoli (2015, p. 187), ao pensar na aplicabilidade do cuidado de si no ensino da filosofia chega a algumas conclusões:

A prática de exercícios nas escolas de caráter filosófico-práticos, simples, e despojados de intenções religiosos, como a técnica do *zazen*, pode representar uma oportunidade nova de autoconhecimento, além de desenvolver a atenção, e o controle da ansiedade e a transformação da maneira de perceber a si mesmo

e a realidade exterior. Sua utilização nas aulas de filosofia, se empregada para potencializar a compreensão dos alunos de temas tratados apenas teoricamente terá um impacto positivo no interesse daqueles que ainda têm dificuldade com conteúdos abstratos.

Assim, temos posto, o grande desafio de tentar pensar a formação, seja pelas disciplinas escolares, seja pelas práticas educativas curriculares e extracurriculares, na perspectiva de um cuidado de si, aceitando e refletindo a provocação de Foucault (2006) quando nos diz: “parece claro haver alguma coisa perturbadora no princípio do cuidado de si”.

Começamos pelo final para não perdermos o desenrolar dos fatos arraigados no nosso último capítulo, no entanto, cabe a partir de agora, trazer à tona as conclusões das questões arroladas ao longo do nosso trabalho.

Temos ciência que pouco nos detemos a conceituar e enquadrar da Luta Corporal como uma prática educativa, no entanto o que abordamos, deixou claro que, em um “sentido amplo”, elas são “processos formativos que ocorrem no meio social, nos quais os indivíduos estão envolvidos de modo necessário e inevitável pelo simples fato de existirem socialmente” (LIBÂNEO, 2017, p. 17), como também, são práticas educativa em “sentido estrito”, por ter suas “finalidades explícitas de instrução e ensino mediante uma ação consciente, deliberada e planejada, [...]” (IBIDEM).

Dito isso, ficou perceptível que em sua radicalidade, a Luta corporal foi uma resposta inat e depois aprendida às experiências de perigo e de sobrevivência, onde os homens e mulheres usaram ações de ataque, defesa e de controle, com movimentos de membros superiores, inferiores e de cabeça, para defenderem suas vidas, suas formas de organização social, seus valores contra outras espécies e grupamentos humanos que os ameaçavam.

O desenvolvimento da Luta Corporal, e sua diversificação, foi fruto de uma série de fatores e tensionamentos dentro da dinâmica social de diferentes configurações, que envolveram aspectos econômicos, políticos, educacionais, permeados pelas relações de poder existentes dentro da organização social.

Mas de certo, temos que, a Luta Corporal como conhecimento é fruto do desenvolvimento das relações dos homens com os outros homens e destes com o mundo, ou seja, produto das relações das configurações ao qual fizeram parte. Desenvolveu-se pela ação do tempo e da necessidade de seu uso, por parte de seu criador: o Homem.

A chegada inevitável da modernidade na maioria dos povos teve um impacto significativo na reorganização da Luta corporal. A adoção da vida moderna pelos diversos povos, nos diferentes espaços sociais, impactou na forma de ver e se relacionar com essa forma

tão peculiar de cultura corporal. Na passagem do medievo para a modernidade, a Luta Corporal se modificou, passou por uma crise de significado e se estabeleceu na era moderna com mudanças significativas e novos paradigmas, mas, mantendo elementos essenciais que lhe conferiam múltiplas identidades.

Em sua essência a Luta Corporal pouco mudou, era e continua sendo, uma tentativa de resolução do conflito quando o diálogo deixa de ser possível ou é momentaneamente ou completamente abandonado, incorpora as primeiras formas de Lutas Corporais dos homens, ou seja, a reação instintiva, pura ou aperfeiçoada, da experiência do perigo e a necessidade de sobrevivência ou provação.

Na modernidade, no entanto, ela se adequa aos seus princípios, superando sua utilidade bélica e apresentado novos sentidos e significados. Assume assim os princípios que: As Lutas Corporais modernas devem preservar a vida e a integridade física dos envolvidos no confronto; o objetivo a ser alcançado, para finalizar o combate, são ações no corpo ou com o corpo do adversário; o combate envolve o confronto entre dois adversários; e nas Lutas Corporais modernas, que são reconhecidas como Modalidades Esportivas de Combate, exige-se para os confrontos, condições objetivas e mensuráveis de igualdade entre os adversários, garantindo assim a imprevisibilidade do resultado.

Mantiveram como fundamentos básicos que lhes conferem identidade as Ações de Ataque, Ações de Defesa e as Ações de controle. Mostrando toda a simplicidade de um fenômeno, que mesmo antigo, conseguiu renovar-se e continuar atual e utilizado por diferentes povos, atendendo a múltiplos interesses.

Assim, a Luta Corporal passou, na modernidade, a ser entendida como a utilização de um conjunto de ações de ataque, defesa e controle, empregando os membros superiores, inferiores, o tronco e a cabeça, utilizadas por um(uns) indivíduo(s), na intenção de atacar ou defender-se de outras espécies de animais e de outro(s) indivíduo(s) com o(s) qual(is) se torna impossível uma resolução dialogada para a questão em disputa.

A compreensão dos três grandes Mestres do *Budo* permitiu que suas Lutas Corporais fossem organizadas, vivenciadas e aceitas como expressão da cultura Japonesa, pelos processos de resistência, adaptação e preservação frente ao controle da força física pelo Estado, o aumento do autocontrole e a contraposição às formas tradicionais de vida. Com essas bem-sucedidas mudanças, as Lutas Corporais modernas japonesas adaptaram-se às exigências de uma sociedade em transformação.

Passaram a fazer parte do processo educativo dos japoneses em um primeiro momento, e posteriormente ganharam o mundo como: um eficiente sistema de autodefesa; como um sistema ético, filosófico e profilático; e principalmente como modalidades esportivas de combate, possibilitando que na atualidade o *Judô*, *Aikidô* e o *Karatê* se façam presente em centenas de países para além das fronteiras nipônicas, algo que pudemos supor não tenha sido planejado por seus criadores, mas foi o resultado do longo processo civilizador que ocorreu para além da existência dos próprios mestres.

Assim, pudemos perceber que, o uso, os novos sentidos e significados que foram conferidas a Luta Corporal na atualidade, fizeram com que elas não se restringem mais ao universo de seus praticantes. Há uma diversidade de público e interesses, que não se restringe mais ao aprendizado das técnicas e dos fundamentos filosóficos, como era comum até a chegada da modernidade.

Para além das escolas e academias que mantêm o ensino das Lutas Corporais que sobreviveram à modernidade e que tem direcionado suas atividades para formação de atletas, em sua maioria, elas se encontram em uma proporção vertiginosamente maior: no cotidiano de aficionados por jogos eletrônicos; pelos telespectadores de filmes e desenhos animados de ação e violência que usam as técnicas de Lutas Corporais; por espectadores e telespectadores de competições de Lutas Corporais (MMA, Boxe, mundiais de Modalidades Esportivas de Combate); e um crescente mercado da indústria do fitness que vem utilizando as técnicas de Lutas Corporais como atividade profilática, estética e de aquisição de saúde e qualidade de vida.

Dentro de todo esse universo que vem crescendo com o uso dos conhecimentos sobre a Luta corporal, sejam elas, as mídias televisivas, digitais e os jogos, que são uma realidade que só cresce, é fundamental que a sociedade, e em particular a escola, seja vigilante e atuante no sentido do seu esclarecimento e uso junto às novas gerações.

Franquias que iniciaram no século passado explorando as Lutas Corporais e a violência dos super-heróis em revistas em quadrinho (*DC comics*, *Marvel*, *CapCom*, por exemplo), hoje ampliaram suas operações para o cinema, televisão, sites e jogos, ofertando uma variedade de produtos para esse mercado em expansão. Mais que assistir, é fundamental entender, tratar e utilizar essas mídias, para que essas novas tecnologias que exploram a imaginação, o movimento em linguagem digital, sejam uma aliada na formação das crianças e adolescentes.

No sentido da sua utilização podemos constatar que para além do universo do entretenimento a Luta Corporal passou a ser consumida na modernidade por pessoas simpatizantes, interessadas em seus benefícios para saúde, melhoria da qualidade de vida e

estética corporal, mas, que não são praticantes nem desejam ser. O mundo das aparências viabilizou que o desejo de lutar, sem se comprometer, fosse saciado.

Ao abordamos a Luta Corporal como prática educativa, como componente curricular e extracurricular na escola, ficamos muito preocupados em perceber que há uma visão equivocada que baliza o principal documento oficial de orientação do trato desse conteúdo na escola, a BNCC. Nele conceitua-se as “Luta” dando-lhe contornos técnicos, táticos e estratégicos, conferindo-a uma complexidade que ela só adquiriu ao longo de sua evolução, disponibilizando uma visão anacrônica deste fenômeno.

Compreender que existe uma simplicidade na Luta Corporal, que é radical, é de suma importância para um efetivo trato desse conhecimento nas escolas, como conteúdo das aulas de Educação Física. Tal compreensão permite que o(a)s professor(a)s partam das expressões mais simples da Luta Corporal para as mais complexas, que neste caso são as Modalidades Esportivas de Combate, sem que haja necessidade de uma separação conceitual, que pode levar a falsa conclusão de que são dois fenômenos diferentes.

Trabalhar com o conteúdo Luta Corporal na escola sem reconhecer essa simplicidade, e o processo civilizador que incide sobre ele, pode fragilizar sua abordagem, dificultando sua compreensão como conhecimento historicamente construído por homens e mulheres, em diferentes configurações, que gerou uma pluralidade de sentidos e significados.

Na Luta Corporal como atividade extracurricular, dentro e fora da escola, também foi possível verificar alguns problemas. Infelizmente, o trato inadequado, tem oportunizado muito pouca reflexão sobre os seus valores morais e princípios éticos, num exercício filosófico de se questionar sobre as condutas diante de si mesmo e do outro. Entendemos que essa é uma questão central na filosofia das Lutas Corporais modernas Japonesas, que pode ser entendida como uma filosofia moral, princípio ontológico deixado pelos mestres fundadores do *Judô*, *Karatê* e *Aikidô*, como exercício para o desenvolvimento da autonomia.

Esse problema pode ser fruto de: uma falta de qualificação adequada, por parte de quem ministra as atividades; uma falta de acompanhamento e esclarecimento dos estabelecimentos e pais que confundem a disciplina resultado de uma autonomia, com submissão imposta por heteronomia; e por uma esportivização exacerbada que tem desqualificado o aprofundamento filosófico e levado às crianças a uma especialização precoce.

Como atividade extracurricular é fundamental um esforço para que a Luta Corporal, presente nas escolas, seja tratada em sua inteireza, permitindo o desenvolvimento físico,

intelectual, moral e ético, balizada por uma práxis filosófica que permita os seus praticantes questionarem-se e conferirem novos sentidos e significados as práticas.

Entendemos assim que, se a escola é o lugar de conhecer e se apropriar deste conhecimento, as escolinhas, academias e associações que trabalham com a Luta Corporal em suas especificidades, é o lugar do desenvolvimento, ressignificação e produção de novos saberes, tendo na área acadêmica uma parceira valorosa e colaborativa.

Por fim, fechando o ciclo do início das nossas conclusões, foi muito profícuo, perceber as semelhanças entre um cuidado de si grego, lacedemônio, e o cuidado de si nipônico, o cuidado de si samuraico, que tendo como código de conduta o *Bushido*, deixou muitas contribuições ao *Budo* e as Lutas Corporais modernas Japonesas.

No entanto pudemos verificar que a filosofia das Lutas Corporais modernas japonesas, em grande parte, tornou-se um conjunto de posturas morais e comportamento ético na busca de conhecimento, que quando adquiridos, possibilitam a melhoria do sujeito e, como consequência, uma atuação/intervenção na(s) configuração(ões) ao qual ele faz parte.

Esse fazer filosófico, que tem como premissa, o conhece-te a ti mesmo, nos parece ter sido destituído de uma relação espiritual, separada da filosofia pela modernidade e ocidentalização do Japão, deixando de lado as práticas eróticas e as ascetes necessárias à aquisição da verdade, e como consequência desse processo, a mudança da alma do próprio sujeito no acesso à verdade.

Assim, ficou claro que o *Bushido* dos últimos samurais, incorporou e ressignificou muitos preceitos religiosos do Xintoísmo e do Budismo, como também, da filosofia Confucionista. O *Budo* como seu herdeiro, salvaguardou do *Bushido* o que lhe conferia identidade ética, étnica, religiosa e marcial, mas, que, no entanto, poderia ser aceito entre os novos ditos civilizacionais.

Assim, preferimos entender que, de três se fez um, com todo o tensionamento que foi gerado nas configurações, na junção dos diferentes preceitos: filosóficos e religiosos, com todas as suas similaridades, diferenças, discordâncias e analogias, mas que promoveram um comportamento único que tem um valor que ainda precisa muito ser estudado, e que muito pode nos dizer e contribuir na formação de uma filosofia moral nas práticas atuais do *Budo* e da educação em geral.

Apuramos que valores como Sabedoria (*Chi*), Benevolência (*Jin*), Coragem (*Yu*), Justiça (*Gi*), Educação (*Rei*), Sinceridade (*Makoto*), Honra (*Meiyo*) e Lealdade (*Chuugi*), somam-se a Amizade (*Yujo*) e o Respeito (*Sonkei suru*) são facilmente encontrados nas obras

dos três grades Mestres do *Budo*. Como também, continuam sendo exigidos por mestres que têm a preocupação de formar novos budokas, mostrando-lhes o caminho.

Por outro lado, verificamos que essa não é a realidade para os que buscam apenas os louros da vitória, vendo nas Lutas Corporais modernas japonesas apenas uma prática esportiva, limitando suas práticas ao aperfeiçoamento da sua execução, e não como uma via para o aperfeiçoamento do seu executor.

Concluimos assim, que a mensagem clara dos seus idealizadores do *Judô*, *Karatê* e *Aikidô*: Kano, Funakoshi e Ueshiba, é que, o padrão de comportamento ético assimilado no dojô não é dispensável fora dele. Ele é apreendido para ser indispensável a vida em sociedade, em qualquer configuração ao qual um budoka esteja, deve preservá-lo como princípio ético, como conduta moral em sociedade. O *Dojo* é o “lugar que se aprende o caminho”, mas é na vida cotidiana que o budoka põem em prática o que apreendeu.

Em síntese, é compreender que se tornar melhor, em todos os aspectos das atividades humanas, torna o outro melhor e a vida em sociedade melhor. Acreditamos que essa mensagem singela, sem metáforas, e que não é um eufemismo é o legado deixado pelos Três Grandes Mestres do *Budo*.

Acreditamos que todo o caminho percorrido até aqui, permitiu que olhássemos e décimos (déssemos) parecer da Luta Corporal, em específico as modernas japonesas, de uma prática pedagógica que muito tem a contribuir para formação humana, e para tanto, precisa ainda que outros, inspirados ou não por esse trabalho, aceitando-o ou refutando-o, aprofundem e tragam novas contribuições.

Encerro esse trabalho com a alegria do dever cumprido, de quem, particularmente, iniciou seu caminho de fascínio, amor e dedicação pela Luta Corporal há mais de 25 anos. Receoso do que não tenha sido dito, possa fazer alguma falta, mas, consciente de que, o que foi dito era o possível no momento. E por fim, melancólico, pelos teclados do computador não transferirem para o papel as lágrimas que encerram o ciclo mais intenso, difícil e, principalmente, feliz de minha vida acadêmica até o momento. Espero ansioso verter mais lágrimas como essas. Aos Mestres, todo meu carinho e respeito.

## REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicolas. **Dicionário de filosofia**. 2.ed. São Paulo: Mestre Jou, 1962.

AWI, Fillipe. **Filho teu não foge à luta: como os lutadores brasileiros transformaram o MMA em um fenômeno mundial**. Rio de Janeiro: Intrinseca, 2012.

ARENA, S.S.; BÖHME, M.T.S. Programas de iniciação e especialização esportiva na grande São Paulo. **Revista Paulista de Educação Física**, São Paulo, v.14, n.2, p.184-95, 2000.

BARROS, Benedicto Ferri de. **Japão a harmonia dos contrários: uma experiência humana singular**. São Paulo: T.A. Queiroz Editora. 1988.

BARROS, Gilda. Sobre a natureza da politeia lacedemônia. **Revista da Faculdade de Educação**. São Paulo, 7(1): 7-26, Jun. 1981.

BONDIA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira Educação** [online]. 2002, n.19, pp.20-28. ISSN 1413-2478. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-24782002000100003>.

BRACHT, Valter. A criança que pratica esportes respeita as regras do jogo... capitalista. In: OLIVEIRA, Vitor Marinho de.(org.) **Fundamentos Pedagógicos Educação Física**. v.2. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1987.

BRASIL. Constituição (1937). Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Constituicao/Constitui%C3%A7ao37.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constitui%C3%A7ao37.htm)

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: Educação Física: Ensino de quinta a oitava séries**. Brasília: MEC / SEF, 1998.

BRASILIA. Programa Nacional de Capoeira. CIDOCA-DF, **NEGAÇA** Ginga Associação de Capoeira, Brasília, v.2, n.2, nov. 1994.

CALLEJA, Carlos Catalano. **JUDO. Manual de Educação Física.** São Paulo: U.P.U. 1974.

CAVAZANI, Reinaldo Naia. **A iniciação competitiva precoce e a formação do técnico desportivo de judô: um estudo de caso dos resultados dos campeonatos paulistas de 1999 até 2011.** 2012. 141 f. Dissertação - (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências de Rio Claro, 2012. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/96052> .

CHAUI, Marilena. **Convite à filosofia.** São Paulo : Ed. Ática. 2000.

CHIZZOTTI, Antonio. Pesquisa qualitativa em ciência humanas e sociais: evolução e desafios. **Revista Portuguesa de Educação,** Braga, vol. 16, n.02, p.221-236, 2003.

COLETIVO AUTORES. **Metodologia do Ensino da Educação Física.** São Paulo: Cortez, 1993.

CURY, Carlos R. Jamil. **Ideologia e educação brasileira.** 4ª ed. São Paulo: Cortez – Autores Associados, 1988.

DRIGO, A.J.; OLIVEIRA, P.R.; CESANA, J.; NOVAES, C.R.B.; SOUZA NETO, S.A cultura oriental e o processo de especialização precoce nas artes marciais. **Revista Digital Efdeportes,** Buenos Aires, Año 10, N° 86, Julio de 2005

ELIAS, Nobert. **O Processo Civilizador: Uma História dos Costumes.** Volume 1. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994a.

\_\_\_\_\_. **O Processo Civilizador: Formação do Estado e Civilização.** Volume 2. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1993.

\_\_\_\_\_. **Sobre o Tempo.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

\_\_\_\_\_. **A sociedade dos indivíduos.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994b.

\_\_\_\_\_. **A Condição Humana**. Lisboa: DIFEL. 1985.

\_\_\_\_\_. **Introdução a sociologia**. São Paulo: Edições 70. 1980.

\_\_\_\_\_. Sobre os seres humanos e suas emoções: um ensaio sob a perspectiva da sociologia dos processos. In: GEBARA, A.; WOUETRS, C. (Orgs.) **O controle das emoções**. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB. 2009.

\_\_\_\_\_. **A sociedade de corte: investigação sobre a sociologia da realeza e da aristocracia de corte**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

\_\_\_\_\_. e DUNNING, E. **A busca da excitação**. Lisboa: DIFEL. 1992.

FEITOSA, Mário; LEITE, Nívea & LIMA, Amanda. Boxe. In: DA COSTA, LAMARTINE (ORG.) **Atlas do esporte no Brasil**: Rio de Janeiro: CONFEF, 2006.

FOUCALT, Michel. **Segurança, território, população**. Curso dado no Collège de France (1977-1978). São Paulo: Martins Fontes, 2008.

\_\_\_\_\_. **A Hermenêutica do Sujeito**. Curso dado no Collège de France (1981-1982). São Paulo: Martins Fontes, 2006.

\_\_\_\_\_. **O Governo de Si e dos Outros**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

FRANCHINI, Emerson. O ensino e aprendizagem do Judô. **Corpoconsciência**, Santo André, n.1, p.31-40, jan./jun.1998.

FUNAKOSHI, Gichin. **Os vinte princípios fundamentais do Karatê: o legado espiritual do mestre**. São Paulo: Editora Cultrix, 1998.

\_\_\_\_\_. Comparação do desempenho de judocas no Teste de Wingate para membros superiores com diferentes cargas. **Corpoconsciência**, Santo André, n.3, p. 83-90, jan./jun.1999.

\_\_\_\_\_. Efeito do tipo de recuperação após uma luta de Judô sobre o lactato sanguíneo e sobre o desempenho anaeróbico. **Corpoconciência**, Santo André, n.7, p. 23-37, jan./jun. 2001.

FREITAS, Alexandre Simão de. As Lições Ainda Insuspeitas de Michel Foucault acerca da Formação Humana. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 40, n. 1, p. 299-315, jan./mar. 2015. Disponível em: [http://www.ufrgs.br/edu\\_realidade](http://www.ufrgs.br/edu_realidade).

FREITAS, Francisco Mauri de Carvalho. Judô: crítica radical. **Motrivivência**, Sergipe, p.35-43, Jun. 1989.

FREUD, Sigmund. **O mal-estar na cultura**. 2ª ed. Porto Alegre: L&PM POCKET, 2015.

GANDELMAN DE FREITAS, Tatiana Maria. A pólis ideal da república de Platão e a constituição de Esparta. **PRINCIPIA**, [S.l.], n. 23, p. 21-27, jun. 2013. ISSN 2358-7326. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/principia/article/view/6253/4466>. Acesso em: 27 mar. 2019. doi:<https://doi.org/10.12957/principia.2011.6253>.

GALLAHUE, D.L; OZMUN, J.C. **Compreendendo o desenvolvimento motor: Bebê, Criança, Criança, adolescente e adulto**. 3ed. 2005.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. SOUZA JÚNIOR, Marcílio. História das disciplinas escolares e história da educação: algumas reflexões. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.31, n. 3, p. 391-408., set./dez. 2005.

GIDDENS, Anthony. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

\_\_\_\_\_. **As consequências da modernidade**. São Paulo: Editora Unesp, 1991.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. - São Paulo: Atlas, 2008.

GODELIER, Muarice. Antropologia Econômica. In: **COPANS, J. et al: Antropologia ciência das sociedades primitivas?** Lisboa: Perspectiva do homem, 1971.

GRECO, P.J.; BENDA, R.N. **Iniciação esportiva universal I: da aprendizagem motora ao treinamento técnico.** Belo Horizonte: Escola de Educação Física da UFMG, 1998.

HABERMAS, Jürgen. **O discurso filosófico da modernidade: dose lições.** São Paulo: Martins Fontes, 2000.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** 6ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

KANO, Jigoro. **Energia mental e física: escritos do fundador do judô.** São Paulo: Pensamentos, 2008.

\_\_\_\_\_. **Escritos inéditos del fundador del judo.** São Francisco: BLURB, 2017.

KNIJNIK, J.D. ; MASSA, M.; FERRETTI, M. A. C. Direitos Humanos e Especialização Esportiva Precoce: Considerações Metodológicas e Filosóficas. In: Afonso Antonio Machado (org.) **Especialização Esportiva Precoce: Perspectivas atuais da Psicologia do Esporte.** Jundiaí, Fontoura, 2008, pág. 109-128.

LAMA, Dalai. **A arte da vida.** São Paulo: Martins Fontes, 2001.

LIMA, António. Desportos de Combate: contributo terminológico e sistematização das atividades. **Revista horizonte**, v.7, n.40, p.119-125, nov/dez. 1990.

LIOTARD, Jean François. **O pós-moderno.** Rio de Janeiro: J.O. Editora, 1988.

LOPES, Eliane Maria Teixeira; GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. **História da educação.** Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

LLOSA, Mario Vargas. **A civilização do espetáculo: uma radiografia do nosso tempo e da nossa cultura.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2013.

LOWRY, Dave. **O dojo e seus significados: um guia para os rituais e etiquetas das artes marciais japonesas**. São Paulo: Pensamentos, 2011.

LUCENA, R. de F. **Norbert Elias: corpo, educação e processos civilizadores**. Anais do X Simpósio Internacional Processo civilizador. Campinas, 2007.

MARINHO, Inezil Penna. **História geral da Educação Física**. São Paulo: Cia. Brasil, 1980.

MARX, Karl. **Formações econômicas pré-capitalistas**. 6. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1991.

MASON, Colin. **Uma breve história da Ásia**. Petrópolis : Vozes, 2017.

MELO, José Joaquim Pereira. Fontes e métodos: sua importância na descoberta das heranças educacionais. In: COSTA, Célio; MELO, José; FABIANO, Luiz. **Fontes e métodos em história da educação**. Dourados, MS: Ed. UFGD, 2010.

MENDONÇA, Sônia Regina de. Da República Velha ao Estado Novo. Estado e Sociedade: a consolidação da república oligárquica. In: LINHARES, Maria Yadda. (org.). 9ª ed. **História geral do Brasil**. Rio de Janeiro: Campus, 1990.

MONTEBHURRUN, N; VARELLA, Marcelo. O que é uma boa tese em Direito? Uma análise a partir da própria percepção dos programas. **Revista Brasileira de Políticas Públicas**, vol. 3, n.02, jun – dez, p. 423-442, 2013.

MOITEIRO, Carlos Renato; MATA, Evandro Sousa da. PARRHESÍA NA CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO ÉTICO EM M. FOUCAULT: ANÁLISE DOS CURSOS NO COLLÈGE DE FRANCE, 1982-1983. **Sapere Aude**, Belo Horizonte, v. 7, n. 13, p. 269-288, jun. 2016.

NITOBÉ, Isano. **Bushido: alma de samurai**. São Paulo: Thyu, 2005.

RAMOS, Jair Jordão. **Os exercícios físicos na história e na arte**. São Paulo: IBRASA, 1982.

RESENDE, Helder Guerra. **Educação Física nos ciclos de Educação**. Recife: ESEF-UPE, 2004.63 p. (Apostilha de textos técnicos didáticos, utilizados na pós-graduação de Educação Física Escolar).

ROBALO, José F. B. Mendes. Contributos para a modificação comportamental de um treinador de Judô. *Revista da Educação Física/UEM*, v.1, n.1, Maringá, p.22-27, 1990.

RUBIO, Kátia. Do olimpo ao pós-olimpismo: elementos para uma reflexão sobre o esporte atual. *Revista paulistana de Educação Física*, São Paulo, 16(2): 130-43, jul./dez. 2002

SANTOS, Saray Giovana dos. **Estudo sobre a aplicação dos princípios judoísticos na aprendizagem do Judô**. *Revista da Educação Física/UEM*, v.2, n.2, Maringá, p.11-14, 1991.

SILVA, Monge. Caracterização do esforço em modalidades desportivas mensuráveis e não mensuráveis: o judô como caso exemplar. *Treino Desportivo*, II série, v.10, Lisboa, p.36-46, dez. 1988.

SOUZA, Edílson Fernandes de. **NOBERT ELIAS: História e Processo Civilizador**. Recife: nov. 2003. Comunicação oral apresentada na UFRPE. Promoção do curso de Licenciatura em história e realização do GT História do Esporte e do Laser-ANPUH.

\_\_\_\_\_. **ENSAIOS DA CIVILIZAÇÃO NO SAMBA**. Anais do Simpósio Internacional Processos Civilizadores: diálogos interdisciplinares: política, contextos e processos sociais. – Vitória: UFES, Proex, 2017.

SOUZA JUNIOR, M.; GALVÃO, A. M. O. História das disciplinas escolares e história da educação: algumas reflexões. In: *Revista Educação e Pesquisa*. v.31, n.3. São Paulo, 2005, p. 391- 408.

STEVENS, John. **Três mestres do budo: Kano (judô), Funakoshi (karatê), Ueshiba (aikido)**. São Paulo : Cultrix, 2007.

SUN-TZU. **A arte da guerra**. São Paulo : DLP, 2007.

TITIEV, Mischa. **Introdução à antropologia cultural**. 6.ed. Fundação Calouste Gulbenkian, 1963.

UESHIBA, Morihei. **Ensinaamentos secretos de Aikido**. São Paulo: Cultrix, 2010.

VIGARELLO, Georges. Exercitar-se, jogar. In: CORBIN, A., COURTINE, J.J., VIGARELLO, G. (Org.) 4ª. Ed. **História do Corpo: da Renascença às Luzes**. Petrópolis : Vozes, 2010, p. 303- 400.

VIRGÍLIO, S. **A arte do judô**. Porto Alegre: Rigel, 1994.

WELLAUSEN, Saly. **A parrhésia em Michel Foucault: um enunciado político e ético**. São Paulo: LiberArs, 2011.